

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

RADAMÉS VIEIRA NUNES

**SOBRE CRÔNICAS, CRONISTAS E CIDADE: RIO DE JANEIRO NAS CRÔNICAS DE LIMA
BARRETO E OLAVO BILAC – 1900-1920**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito para a obtenção do título de mestre em história.

Área de concentração: História Social

Orientador: Prof. Dr. Guilherme Amaral Luz.

UBERLÂNDIA

2008

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

N972s Nunes, Radamés Vieira, 1983-

Sobre crônicas, cronistas e cidade : Rio de Janeiro nas crônicas de Lima Barreto e Olavo Bilac : 1900-1920 / Radamés Vieira Nunes. - 2008.

194 f. : il.

Orientador: Guilherme Amaral Luz.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Uberlândia

Pro-

grama de Pós-Graduação em História.

Inclui bibliografia.

1. Literatura e história - Brasil - Teses. 2. Literatura brasileira - História e crítica - Teses. 3. História na literatura - Teses. 4. Barreto, Lima, 1881-1922 - Crítica e interpretação - Teses. 5. Bilac, Olavo, 1865-1918 - Crítica e interpretação - Teses. I. Luz, Guilherme Amaral. II. Universidade Federal de Uberlândia. Programa de Pós-Graduação em História. III. Título.

CDU: 930.2:82

Elaborada pelo Sistema de Bibliotecas da UFU / Setor de Catalogação e Classificação

Sou homem da cidade, nasci, criei-me e eduquei-me no Rio de Janeiro; (...) a nossa cidade não é só a capital política do país, mas também a espiritual, onde se vêm resumir todas as mágoas, todos os sonhos, todas as dores dos brasileiros.

Lima Barreto

Qual de vós, irmãos, não escreve todos os dias quatro ou cinco tolices, que desejariam ver apagadas ou extintas? Mas, ai! De todos nós! Não há morte para as nossas tolices! Nas bibliotecas e nos escritórios dos jornais, elas ficam – as pérfidas! Catalogadas; e lá vem um dia em que um perverso qualquer, abrindo um daqueles abomináveis cartapácios, exuma as malditas e arroja-as à face apalermada de quem as escreveu...

Olavo Bilac

RESUMO

SOBRE CRÔNICAS, CRONISTAS E CIDADE: RIO DE JANEIRO NAS CRÔNICAS DE LIMA BARRETO E OLAVO BILAC – 1900-1920

Este trabalho tem como objetivo principal pensar, a partir dos cronistas Olavo Bilac e Lima Barreto, as concepções de cidade criadas em torno do Rio de Janeiro, que circulavam nas folhas cotidianas da imprensa, através das crônicas, durante as duas primeiras décadas do século XX. Nessa perspectiva, cruzando as leituras e interpretações para perceber a complexidade das posições e os projetos na Capital Federal, intentamos perscrutar pela literatura de crônica, as transformações no campo de atuação dos cronistas, a construção simbólica do espaço urbano como civilizado e moderno, e o papel ativo exercido pela imprensa nesse debate, em sintonia com o cotidiano e as questões em voga. Olavo Bilac e Lima Barreto deixaram, nas crônicas, suas visões sobre um período efervescente da vida carioca, transformaram em texto escrito uma complexa trama de tensões e relações sociais. As crônicas de Lima Barreto e Olavo Bilac revelam forças em luta, projetos conflitantes, projetos vencedores e projetos vencidos, sonhos concretizados e sonhos adiados; aquilo que foi planejado, mas não saiu do papel, o que foi e o que poderia ter sido; desejos, crenças e as relações sociais a partir das quais os cronistas construíram suas experiências vividas. Lima Barreto e Olavo Bilac trataram a cidade e suas transformações cada uma a seu modo, criando, nas folhas da imprensa, a partir da cidade física, cidades desejadas: cidade-capital desejada que remetia também ao que Bilac e Barreto vislumbravam para o Brasil.

Palavras-chave: Rio de Janeiro, Jornalismo, Crônicas, Cronistas.

ABSTRACT

ON CHRONICLES, CHRONICLERS AND CITY: RIO DE JANEIRO ON LIMA BARRETO AND OLAVO BILAC'S CHRONICLES – 1900 -1920

This project has as the main purpose thinking about, from Olavo Bilac and Lima Barreto, the conception of city created around Rio de Janeiro which goes around daily in the press, through chronicles during the first two decades of the twentieth century. From this perspective, matching the readings and interpretations to notice the complexity of positions and projects in Federal Capital, from chronicles' literature, the changes in action of the chroniclers, the symbolic construction of urban space civilized and modern, and the role held by the press in this debate, in line with the daily life and issues in vogue. Olavo Bilac and Lima Barreto left in the chronicles, their vision about a period of life effervescent in Rio, changed into written text a complex story of tensions and social relations. Lima Barreto and Olavo Bilac's chronicles show fight, conflicting projects, winning projects and unsuccessful projects, dreams realized and dreams postpones, what was planned, but didn't left the paper, what was and what could have been; desires, beliefs and social relations from which the chroniclers built their experiences. Lima Barreto and Olavo Bilac dealt with the city and its changes to each their own way, creating, in the press, from the physical city, desired cities: a capital-city referred to Bilac and Barreto what they want to Brazil.

Keywords: Rio de Janeiro, Journalism, Chronicles, Chroniclers.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	06
CAPÍTULO I – LIMA BARRETO E OLAVO BILAC NAS FOLHAS DA CIDADE	14
1.1 - CONTEXTO JORNALÍSTICO EM QUE A CRÔNICA SE CONSOLIDOU	15
1.2 - IMPRENSA, CRONISTAS E RECLAMES	21
1.3 - CRÔNICAS E CRONISTAS NO RITMO DAS MÁQUINAS	43
1.4 - HÁ DE TUDO UM POUCO: CRÔNICAS, CRONISTAS E O JORNALISMO DE <i>VARIÉDADES</i>	62
1.5 - NAS VITRINES DA IMPRENSA	75
1.6 - JORNALISMO E LITERATURA: BARRETO E BILAC ENTRE A ARTE E O OFÍCIO	80
CAPÍTULO II – LIMA BARRETO E OLAVO BILAC NA(S) CIDADE(S) DAS FOLHAS	102
2.1 - PENA NA MÃO, OLHOS NAS RUAS, CIDADE NAS CRÔNICAS	103
2.2 - RIO DE JANEIRO ENTRE MORROS E AVENIDAS	113
2.3 - CIDADE INVENTADA: O RIO DE JANEIRO DE FACHADA E ILUSÃO	141
2.4 - EM BUSCA DE <i>SINTONIA</i>	166
CONSIDERAÇÕES FINAIS	185
BIBLIOGRAFIA	188
FONTES	193

INTRODUÇÃO

À crônica, pois! (...) talvez muito tarde, um investigador curioso, remexendo esta poeira tênue da história, venha achar dentro dela alguma coisa...¹

Olavo Bilac

O passado é mesmo um pesadelo. Queria só falar de cousas mais ou menos do presente.²

Lima Barreto

Com a pena na mão, o olhar ainda desconfiado para a máquina de escrever, os cronistas obrigatoriamente separavam parte do dia para redigir, a qualquer custo, um pequeno texto diário com suas impressões sobre um assunto qualquer do cotidiano. No dia seguinte, ele seria distribuído pelas ruas da cidade, causando ou não eco, após ter sido lido, ou não, por alguns e comentado, ou não, por muitos. Assim era a rotina de quem se dispunha a rabiscar letras para as folhas diárias. Cumprindo religiosamente por anos esse ritual, Lima Barreto e Olavo Bilac deixaram um legado enorme de crônicas que hoje transformamos em fonte de pesquisa, pelo reconhecimento do gênero como expressão de um tempo social, fragmentado nas páginas dos jornais, que desejamos investigar.

Este trabalho tem origem em nossa trajetória acadêmica durante a graduação, quando produzimos um trabalho de iniciação científica³ e uma monografia de final de curso⁴ com preocupações semelhantes. E, em parte, no contato que tivemos inicialmente com as crônicas de Olavo Bilac, publicadas por Antonio Dimas, no livro *Vossa*

¹ BILAC, Olavo. Crônica. In. DIMAS, Antonio (org.). *Bilac, o jornalista: crônicas: volume II*. São Paulo: Edusp, Unicamp, Imprensa Oficial. 2006, p. 227.

² RESENDE, Beatriz; VALENÇA, Rachel (orgs.). *Lima Barreto: Toda Crônica: Volume I (1890-1919)*. Rio de Janeiro, Agir, 2004. pág. 565.

³ Trabalho de iniciação científica PIBIC/CNPq: NUNES, Radamés Vieira. *Jornalismo e literatura: memória e história nas obras O harém das bananeiras e Os anos mais antigos do passado de Carlos Heitor Cony*. 2004. Universidade Federal de Goiás, Catalão, 2004.

⁴ NUNES, Radamés Vieira. *Um homem como nós, mas também diferente: imagens do século XX nas crônicas de Carlos Heitor Cony*. 2006. Monografia – Universidade Federal de Goiás, Catalão, 2006.

Insolência, material de pesquisa utilizado na monografia que escrevemos para o curso de especialização em História do Brasil.⁵ Quando Bilac foi-nos revelado como cronista, através da leitura do *Vossa insolência*, percebemos o quanto suas crônicas se voltavam à cidade e à sua própria atividade como escritor-jornalista, o que nos instigou a desenvolver uma pesquisa acadêmica que enveredasse por este caminho. Pouco tempo depois, com a publicação de *Bilac, o Jornalista*, reunião de praticamente toda sua produção no universo jornalístico, ficamos ainda mais estimulados e iniciamos um projeto de pesquisa utilizando seus livros de crônicas como fonte, projeto que apenas ganhou forma e coerência posteriormente durante as disciplinas e orientações desenvolvidas junto ao programa de mestrado.

Foi durante o processo de amadurecimento do projeto que Lima Barreto incorporou-se à pesquisa. Pareceu-nos importante ter outro ponto de vista sobre a cidade, para não reduzir toda a discussão simplesmente a um escritor, e para mostrar que havia outras formas de pensar e escrever sobre o mesmo contexto, expondo, assim, conflitos de posição entre intelectuais/escritores brasileiros do período. A escolha por Lima Barreto não foi feita aleatoriamente, mas porque esse cronista, em alguns momentos do período estudado, debateu de formas diretas e indiretas, com Olavo Bilac sobre questões tais como: transformação urbana, jornalismo, literatura, política, entre outros temas polêmicos.

No caminho da reflexão, a leitura das crônicas de ambos colocou-nos frente ao nosso objetivo central, qual seja: pensar, a partir dos cronistas Olavo Bilac e Lima Barreto, o espaço urbano do Rio de Janeiro, e a relação da crônica e do cronista com as discussões sobre os rumos da Capital da República em um momento de passagens, durante as primeiras décadas do século XX. Optamos por Lima Barreto e Olavo Bilac devido à ligação de suas obras com a cidade. Eles compuseram uma quantidade considerável de crônicas para a imprensa carioca, formando um conjunto significativo de manifestações intelectuais para a compreensão do período. Por décadas, ambos circularam nos meios editoriais da capital, envolvendo-se com o jornalismo, fosse escrevendo, dirigindo ou analisando periódicos.

No Rio de Janeiro, desembocaram nossas preocupações de pesquisa, em certa

⁵ NUNES, Radamés Vieira. Da crônica à história: Política e Cotidiano nas crônicas bilacquianas 1890-1900. 2007. Monografia – Universidade Federal de Goiás, Catalão, 2007.

medida, motivadas pela importância do espaço e da experiência social urbana vivenciada pelos cronistas. Por ser o centro econômico, político e cultural do Brasil na época e um dos assuntos mais recorrentes entre os homens das letras, o Rio de Janeiro, como cidade, foi não somente “palco”, mas também “protagonista” de muitas crônicas. O período de 1900 a 1920 foi escolhido por ser o momento em que a história da cidade se entrecruzou intensamente com as histórias da imprensa e dos cronistas. Especialmente a partir das reformas urbanas de Pereira Passos e de suas repercussões, da transformação da imprensa e do apogeu da carreira de Bilac e Barreto no ofício de cronista, tem-se o terreno no qual cresceram as preocupações de pesquisa sobre as relações entre a crônica, os cronistas e a cidade, cujos resultados articulam-se neste trabalho.

As fontes que privilegiamos para este estudo são as crônicas de Barreto e Bilac, publicadas originalmente em jornais e revistas e, posteriormente, em livros. Optamos por analisá-las em ambos os suportes, atentando para suas ricas nuances de sentido. Sendo assim, pesquisamos os principais jornais e revistas em que os cronistas trabalharam, disponíveis e acessíveis no arquivo da Fundação Biblioteca Nacional, do Rio de Janeiro. Durante a leitura das crônicas registradas em livro, tivemos certa dificuldade em compreender, precisamente, sobre o que algumas crônicas tratavam, elas pareciam não fazer muito sentido, havia assuntos, pessoas e expressões que não entendíamos a razão de serem citados pelos cronistas, dificultando a análise dos textos. Tal dificuldade nos fez perceber que determinadas crônicas só poderiam ser mais bem entendidas e interpretadas em seu suporte de origem, ou seja, o jornal, por possuírem relação direta com as outras linguagens e características do mesmo. Esse fato nos motivou a investigar as crônicas nos jornais e revistas em que foram publicadas e, assim, chegamos até o acervo da Fundação Biblioteca Nacional, onde estão arquivados quase todos os periódicos em que Lima Barreto e Olavo Bilac publicaram seus textos.

O acervo de periódicos da Fundação Biblioteca Nacional tem catalogado jornais e revistas de toda parte do Brasil, disponíveis para pesquisa em sua forma original, em microfilme ou como cópia digitalizada. Os jornais de maior expressão estão quase todos microfilmados, o que garante mais segurança e durabilidade aos documentos, tornando-os mais acessíveis. Já entre os jornais de menor expressão no cenário nacional, apenas uma pequena parte foi microfilmada, alguns sequer estão catalogados e disponíveis para pesquisa. Sendo assim, durante a pesquisa, tivemos mais facilidade na procura dos jornais em que contribuiu Olavo Bilac, do que os de Lima Barreto. Além do acesso aos

periódicos, a instituição permite também a reprodução do acervo de três formas: cópia eletrostática, microfilme ou cópia digitalizada. Após leitura prévia dos textos já compilados em edições modernas, no formato de livro, fizemos uma seleção das crônicas mais ligadas a nossa proposta e fomos pesquisá-las no espaço em que foram originalmente publicadas, atentos as suas ligações com o suporte. Após esse trabalho, solicitamos cópia digitalizada de parte da documentação, o que permitiu a anexação de imagens dos jornais e revistas que reproduzimos no corpo do trabalho.

Optamos por estudar as crônicas porque, segundo Margarida Souza Neves, *a crônica é sempre de alguma maneira o tempo feito texto, sempre e de formas diversas, uma escrita do tempo.*⁶ Para a autora, os letrados tinham uma função importante na realidade, porque criavam, nas crônicas, metáforas, imagens e representações com o intuito de construir noções sobre a capital e imprimir direção a ela, representações que utilizamos como forma de abordar o passado. Os cronistas deixaram marcas de pertencimento a um espaço-tempo particular, mas, em suas crônicas, está igualmente expresso o desejo e as ambições do vir a ser. As crônicas veiculam discursos e imagens que tratam da cidade, o imaginário e as utopias que se projetam sobre o espaço vivido. Ao mesmo tempo em que trazem à tona imagens do seu presente imediato, também interferem (e buscam mesmo interferir) no contexto que as tornou possíveis.⁷

Nessa perspectiva, não tomamos a representação do mundo como algo separado, isolado ou indiferente a ele, mas como parte constituinte do real, capaz de atuar na realidade e de assumir, em alguns casos, uma expressão maior do que a própria realidade concreta e visível. A população carioca, por exemplo, já dava ar de metrópole ao Rio de Janeiro, mesmo antes da reestruturação acontecer efetivamente. Diante de uma “cidade em obras”, os cronistas lançaram seus olhares e a (re)construiu em forma de crônica. A cidade do pensamento, imaginada pelos cronistas, dá significados à realidade material em que foi construída, postula valores e normas de conduta através de imagens e palavras; seu poder metafórico é capaz de conferir sentido ou atribuir funções a lugares, objetos e personagens. As crônicas de Olavo Bilac e Lima Barreto são ricas em temas e expressam os anseios dos intelectuais e a forma como se relacionavam com a vida e com o mundo. Compondo a sociedade, as crônicas também são, assim como

⁶ NEVES, Margarida Souza. Uma escrita do tempo: memória, ordem e progresso nas crônicas cariocas. In: CANDIDO, Antonio. Et. Al. *A crônica: gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas – SP: Ed. Unicamp/ Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992. pág. 82.

⁷ PINTO, Júlio Pimentel. *Uma memória do mundo: ficção, memória e história em Jorge Luiz Borges*. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2001. pág. 333.

diversas outras atividades intelectuais e de escrita, instrumentos de atuação política.

Temos, de um lado, Olavo Bilac, cronista de jornais e revistas como *Gazeta de Notícias*, *Kosmos*, *A Notícia*, *O combate*, *A Bruxa*, *Correio do Povo*, entre outros periódicos de renome. Apesar da importância dos jornais para os quais exercia seu ofício de narrar o cotidiano, para a história literária brasileira, Bilac é praticamente desconhecido como cronista, sendo mais lembrado, em nosso tempo, por suas poesias (sobre as quais, muitas vezes, projetam-se juízos de gosto e rótulos pejorativos que não cabem aqui discutir) do que por suas crônicas. O cronista parece ter sido ofuscado pelo poeta. Em 1913, foi eleito como o Príncipe dos Poetas Brasileiros em um concurso patrocinado pela *Fon-Fon* 1913. A memória que prevalece de Bilac associa seu nome à poesia parnasiana por ter sido o porta-voz do movimento no Brasil, mas sua prosa e mundanismo revelam que foi mais do que um poeta parnasiano, marcado como conservador para a crítica modernista e os seus desdobramentos.

Durante seus quase 20 anos de jornalismo, Bilac louvou e escarneceu o Rio de Janeiro. Suas crônicas revelam-no um “opinador” vigilante. Com ironia, deixou seu ponto de vista sobre vários assuntos em voga naquela virada de século: saúde pública, os “rumos incertos” da República, os escândalos políticos, as conseqüências sociais da abolição, da urbanização, das revoltas e festas populares, da emancipação feminina, da política internacional, do uso de entorpecentes; tudo, enfim, era assunto a ser traduzido em crônicas. Bilac nutria certo desconforto com a cidade do Rio de Janeiro tal como ela era no século XIX, por isso abraçou a idéia de fazer do Rio um lugar “civilizado”; o projeto da Avenida Central era o símbolo da modernidade que transformaria a cidade em uma metrópole; suas crônicas defendiam a reestruturação da cidade. No entanto, mesmo apoiando o projeto, ele denunciava e criticava o processo de urbanização que contrastava com a falta de habitação e os altos preços dos aluguéis.

A partir da administração de Pereira Passos, em 1904, Bilac foi peça fundamental para a disseminação de um discurso nacionalista responsável por criar, como já se nomeou, “uma consciência cívica e urbana brasileira”. Seu nacionalismo exacerbado o levou a se tornar autor do hino da bandeira, elemento essencial para a construção (ou invenção) de um imaginário nacionalista brasileiro. Dedicou boa parte de sua vida a “campanhas patrióticas”, entre as quais se destaca a luta pelo serviço

militar obrigatório.⁸

De outro lado (ainda que nem sempre oposto), temos Afonso Henriques de Lima Barreto ou, simplesmente, Lima Barreto: um “mulato culto”, sem diploma, de origem pobre, dado à bebida e que optou por trabalhar no jornal. O escritor foi, durante muito tempo, ignorado tanto pela sociedade como pela intelectualidade, que o subestimava e o repudiava. Os editores do início do século XX também não davam devida importância à sua produção, que teve reconhecimento apenas postumamente, em meados do século XX, principalmente com a publicação das *Obras de Lima Barreto* (1956) pela Editora Brasiliense, organizada por Francisco de Assis Barbosa, Antônio Houaiss e Manuel Cavalcante Proença. Barreto é lembrado, na história literária brasileira, principalmente por seus romances, como *Policarpo Quaresma*, *Recordações do escrívão Isaías caminha*, *Os bruzundangas*, entre outros. Pouco se sabe do cronista que foi.

Como cronista, Lima Barreto caracteriza-se pela postura militante, através de crônicas voltadas à denúncia de mazelas e a debates polêmicos sobre questões de sua época. Suas críticas eram explicitamente voltadas às práticas de oportunismo político, à corrupção governamental da política de favor e principalmente contra a sociedade elitista, preconceituosa e discriminatória na qual se consolidava cada vez mais uma modernidade, segundo entendia, excludente e autoritária. Suas crônicas foram responsáveis por introduzir a vida do subúrbio nas revistas ilustradas e jornais. Barreto registrou, em seus textos, as primeiras impressões que lhe causavam os acontecimentos políticos, dentre os quais se destacam: a Revolta da Vacina, em 1904, contra a obrigatoriedade da vacinação por Osvaldo Cruz, o Saneamento da cidade e a inauguração da Avenida Central, em 1905. Comentou seu fascínio pelo Rio de Janeiro – principal tema de toda sua vida de cronista – e fez críticas aos “poderosos”, mostrando-se desconfiado diante das modificações que impunham à geografia da cidade. Tratou-se de um escritor indignado, não adaptado e, logo, inconformado com nova realidade vigente na metrópole durante a Primeira República.⁹

Cruzando as leituras e as interpretações destes jornalistas-escritores, pudemos perceber a complexidade da capital do Brasil na Primeira República e as posições divergentes sobre ela. Olavo Bilac era amante do projeto reformista e dos seus

⁸ DIMAS, Antonio. Bilac, o jornalista: ensaios. São Paulo: Edusp / Unicamp / Imprensa Oficial do estado de São Paulo. p. 15, 37, 116.

⁹ MACHADO, Maria Cristina Teixeira. *Lima Barreto: um pensador social na primeira República*. Goiânia: Editora da UFG; São Paulo: Edusp, 2002. p. 68-70.

benefícios, entregando-se como apologista do “novo Rio”. Lima Barreto lamentou e denunciou os supostos atributos da tão sonhada cidade moderna. No entanto, o conjunto das suas crônicas, como será visto nesta dissertação, mostra-nos que essas posições se confundem, em determinados momentos, na formulação da imagem ideal de cidade.

Em suma, foi a partir dessas questões que estabelecemos ligações e relações entre as narrativas curtas, seus autores e a cidade, para tecer nossas *tramas*, também escolhidas e adequadas dentro de um recorte factível, nos termos de Paul Veyne.¹⁰ O estímulo para a estruturação deste trabalho partiu, sobretudo, da leitura das crônicas, que foram elas próprias, na medida em que selecionadas, apontando a organização dos capítulos. Dessa forma, o texto se divide em dois capítulos, que se articulam em torno de temáticas centrais.

No primeiro capítulo, *Lima Barreto e Olavo Bilac nas Folhas da Cidade*, exploramos o contexto jornalístico em que a crônica e os intelectuais em foco se consolidaram e as mudanças a que os periódicos dos grandes centros estavam se submetendo na passagem do século XIX para o século XX. Desta forma, elucidamos como as mudanças são visíveis nos jornais em que Lima Barreto e Olavo Bilac trabalharam e como os próprios escritores, em suas crônicas, perceberam o processo de expansão e transformação da imprensa, um dos aspectos em si das modificações da cidade carioca. As crônicas pesquisadas nos jornais e revistas nos apontaram para a atuação da imprensa como agente modernizador, que incorporou as novas tecnologias e buscou ditar novos valores, hábitos e comportamentos na direção de uma mentalidade dita moderna. Nesse sentido, refletimos sobre a postura que Lima Barreto e Olavo Bilac assumiram no interior desse modelo jornalístico, cada vez mais predominante, e o espaço que suas crônicas ocuparam nele, exprimindo suas concepções acerca do universo em questão. Para isso investigamos a produção dos cronistas no seu espaço de origem, percebendo sua relação e concorrência com os reclames, com os novos equipamentos que dinamizaram as publicações tanto na velocidade quanto no aspecto visual e com as revistas de variedades e seu conteúdo, dedicado a um público diversificado composto por vários tipos de pessoas, independentemente do gênero ou da idade. Por fim, discutimos os debates e as opiniões dos escritores-jornalistas a respeito da profissionalização do trabalho intelectual via imprensa e dos supostos benefícios (quando assim reconhecidos) materiais e simbólicos que ela lhes proporcionava.

¹⁰ VEYNE, Paul. *Como se escreve a história*. Brasília: Ed. UNB, 2002. p. 43-45.

No segundo e último capítulo, *Lima Barreto e Olavo Bilac na(s) Cidade(s) das Folhas*, investigaremos a participação dos cronistas nos debates sobre a suposta efervescência urbanística que acometeu a cidade do Rio de Janeiro a partir da administração de Francisco Pereira Passos. Nosso intuito será perceber como cada cronista construiu imagens diferentes sobre aquele processo pelo qual a cidade passava. O jornal será, neste momento, visto não apenas como meio de os escritores buscarem bens materiais e simbólicos que lhes permitiam sobreviver de seu ofício, mas também como um mecanismo de inserção no debate acerca da transformação da capital do Brasil. Se, por um lado, a cidade se apresenta como o espaço por excelência de difusão dos jornais e revistas, por outro, esses periódicos *projetam* sobre ela demandas de grupos sociais e os seus diferentes projetos, manifestados através, inclusive, de crônicas. Lima Barreto e Olavo Bilac teciam estreitas articulações com as disputas pela cidade; nosso objetivo é clarificar as articulações entre a questão urbana e as crônicas escritas para circulação na imprensa.

Diante da reformulação física (efetivada ou não) do Rio de Janeiro, trataremos as proximidades e divergências dos projetos de cidade e a perspectiva de cada intelectual referente a algumas questões pontuais do período estudado, revelando que as posições assumidas pelos cronistas em seus textos são complexas e, às vezes, surpreendentes. Enfim, pensaremos a reurbanização do centro do Rio na ótica de Lima Barreto e Olavo Bilac, focando especialmente a derrubada do Morro do Castelo, a construção da Avenida Central, a Reforma do Porto e a reforma nos hábitos e costumes. Nesse sentido, analisaremos o momento na carreira dos cronistas em que suas crônicas estiveram no cerne das questões sobre a cidade; questões tais como: o contato entre o subúrbio e o centro urbano no miolo do Rio, para onde convergiam a atenção da nação; o aspecto de fachada das intervenções no espaço urbano e o desejo de colocar o Rio de Janeiro em sintonia com as metrópoles modernas. Nosso intuito é ligar os discursos e imagens criadas sobre a cidade por Lima Barreto e Olavo Bilac, demonstrando como eles estavam atentos ao que se construía e se destruía na *Cidade Maravilhosa*.

CAPÍTULO I

LIMA BARRETO E OLAVO BILAC NAS FOLHAS DA CIDADE

Uma officina de jornal é também uma colméia. Raros são os que a conhecem por dentro. Esses são os jornalistas (...) operosas e industriosas abelhas, fabricantes (...) dos saborosos favos de mel dos artigos literários. (...) É perfeita a comparação entre as abelhas e os jornalistas: porque estes, como aquelas, também possuem ferrão, e não são apenas fabricantes de mel.¹¹

Jornal da Exposição

Quem vive dentro do jornalismo tem a impressão de que está entre lobos; os homens de jornais se devoram.¹²

Lima Barreto

Na via pública, tomando os passeios, lá estavam os vendedores de jornais, atrapalhando o trânsito com o acúmulo de folhas postas à venda, de diversos tipos e donos. Os gritos dos jornaleiros ecoavam pela cidade propagando periódicos e seus atrativos aos transeuntes. Revistas e jornais empilhados transformavam as ruas num imenso mostruário de cotidianos, e, as esquinas mais transitadas, numa verdadeira exposição de impressos.¹³ Assim era a cidade do Rio de Janeiro no início do século XX aos olhos de Lima Barreto.

Era comum se deparar com homens, mulheres e crianças pelas ruas empunhando um jornal ou revista, ou rodas de conversa que, nos ambientes de sociabilidade no espaço público da cidade carioca, comentavam sobre os assuntos do dia, ou mesmo sobre os próprios periódicos. O jornalismo fazia parte do cotidiano dos cariocas, havia

¹¹ *Jornal da Exposição*. Rio de Janeiro, 06/09/1908. p.1. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional.

¹² BARRETO, Lima. *Correio da Noite*. Rio de Janeiro, 18/01/1915. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional.

¹³ BARRETO, Lima. Crônica. In. BRESENDE, Beatriz; VALENÇA, Rachel (orgs.). *Lima Barreto: Toda Crônica*: Volume I (1890-1919). Rio de Janeiro, Agir, 2004. p. 144.

se tornado elemento essencial da vida urbana. Na virada do século XIX para o XX, a imprensa ocupava lugar de destaque na opinião pública¹⁴ e se transformava gradativamente, assumindo o caráter de empresa. Os periódicos passaram a conciliar suas ideológicas aos meios de obter recursos necessários à sobrevivência, conciliação feita pelo elo da venda de opinião com a produção encomendada. Tiveram que aprender a orientar a opinião dos leitores e, ao mesmo tempo, prendê-los com atrativos nem sempre condizentes às opiniões defendidas.

Este período que privilegiamos para análise marca o momento de consolidação da crônica jornalística, como uma linguagem necessária na constituição de um periódico. Isso ocorre em paralelo à consolidação de outras linguagens, como a fotografia, a reportagem, a publicidade, a coluna social, o noticiário esportivo, entre outros. As mudanças no conteúdo das folhas impressas, cada vez mais recorrentemente, eram oriundas de uma sociedade também em transformação e de um jornalismo que se firmava e se afirmava como imprensa empresa, voltada mais para os lucros do que propriamente para os interesses de cunho político e social. Este conjunto de mudanças, inclusive na imprensa, apontavam para a formação de uma nova sensibilidade do espaço urbano.

Neste capítulo analisaremos a inserção das crônicas de Olavo Bilac e Lima Barreto no contexto do jornalismo na então Capital Federal da nascente República nas primeiras décadas do século XX, explorando a própria postura ética e as concepções dos dois autores em relação àquele contexto.

1.1 CONTEXTO JORNALÍSTICO EM QUE A CRÔNICA SE CONSOLIDOU.

No final do século XIX havia grande quantidade e uma variedade enorme de jornais na capital federal da República. Jornais grandes e pequenos coexistiam com diferenças bastante pontuais. Os jornais pequenos tendiam à transitoriedade e, por isso, se colocavam declaradamente como oposição, sem medo de qualquer perseguição ou violência. Isso ocorreu, por exemplo, durante o governo de Floriano Peixoto, que

¹⁴ MOTA, Maria Aparecida Rezende. *Silvio Romero: Dilemas e combates no Brasil da virada do século XX*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000. p. 61.

reprimiu todo jornal de oposição ao seu governo. Grande parte dos jornais censurados eram pequenos periódicos, feitos de forma bastante rudimentar por poucas pessoas unidas em torno dos mesmos ideais. Os pequenos jornais não tinham nada a perder, gozavam de independência e não temiam os contra-ataques, nem a ameaça do seu próprio fim. Já os grandes jornais, que se consolidaram com outras motivações e que se constituíram como empresa, diante de situações como a perseguição de Floriano Peixoto, optavam pela omissão. Todo posicionamento era tomado com o fim de garantir sua permanência, pois a imprensa empresa não foi criada somente para defender convicções, ou lutar por uma causa específica.¹⁵

Os pequenos jornais eram predominantes no universo jornalístico brasileiro; principalmente a partir de 1880, eles proliferaram pelas cidades brasileiras, dedicavam-se quase sempre a uma causa única, como campanhas pró-abolição ou pró-República.¹⁶ Foram importantes nos desdobramentos de questões polêmicas do século XIX a que se dedicavam. Mesmo assim, tinham curtíssima duração; como diz Juarez Bahia, as gazetas abolicionistas que se abriram nesse período não sobreviveram à República.¹⁷ Nos últimos anos do século XIX, a imprensa se transformou gradativamente; aos poucos, a imprensa de caráter industrial se sobrepunha à imprensa artesanal. A idéia da imprensa como empresa teve terreno fértil principalmente nas capitais do país. De acordo com Nelson Werneck Sodré:

A imprensa estava também consolidada, a de caráter artesanal subsistia no interior, nas pequenas cidades, nas folhas semanais feitas em tipografias, pelos velhos processos e servindo às lutas locais, geralmente virulentas; nas capitais já não havia lugar para esse tipo de imprensa, nelas o jornal ingressara, efetiva e definitivamente, na fase industrial, era agora empresa, grande ou pequena, mas com estrutura comercial inequívoca. Vendia-se informação como se vendia outra qualquer mercadoria. E a sociedade urbana necessitava de informação para tudo, desde o trabalho até a diversão. Certo, sempre apareciam, e logo desapareciam, jornais que se dispensavam dos grandes compromissos daqueles que haviam atingido o mínimo de estabilidade empresarial. Eram exceções, porém, e a transitoriedade inexorável que os marcava assinalava bem esse traço. Apagavam-se

¹⁵ SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. 4ª edição., Rio de Janeiro: Editora Mauad, 1999. p. 259-261.

¹⁶ Catálogo de jornais e revistas do Rio de Janeiro (1808/1889), in ABN, v.85, Rio de Janeiro, 1965; Catálogos de periódicos brasileiros, Rio de Janeiro, Fundação Biblioteca Nacional/ Departamento Nacional do Livro, 1994.

¹⁷ BAHIA, Juarez. *Jornal, história e técnica*. São Paulo: IBRASA, 1972. p. 49-50.

*com a circunstância que os motivara.*¹⁸

A passagem do século é marcada pela gradativa decadência do pequeno jornal, com folhas tipográficas resultantes de um empreendimento, muitas vezes, individual e pela ascensão do grande jornal ou empresas jornalísticas. Ou seja, foi um período marcado pela convivência entre dois tipos de imprensa com papéis diferentes e também estruturas bastante desiguais. Aos poucos, consolidou-se a imprensa como empresa de menor ou maior porte. Isso promoveu uma nova relação dos veículos de comunicação com o público, com a política, enfim, com a realidade em que ela atuava. Essa transformação tem relação com as mudanças do país, e as mudanças na imprensa também se apresentavam como parte delas.

Ainda segundo Sodré, com essas alterações, houve uma diminuição no número de jornais com tais características, pois se tornou mais fácil comprar a opinião de um jornal, do que manter um jornal em atividade. Nos momentos de agitação política, os jornais ficavam à espera da melhor oferta. A compra da opinião pelo governo ou por outro poder qualquer havia se tornado comum e um negócio bastante lucrativo. Mas havia também aqueles jornais que faziam oposição aos jornais que se sujeitavam aos poderosos da época, especialmente àqueles que controlavam o cenário da política.¹⁹

As novas condições sociais, na virada do século XX, fizeram com que os periódicos de pouca circulação e de duração mais efêmera fossem praticamente extintos. A tipografia de conteúdo artesanal transformava-se em indústria gráfica; mesmo assim, essa imprensa mais alternativa e artesanal permaneceu por boa parte do século XX, com menor expressão. Em épocas de agitação, sempre apareceram pequenos jornais efêmeros. No entanto, em finais do século XIX, havia chegado a ocasião em que os periódicos de cunho industrial predominaram na imprensa brasileira, situação que já era realidade em outros países. O cenário carioca, por exemplo, vivia o momento oportuno para a consolidação do jornalismo-empresa. Conforme conclui o teórico Juarez Bahia:

Uma imprensa mais participante e também mais consciente é chamada a ocupar lugar fundamental na vida pública do país. Compreendem os editores que o âmbito restrito estabelecido pelo jornalismo sem muitas pretensões, mais literário e mais político, não atende às novas necessidades da sociedade brasileira, que vai

¹⁸ SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. 4ª edição., Rio de Janeiro: Editora Mauad, 1999. p. 275

¹⁹ Idem.

*conhecendo os avanços das comunicações e vai se capacitando da função do jornalismo como veículo de massas. Aceitam, afinal, que a imprensa deve ser instrumento de interesse público e não, exclusivamente, de interesses individuais ou de facções.*²⁰

Os pequenos jornais eram instrumentos de combate quase sempre pertencentes a um indivíduo que arcava com todos os custos de sua produção, feita ainda com métodos artesanais, com o fim de defender convicções, doutrinar e interferir no espaço público, tornando suas propostas conhecidas. No entanto, no início do século XX, as empresas jornalísticas começam a surgir, vendo, no aperfeiçoamento das técnicas de impressão, a possibilidade de venderem periódicos, entendidos como produto de valor no mercado. Visando lucros, parte da imprensa se inseriu no mercado capitalista – bem verdade que de forma um tanto quanto modesta se compararmos com o grau de interesse mercadológico verificável a partir de meados do século XX. Em contrapartida, se compararmos com as práticas vigentes da imprensa em épocas precedentes, quando o fator comercial era ignorado diante da pretensão de divulgar idéias, notaremos o quanto a realidade mudou.²¹

O crescimento da imprensa voltada aos lucros tem relação com as transformações na sociedade brasileira, especialmente nas grandes capitais. O modo de vida urbana no Rio de Janeiro tornava-se cada vez mais veloz e “apressado”: a crescente produção industrial, a entrada de imigrantes, as novidades tecnológicas na área de comunicação e transporte, o aumento gradual do índice de alfabetização, a euforia em relação à política e à economia, tudo isso gerava demanda crescente por circulação de informação. A imprensa estava sintonizada com este contexto, de tal forma que se destacou como o veículo mais eficiente na difusão de informação e orientação cultural, assumindo importante papel e definindo sua função nesse processo de aceleração no dia-a-dia da capital da República.²²

Diante de tal conjuntura, o lucro passou a preponderar na imprensa, determinando e conduzindo os novos caminhos a serem desbravados por ela. O cenário era propício às inovações destinadas especialmente ao aumento da produtividade e do

²⁰ BAHIA, Juarez. *Jornal, história e técnica*. São Paulo: IBRASA, 1972. p. 45-46

²¹ MARTINS, Ana Luiza. *Imprensa em tempo de Império*. In. LUCA, Tânia Regina de; MARTINS, Ana Luiza (organizadoras). *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008. p.63-66.

²² Ver COSTA, Emília Viotti da. *Da Monarquia à República: momentos decisivos*. São Paulo: Ed. Ciências Humanas, 1979.; DIMAS, Antonio. *Tempos eufóricos: análise da revista Kosmos 1904-1909*. São Paulo: Ática, 1983.; NEEDELL, Jeffrey d. *Belle Époque Tropical*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

lucro e à divisão do trabalho; o jornal passou a ser feito por várias pessoas, cada uma especialista em uma etapa; as tiragens tiveram aumento significativo em razão das novas técnicas de impressão, que também tornaram os periódicos mais acessíveis financeiramente. Alguns jornais que circulavam no Rio de Janeiro, como *Correio da Manhã*, *Gazeta de Notícias*, *Correio Paulistano*, entre outros, buscavam, no início do século XX, aprimorar suas técnicas de impressão, perseguindo maiores tiragens. No editorial desses jornais é possível perceber a euforia quando o alvo era alcançado. Veja o editorial do jornal *Correio da Manhã* do dia 5 de abril, de 1905: *Ainda hontem tivemos a prova do quanto vale o esforço e o interesse em bem servir ao público: como no domingo passado a nossa edição esgotou-se completamente, muito embora o sucesso do primeiro número nos houvesse levado a aumentar ainda mais nossa tiragem.*²³

Até mesmo pequenas revistas, como a *Revista da Época*, anunciavam, no editorial, as inovações e a diminuição no valor do impresso:

*Mas, ainda não é tudo; e, como as boas coisas sempre vêm acompanhadas, esta não fugiu ao império da lei geral. Assim é que além de aumentarmos dezesseis páginas coloridas à Revista da Época, resolvemos baixar-lhe o preço do número avulso para 300 réis afim de torná-la acessíveis a todos. Isto prova exuberantemente o desejo de bem servir ao público, pois d'outra forma não se explica essa diminuição(...)*²⁴.

Além da diminuição do valor, outro fator importante para a maior acessibilidade e circulação dos exemplares foi o desenvolvimento do sistema de transportes, que promoveu a distribuição mais rápida dos jornais a lugares cada vez mais distantes. Aliada a tudo isso havia também uma grande preocupação com a aparência visual das páginas para que elas se apresentassem o mais atrativas possível aos leitores/consumidores. As ilustrações tornaram os jornais agradáveis e fascinantes se comparados ao outro modelo de jornal que vigorava até o momento, constituído por páginas repletas de textos longuíssimos.²⁵

No entanto, é importante salientar que mesmo com a gradual profissionalização dos jornais, o caráter opinativo e a capacidade intencional de intervir na vida pública não foram abandonados completamente; ao contrário, continuaram tendo peso decisivo

²³ *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 05/04/1905. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional.

²⁴ *Revista da Época*. Rio de Janeiro, 03/1904. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional.

²⁵ MICELLI, Sergio. *Poder, sexo e letras na República Velha*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1977. p. 72

em todas as etapas de produção, pois o objetivo de atrair leitores/consumidores era maior do que simplesmente conquistar fins lucrativos. Havia também um outro tipo de lucro não exclusivamente financeiro, mas político, advindo da conquista ideológica do público, doutrinando-o, divulgando convicções, satisfazendo, defendendo ou atacando os anseios de determinados grupos. Isso demonstra que o modelo jornalístico anterior, ao menos em parte, ainda permanecia na estrutura dos grandes jornais-empresa.²⁶

Porém, todas essas transformações do jornal-empresa fizeram com que o caráter explicitamente opinativo fosse aos poucos substituído pelo jornalismo informativo, ou melhor, pela idéia de que o papel da imprensa era simplesmente informar, transmitindo aos leitores a veracidade dos fatos tal como aconteceram. Esse processo ocorreu no início do século XIX, mas só prevaleceu definitivamente a partir do século XX. Diante disso, a crônica tornou-se o espaço privilegiado no jornal para a fruição menos velada das críticas e das opiniões.²⁷

Olavo Bilac e Lima Barreto participaram do contexto de transformação do jornalismo e de reformulação da cidade. Participaram exercendo o ofício de cronista, dessa forma, eles também escreveram suas impressões e expectativas. Deixaram registradas, nas páginas dos jornais e revistas, como se relacionaram com este contexto. Como observadores da realidade, expuseram suas vontades, bem como o desejo de que essas vontades fossem também a vontade de outros.

Percorrer o desenrolar da vida jornalística nas duas primeiras décadas do século XX, na perspectiva destes dois cronistas, é perseguir o papel que o escritor desempenhava em sua realidade através da crônica. Lima Barreto e Olavo Bilac tiveram trajetórias completamente diferentes, mas se encontraram num mesmo período, cada um em uma etapa distinta de sua vida e carreira. Mesmo assim, suas passagens pelos jornais, nas duas primeiras décadas do século passado, marcaram encontros e desencontros, semelhanças e diferenças nas concepções que ambos tiveram sobre as questões em pauta no momento.

O fato é que o gênero escolhido por eles estava no centro das mudanças no campo jornalístico, concomitantemente com as intensas mudanças nos projetos para o

²⁶ LUCA, Tânia Regina. História dos, nos e por meio dos periódicos. In. PINSKY, Carla Bassanezi. *Fontes históricas*. São Paulo: Editora Contexto, 2006. p.137.; ELEUTÉRIO, Maria de Lourdes. Imprensa a serviço do progresso. In. LUCA, Tânia Regina de; MARTINS, Ana Luiza (organizadoras). *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008. p.108.

²⁷ SUSSEKIND, Flora. *Cinematógrafo de Letras: literatura, técnica e modernização no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. p. 37-38.

país.

1.2 IMPRENSA, CRONISTAS E RECLAMES

Uma das transformações nos periódicos foi a grande abertura da imprensa para a circulação de anúncios comerciais. No início do século XX, a publicidade tornou-se a principal fonte de recursos da imprensa. Ela se consolidou como ponto decisivo para permanência ou decadência dos jornais e revistas. É interessante notar que isso ocorreu de forma articulada com as transformações na vida urbana, de maneira que as propagandas começaram a ocupar também outros espaços para além dos jornais e revistas, como os muros e locais públicos da cidade. Ceder espaço nos jornais e revistas para os reclames era quase uma obrigação. Grandes ou pequenas, conservadoras ou não, a maioria das folhas impressas se sujeitavam ao “império da publicidade”.²⁸

Os jornais em que Lima Barreto e Olavo Bilac trabalharam não fugiram à regra; alguns com mais anúncios, outros com menos. No entanto, a relação da imprensa com os anúncios possibilitou-nos perceber o potencial dos periódicos, pois, quanto mais reclames tivessem, maiores ou melhores deviam ser a capacidade de circulação, a visibilidade, a estrutura e o poder de atuação na política e na cultura do Rio de Janeiro. Jornais grandes e prósperos viviam da publicidade, carregados de anúncios dos mais variados. O alvo da imprensa, entendida como empresa, era ampliar o ciclo de leitores para aumentar a publicidade e, conseqüentemente, os recursos financeiros. Segundo Heloisa de Faria Cruz:

*Com a virada do século, a propaganda deixa progressivamente o espaço exclusivo das publicações comerciais e articula-se à imprensa periódica de uma forma mais ampla. Nesse processo, o reclame transforma-se numa das formas centrais de financiamento das publicações. O sucesso de um periódico, sua manutenção como uma publicação competitiva e estável, passa a depender cada vez mais de sua capacidade de atrair recursos via propaganda. As publicações vêm a público repletas de apelos ao mercado.*²⁹

²⁸ Idem. p. 59, 70.

²⁹ CRUZ, Heloisa de Faria. São Paulo em papel e tinta: periodismo e vida urbana 1890-1915. São Paulo: EDUC/FAPESP, 2000. p. 156.

A relação da publicidade com o jornalismo foi uma relação de sucesso: ambos eram beneficiados, mas tal relação resistia apenas ante a troca recíproca de vantagens, pois se o jornal não fosse capaz de proporcionar retorno às empresas anunciantes, a união se esfacelava. Ou ainda, se os anunciantes não remunerassem o veículo jornalístico, o espaço nas folhas era vedado. Não havia preocupação alguma dos anunciantes com a intenção do jornal, não havia problema com a tendência do mesmo, pouco importava saber se ele era anarquista, positivista ou republicano. Tanto é que publicidades se repetem em jornais absolutamente distintos como *O Diabo*, *A Lanterna* e a *Gazeta de Notícias*.³⁰ A preocupação era com o poder de alcance que o jornal exercia na sociedade, se ele era muito lido ou não. Ainda de acordo com Cruz, *fabricantes e comerciantes, agentes de um mercado em acelerado desenvolvimento, encontram nos reclames o espaço de visibilidade para seus produtos e serviços*.³¹ Em contrapartida, o veículo de comunicação jornalístico abria espaço nas folhas a qualquer anunciante fiel com as tarifas cobradas, sem fazer distinção quanto à qualidade do produto ou do serviço anunciado e, menos ainda, quanto à índole das empresas ou indivíduos que compravam o direito de divulgação no jornal.

³⁰ *O Diabo*. Rio de Janeiro, 1903. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional.

A Lanterna. Rio de Janeiro, 20/11/1902. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional.

Gazeta de Notícias. Rio de Janeiro, 06/09/1903. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional.

³¹ CRUZ, Heloisa de Faria. São Paulo em papel e tinta: periodismo e vida urbana 1890-1915. São Paulo: EDUC/FAPESP, 2000. p. 153.

anunciou ao povo que um
sobrepõe ás velhas tra-
los parlamentares ingleses.
dizou, dias depois do «Ni-
», a historia, o programma
u partido.

ção nem com liberais, nem
até a franqueza de o de-
ista anti-liberal.»

do deputado John Burns,
as victorias que alcançou
beneficio do operariado
queza eleitoral da que se
frente o, ainda agora, se
peraria, maxime em nome
mais tarde o «Independent
esaptando ás urnas 43.445
do sete deputados.

itar exemplo!

que nos offerece a perse-
rudio achou felizmente no
ande grupo de operarios,
alcativa de fazer a propa-
lido, convidando seus con-
listam, procedido, por-
a, a verificação dos di-
e esforçando-se, por meios
prestigio politico da sua
ão reabilitada por essa at-
rosital descuido ou conde-
ça em que tem caminhado
seculo, como um gigante

alvez, os votos actualmen-
im, poderão reforçar, com
agros de algum candidato,
da classe, que se com-
inar a causa dos opera-

do tempo irão augman-
entos, porque o partido
lucção, habilitando seus
exercício das direções

200 RÉIS

ANNUNCIOS

DE

ALUGA-SE, VENDE-SE

PRECISA-SE

NO

“Correio da Manhã”

RUA DO OUVIDOR

N. 117

200 RÉIS

das pela Federação das Associações de
Classe.
A directoria convida todos os socios que
queiram incorporar-se ao prestite; no dia 1
do mes, a virem buscar os distinctivos, na
da de 7 de 9 horas de noite. A sua di-

ALFANDEGA

Esta repartição arrecadau hontem a quan-
tia de 23600\$18; sendo, em ouro 60:54\$755

Art.º 3.
Contrario.
Logo er
dia, na q
os projec
Fernando
municipa
tenção do
jecto n.
nheiro el
permissã
tribuir, p
electricos
duzes dos
aço. Dest
particular
n. 33, de
civil Joa
da constr
partido
vá termit
Companh
nico.
A sessã
da tarde.

O dr. c
os segun
Transf
capitão l
para a
2.º para
11.º para
— O ch
no levan
trada do
— Per
gão aos
serviço
muito cu

Ilustração 1 - *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 29/04/1905. (Jornal oferecendo espaço em suas páginas para anúncios)

No entanto, é preciso reconhecer que alguns grandes jornais e revistas, como *Jornal da Exposição*, *Kosmos*, *Gazeta de Notícias*, *Correio Paulistano*, entre outros de maior circulação, podiam seleccionar os anúncios que melhor se encaixavam à perspectiva do periódico. Mesmo assim, a oferta monetária de indivíduo, de empresa ou de outro seguimento sempre prevalecia como o principal critério da seleção. Normalmente, as empresas que podiam pagar pelo espaço cobiçado eram aquelas que ofereciam produtos próprios da cultura dos principais leitores dos grandes periódicos. Os responsáveis pelos jornais também disputavam a preferência das empresas comerciais e industriais mais cobiçadas.

Por outro lado, havia também jornais de pequena circulação e fora dos parâmetros dos grandes periódicos que dedicavam seus anúncios ao público ao qual serviam. O *Jornal Correio da Noite*, dirigido por Victor Silveira, em que Lima Barreto colaborou, é um bom exemplo. Ele se dedicava a defender a população pobre do Rio de Janeiro, principalmente em relação às questões políticas. No *Correio da Noite*, o critério de escolha da publicidade não era o fator financeiro, mas sim as empresas mais acessíveis à gente pobre. Na verdade, eram as duas coisas, pois a população suburbana representava grande parte dos consumidores do Rio de Janeiro, tendo em vista que a alta sociedade era extremamente reduzida. Era bom para a maioria das empresas receber a

credibilidade de um jornal tão dedicado às causas populares. Veja como os anúncios aparecem no *Correio da Noite*:

INDICADOR COMMERCIAL

Não é um simples reclame, pois, nesta secção, só indicamos algumas casas commerciaes que, de facto, estão em melhores condições de servir a população.

A' VICTORIA UNIVERSAL

é a fabrica de roupas brancas, á rua da Carioca n. 21, em frente ao Mercado de Flores, que continúa a vender todos os artigos por preços mais baratos do que em qualquer outra casa.

Este mez, a titulo de bonificação, ao povo, alguns artigos por preços quasi de graça!!..

21, Rua da Carioca, 21

Casa S. Feliciano

RUA DE CATUMBY, 2
TELEP. N. 846 -- VILLA

Em Catumby e suas adjacencias é o mais barateiro, em comestiveis em grosso e a varejo.

Filiaes :

CASA TAMCO — Rua Frei Caneca n. 230 — Telephone 1.029.

ARMAZEM SANTA CRUZ — Rua Bella de S. João n. 2 — Telephone n. 644 — Villa.

Visitem essas casas antes de abastecer suas despensas !

CRUZ & MOTTA

Ilustração 2 - *Correio da Noite*. Rio de Janeiro, 13/01/1915.

Nesse mesmo jornal, ao lado do *Indicador Comercial*, há também a propaganda de casas comerciais dos subúrbios, o que não era comum na imprensa da época, que era ocupada apenas por reclames voltados para a região central. Mas note-se que os anúncios feitos pelas casas comerciais dos subúrbios são menores e mais discretos que

os outros, indicando que o fator financeiro teve predominância mesmo nos jornais mais alternativos. Outro fator observável é que a fronteira de contato entre subúrbios e região central se deu também na secção de reclames do periódico, expressa na disposição dos anúncios:

NOS SUBURBIOS
As casas commerciaes, pharmacias, gabinetes dentarios, cinemas, etc., que mais vantagens offerecem a população suburbana, são as seguintes:

Casa Aymoré
Vasto sortimento de calçados, chapéus de cabeça e do sol, de todas as marcas e para todos os preços.
MANOEL BRANDÃO
Rua Manoel Victorino, 78 — Telephone n. 1.831 — Villa — Engenho de Dentro

Hotel e Restaurant Brazil
Desfrute a preços especiais para o operariado, Especialidade em Vinhos Verde, Vinho, etc.
LOURINCO & VIANNA
Rua Manoel Victorino, 155 — Engenho de Dentro

Fabrica "Paraiso"
Manufatura de Cachaça e Vinho de Cana e refrigerantes — Verdadeiro para almoço e a noite — Vários outros nos artigos nos 1314, marca especial da Fabrica Paraiso.
MARIO LEITE DE CARVALHO
Rua Manoel Victorino, 183 — Telephone n. 1.651-villa — Engenho de Dentro.

HERVÂNIO
S. Cosme e S. Damião
Completo sortimento de hervas, cascas, raizes, frutos, oleos e em suas bellissimas preparações, especialmente da Africa e da Bahia.
Consultas diarias pelo DR. A. SILVA
Rua Engenho de Dentro, 17

Ilustração 3 - Correo da Noite. Rio de Janeiro, 13/01/1915. (*Nos Suburbios: As casas commerciaes, pharmacias, gabinetes dentarios, cinemas, etc., que mais vantagens offerecem a população suburbana, são as seguintes.*)

A página de anúncios completa do jornal *Correio da Noite* nos aponta que a vida comercial do Rio de Janeiro se concentrava em torno do espaço reformado, onde as maiores empresas se aglomeravam.

No entanto, este jornal era uma exceção, a regra geral no campo jornalístico era outra. Olavo Bilac, numa crônica que escreveu para o Correio Paulistano sobre o modelo do jornalismo moderno no Brasil, definiu a relação de dependência da imprensa moderna com os anúncios. Ele diz que:

A imprensa não poderia deixar de ser industrializada, num século de tão espalhado e profundo industrialismo. Ainda é possível, graças a todos os deuses, a existência de jornalistas apóstolos e sacerdotes, pregando as boas idéias, e batalhando as boas batalhas, em favor da verdade e da justiça; mas o jornal não pode ser feito, sustentado, e imposto ao público, somente pelos jornalistas. É preciso distinguir. Um jornal é um organismo extraordinário e até absurdo, formado de vários órgãos diferentes, que se conjugam mas se contradizem. Na primeira coluna de um jornal moderno, há o artigo de fundo, em que o diretor sustenta as suas idéias, ou as idéias do seu partido. Mas adiante, há o terreno neutro da colaboração literária, crítica ou política. Mais adiante ainda, há o noticiário, em que impera o repórter, cuja principal obrigação é manter sempre acordada e excitada, com escândalo ou sem ele, a curiosidade do público. E, enfim, há o vasto domínio do anúncio, que é independente e soberano, e onde o dinheiro é rei. Todos esses órgãos funcionam juntos, uma aliança em que não é preciso que haja coerência (...) Mas onde a incoerência e a contradição, num bom jornal moderno, se mostram mais claramente, é na comparação do domínio da redação com o domínio dos anúncios. (...) Sem esse industrialismo, o jornal não poderia viver. Pode existir ainda hoje o tipo antigo e clássico do “jornalista-apóstolo”. Pode existir, e existe. Mas a imprensa não é um apostolado. No meio do noticiário de escândalo e dos anúncios, o artigo do doutrinador é como um púlpito sacro, plantado no meio de uma feira...³²

Na reflexão sobre a imprensa de seu tempo, Olavo Bilac chama a atenção para a necessidade de não ignorar sua característica industrial e de massa. Ele reivindicava uma ética flexível, que não recusasse determinados tipos de noticiário ou de publicidade, como a dos curandeiros, feiticeiros, videntes, cartomantes etc. Para ele, o jornalismo seguia apenas uma tendência inevitável de acompanhar o processo de industrialização que ocorria no Rio de Janeiro. A distinção feita na crônica entre “jornalismo apostolado” e jornalismo moderno, revela a diferenciação entre as folhas que acompanharam e protagonizaram as mudanças na imprensa e os que, por um motivo ou outro, resistiram às inovações.

O jornalismo “apostolado” “antigo” e “clássico” nunca foi extinto na história do

³² BILAC, Olavo. Crônica. In. *Correio Paulistano*, São Paulo, 24/11/1907. p.1. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional.

jornalismo brasileiro, ele sempre permaneceu, pois sempre houve bandeiras a serem defendidas; no entanto, um jornal pautado nesse modelo não durava muito, ou porque não conseguia se manter ou porque sua existência deixava de ter sentido. O jornalismo apostolado, representado por pequenos jornais, pequeno não no sentido de ser pouco lido, mas no sentido de ter poucos recursos materiais e técnicos, por muito tempo contrastou com o jornalismo “moderno”. Para Bilac, jornalismo não pode ser feito apenas com boa vontade, idéias e sonhos. Para sobreviver é necessário assumir o caráter de indústria e não se envergonhar de agir como tal, a idéia de pureza no jornalismo é uma ingenuidade. Segundo Juarez Bahia era fácil criar folhas, o difícil era mantê-las, por isso no início do século XX surgiram vários jornais, a maioria de vida efêmera.³³

Lima Barreto, por exemplo, teve uma experiência nesse sentido. Em meados de 1907, ele criou a *Revista Floreal*, uma revista literária cujo objetivo era ser um contraponto a outras revistas que contavam com a colaboração de escritores já consagrados do período, chamados por ele de “mandarins da literatura”. Mas seu objetivo principal era se tornar um escritor consagrado. O caminho para isso era a imprensa, como a grande imprensa não se abria a novos escritores ou eles não se adaptavam a ela, o escritor, juntamente com outros colegas do Café Papagaio, Alcides Maia, Antonio Noronha Santos, Domingos Filho, Fabio Luz, etc., criou a revista para publicar seus escritos e posteriormente facilitar o acesso a um editor.³⁴

A *Revista Floreal* era mantida apenas com a contribuição dos seus próprios redatores; não estavam sintonizados ao “espírito da época”, não se abriram ou não conseguiram se adequar às exigências que orientavam a imprensa moderna e industrializada. A revista sucumbiu no quarto número diante da incapacidade de se manter, já que a mesma não tinha publicidade comercial, nem inovações técnicas, nem variedades.³⁵ Ou seja, era muito pouco atraente aos leitores da época, portanto não era um periódico vendável. Olavo Bilac parecia ter razão: apenas boas batalhas e idéias não eram suficientes para mover um periódico.

A imprensa “moderna” e “industrializada”, na opinião de Bilac, nunca teria coerência, pois mesmo que esta mantivesse características do modelo antigo e clássico, como o poder de doutrinar, de formar a opinião pública, também precisaria abrir espaço

³³ BAHIA, Juarez. *Jornal, história e técnica*. São Paulo: IBRASA, 1972. p. 57.

³⁴ BARBOSA, Francisco de Assis. *A vida de Lima Barreto*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988. p. 133-134.

³⁵ Idem. p. 136

aos escândalos para atrair leitores, e também aos anúncios a fim de garantir recursos. Para o cronista, a falta de coerência não é manter esses diferentes espaços nas folhas, mas sim em relação à hipocrisia de alguns jornais, jornalistas e até leitores em não aceitar os contrastes, necessários, do modelo moderno de jornalismo. Eles exigiam uma ética impossível de ser seguida para os jornais-indústria que quisessem permanecer ativos e atuantes. A imprensa deveria ceder espaço para qualquer anúncio ou propagandas de caráter político, independente das convicções dos dirigentes do jornal, pois só assim ele sobreviveria, já que o mesmo seria resultado da junção desses elementos contrastantes.

No início do século XX, por exemplo, era comum encontrar críticas de jornalistas sobre a proliferação de práticas místicas na cidade do Rio de Janeiro; eles atacavam e denunciavam videntes, cartomantes, curandeiros, considerados charlatões que nada mais faziam do que extorquir pessoas de bem. No entanto, nos mesmos jornais em que se fazia o ataque a essas “crendices” e se noticiava alegremente a prisão dos feiticeiros, também circulavam diversos anúncios de curandeiros, cartomantes, videntes, médiuns, profetas, etc. Veja o que Lima Barreto escreveu em uma de suas crônicas, confirmando esta afirmativa:

Outra coisa que me surpreende, na leitura de seção de anúncios dos jornais, é quantidade de cartomantes, feiticeiros, adivinhos, charlatães de toda a sorte que proclamam, sem nenhuma cerimônia, sem incômodos com a polícia, as suas virtudes sobre-humanas, os seus poderes ocultos, sua capacidade milagrosa. Neste jornal, hoje, há mais de dez neste sentido.³⁶

Em outra crônica ele comentou sobre os anúncios, e com ironia detalhou como eles apareciam nas páginas dos periódicos e a eficiência dos curandeiros ocultistas:

Pelino, (...) resolveu consultar um curandeiro. Procurou os jornais, leu os anúncios e visitou então muitos que se anunciavam com grandes gabos. Leu o do professor Im-Ra, sacerdote de magia natural ou ortológica, capaz de dar saúde, beleza, amor, por um processo psicológico ainda desconhecido, etc, etc. Leu outros, mas aquele que mais agradou foi o Ergonte Ribeiro, ocultista explícito, curador de doenças da virtude, por meio (...) de instrumentos mecânicos esotéricos, cuja eficácia estava comprovada com 1452 atestados que

³⁶ BARRETO, Lima. Crônica: Anúncios... Anúncios.... In. RESENDE, Beatriz; VALENÇA, Rachel (orgs.). *Lima Barreto: Toda crônica*. Rio de Janeiro, Agir, 2004. p.244

MOLESTIAS

DE

SENHORAS?



PREPARADO DE **Bromil** PHARMACEUTICO

Esta preparação CURA radicalmente todas as molestias do UTERO, como sejam: HEMORRAGIAS, FLORES BRANCAS, FLUXO CERVICAL e outras molestias congeneres, acalma os dores e colicas da MATRIZ e regularisa a menstruação, seja ou não abundante o fluxo

Pelas propriedades tonicis e fortificantes que possui convem a todas as senhoras que soffrem de ANEMIA e CHLOROSE

APPROVADA PELA DIRECTORIA GERAL DA SAUDE PUBLICA DO BRAZIL

LABORATORIO DA **DAUDT & LAGUNILLA** SAUDE DA MULHER
Rua do Riachuelo, n. 430, RIO DE JANEIRO
(Antiga casa DAUDT & FREITAS, de Porto Alegre)

Inventores dos preparados:
A SAUDE DA MULHER,
BROMIL, BORO-BORACICA E
DEPURATIVO LYRA

GABINETE DE SCIENCIAS OCCULTAS do Prof. George Baçu

RUA VICTORIA, 129 - Telep. Cent.,
2371-Bragantina 171, S. Paulo-Brazil

Attende a todos os que o procuram das 15 ás 18 horas, á rua Victoria, 129, telep. 2371

Curas importantes tem realisado pelo occultismo, conforme tem comprovado a imprensa paulista. Attestados photographicos e dedicatorias dos curados desta capital acham-se no gabinete do professor BAÇU.

Consultas no Gabinete dias uteis 10\$000
Consultas no Gabinete dias feriados 20\$000
Consultas por carta para tratamentos a distancia 05\$000
Chamados a domicilio 30\$000

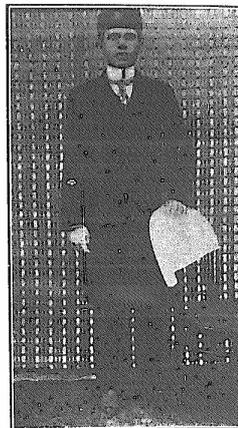
O Professor BAÇU' avisa aos seus amigos e clientes desta capital e do interior, assim como os clientes de todos os estados do Brasil que já está distribuindo os Receptores Indianos, medalhas por todos os cientistas universaes reconhecedores de suas virtudes para os casos da vida terrena, em todos os povos que tiveram a felicidade de os possuir. De milhares de pessoas nesta capital e de todos os logares que o professor tem estado, onde distribuiu os Receptores Indianos tem recebido cartas elogiosas pelos seus efeitos beneficos.

Força dupla — preço 20\$000

As instruções acompanham os Receptores, e toda a correspondencia e ped'os de Receptores acompanhados da importancia em vale postal ou carta registrada, devem ser dirigidos ao

Professor GEORGE BAÇU

NOTA — O professor avisa aos seus clientes que não tem gabinete no Rio nem representação em parte alguma.



Miserias dos grandes homens

Homero viveu pedindo esmolas.

Camões morreu quasi de fome.

Tasso não tinha dinheiro para comprar uma vela, afim de escrever á noite os seus versos.

Cervantes viveu e morreu quasi na mendicidade.

Ariosto queixava-se de não possuir mais que uma capa para cobrir a sua nudez.

Milton vendeu por dez guinéos o «Paraizo Perdido».

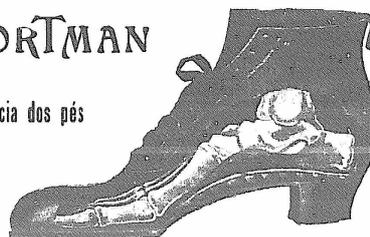
Corneille não teve um caldo em sua casa no dia em que morreu.

Esopo viveu na obscuridade e morreu á mingoa em Delphos (de desastre, dizem outros).

Murillo andava descalço nas ruas de Sevilha.

SPORTMAN

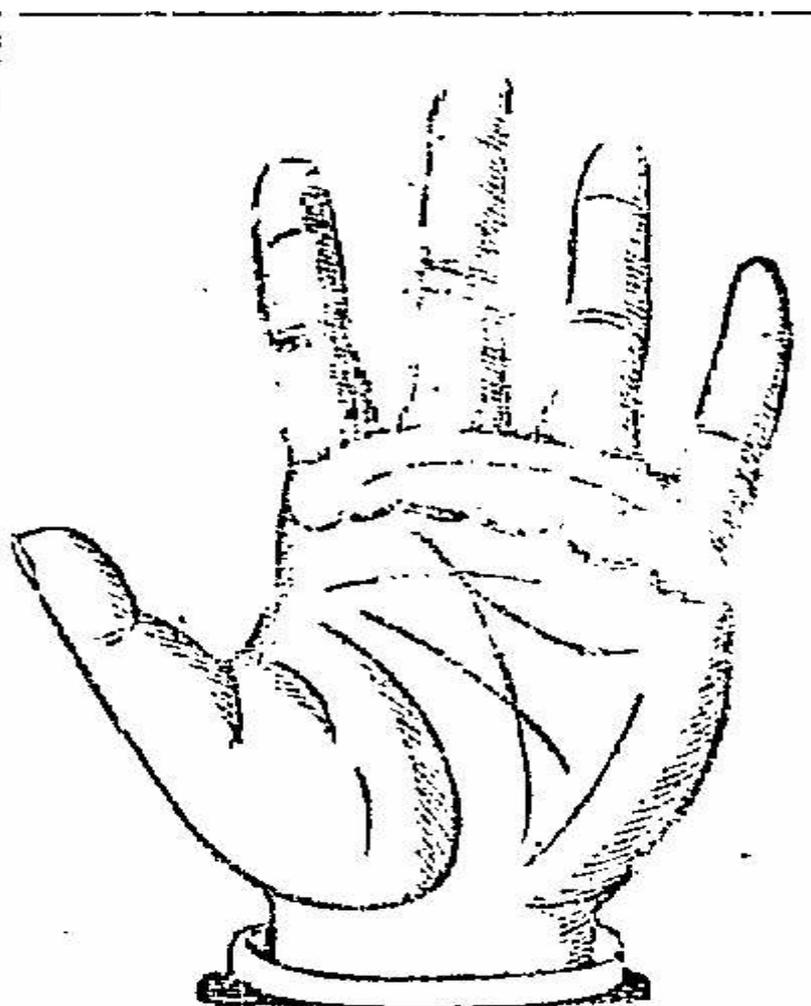
É a delicia dos pés



AVENIDA, 52 OOURIVES, 25

Ilustração 5 - Careta. Rio de Janeiro, 07/08/1915. (anúncio de ocultismo no canto direito superior)

³⁷ BARRETO, Lima. *Correio da Noite*. Rio de Janeiro, 17/12/1914. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional.



O FUTURO REVELADO

PROF. DR. DE VIREMONT se achará em seu escriptorio, Senador Dantas 44, sala de entrada. De 16 do corrente em diante, de 9 às 11 e de 1 às 5 horas. — Preços das consultas 10\$000, de 7 às 9 da noite 5\$000, há consultas nos domingos. Aceita chamados no domicilio. Preços 15\$, por dous 20\$, por um grupo 30\$000.

Ilustração 6 - *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 16/02/1906. (O futuro revelado: prof. dr. de Viremont se achará em seu escriptorio, Senador Dantas 44, sala de entrada. De 16 do corrente em diante, de 9 às 11 e de 1 às 5 horas. - Preços das consultas 10\$000, de 7 às 9 da noite 5\$000, há consultas nos domingos. Aceita chamados no domicilio, Preços 15\$, por dous 20\$, por um grupo 30\$000.)

A imprensa era o principal caminho para que essas práticas viessem a público, aumentado a clientela daquele que tivessem o anúncio melhor elaborado e convincente no Jornal ou revista mais renomado. O periódico tinha o poder de atribuir veracidade

aos serviços e produtos anunciados, levando pessoas a acreditarem nesses profissionais do ocultismo ou profissionais políticos. Outro exemplo é o jogo do bicho, tido, por muitos, como uma das maiores moléstias da sociedade, um vício que deveria ser extirpado. Entretanto, todos os jornais-empresa publicavam anúncios do jogo do bicho e até davam palpites.³⁸ O cronista estava convicto de que a crescente indústria publicitária e os políticos dependiam dos jornais, bem como os jornais dependiam deles.

05 RIA DEBARRAL CAMARA 06

BUENA DICA

Com toda certeza da hoje um destes bichinhos:

550

500

580

Cigana,

Ganharam hontem:

Antigo...	3203 Gr.	1	Avestruz,
Moderno...	650 »	13	Gallo
Rio...	151 »	13	Gallo
Salteado...	12 »	3	Burro
2º premio.	228 »	7	Carneiro
3º premio.	925 »	7	Carneiro

ANNUNCIOS

Ilustração 7 - *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 16/02/1906. (*Buena Dica: Com toda certeza da hoje um destes bichinhos.*)

³⁸ BILAC, Olavo. Crônica. In. *Correio Paulistano*, São Paulo, 24/11/1907. p.1. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional.

GAZETA DE NOTÍCIAS - DOMINGO, 16 DE FEVEREIRO DE 1906

P. S. N. C.
Companhia de Navegação de Portugal

ERLANGEN
FABRICA DE BATERIAS

GALICIA
FABRICA DE BATERIAS

CAIXA
FABRICA DE BATERIAS

PETROPOLIS
FABRICA DE BATERIAS

ASTORIA - CANTABRIGA
FABRICA DE BATERIAS

LORENA
FABRICA DE BATERIAS

S. PAULO
FABRICA DE BATERIAS

COMPANHIA DE LOTERIAS NACIONAIS DO BRASIL

HOJE DE 3 HORAS HOJE **AMANHÃ DE 3 HORAS AMANHÃ**

12:0000000050:0000000

Grande e extraordinário sortido

200:0000000

ATENÇÃO DE UM NABO

ABERTURA
DE 11 DE OUTUBRO

COKE
REDUÇÃO DE PREÇO

GRAUNA

ALUCADORA

CHOU ANIMAL

ATENÇÃO DE UM NABO

ABERTURA
DE 11 DE OUTUBRO

COKE
REDUÇÃO DE PREÇO

GRAUNA

ALUCADORA

Classe	1º Prêmio	2º Prêmio	3º Prêmio	4º Prêmio	5º Prêmio	6º Prêmio	7º Prêmio	8º Prêmio	9º Prêmio	10º Prêmio
1ª	200.000.000									
2ª		10.000.000								
3ª			5.000.000							
4ª				2.500.000						
5ª					1.250.000					
6ª						625.000				
7ª							312.500			
8ª								156.250		
9ª									78.125	
10ª										39.062

THEATRO APOLLO
HOJE - **BOZINA ANDRÉS HOJE**

LE LYCEE POULARDIN

TIM-TIM POR TIM-TIM

Ilustração 8 - Gazeta de Notícias. Rio de Janeiro, 16/02/1906. (página inteira de anúncios da jornal Gazeta de Notícias, com dicas do jogo do bicho e reclame de ocultismo)

O purismo de valores e princípios, na imprensa, esfacelava-se gradualmente à medida que o modelo empresarial/industrial se consolidava. Isso não quer dizer que os profissionais do jornalismo, especialmente a redação dos jornais e revistas, não tinham suas convicções e faziam da imprensa um meio de propagá-las. Mas tais convicções e concepções de mundo concorriam com o interesse comercial, que muitas vezes foi priorizado em detrimento dos interesses das outras convicções. Porém esses interesses não eram excludentes, como poderiam aparentar ser, pois quanto maior fosse o potencial econômico e comercial do jornal-empresa, tão maior seria sua influência e poder de alcance para imprimir seus ideais de cultura, política, cidade, etc.

Esse novo modelo de jornalismo faria, forçosamente, concessões ideológicas. A característica de apostolado deixou de ser predominante, o apostolado da direção, redação e colaboradores passou a conviver, sem muita coerência, com a expectativa e gosto dos leitores e com o apostolado dos patrocinadores, fosse do comércio ou da política. A partir de então, a imprensa passou a ter esse tripé de sustentação, alguns jornais dariam maior importância a um ou outro desses fatores, e essa decisão dependia em grande parte do sucesso ou insucesso do periódico em questão.³⁹

Na *Revista da Época*, um dos periódicos em que Lima Barreto colaborou, revista de pequena tiragem e de restrita colaboração, nota-se a preocupação e a importância desse tripé para a sobrevivência do impresso. Numa nota de abertura, a redação comunica aos leitores: (...) *três annos de existência trabalhosa é certo, porém sempre assegurado pelo apoio dos novos assignantes e do commercio, assim como do público em geral*⁴⁰.

Sendo assim, podemos notar que a maioria dos jornais em que Barreto e Bilac escreveram não se fechou aos anúncios comerciais e políticos. Não haveria de ser diferente, Nelson Werneck Sodré percebeu que no período em que esses cronistas atuaram na imprensa carioca, jornais clássicos como o *Jornal do Brasil*, tinham 85% das páginas ocupadas por pequenos anúncios.⁴¹

Havia propagandas com finalidades comerciais, culturais, políticas, etc., com o fim de promover algo ou alguém para a sociedade. Em praticamente todos os jornais que pesquisamos, seja de grande ou de pequena circulação, os reclames comerciais se

³⁹ Idem.

⁴⁰ *Revista da Época*, Rio de Janeiro, 03/1904. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional.

⁴¹ SODRÉ, Nelson Werneck. *Historia da imprensa no Brasil*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999. p. 346

repetem, são os mesmos, salvo algumas exceções.⁴² O que altera de um jornal para outro é a quantidade de anúncios, sua elaboração e a posição que ocupa. Além das propagandas políticas, do jogo do bicho, videntes e cartomantes, havia publicidades principalmente de seguros de vida, licores, cervejas, xaropes, elixires, cigarros, charutos, hotéis, restaurantes, dentistas, oficinas tipográficas, roupas, perfumes, gramofones, oficinas de serviços de diversos tipos, fósforos, velas, pacotes...⁴³

A propaganda nos periódicos, especialmente nos de grande circulação, como *Careta*, *Kosmos*, *Jornal da Exposição*, *Gazeta de Notícias*, *Correio da Manhã*, *Fon-Fon*, expressam a sintonia com países estrangeiros nos hábitos e costumes brasileiros. Nos produtos, marcas ou na apresentação do anúncio, era comum encontrar essa sintonia principalmente com Estados Unidos, Inglaterra e França. Na revista *Careta*, por exemplo, há o seguinte anúncio de perfume: *um jour viendra - perfume d'arys o mais luxuoso, adoptado pelas pessoas elegantes, o mais cativante e penetrante.*⁴⁴ Na revista *Kosmos* a sintonia com hábitos ingleses era expressa no anúncio de um chapéu: *os smarts só usam chapéus que têm esta marca.*⁴⁵

⁴² Por exemplo, a propaganda de apólice de seguro – terrestre ou marítimo – da *A Equitativa*, se repetia na *Careta*, *Kosmos*, *Correio da Manhã*, *Correio Paulistano*, entre outros.

⁴³ Os principais jornais pesquisados foram: A.B.C. (1916); Almanak do Tagarela (07/1903); A Lanterna (11/1902); *Careta* (1915 – 1920); *Correio da Manhã* (04/1905 – 06/1906); *Correio da Noite* (14/12/1914 – 31/12/1914); *Correio Paulistano* (10/09/1907 – 18/06/1908); *Diabo* (1903); *Fon – Fon* (04-12/1907); *Gazeta da Tarde* (1911); *Gazeta de Notícias* (07/01/1900 – 25/10/1908); *Jornal da Exposição* (09/1908 – 11/1908); *Kosmos* (03/1904 – 05/1908); *Quinzena Alegre* (1903); *Revista da Época* (10/1903 – 1904); *Revista Floreal* (05/1908); *Revista Contemporânea* (1918). Todos estão no: Catálogo de Periódicos Brasileiros do acervo da Fundação Biblioteca Nacional. Rio de Janeiro.

⁴⁴ *Revista Careta*. Rio de Janeiro, 08/05/1920. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional.

⁴⁵ *Kosmos*. Rio de Janeiro, 1905. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional.

UN JOUR VIENDRA

PERFUME D'ARYS O MAIS LUXUOSO,
ADOPTADO PELAS PESSOAS ELEGANTES
O MAIS CAPTIVANTE E PENETRANTE.



Extracto, Locção, Pó de Arroz, Sabonetes, etc.

ARYS, 3, Rue de la Paix, Paris — e em todas as perfumarias

Agentes exclusivos para o Brasil — **A. J. FERREIRA**

— 113, Rua General Camara, 113 — Rio de Janeiro —

Acha-se á venda em todas as casas de Perfumarias no Brasil

Além disso, a publicidade na imprensa colocava em evidência a região central do Rio de Janeiro na época. Os jornais, comércios, obras públicas, áreas de passeio público tudo se concentrava no espaço principal da cidade, o centro do Rio de Janeiro nas primeiras décadas do século XX. As ruas mais destacadas nos jornais pesquisados foram: rua Ouvidor, rua Dos Ourives, rua Da Quitanda, rua Gonçalves Dias, rua 7 de Setembro. Parecia que toda a vida comercial do Rio se concentrava nessas ruas próximas à Avenida Rio Branco, espaço onde o ideal de modernidade tinha sua maior expressão. O jornalismo era o espaço dos anúncios das ruas, prédios e construções, também arautos da modernização a que se submetia a cidade.

Periódicos de maior circulação, com mais recursos tecnológicos e constituídos como empresa, como o *Jornal da Exposição* e *Revista Kosmos*, além das propagandas comerciais, também faziam propaganda da Avenida Central e da prefeitura do Rio de Janeiro. A *Revista Kosmos*, além dos anúncios que fazia principalmente de produtos específicos para mulheres e crianças, que preenchiam as primeiras e as últimas páginas da revista, possuía, por exemplo, publicidade referente às obras da Avenida Central. Na revista havia propagandas da Prefeitura do Rio de Janeiro enaltecendo obras, atos, e personalidades.⁴⁶

O *Jornal da Exposição*⁴⁷ era praticamente todo constituído por publicidade da Prefeitura do Rio de Janeiro. Os anúncios comerciais dividiam espaço com os anúncios que propagavam os lugares atraentes da cidade. Em todos os números sempre estava estampada, na primeira página, a fotografia de uma personalidade política, ou de algum lugar notável, ou de um grande nome da literatura. Nas últimas páginas do jornal da exposição, o destaque era para propagandas de restaurantes, teatro, cinema, bailes, ou seja, atrações do “lugar modelo” da cidade carioca.⁴⁸ O reclame havia invadido a imprensa não apenas para aumentar o mercado consumidor, mas para reforçar valores, determinar hábitos e influenciar práticas.

O jornal *Correio da Manhã*, nos primeiros anos do século XX, dedicava toda a última página à publicidade, mas nas outras páginas também havia alguns anúncios

⁴⁶ *Kosmos*. Rio de Janeiro, 06/1905.; A revista era um dos principais instrumentos de publicidade da prefeitura e suas obras, ela mesma se definia como o veículo responsável pela: *descrição completa da Capital da República histórica, administração, monumentos, bellezas naturaes, dados estatísticos, ilustrações primorosas, trabalho lypographico de primeira ordem(...)*. Além de anunciar na revista, a impressão de obras editadas pela prefeitura do Rio de Janeiro, escritas por Ferreira Rosa, eram feitas pela oficina da *Kosmos*, sob a responsabilidade do editor Jorge Schmidt.

⁴⁷ O *Jornal da Exposição* circulou apenas durante a Exposição Nacional, entre setembro a novembro de 1908.

⁴⁸ *Jornal da Exposição*. Rio de Janeiro, 09-11/1908. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional.

dividindo coluna com outras linguagens do diário.⁴⁹ O Jornal *Lanterna - Revista de Ciências, Letras e Arte*, mesmo sendo dirigido por um grupo de acadêmicos, com uma pequena tiragem, fez uso significativo de publicidade, quase sempre no meio ou nas últimas páginas, dividindo espaço com a sessão de crítica literária do periódico. Sobre a publicidade desse jornal, é interessante notar que os anúncios presentes eram de produtos comumente utilizados no universo intelectual. Para citar alguns exemplos: pianos Ronisch, propaganda de licor, cigarros e editoras como a LAEMERT e C. LIVREIROS E EDITORES.⁵⁰

No *Correio Paulistano*, jornal em que Olavo Bilac escreveu a crônica sobre os anúncios, a publicidade estava presente em quase todas as páginas.⁵¹ O jornal diário era publicado com quatro ou seis páginas, destas sempre a segunda, a terceira e quarta eram ocupadas por propagandas que dividiam espaço com informativos, crônicas e folhetim.

A *Gazeta de Notícias*⁵² era repleta de anúncios espalhados por todas as páginas, mas que se concentravam principalmente na última, reservada exclusivamente para tal fim. No *Correio da Manhã*⁵³, a quarta página era toda reservada aos reclames. A revista *Fon-Fon*⁵⁴ abria e fechava seus números com propagandas, normalmente as cinco primeiras e as cinco últimas páginas eram dedicadas aos reclames. A pequena revista humorística e de crítica, em que Lima Barreto escreveu, *O Diabo*⁵⁵, teve também forte presença publicitária. Na revista *Careta*⁵⁶, as propagandas ocupavam normalmente as dez primeiras páginas e as duas ou três últimas.

Com o desenvolvimento da indústria de reclames e o surgimento de profissionais da propaganda que transformaram os anúncios, surgem vários jornais e revistas como *A Bruxa*⁵⁷, por exemplo, criada por Olavo Bilac juntamente com Julião Machado, com a finalidade de veicular propaganda comercial. Surgem também outros pequenos periódicos que se mantiveram em funcionamento em razão dos anúncios. O tempo de existência do periódico dependia, em parte, da quantidade de anunciantes que possuía e

⁴⁹ *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 04/1905-06/1906. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional.

⁵⁰ *A Lanterna*. Rio de Janeiro, 11/1902. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional.

⁵¹ *Correio Paulistano*. São Paulo, 09/1907. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional.

⁵² *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 08/01/1905-24/12/1905. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional.

⁵³ *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 04/1905-06/1906. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional.

⁵⁴ *Fon-Fon*. Rio de Janeiro. 04-12/1907. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional.

⁵⁵ *Diabo*. Rio de Janeiro, 1903. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional.

⁵⁶ *Careta*. Rio de Janeiro, 27/03/1915 – 18/12/1915. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional.

⁵⁷ *A Bruxa*. Rio de Janeiro. 05/02/1897. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional.

da fidelidade desses para com o veículo em que seu estabelecimento se fazia conhecido. Mas isso não era suficiente; caso o periódico não tivesse outras linguagens que atraíssem leitores, o mesmo não teria grande aceitação do público, conseqüentemente, deixava de ser interessante para a indústria de reclames.⁵⁸

Havia periódicos, como a *Revista Tagarela*, em que Barreto colaborou, que eram criados exclusivamente para a propaganda comercial. Grande parte dela era dedicada a anunciar produtos, serviços e marcas. Os redatores da revista a definiam como *Semanário crítico, humorístico, ilustrado e de propaganda commercial*. Essa revista fazia anúncio dela mesma a patrocinadores em potencial, no intuito de atrair comerciantes dispostos a investir no projeto. Observe o anúncio que circulava em seus números: *Chamamos a atenção do commercio para o systema inteiramente novo dos anúncios que por preços reduzidos publicamos na Tagarela.*⁵⁹

Com as mudanças na imprensa e na sociedade, os jornais e revistas transformaram-se em produtos de consumo. Nesse sentido, a redação dos periódicos parecia fazer propaganda dos próprios periódicos. Era essa uma das estratégias para aumentar o número de vendas e manter a fidelidade dos assinantes e investidores. As qualidades e novidades eram sempre anunciadas no próprio jornal como uma espécie de propaganda para chamar a atenção dos leitores, ampliando a visibilidade e a credibilidade do mesmo.

*A brilhante defesa que o valente Correio da manhã tem feito em prol da construção de casas nas zonas fabris, é um serviço de tanta magnitude que nenhum operário pode, sem incorrer numa clamorosa injustiça, deixar de sentir-se satisfeito e agradecido por tão grande obsequio. É sem duvida alguma resultado dessa defesa, a iniciativa do Dr. Pereira Passos, adquirindo os terrenos precisos e mandando nelles construir os primeiros grupos de habitações operarias...*⁶⁰

Outro exemplo é o da *Revista da Época*:

*Devíamos principiar pedindo alvíssaras aos nossos leitores pela excelente notícia que hoje temos a fortuna de lhes dar. Realmente o caso não é para menos, visto que no empenho que temos sempre mostrado de melhor quando possível a Revista da Época, tornando-a cada vez mais digna de sympathia que lhe é dispensada...*⁶¹

⁵⁸ SUSSEKIND, Flora. *Cinematógrafo de Letras: literatura, técnica e modernização no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. p. 62.

⁵⁹ *Revista Tagarela*. Rio de Janeiro, 07/1903. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional.

⁶⁰ *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 04/04/1906. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional.

⁶¹ *Revista da Época*. Rio de Janeiro, 03/1904. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional.

Os jornais e revistas assumiam esse aspecto de mercadoria, que poderia ser tanto vendida como comprada. Vendida aos leitores e comprada pelos comerciantes, mas principalmente pelas facções oligárquicas detentoras do cenário político. Os periódicos se esforçavam para manter o equilíbrio do tripé de sustentação do jornalismo.

Não era tão comum, mas havia também periódicos que não davam tanta importância à publicidade e praticamente se fechavam a ela. Era o caso da revista *Quinzena Alegre*, que tinha pouquíssimos reclames e parecia não fazer questão de aumentá-los. A postura que a revista assumia de críticas esnobes, não era de quem estava interessada em atrair pessoas dispostas a comprar um espaço em suas páginas. *Quinzena Alegre* fazia críticas aos burgueses, homens de negócio, magistrados austeros e outros homens aliados a uma literatura e ao jornalismo ligado ao governo e ao mercado. A revista, crítica e humorística, assumia o papel de oposição à grande imprensa carioca. Na nota de abertura é perceptível o descaso da revista em se enquadrar ao padrão do momento:

*Hás de notar que não te chamamos ainda de leitor amável nem dissemos que vínhamos preencher uma lacuna... e agora já é tarde para emendarmos a mão, numa phrase chilra de lisonja improducente. E vá, para que não te amofines, um cumprimento a garroche, desrespeitoso e grotesco, no piparote que te atiramos à pança com a familiaridade de um amigo velho. Ora viva, seu coisa!*⁶²

O tripé de sustentação da revista tinha uma das escoras maior que as outras. A escora correspondente à opinião dos idealizadores da revista, com maior expressão, se sobrepôs às outras, não permitindo o equilíbrio que o contexto exigia dos impressos que almejassem vida longa; equilíbrio este definido por Olavo Bilac como *incoerência e contradição*.⁶³

Nem Lima Barreto nem Olavo Bilac se importavam com o domínio dos anúncios; ambos entendiam a necessidade deste para o novo modelo de jornalismo. Tanto é que escreveram pouco sobre isso e, nas poucas vezes que escreveram, trataram os anúncios como algo próprio da imprensa, ou como uma necessidade da qual não se poderia abrir mão. Mesmo Lima Barreto, um dos principais críticos da grande imprensa, não utilizou a crônica para criticar algum periódico em relação aos anúncios comerciais.

⁶² *Quinzena Alegre*. Rio de Janeiro, 1903, p. 1. Acervo Periódicos Raros - Fundação Biblioteca Nacional.

⁶³ BILAC, Olavo. Crônica. In. *Correio Paulistano*. São Paulo, 24/11/1907. p.1. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional.

Barreto era contra o domínio político na imprensa, era contra jornais e revistas que dedicavam páginas inteiras à apologia de algum nome ilustre da política, não concordava com a idéia de que a imprensa, além de fazer propaganda comercial, fizesse propagandas políticas. Barreto não tolerava a subordinação da imprensa e dos intelectuais que nela trabalhavam às demandas políticas.⁶⁴ Já Olavo Bilac aceitava isso com facilidade, pois entendia que o periódico é maior do que qualquer propaganda política e que isso fazia parte da incoerência da imprensa que a mantinha viva.

A publicidade não era questão de sobrevivência apenas para o jornal, era também para todo aquele que se dispunha a viver da pena. Fossem poetas, repórteres, cronistas, desenhistas, redatores, todos transitavam, além da sua área específica, pelo universo da publicidade. Olavo Bilac, como bom conhecedor do mundo das folhas, apesar de sempre demonstrar a separação da crônica, sonetos e folhetins como o campo da literatura na imprensa distinto de outras linguagens, deu toques literários ao estilo jornalístico, emprestando seu talento a outros gêneros. Bilac não poupava esforços para agradar a clientela, estava sempre pronto a escrever qualquer outra linguagem que constituísse o universo do jornalismo, sem fazer caso do conteúdo ou da forma. Para ele, se bem pago, tudo era válido na imprensa. Para o cronista:

Ninguém escreve unicamente pela satisfação de escrever. Quem assina estas linhas já uma vez disse, num soneto, que não fazia versos

*ambicionando
das néscias turbas os aplausos fúteis;*

mas isso foi uma descaradíssima mentira rimada. Quem escreve, quer os aplausos fúteis das turbas néscias, e quer ainda ver pago o seu trabalho, não só em louvores, mas também em dinheiro. Escrever por escrever, é platonismo, que, como todos os platonismos, é inepto e ridículo.⁶⁵

Através da trajetória de Bilac e Barreto, podemos notar que a publicidade passou a ser uma das possibilidades para a profissionalização, inclusive para os homens de letras. De acordo com Flora Sussekind:

⁶⁴ BARRETO, Lima. Crônica. In. RESENDE, Beatriz; VALENÇA, Rachel (orgs.). *Lima Barreto: Toda crônica*. Rio de Janeiro, Agir, 2004. p.303-304.; BARRETO, Lima. Histrião ou Literato?. In. *Revista Contemporânea*. Rio de Janeiro. 15/02/1918. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional.; BARRETO, Lima. Até que afinal!. In. *A.B.C.* Rio de Janeiro, 02/02/1918. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional.

⁶⁵ _BILAC, Olavo. Crônica._ In. DIMAS, Antonio (org.). *Bilac, o jornalista: crônicas: volume 2*. São Paulo: Edusp, Unicamp, Imprensa Oficial. 2006, p. 47.

*Muitos dos homens de letras mais conhecidos no Brasil de inícios de século XX não hesitaram de aceitar o papel de homens-sanduíche também. Bilac, Emílio de Meneses, Hermes Fontes, Bastos Tigre são alguns dos que mergulham de cabeça na redação de quadrinhos e sonetos de propaganda.*⁶⁶

Havia a idéia de enobrecer o produto e, se ele fosse descrito com a arte poética de um escritor renomado, certamente faria mais sucesso. Quanto mais ornato e burilamento das palavras, mais atrativo se tornava o produto. A arte da escrita, a literatura artística estava a serviço da indústria de reclames como uma forma de enobrecer os anúncios, poetizando-os. Veja um verso-reclame escrito por Olavo Bilac: *Aviso a quem é fumante/ tanto o príncipe de Gales/ como o Campos Sales/ usam fósforos brilhante.* Já Lima Barreto não se enveredou por esse universo da publicidade, preferindo se omitir a esse respeito. Cremos que nenhuma empresa gostaria de deixar seus reclames aos cuidados de um escritor que representava, na época, a escória da humanidade: mulato, feio, pobre e opositor virulento ao consumismo e à vida elegante, definitivamente Lima Barreto não era vendável.

A indústria do reclame se relacionava até mesmo com a literatura brasileira, pois ela contribuiu para a transformação do livro em mercadoria a ser divulgada em anúncios. Os jornais e cartazes anunciavam obras literárias incentivando a compra das mesmas. O reclame era um dos recursos que tornava a obra uma mercadoria vendável. Lima Barreto, criticando os grandes escritores-jornalistas de seu tempo, na pessoa de Coelho Neto, que se omitia frente aos problemas sociais para tratar de pilherias, identificava a importância da propaganda para venda de livros: *...a fraqueza dos seus livros, a insuficiência da sua comunicação afetuosa, de forma que os seus livros não vivem por si, mas pela **reclame** que lhes é feita.*⁶⁷ O jornal era o melhor veículo para divulgação de um livro ou do autor do mesmo. Não apenas pelas notas publicitárias, mas também pelos livros publicados em forma de folhetins, onde os autores se consagravam através dos jornais e revistas, para depois publicarem seus livros, que a partir de então teriam maior aceitação por se tratar de um nome já conhecido. Como observou Padre Severiano, *no estado atual de nossa cultura, é o jornal que se lê mais, e não o livro. O poeta ou o prosador que quiser ver a sua obra passar de coisa escrita à*

⁶⁶ SUSSEKIND, Flora. *Cinematógrafo de Letras: literatura, técnica e modernização no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. p. 63

⁶⁷ BARRETO, Lima. Crônica. In. Revista Contemporânea. Rio de Janeiro, 15/02/1918. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional.

*coisa impressa tem que se submeter ao jornal. É ele que abrirá caminho ao livro, ou melhor, é ele que tem aberto caminho ao livro.*⁶⁸

Em muitos momentos, os homens das letras se tornaram homens-sanduíche, mesmo nas crônicas, anunciando o ideal político mais conveniente ou o modelo de cidade mais atraente. A profissionalização do intelectual pode ser associada ao trabalho de um anunciante. De certa forma, os escritores de crônicas eram anunciantes de idéias ou projetos específicos; se o intelectual anunciante fosse bom, a idéia era comprada, ou, ao menos, o público do veículo no qual ele escrevia aumentava.

O reclame invadiu não só as ruas da cidade carioca, mas também a imprensa. E nela aparecia como expressão da realidade do Rio de Janeiro. A indústria publicitária no Brasil revelava que a imprensa e a sociedade estavam em vias de transformação. Como demonstra Lima Barreto em uma de suas crônicas:

Quando bati à porta do gabinete de trabalho do meu amigo, ele estava estirado num divã improvisado com tábuas (...) lendo um jornal. Não levantou os olhos do cotidiano, e disse-me, naturalmente:

- Entra.

Entrei e sentei-me (...) Ele, porém, não tirava os olhos do jornal que lia, com a atenção de quem está estudando coisas transcendentais.

- Que diabo tu lêes aí, que não me dás nenhuma atenção?

- Anúncios, meu caro; anúncios...

- É o recurso dos humoristas à cata de assuntos, ler anúncios.

*- Não sou humorista e, se leio os anúncios, é para estudar a vida e a sociedade. Os anúncios são uma manifestação delas; e, às vezes, tão brutalmente as manifestam que a gente fica pasmo com a brutalidade deles.*⁶⁹

1.3 CRÔNICAS E CRONISTAS NO RITMO DAS MÁQUINAS

Outro fator digno de nota são as novas técnicas que invadiram o jornalismo e o cotidiano carioca, favorecendo o processo de profissionalização do escritor. As inovações tecnológicas no sistema de comunicação e locomoção influenciaram a imprensa e fizeram os letrados repensarem a sua produção literária. No início do século

⁶⁸ RESENDE, Padre Severiano de.; RIO, João do (org.). *Momento Literário*. Rio de Janeiro: Editora Criar, 2006. p. 103.

⁶⁹ BARRETO, Lima. Crônica: Anúncios... Anúncios.... In. RESENDE, Beatriz; VALENÇA, Rachel (orgs.). *Lima Barreto: Toda crônica*. Rio de Janeiro, Agir, 2004. p.243

XX, diversos aparelhos entraram no Brasil, outros se aperfeiçoaram e outros gradualmente se popularizaram. A sociedade passou a conviver diariamente com cinematógrafo, gramofone, fonógrafo, telégrafo, automóveis dentre outros aparelhos que modificaram o comportamento, a noção de tempo e a percepção das pessoas. A imprensa acompanhou esse processo, apropriando-se de novas técnicas de impressão e difusão que contemplassem as demandas do momento.⁷⁰

O desenvolvimento tecnológico propiciou novas maneiras de conceber, ver, sentir e experimentar o mundo. Junto aos aparelhos também surgiam sensações, palavras, sons, prazeres, relações com o tempo, ou seja, experiências nunca experimentadas até então. Amplas áreas do saber e do viver foram afetadas pelos avanços técnicos, contribuindo para a sensação de que o Rio de Janeiro estava em sintonia com os paradigmas do progresso. Essas novas experiências estiveram presentes na imprensa, seja na própria materialidade do impresso, na forma de reclames, na forma de informes ou narradas pela crônica. A revista semanal *Fon-Fon*, por exemplo, abria grande parte de seus números, em 1907, com a seguinte nota:

Poucas palavras apenas, á guiza de apresentação. Uma pequena... “corrida”, sem grandes despendidos de “gazolina”, nem excessos de velocidade. Para um jornal ágil e leve como o Fon-Fon!, não pode haver programma determinado (deveríamos dizer distancia marcada). Queremos fazer rir, alegrar a tua boa alma carinhosa, amado povo brasileiro, como pilheria fina e a troça educada, com a glosa inoffensiva e gaiata dos velhos hábitos e dos velhos costumes, com o commentario leve ás cousas da actualidade. Para os graves problemas da vida, para a mascarada política, para a sisudez conselheiral das finanças e da intrincada complicação dos princípios sociaes, cá temos a resposta própria, aperta-se a “sirene” e... “Fon-Fon!” “Fon-Fon!”⁷¹

O próprio nome da revista revela a influência automobilística e do novo som da buzina presente na vida urbana, mas a relação da revista com as inovações não para por aí. Ela ocupa ainda o universo da analogia que marca a semelhança da revista com o automóvel, num esforço de se colocar como a atraente novidade do campo jornalístico. Como a sirene do automóvel, ela se colocava na posição de chamar a atenção, alertar e até mesmo incomodar se necessário fosse. A revista *Fon-Fon* é a prova do apego que a imprensa tinha, no início do século, por tudo aquilo que era considerado moderno, visto

⁷⁰ SUSSEKIND, Flora. *Cinematógrafo de Letras: literatura, técnica e modernização no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. p. 29.

⁷¹ *Fon-Fon*. Rio de Janeiro. 1907. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional.

que se apegar aos símbolos da modernidade era também uma forma de se modernizar, podendo assim cumprir a função de ridicularizar a *glosa inoffensiva e gaiata dos velhos hábitos e dos velhos costumes*.⁷² Nesse sentido, podemos notar que o avanço tecnológico era anunciado, noticiado, discutido e comentado pelos periódicos e entre eles.

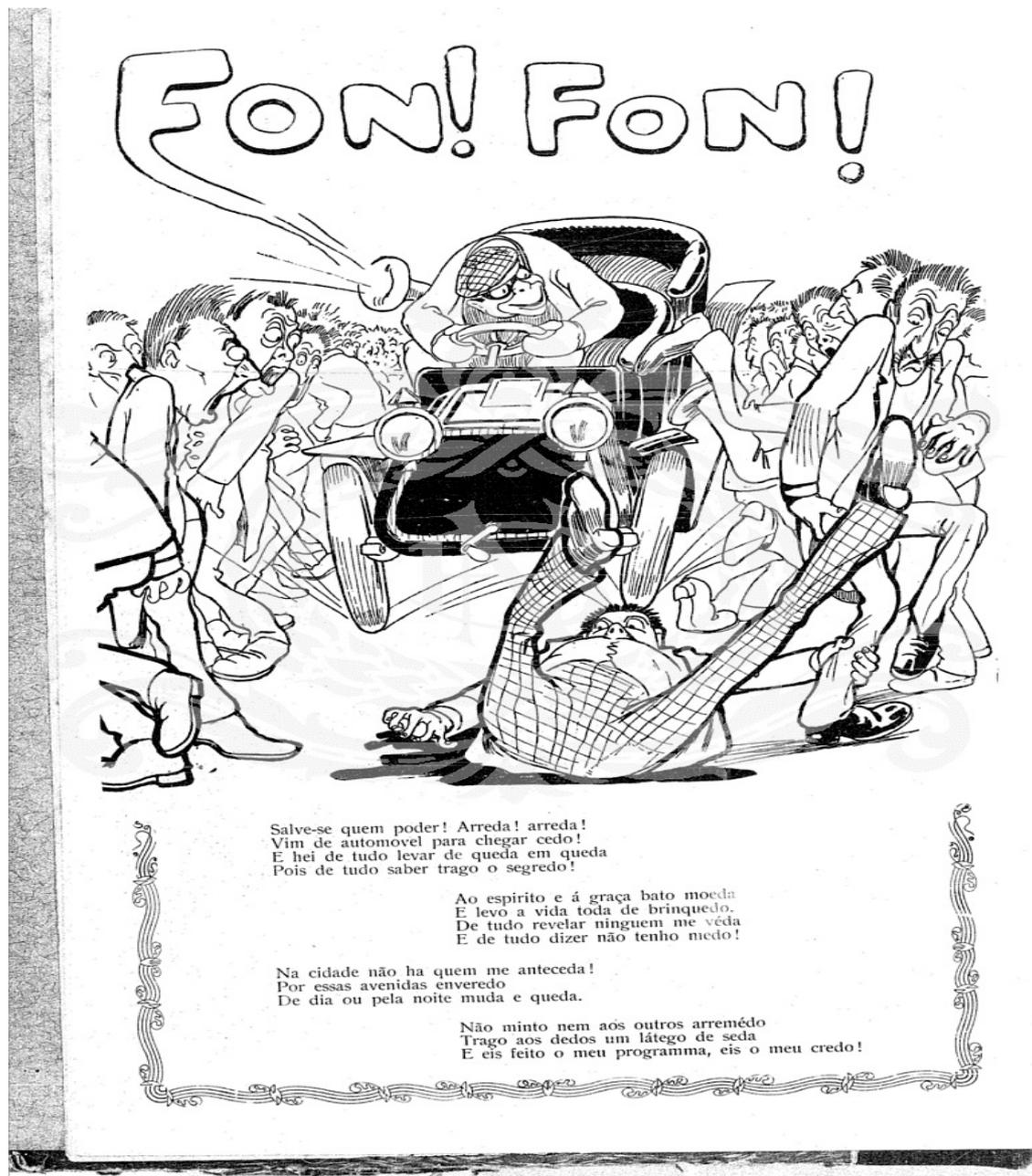


Ilustração 10 - *Fon-Fon*. Rio de Janeiro, 13/04/1907. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional.

Invento que se popularizou rapidamente foi o fonógrafo; o funcionamento do

⁷² Idem.

fonógrafo era uma atração em si, seu mecanismo chamava mais atenção do que os sons que eram gravados e reproduzidos. A máquina falante impressionou tanto que muitos comerciantes enriqueceram cobrando dos espectadores para assistir o espetáculo do fonógrafo em ação. No início do século, gramofones e fonógrafos eram aparelhos acessíveis a um grande número de pessoas. Era comum ouvir esses aparelhos ao longo das ruas, especialmente nas ruas centrais da cidade carioca. A aceitação desse invento, somada à fascinação da sociedade, fez jornalistas, como João do Rio, pensarem na possibilidade de a imprensa adotar as máquinas falantes e cantantes como mais um recurso para ampliar a difusão dos gêneros jornalísticos.⁷³

Embora, naquele momento, a criação de um jornal falante fosse irreal e impossível, pois ainda não havia se desenvolvido as técnicas de transmissão a rádio, os aparelhos de reprodução foram um dos fatores que impuseram aos periódicos a necessidade de reformulação; em especial, no que tange aos gêneros escritos de destaque no jornalismo, tais como a reportagem, a entrevista, a crônica e as informações. Claro que a popularização de fonógrafos e gramofones não é a única explicação, mas pode ser uma das explicações que fizeram esses gêneros jornalísticos se encurtarem e se aproximarem cada vez mais da língua falada, numa tentativa de não deixar o jornal perder seu valor frente às novas técnicas de difusão coletiva.



STOCK DE GRAMMOPHONES
 Novos modelos - perfeitos - vozes claras
 205000, 30570 e 284000
 Preços especiais para reclame da CASA EDISON
 Sortimento todo novo escolhido pelo chefe da casa, actualmente nos ESTADOS-UNIDOS.
 Discos modernos duplas e simples para todas as gostos--operas e operetas, canções populares de todos os países.
 Uma visita a
CASA EDISON
 Rua S. Bento, 26 S. Paulo

**LISTA DOS
 ESPECIFICOS VETERINARIOS
 DO
 DR. HUMBERTUS**

Ilustração 11 - *Correio Paulistano*. São Paulo, 13/06/1908. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional.

Os grandes periódicos tiveram condições de estabelecer uma relação mais

⁷³ BILAC, Olavo. Apud MENESES, Raimundo de. *Bastos Tigre e La Belle Époque*. São Paulo: Edart, 1966. p.355.

estreita com as inovações na área da impressão e da reprodução mecânica. A própria materialidade dos jornais nos revela o desenvolvimento significativo da indústria gráfica, e que este esteve restrito aos jornais e revistas mais renomados, embora parte da pequena imprensa, que não gozava dos mesmos recursos, pagasse para rodar seus números nas oficinas dos grandes jornais. Diferenciar as máquinas é também uma das formas de identificar o potencial e a função social dos jornais e revistas, pois os grandes jornais utilizavam máquinas velozes que em muito se diferenciavam das utilizadas pelos pequenos jornais operários.

Basta correr os olhos nos impressos para identificar como eles eram produzidos, ou melhor, em que máquina eles eram confeccionados. Os equipamentos eram valorizados, porque os proprietários dos jornais pareciam saber que este era um fator determinante para demonstrar a grandeza da sua empresa. Tratava-se de um indício que atestava a condição moderna do jornal, a prova de que ele caminhava lado a lado com o progresso. Pouco abaixo do nome do periódico, lá estava estampado o recurso maquinário do qual havia se originado. Na *Gazeta de Notícias* encontrava-se: *Steriotypada e impresso nas machinas rotativas de MARINANI, na typographia da sociedade anonyma “gazeta de notícias”*⁷⁴. No *Jornal da Exposição* aparece: *impresso em machina OPTIMA da DITTA NEBIOLLO & C. Torino – Itália – Material Typographico de LUCAS & C – Composto em Machina Linotipo de MERGENTHALER LINOTYPE COMPANY. – New York.*⁷⁵



Essa atitude pode ser entendida como a propaganda que o jornal fazia de si mesmo, não simplesmente para enobrecê-lo, mas também para demonstrar sua

⁷⁴ *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 13/11/1904. p. 1. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional.

⁷⁵ *Jornal da Exposição*. Rio de Janeiro, 14/09/1908. p. 1. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional.

superioridade em relação aos outros impressos, porque parecia haver uma concorrência entre os periódicos para determinar qual possuía o maquinário mais avançado no momento.

O *Jornal da Exposição*, inclusive, incentivava seus leitores a visitarem a Oficina do Jornal para conhecerem o processo de produção do periódico e também para apreciarem o quanto o jornal era avançado e fazia jus ao papel de imprensa oficial de cobertura da Exposição Nacional de 1908, no Rio de Janeiro. *Kosmos*, revista de extraordinário padrão gráfico, em nota de apresentação, chama a atenção do público para as qualidades da revista. O enfoque principal são os equipamentos utilizados que demonstravam a superioridade e o diferencial da revista em relação aos outros periódicos.

Não tentaremos attrahir o favor publico com promessas, as mais das vezes fallaciosas; contanto, conquistal-o, primeiro buscaremos merecel-o, até que factos se encarreguem de justificar nossos propósitos.

*Tomando por modelo as mais notáveis publicações ilustradas europeias e norte-americanas. Lutando com incríveis embaraços em um meio como o nosso tão mal aparelhado para semelhantes emprezas, coagidos a reunir em nossas officinas os mais variados ramos das artes graphicas, que em mais adiantados centros constituem verdadeiras especialidades...*⁷⁶

Naquele momento, a melhor forma de expor os avanços tecnológicos não era simplesmente apresentar ou nomear as máquinas, nem somente compará-las às oficinas de outros periódicos similares, mas igualar-se à tecnologia e aos periódicos produzidos nos países considerados exemplos de progresso e modernidade. Daí a necessidade em mencionar a origem dos aparelhos, como se isso bastasse para atestar a confiabilidade e a autoridade do impresso.

Nos pequenos jornais, não se encontrava a mesma autopublicidade que os grandes faziam em torno dos modernos equipamentos de impressão. Quase sempre defasado nesse aspecto, o que havia eram muitas promessas de melhoramentos, caso os jornais ampliassem o número de leitores e patrocinadores, quando não descaso total. O fato é que o processo de substituição dos arcaicos prelos pelas velozes máquinas rotativas, favoreceu o jornalismo, pois permitiu a diminuição do preço dos jornais, o aumento de tiragem, uma maior velocidade e qualidade na impressão, aumentando

⁷⁶ *Kosmos*. Rio de Janeiro, 01/1904. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional.

ainda mais a diferença, o poder de alcance e influência entre os grandes e pequenos periódicos.

Com todos os avanços que povoaram o cotidiano do Rio de Janeiro e de outras grandes capitais, o tempo imediato passou a ser um fator importante no jornalismo. A iluminação elétrica, os automóveis, os trens e a ampliação da rede ferroviária, os bondes, as novas técnicas de impressão e de reprodução propiciaram uma alteração da sociedade na sua relação com o tempo e com o espaço. Na imprensa, isto não foi diferente: ela passou a ter apego e valorização cada vez mais crescente pelo instante, fazendo com que outras linguagens jornalísticas, como a crônica, também se adaptassem à nova dinâmica que se impunha. Podemos perceber isso em uma reportagem do *Jornal da Exposição*:

*A notícia de ultima hora publicada hontem pelo Jornal da Exposição, foi tanto quanto possível, completo e traduz um sucesso para nossa reportagem. O fogo declarou-se às 3,35 da tarde e, às 4 horas, a ultima pagina do jornal entrea no prelo já com a notícia composta e emendada. Isto é, no pequeno espaço de 25 minutos, o nosso repórter tomou as suas notas no local do incêndio, transmitiu-as ao redator de serviço, que escreveu a notícia e o passou ao linotypista, pouco depois os revisores reenviava-lhe a prova para emendar e o paquete seguia para a página. E as 4,30, o Jornal da Exposição era distribuído. Por todo o recinto, narrando o começo do incêndio, que os bombeiros ainda extinguíam.*⁷⁷

No dia anterior a essa reportagem, que mais se parece com uma nota ou um reclame do próprio jornal, foi noticiado, na sessão “Ultima Hora”, um incêndio no cinematografo e no teatro de variedades, pertencentes a uma mesma empresa, a *Paschoal Secreto*.⁷⁸ Podemos perceber que, por meio dessa notícia o jornal se aproveitou para demonstrar suas qualificações descrevendo o rápido processo do acontecimento até a distribuição do jornal, o sucesso da reportagem estava na capacidade de comunicação do instante, na capacidade do jornal em se apressar na mesma medida em que o tempo acelerava.

O compromisso com o tempo imediato se apresentou também na divisão do trabalho no interior da oficina, onde cada um exercia uma função diferente, de maneira que a elaboração do jornal era feita em etapas, cada qual com seu profissional específico, contribuindo para maior qualidade e velocidade no produto final. A rapidez

⁷⁷ *Jornal da Exposição*. Rio de Janeiro, 07/09/1908. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional.

⁷⁸ Idem. 06/09/1908.

na distribuição possibilitou que periódicos diários produzidos no Rio de Janeiro circulassem em outros estados do país sem grande defasagem de tempo. Como o diário *Correio Paulistano*, em que Bilac contribuía. Ele enviava a crônica para São Paulo, onde o jornal era produzido, e com, no máximo, um dia de diferença o jornal já estava circulando no Rio de Janeiro com a crônica que Bilac enviara.⁷⁹ Enfim, todo o trabalho deveria ser rápido para que o jornal saísse no calor da hora com as notícias do momento, como se o periódico buscasse traduzir o movimento da cidade nas páginas impressas. Os jornais perceberam e incorporaram a significativa aceleração do tempo vivenciada no cotidiano carioca. A sensação de velocidade estava diretamente ligada à impressão de progresso promovida especialmente pela modernização dos transportes e da comunicação.⁸⁰

A difusão da fotografia foi outro fator que incentivou a mudança na forma de percepção da sociedade, além de influenciar muito a imprensa, que, por sua vez, teve grande contribuição na popularização do recurso. Formou-se então uma via de mão dupla: a imprensa propagava a fotografia, tornando-a parte do dia-a-dia dos cariocas; por outro lado, esse contato fez com que o público tivesse a imagem como uma verdadeira atração, obrigando a imprensa a renovar suas páginas e adaptar os outros gêneros diante do domínio das imagens. As transformações técnicas da litografia à fotografia nos jornais foi fator fundamental para a nova configuração da imprensa.⁸¹

Ainda no período imperial, a fotografia já havia aparecido no Brasil com os Daguerreótipos⁸², que produziam imagem única e não reprodutível. Porém, foi nas últimas décadas do século XIX que a fotografia aperfeiçoou a técnica e se difundiu pelo país. No entanto, os periódicos que pesquisamos indicam que foi somente nos primeiros anos do século XX que ela teria se consolidado como uma das principais linguagens constituintes dos impressos, principalmente em razão das novas técnicas fotográficas que apareceram nesse momento, como o recurso de fazer várias cópias do negativo e a possibilidade de imprimir os retratos no papel, através da técnica positivo-negativo. Junto à gradual popularização da nova técnica, eram disseminados os estabelecimentos

⁷⁹ *Correio Paulistano*. São Paulo. 01/12/1907-18/07/1908. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional.

⁸⁰ MELLO, Maria Tereza Chaves de. *A república consentida: cultura democrática e científica do final do império*. Rio de Janeiro: Editora FGV: Editora Edur, 2007. pág. 128.

⁸¹ BILAC, Olavo. Crônica. In. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 13/01/1901. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional.

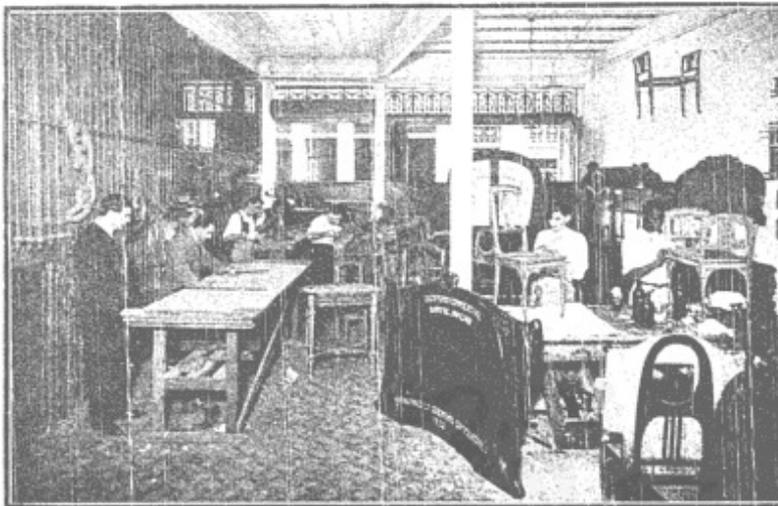
⁸² É um aparelho fotográfico inventado pelo francês Daguerre (1787-1851). O Daguerreotípo obtinha imagens fotográficas pela ação do vapor de iodo sobre uma placa de prata, a imagem é revelada após vários minutos de exposição sob forte luz, depois ela é fixada com hipossulfito de sódio.

fotográficos e os fotógrafos amadores. Segundo Flora Sussekind, este é outro aspecto que permite explicar a divulgação da fotografia e dos avanços técnicos nessa área.⁸³

No início do século XX, o cartão-postal e o álbum com imagens das cidades apareceram criando uma outra forma de perceber e retratar a realidade, além de divulgar as novas possibilidades da fotografia, como se estivesse preparando o terreno para que também nesse momento a fotografia passasse a ocupar lugar privilegiado na imprensa. Isso pode ser observado através dos reclames feitos pelos estabelecimentos fotográficos ou reclames de outros produtos que também se utilizavam da fotografia. O que é notado também no surgimento de diversas revistas e jornais repletos de fotos.⁸⁴

⁸³ SUSSEKIND, Flora. *Cinematógrafo de Letras: literatura, técnica e modernização no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. p. 33

⁸⁴ Idem. p. 31-33



**Marcenaria
Luso-Italiana**

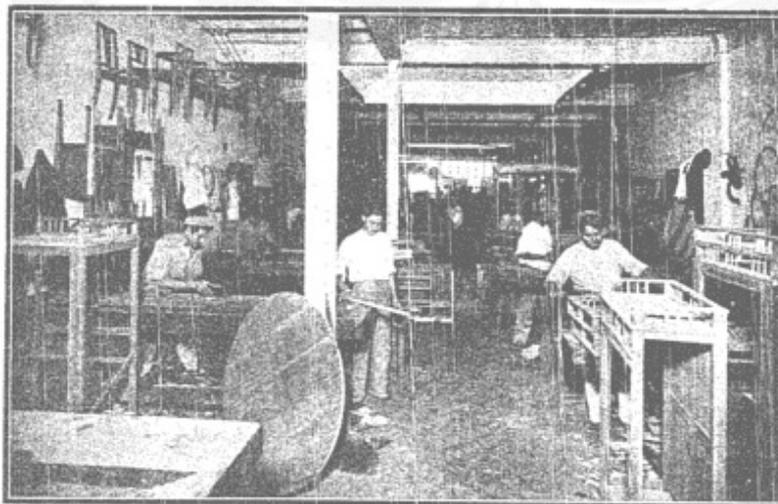
Rua des Arces 26

PROPRIEDADE DE
**Mobiliario
Chic**

Rua 7 Setembro 103

Dispondo de um habil corpo de artistas, esta nova officina de moveis está apta a fornecer ao publico as mais finas e luxuosas peças para guarnecer o interior de qualquer casa ou escriptorio.

Só trabalhando com madeira de lei, todo o mobiliario do seu fabrico destaca-se pela elegancia e belleza, mas tambem, impoido o valor real do novo estabelecimento, pela resistencia e durabilidade.



1º — Secção de
esculptura vendo-se
esquerda os
Snrs. B. Souza Barros e
José Pascale,
proprietarios da fabrica

2º — Grupo de amigos
no dia da inauguraçã

3º — Secção
de marcenaria

Ilustração 12 - *Careta*. Rio de Janeiro, 28/08/1920. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional. (Publicidade de uma marcenaria feita com fotografias)

L. MUSSO & C.

PHOTOGRAPHOS

10 — Rua da Urugayana — 10

RIO DE JANEIRO

Ultima Novidade Photographica
Retratos em côres (Monocromos)
de bellissimo effeito e inalteraveis.

COMPANHIA MINERVA

SEGUROS MARITIMOS E TERRESTRES

DEPOSITO NO THESOURO FEDERAL — 200.000\$000

Rua 1.º de Março, 29 — RIO DE JANEIRO

	DIRECTORIA	{ <i>Emilio do Amaral Ribeiro</i> <i>Affonso Burlamaqui</i> <i>Jacinto de Magalhães</i>	
---	------------	--	---

Ilustração 13 - *Kosmos*. Rio de Janeiro. 10/1907. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional.
(anuncio de um estabelecimento fotográfico)

Alguns periódicos não utilizavam fotografias, principalmente os de pequena circulação, como a revista *Quinzena Alegre* (1903), *O Diabo* (1903), *Revista Floreal* (1908), *Revista Tagarela* (1903), *O Debate* (1917). No entanto, quando os recursos impossibilitavam o uso da fotografia, ela era substituída pelas charges, caricaturas, e outras ilustrações, utilizadas com o fim de satisfazer o gosto que os cariocas tinham pelas imagens. Havia ainda pequenos jornais como *A Lanterna* (1902), *ABC* (1916), *Gazeta da Tarde* (1911) que utilizavam muito pouco a fotografia, saíam com uma ou, no máximo, duas fotos e, sempre que utilizavam, a estampavam logo na primeira página, o lugar de maior destaque. Havia também periódicos de grande circulação que não adotavam muito o recurso; nas raras vezes que o faziam também reservavam a primeira página para a fotografia, dentre eles se destacam especialmente a *Gazeta de Notícias* (1908), o *Correio da Manhã* (1905) e o *Correio Paulistano* (1907). Estes se tratavam de periódicos com circulação diária, o que inviabilizava o uso freqüente da fotografia. Diante desse empecilho, tais jornais criaram o suplemento ilustrado, uma edição especial que saía aos domingos ou mensalmente. Neles, havia fotografias e ilustrações em abundância. Já nos famosos impressos como *Kosmos* (1908), *Fon-Fon* (1907), *Careta* (1915) e o *Jornal da Exposição* (1908) o uso da fotografia era amplo.

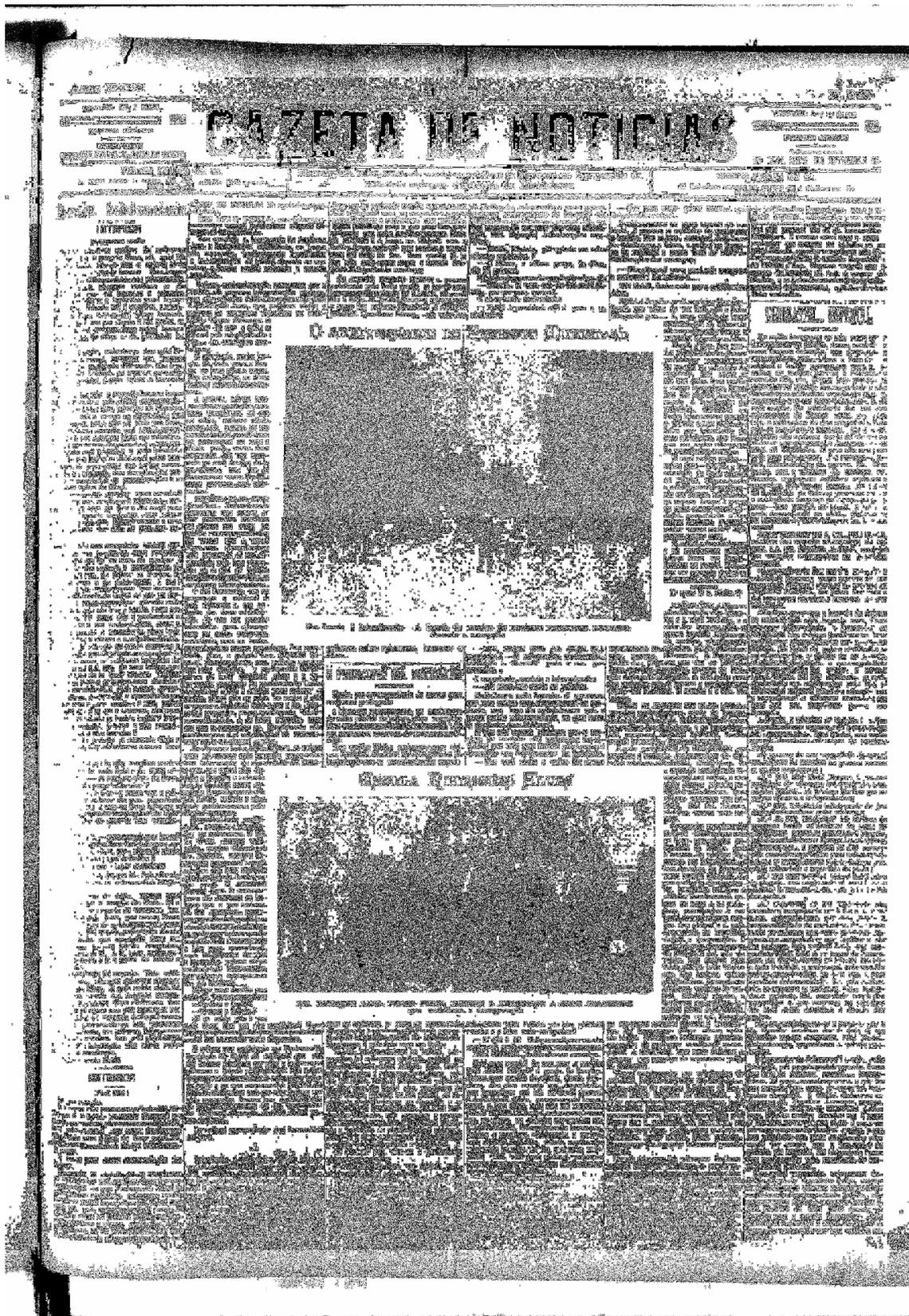


Ilustração 14 - *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 03/09/1905. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional. (primeira fotografia - *O aniversário do Prefeito Municipal*. Segunda fotografia - *inauguração da Escola Rodrigues Alves*. Com a presença de Rodrigues Alves, Pereira Passos, Medeiros e Albuquerque e outras autoridades).

A imagem fotográfica era tão desejada porque gerava uma “fé cega”, ou seja, ela era considerada não uma imagem do real, mas a própria realidade, sendo capaz de comprová-la ou até mesmo de desmenti-la. A confiança na imagem fotográfica era tão grande que ela podia tornar qualquer coisa real aos olhos do público. Foi diante dessa concepção de objetividade da imagem fotográfica, de sua capacidade de documentar e atribuir veracidade, que a imprensa, homens públicos e as empresas especializadas em reclames introduziram e investiram nas técnicas da fotografia. Havia um esforço para ilustrar o máximo possível. Além de atrativa, a imagem era evidência ou prova incontestável de um ideal, notícia, reportagem ou produto. Sobre o assunto, Olavo Bilac dizia:

*As palavras são traidoras, e a fotografia é fiel. A pena nem sempre é ajudada pela inteligência; ao passo que a máquina fotográfica funciona sempre e sob a égide da soberana Verdade, a coberto das inumeráveis ciladas da Mentira, do Equívoco, e da Miopia intelectual. Vereis que não hão de ser tão freqüentes as controvérsias...*⁸⁵

Nos jornais e revistas, ao lado da foto, havia sempre um artigo ou crônica associada à fotografia, quase sempre reafirmando a idéia da imagem, até porque o texto escrito parecia passar pela minimização de seu fascínio em detrimento da imagem. Ao lado de uma fotografia, ele exercia apenas a função de abalizador da mesma. O escrito tinha certa submissão à imagem, ocupando um lugar secundário nas páginas do impresso que se valia desse recurso. No segundo número do *Jornal da Exposição*, por exemplo, Bilac inicia a crônica comentando a fotografia, publicada no jornal, de um retrato produzido por uma máquina de tear capaz de elaborar retratos de seda. O cronista detalhava as vantagens do novo tear, reafirmando a intenção da imagem, que era expor uma das atrações da Exposição Nacional, como forma de enaltecer o evento.

O Jornal da Exposição publica hoje um interessante clichê fotográfico, reproduzindo um retrato tecido em seda no tear do Sr. E. Capitani, instalado no Palácio da Indústria. Estive ontem quase uma hora diante dessa máquina extraordinária, de uma simplicidade notável, e parecendo entretanto, pela certeza matemática do seu funcionamento, dotada de inteligência própria, de uma vontade autônoma. Todos se demoraram ali, como eu me demorei ontem, a admirar a maravilhada precisão com que os fios de seda, separando-se, unindo-se, tornando a separar-se, conjugando-se, combinando-se,

⁸⁵ BILAC, Olavo. Crônica. In. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 13/01/1901. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional.

*vão pouco a pouco formando a tela nítida, em que traçam todas as linhas, todos os contornos, todas as nuances do motivo do desenho, com uma absoluta perfeição nas combinações do claro-escuro. (...) É a primeira vez que se encontra no Brasil, e na América, este processo artístico, que é uma especialidade de poucos centros europeus da indústria(...).*⁸⁶

Olavo Bilac não compartilhava da sedução que a sociedade passou a ter pelas novas técnicas de difusão coletiva, principalmente com o cinematógrafo e o gramofone. Ele demonstrava, em suas crônicas, ter certa aversão ou receio pelas outras técnicas de difusão que, a cada dia, se popularizavam, esfacelando, aos poucos, o gosto das pessoas pelo texto escrito. O cronista, que passou maior parte da vida escrevendo para jornais e revistas, tinha certo medo do jornal ser substituído, perdendo seu valor, e conseqüentemente desvalorizando a produção dos homens de letras, como ele próprio, que viviam da colaboração para as folhas diárias. O receio que o cronista nutria quanto à possível extinção dos impressos, ajuda a explicar seu desprezo pelo advento das tecnologias de seu tempo relacionadas à comunicação.

Outro medo alimentado pelo cronista era em relação às transformações que ocorriam na imprensa em paralelo, e, ao mesmo tempo em confronto, com as invenções que aos poucos se popularizavam nas grandes cidades. Bilac cria que a vida profissional dos escritores-jornalistas estava ameaçada diante da realidade que se formava em torno de novas técnicas e do “império da imagem”. Ele utilizava a tese hiperbólica de que os homens das letras tornar-se-iam desnecessários para as páginas do jornal, para criticar enfaticamente o apelo de outras formas de linguagem nos meios escritos de comunicação, pois se a atenção se voltasse totalmente para as imagens, a imprensa apelaria para esse recurso, abrindo mão de outros. Bilac se enganou em relação ao risco de extinção do jornal, pois, na verdade, o que ocorreu foi exatamente o contrário: os periódicos proliferaram, embora a maioria deles seguindo uma outra dinâmica, a da imprensa empresa. Outro engano foi pensar que o espaço reservado aos homens das letras estava em risco, o que houve realmente foi a necessidade de adaptar-se às novas exigências, redefinindo a técnica da escrita em consonância com as transformações tecnológicas.

Olavo Bilac, diante dessas questões, dizia:

⁸⁶ BILAC, Olavo. Crônica. In. *Jornal da Exposição*. n° 02, p.1. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional.

Vem perto o dia em que soará para os escritores a hora do irreparável desastre e da derradeira desgraça. Nós, os rabiscadores de artigos e notícias, já sentimos que nos falta o solo debaixo dos pés... um exército rival vem solapando os alicerces em que até agora assentava a nossa supremacia: é o exercito dos desenhistas, dos caricaturistas e dos ilustradores. O lápis destronará a pena.

É provável que o jornal-modelo do século XX seja um imenso animatógrafo, por cuja tela vasta passem reproduzidos, instantaneamente, todos os incidentes da vida cotidiana. Direis que as ilustrações, sem palavras que as expliquem, não poderão doutrinar as massas nem fazer uma propaganda eficaz desta ou daquela idéia política. Puro engano. Haverá ilustradores para o louvor, ilustradores para a censura, ilustradores para a sátira, ilustradores para a piedade.

No jornalismo do Rio de Janeiro, já se iniciou a revolução, que vai ser a nossa morte e a opulência dos que sabem desenhar.

Saudemos a nova era da imprensa! A revolução tira-nos o pão da boca, mas deixa-nos aliviada a consciência.⁸⁷

Não há como negar que as imagens se proliferaram na imprensa, especialmente nas revistas ilustradas e nos suplementos ilustrados; apresentar este fato como uma ameaça ao ofício dos escritores era um exagero deliberado de Olavo Bilac de modo a produzir um efeito que chamasse a atenção do leitor. É bem verdade que as ilustrações provocaram mudanças na estrutura dos periódicos e nos gêneros que os compõem, mas não foi a morte declarada aos homens de letras. A relação entre imagem e escrito nunca foi uma relação de exclusão, mas de complemento. Tanto as imagens como os gêneros escritos, principalmente a crônica, trabalhariam juntos para doutrinar e propagar idéias, função que o jornal havia minimizado, porém nunca abandonado.

Lima Barreto também escreveu sobre a imprensa e a modernização dos artefatos mecânicos, assumindo uma postura crítica. Sua preocupação não era precisamente com os aparelhos de reprodução de som e imagem, mas com a forma como a grande imprensa de sua época se apropriou deles com perspectiva empresarial. Sua inquietação era com a maneira que os grandes jornais usavam esses recursos. Barreto não se importava tanto com o aparelhamento da imprensa, mas, principalmente, com o conteúdo que a imprensa circulava através dele. Quando muito, Barreto revelou seu estranhamento em relação aos novos aparelhos que ocupavam o cotidiano carioca, como no caso em que abordou, por exemplo, a substituição do traçado manual pelo registro mecânico.⁸⁸

⁸⁷ Idem.

⁸⁸ BARRETO, Lima. Crônica. In. *Gazeta da Tarde*. Rio de Janeiro, 18/06/1911. Acervo Periódicos Raros - Fundação Biblioteca Nacional.

A oposição constante de Barreto se direcionava aos jornais com publicações de grande tiragem, porque eles se moldavam de acordo com o público leitor, dando oportunidade como colaboradores somente a escritores já consagrados.⁸⁹ Dificilmente (,) um escritor inexperiente ou desconhecido era aceito como colaborador, mesmo assim, quando acontecia – na maioria das vezes por apadrinhamento – a direção do jornal exercia forte controle sobre os textos recebidos para publicação. No entanto, sua relação com os jornais de pequeno porte era amistosa, pois muitas vezes era tido como antípoda dos periódicos da imprensa empresarial que criticava. A maioria dos jornais com os quais Lima Barreto colaborou e manifestou simpatia foram jornais de pequena tiragem como *O Malho*, *Hoje*, *ABC*, *A lanterna*, *O diabo*, entre outros.⁹⁰

A combinação das novas técnicas de difusão coletiva com a imprensa empresarial levou a mudanças nos gêneros presentes nos periódicos. O gramofone, o cinematógrafo, o fonógrafo e outras inovações tecnológicas redefiniram a sensibilidade e a recepção dos leitores, que, aos poucos, desinteressavam-se pelos textos longos devido ao encantamento com as outras formas de ver e ler o mundo. Como o jornal-indústria era feito com o fim de obter lucros, era necessário torná-lo o mais atraente possível, criar uma linguagem, um estilo que agradasse ao maior número de leitores. Esse é um dos fatores responsáveis pela transformação na imprensa escrita, associado a outros, como os reclames e o apego ao tempo do imediato (instante). De acordo com o cronista.

O público tem pressa. A vida de hoje, vertiginosa e febril, não admite leituras demoradas, nem reflexões profundas. A onda humana galopa, numa espumarada bravia, sem descanso. Quem não se apressar com ela, será arrebatado, esmagado, exterminado. O século não tem tempo a perder.

*Já ninguém mais lê artigos. Todos os jornais abrem espaço às ilustrações copiosas, que pelos olhos da gente com uma insistência assombrosa. As legendas são curtas e incisivas: toda a explicação vem da gravura, que conta conflitos e mortes, casos alegres e casos tristes.*⁹¹

O ofício de cronista se modificava porque a imprensa e o público do jornal também haviam se modificado. Bilac, em sua trajetória jornalística, tem todo cuidado

⁸⁹ BARRETO, Lima. *Um longo sonho do futuro: diários, cartas, entrevistas e confissões dispersas*. Rio de Janeiro: Graphia Editorial, 1993. p.119-227-247-262.;

⁹⁰ SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. 4ª edição., Rio de Janeiro: Editora Mauad, 1999. p. 335,336.

⁹¹ Idem.

para agradar tanto ao público como aos responsáveis pelos periódicos em que colaborava, seja com romance-folhetim, soneto, versos-reclame, e, principalmente, com as crônicas.

O cotidiano carioca se acelerava gradativamente. As inovações tecnológicas, o processo de industrialização e as reformas na cidade tornavam a vida no Rio de Janeiro mais dinâmica. Além disso, a imprensa também se modernizara e seguia um novo ritmo de trabalho, que parecia acompanhar o movimento das ruas da cidade. Como Bilac afirmava, o público tinha pressa e a redação também. Os cronistas entraram nessa correria e tiveram que sintonizar suas crônicas com a nova realidade. Os textos jornalísticos tornaram-se mais sucintos e objetivos, mais informativos e menos opinativos. A crônica não se manteve intocável, porém, foi nesse período que ela mais se diferenciou dos outros gêneros jornalísticos, como o espaço reservado à opinião e à crítica.⁹²

A crônica resistiu à tendência de padronização da linguagem jornalística, mas também se adaptou a ela, tornando-se o espaço literário por excelência do jornalismo. Os homens de letras, ao elaborarem suas crônicas, pareciam querer diferenciar sua produção das demais, para se identificarem como literatos. Nesse sentido, a excessiva ornamentação foi, para alguns, o caminho preferencial para delimitar as fronteiras do campo literário, do artístico com aquilo que era puramente jornalístico. Bilac buscou se opor ao coloquialismo próprio das reportagens e do noticiário. Chegou até a noticiar em versos nas “Gazetas rimadas” ou mesmo em suas crônicas.⁹³ Procurava tornar seu espaço no jornal um espaço diverso, para assim garantir a manutenção de sua colaboração no impresso.

Os cronistas, bem como todos os colaboradores do jornal, produziam uma escrita próxima à pressa do cotidiano urbano, que cada vez mais se acelerava; a perseguição pelo instante foi responsável pelo fortalecimento da crônica na imprensa, que parecia funcionar como notícia, mas marcadamente diversificada do noticiário. Era o gênero que melhor unia o literário com o jornalismo no contexto em questão. O gênero que parecia estar no cerne da percepção de uma aceleração do tempo e da busca pela modernização. O tempo-corrosão, a pressa cotidiana da virada de século fez os jornais,

⁹² CANDIDO, Antonio. *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas – SP: Ed. Unicamp/ Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.

⁹³ BILAC, Olavo. Crônica. In. *Gazeta de Notícias*. 03/09/1905.; BILAC, Olavo. Crônica. In. *Kosmos*. 10/1905.

revistas e seus textos curtos terem maior importância que o livro que era mais difícil de ser reproduzido, e se debruçava demoradamente sobre alguma idéia. Mas, de acordo com Flora Sussekind, alguns escritores se adaptaram à nova forma de encarar o tempo, alguns até fizeram romances com capítulos curtos e objetivos que mais pareciam um livro de crônicas. Enquanto outros tentavam desacelerar o tempo criando idéias eternas como uma tentativa de fugir do tempo-corrosão próprio da era das máquinas.⁹⁴

A crônica, como gênero mais enxuto, era uma nova forma de se fazer literatura, a partir de uma escrita mais ligeira, forma mais apreciada pelos leitores da época. Mas alguns escritores de crônicas quiseram conservar o estilo rebuscado, prolixo e preciosista, resistindo à simplificação. A crônica foi um dos gêneros mais cultuados no início do século XX, adequados à época da escrita vertiginosa.⁹⁵ A literatura parecia ter se curvado às exigências da imprensa diária, todavia conservando seus aspectos literários. Os escritores adotaram uma escrita mais condizente com as exigências da época em vias de modernização. Lima Barreto, por exemplo, com a limpeza de sua prosa, escrevia crônicas diretas, objetivas, e de fácil entendimento, concebia a crônica como o espaço privilegiado da literatura no jornal, assim como o folhetim.

No caso de Bilac, podemos notar que em algumas crônicas ele resiste à tendência do momento de adotar uma escrita mais objetiva, informativa e satírica, fazendo questão de demonstrar a diversidade de sua produção artística com o jornalismo. Isso pode ser observado no excesso de vocativos, sinônimos, palavras chamativas, frases de efeito, abandono de assuntos corriqueiros, analogias com outras temporalidades que não o imediato, que foram recursos utilizados pelo escritor como meio de delimitar precisamente o espaço do texto jornalístico com o do texto literário. Um esforço de diferenciação demonstrado, principalmente, nos textos antípodas aos textos jornalísticos.

Mesmo a crônica bilacquiiana se submeteu à simplificação, suavizando a linguagem e minimizando o requinte gramatical. Se compararmos a crônica às suas poesias e aos seus discursos proferidos na Academia Brasileira de Letras, em conferências, ou solenidades políticas, torna-se ainda mais notável a simplificação, quase uma obrigação do próprio gênero e da sua finalidade. O cronista acompanha o

⁹⁴ SUSSEKIND, Flora. *Cinematógrafo de Letras: literatura, técnica e modernização no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. p. 103.

⁹⁵ CANDIDO, Antonio. *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas – SP: Ed. Unicamp/ Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.

processo de reaparelhamento das empresas jornalísticas e reconhece que a mediação de aparelhos mecânicos fez dos homens de letras escritores profissionais, ou operários da imprensa e não escritores-artistas. Há em Bilac ora recusa ora assimilação das aceleradas mudanças alimentadas pelo desejo de modernização, o que expressa a complexidade de caráter do cronista.⁹⁶

1.4 HÁ DE TUDO UM POUCO: CRÔNICAS, CRONISTAS E O JORNALISMO DE VARIEDADES

No início do século XX, as revistas de variedades ou ilustradas se destacaram em relação aos demais periódicos. Elas apresentavam uma proposta diferenciada do que se tinha até então. As revistas ficaram conhecidas como *Ilustradas* porque grande parte do seu espaço era destinada às imagens e, como de *Variedades*, porque traziam uma variedade imensa de assuntos para agradar diversos tipos de leitores. A idéia era atrair o maior número possível de leitores diante do pequeno, porém crescente, público leitor e consumidor da época. A revista aparece como um intermediário entre o jornal e o livro, com custo mais baixo que o livro, ao alcance de poucos naquele momento por ser dispendioso, e com mais diversidade que o jornal. O formato e conteúdo das revistas simbolizavam o “espírito da época”, o passo dado pela imprensa rumos aos novos tempos que se apresentavam.⁹⁷

Encontrava-se de tudo um pouco nas revistas, de notícia policial à literatura infantil. Tudo era aceito com o objetivo de atender a todos os gostos no âmbito do mercado. Esta estratégia é uma das razões do sucesso do negócio da revista. Exemplo disso são as revistas *Kosmos*, *Careta*, a *Revista da Semana*, etc. Porém, sob um olhar mais atento, por traz do título *variedades*, percebia-se a predominância de uma tendência, que funcionava como carro chefe direcionador das revistas. Conforme elucidada Sergio Micelli, a maioria dessas revistas, *Revista da Semana*, *Kosmos*, *A Rua do*

⁹⁶ DIMAS, Antonio. Entre o gabinete e a redação. In. *Bilac, o jornalista: Ensaios*. São Paulo: Edusp, Unicamp, Imprensa Oficial. 2006. p.119-130.

⁹⁷ MARTINS, Ana Luiza. *Revistas em revista: imprensa e práticas culturais em tempos de República*, São Paulo (1890-1922). São Paulo: Fapesp: Imprensa Oficial do Estado, 2001. pág. 40.

Ouvidor, Fon-Fon, Careta, etc. Visava atingir um público essencialmente feminino.⁹⁸

A consolidação das revistas ilustradas, que passava inevitavelmente pelos recursos modernos e práticos que atendessem às novas exigências dos leitores e à dinâmica da cidade, inspirou também os jornais. Sobretudo no que se refere à questão da variedade, os jornais diversificaram significativamente seu conteúdo, sem mencionarmos os suplementos ilustrados, outra evidência da sintonia com as revistas ilustradas e de variedades. Mesmo assim, havia diferenças evidentes entre as revistas e os jornais, os distinguindo perfeitamente.

⁹⁸ MICELLI, Sergio. *Poder, sexo e letras na República Velha*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1977. p. 76.

Suplemento Ilustrado

AN O ANO II

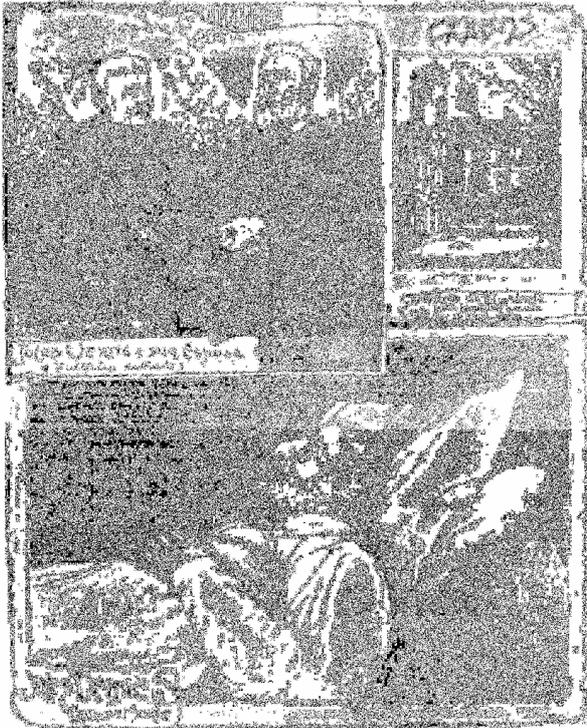
GAZETA DE NOTÍCIAS

1905, 30 DE ABRIL

LILO VERNER

A MORTE DE UM GRANDE ROMANISTA POPULAR

Liло Verner, um dos mais famosos romancistas populares do Brasil, morreu em São Paulo, no dia 28 de abril, vítima de uma doença prolongada. O autor de obras como "O Rei do Rio", "O Rei do Mar" e "O Rei do Céu" deixou uma obra vasta e popular, que marcou profundamente a literatura brasileira do século XIX. Sua morte é considerada uma grande perda para o povo brasileiro, que sempre encontrou em suas histórias um reflexo da vida e dos sentimentos da época.



Liло Verner nasceu em São Paulo, em 1830, e faleceu em 1898. Foi um dos mais importantes escritores populares do Brasil, autor de obras como "O Rei do Rio", "O Rei do Mar" e "O Rei do Céu". Sua literatura refletia a vida e os sentimentos do povo brasileiro da época, tornando-o um dos mais queridos e populares escritores do século XIX. Sua morte, ocorrida em São Paulo, no dia 28 de abril, é considerada uma grande perda para o povo brasileiro, que sempre encontrou em suas histórias um reflexo da vida e dos sentimentos da época.

ILUSTRAÇÃO



ILUSTRAÇÃO



OS DEUSES POLIETRA PARA AS CRIANÇAS

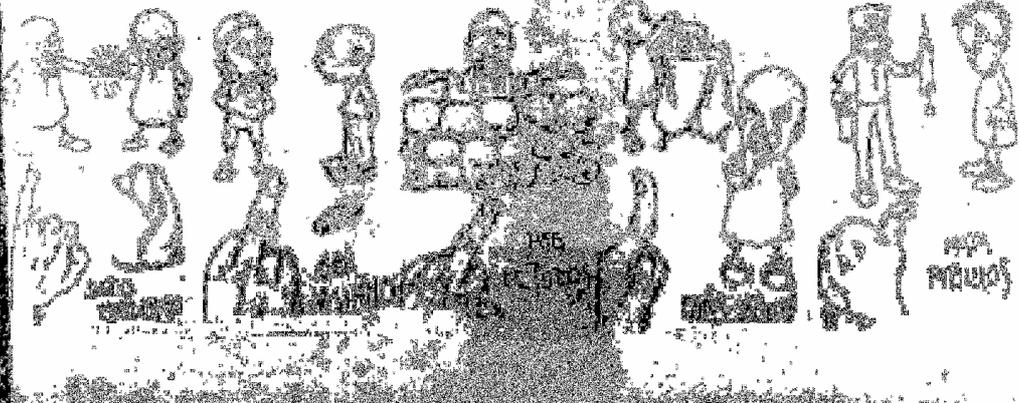


Ilustração 15 - Gazeta de Notícias. Rio de Janeiro, 30/04/1905. Acervo Periódicos Raros - Fundação Biblioteca Nacional.

Os jornais passariam a ter uma série de atrativos que se voltavam para a curiosidade do momento, o estudioso Juarez Bahia nos aponta algumas delas. Ele afirma que nesse momento *inaugurava-se na então capital da república o placar de informações. Grandes tabuletas, penduradas nas fachadas dos jornais, mostravam a notícia de última hora, resumos de manchete, telegramas e comunicados precedentes de fontes nacionais e estrangeiras.*⁹⁹ A idéia do jornal esportivo, ou do placar de informação, ou do noticiário estrangeiro é a busca por atender às curiosidades dos leitores. Por exemplo, o uso do telégrafo e de correspondentes não era com a intenção de internacionalizar o jornal, mas de atrair a atenção para o público leitor que tinha curiosidades em relação ao exterior, principalmente em tempos de Primeira Guerra.¹⁰⁰

As notícias internacionais, feitas através do telégrafo, eram utilizadas por quase todos os jornais, que orgulhosamente se gabavam do contato com o exterior, mas Lima Barreto fez uma crítica a essa prática, típica do jornalismo na época, também confirmando que a idéia central não era internacionalizar o veículo. O cronista, ao enumerar alguns problemas no jornalismo do Rio de Janeiro, destaca que alguns jornais, como o Correio da Manhã, não tinham realmente um serviço de notícias internacionais. Ele dizia: *temos aqui uma sessão interessante: “o que vai pelo mundo”. Vou ter notícias da França, do Japão, da África do Sul, penso eu. Leio de fio a pavio. Qual nada! O mundo aí é Portugal só e unicamente Portugal.*¹⁰¹

Lima Barreto achava necessário esse contato com o exterior, mas desde que se realizasse com países realmente importantes e, tão somente, caso as notícias também o fossem. Para ele o interessante era saber sobre informações da política, e aspectos sociais de outros países, e não as notícias pitorescas comumente veiculadas que o cronista não julgava “edificantes”. Seria mais relevante se dedicar inteiramente às questões locais do que sustentar a hipocrisia de que o jornal fazia a cobertura do mundo. Podemos notar que nesse trecho Barreto revela ainda seu desprezo e insatisfação com os colaboradores de Portugal, nutrido pelo fato dos escritores lusos terem prioridade e melhor remuneração no jornalismo brasileiro do que escritores brasileiros do seu mesmo patamar.¹⁰²

Nos jornais do início do século, era comum encontrar, além de crônicas, notícias

⁹⁹ BAHIA, Juarez. *Jornal, história e técnica*. São Paulo: IBRASA, 1972. p. 57.

¹⁰⁰ Idem.

¹⁰¹ BARRETO, Lima. Crônica. In. *Gazeta da Tarde*. Rio de Janeiro. 18/10/1911.

¹⁰² Idem.

esportivas, movimento de câmbio, mercado do café, discursos de políticos e literatos, recomendações médicas, notas de repartições públicas, charges, folhetim, reportagens policiais, concurso de beleza ou concurso de soneto, avisos de associações, notícias sobre a vida social, sonetos, etc.¹⁰³ Olavo Bilac e Lima Barreto não questionavam essa variedade, mas lamentavam a prioridade e a dedicação que o jornalismo de forma geral dispensava a alguns de seus elementos constituintes. Veja o que Barreto diz, por exemplo:

Os nossos jornais diários têm de mais e têm de menos; têm lacunas e demasias. Uma grande parte deles é ocupado com insignificantes notícias oficiais. Há longas seções sobre, exército, marinha, estradas de ferro, alfândega, etc. de um interesse, ou melhor, se há neles interesse, toca a um número tão restrito de leitores que não vale a pena sacrificar os outros, mantendo-as. A reportagem de ministérios é de uma indigência desoladora. Não há mais nada que extratos do expediente; e o que se devia esperar de propriamente reportagem, isto é, descoberta de atos premeditados, de medidas em que os governantes estejam pensando (...) não se encontra.¹⁰⁴

Lima Barreto questionava a abundância de notícias oficiais e as reportagens de ministérios. A primeira porque se tratava de algo desnecessário que não precisava ocupar as páginas dos jornais. A segunda, porque as reportagens não focavam o que realmente era essencial sobre os ministérios. Barreto, conhecedor do universo jornalístico, sabia que o limitado espaço dos impressos não deveria ser ocupado com futilidades, mas com serviços úteis à maioria dos leitores. Na sua concepção de jornalismo, ele acreditava que a imprensa deveria cumprir a função de informar, opinar e formar opinião sobre questões emergentes na sociedade. O cronista segue:

Demais, não está aí só o emprego inútil que os nossos jornais fazem de um espaço precioso. Há mais ainda. Há os idiotas binóculos. Longe de mim o pensamento de estender o adjetivo da seção aos autores. Sei bem que alguns deles o não são; mas a coisa é com plena intenção dos seus criadores. Não se compreende que um jornal de uma grande cidade esteja a ensinar às damas e aos cavalheiros como devem trazer as luvas, como deve cumprimentar e outras futilidades.

¹⁰³ Almanak do Tagarela (07/1903); A Lanterna (11/1902); Careta (1915 – 1920); Correio da Manhã (04/1905 – 06/1906); Correio da Noite (14/12/1914 – 31/12/1914); Correio Paulistano (10/09/1907 – 18/06/1908); Diabo (1903); Fon – Fon (04-12/1907); Gazeta da Tarde (1911); Gazeta de Notícias (07/01/1900 – 25/10/1908); Jornal da Exposição (09/1908 – 11/1908); Kosmos (03/1904 – 05/1908); Quinzena Alegre (1903); Revista da Época (10/1903 – 1904); Revista Floreal (05/1908); Revista Contemporânea (1918).

¹⁰⁴ BARRETO, Lima. Crônica. In. *Gazeta da Tarde*. Rio de Janeiro. 18/10/1911. Acervo Periódicos Raros - Fundação Biblioteca Nacional.

*De resto, esses binóculos, gritando bem alto elementares preceitos de civilidade, nos envergonham.*¹⁰⁵

Binóculo era uma coluna diária publicada no jornal *Gazeta de Notícias* (1907-1914), que se dedicava excepcionalmente a aconselhar pessoas a seguir determinadas regras de comportamento e moda, ou seja, o que usar, onde usar, como usar, principalmente como agir em lugares públicos, em especial, nos ambientes da Avenida Central. A coluna fez tanto sucesso que os jornais adotaram em suas folhas sessões semelhantes, viviam a observar os comportamentos das pessoas e determinar regras de etiqueta na alta sociedade, como padrão a qualquer cidadão. Aqueles que se dedicavam a tal prática ficaram conhecidos como *binóculos*.¹⁰⁶ Barreto se indignava com tal postura dos jornais, tendo em vista que eles consideravam os hábitos da alta sociedade carioca como o ideal de boas maneiras a ser seguido por todos. Lima Barreto via nos *binóculos* uma contradição, os conselhos eram dados como uma forma de se igualar aos países-modelo, num esforço de demonstrar que o Brasil não era diferente, porém os estrangeiros que tivessem contato com os jornais teriam a sensação de que não se sabiam as regras básicas de civilidade. Mas sua indignação maior era com os homens de letras, que se ocupavam dessa função, negligenciando o que ele acreditava ser o papel dos escritores. O cronista estende, ainda, sua crítica a uma outra sessão que ocupava as páginas da imprensa:

Existe, a tomar espaço em nossos jornais, uma outra bobagem. Além desses binóculos, há uns tais diários sociais, vidas sociais, etc. em alguns tomam colunas, e, às vezes, páginas. Aqui nessa Gazeta, ocupa, quase sempre duas e três.

Mas isso é querer empregar espaço em pura perda. Tipos ricos e pobres, néscios e sábios, julgam que as suas festas íntimas ou os seus lutos tem um grande interesse para todo o mundo. Sei bem o que é que se visa com isso: agradar, captar o níquel, com esse meio infalível o nome no jornal.

*Mas, para serem lógicos com eles mesmos, os jornais deveriam transformar-se em registros de nomes próprios, pois só os pondo aos milheiros é que teriam uma venda compensadora.*¹⁰⁷

Lima Barreto não fazia rodeios, simples e objetivo ia direto ao ponto, sem temer

¹⁰⁵ Idem.

¹⁰⁶ NEEDELL, Jeffrey d. *Belle Époque Tropical*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. p. 153, 154, 192, 200.

¹⁰⁷ BARRETO, Lima. Crônica. In. *Gazeta da Tarde*. Rio de Janeiro. 18/10/1911. Acervo Periódicos Raros - Fundação Biblioteca Nacional.

as conseqüências. Não se furtou às críticas mesmo sabendo que no próprio jornal em que sua crônica veiculava havia grande espaço destinado às colunas sociais. A *Gazeta da Tarde*, “periódico empresa” de pequena circulação, que saía normalmente com seis ou oito páginas, dedicava boa parte delas à coluna social, como ele mesmo registrou. Daí a insatisfação de Lima Barreto em não aceitar que a imprensa dedicasse tanta importância às questões pessoais que não diziam respeito ao interesse comum, fazendo do jornal um trampolim para aumentar a notoriedade das pessoas, pois naquele momento ter o nome circulando nessas sessões representava aumento de prestígio e de popularidade, proporcionando satisfação pessoal. Os nomes próprios povoavam os periódicos, por serem um bom negócio para aqueles que desejavam dar visibilidade a seu nome, ao seu evento, ao seu elo familiar.

A ironia de Barreto ao dizer que os jornais deveriam se transformar em registro de nomes próprios, para serem lógicos com eles mesmos, revela a fascinação que a imprensa, de um modo geral, tinha por essa prática. Esse fascínio pode ser explicado pelo retorno que os jornais tinham, com o aumento das vendas e o poder de alcance para mediar a vida social de determinados ciclos de convivência, pois havia muitos leitores que compravam o jornal apenas para ver seu nome impresso na sessão, ou mesmo para saber quais nomes estavam impressos e por que estavam. Aniversário de Cicrano, festa de casamento de Beltrano, nasceu filho de Fulano... essas e outras são as notas que circulavam na sessão, algumas acompanhadas de breves comentários.¹⁰⁸ Esta função Barreto considerava desnecessária e, por isso mesmo, prejudicial à imprensa.

Sobre essas questões que Lima Barreto menosprezava e considerava inútil à imprensa, Olavo Bilac parecia pensar diferente, pois, nas ocasiões em que criticou o jornalismo via crônica, não foram essas suas preocupações. O que Barreto denominou “bobagem”, “pura perda” e “desperdício”, para Bilac, sendo “bobagem” ou não, tratava-se de espaços importantes para a característica de variedade que o jornalismo assumia e que garantiam o sucesso do negócio. O intolerável a Barreto era aceitável a Bilac.

Mas em outros aspectos os dois cronistas, que liam o jornalismo a partir do ofício que exerciam, arquitetaram opiniões com algumas semelhanças. Ambos, por exemplo, desaprovavam a postura da imprensa diante das notícias de criminalidade. No início do século XX, as reportagens policiais tinham espaço privilegiado nos jornais e este espaço era preenchido com longos textos e imagens. Os repórteres, fotógrafos e

¹⁰⁸ Idem.

desenhistas trabalhavam juntos para polemizar a respeito dos fatos policiais, tornando-os ainda mais surpreendentes e curiosos. Segundo Olavo Bilac:

*Uma grande descoberta científica e humanitária são noticiadas em três linhas: mas a um assassinato covarde, a um crime imundo que só revela a bestialidade dos criminosos, a uma façanha de bandidos vulgares que matam para roubar, a imprensa dedica, em edições repetidas, artigos de dez colunas, em que a literatura sinistra dos noticiarios colabora com a fantasia horripilante dos desenhistas.*¹⁰⁹

Interessante notar que Bilac nos mostra que as reportagens policiais e sensacionalistas se consolidaram no momento em que os periódicos prezavam cada vez mais a informação em detrimento da opinião e que as notícias jornalísticas estavam cada vez mais curtas e objetivas. A imprensa, na opinião do cronista, fazia uma inversão de valores, valorizando muito mais a criminalidade que outros acontecimentos realmente importantes para a sociedade, e isto estava expresso nas notícias. Sobre o mesmo assunto Lima Barreto destaca que:

*Os jornais enchem páginas e páginas sobre coisas de almofadinhas e transparentes, mas repelem tudo o que interessa os destinos da nacionalidade. Um crime vale mais do que um apelo à Nação para que se unam em prol da sua grandeza. Não é o criminoso que ganha com o crime; são os jornais. Os delinquentes se fizeram assim, para uso e gozo das folhas volantes.*¹¹⁰

Bilac identificava a inversão de valores apenas nas reportagens policiais, já Lima Barreto estendia sua lista a outras sessões, mas os dois concordavam que os exagerados artigos policiais configuravam um problema para o jornalismo. Pequenos crimes assumiam uma proporção enorme em função da forma como eram narrados pelos repórteres. Descritos, desenhados e fotografados, os infratores ganhavam notoriedade na sociedade como grandes criminosos, aguçando o imaginário das pessoas nas ruas cariocas, que passavam a conviver mais intensamente com a criminalidade, que aumentava, acompanhando o crescimento demográfico da cidade. Ambos os cronistas relatam que o crime havia se tornado algo lucrativo aos jornais, por isso assumia posição de destaque, solapando outros aspectos da sociedade e outras funções da

¹⁰⁹ BILAC, Olavo. Crônica. In. *Correio Paulistano*, São Paulo, 01/12/1907. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional.

¹¹⁰ BARRETO, Lima. Crônica. *Careta*. Rio de Janeiro, 25/10/1919. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional.

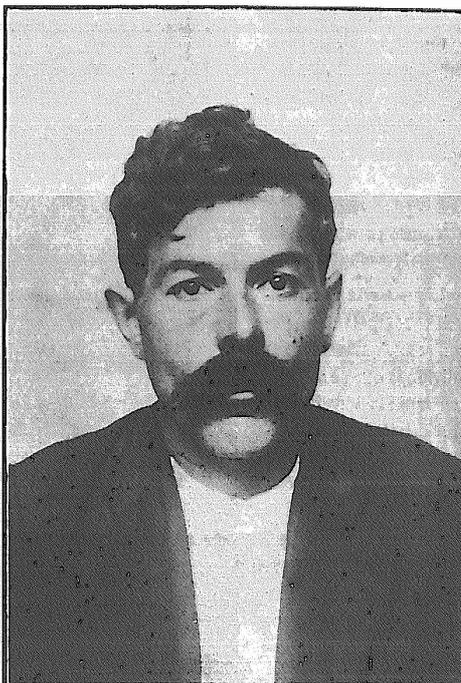
imprensa. Barreto dizia (...) *nossos jornais dão muita importância aos fatos policiais. Dias há que parece uma morgue, tal é o número de fotografias de cadáveres que estampam; Não são bem Gazetas dos Tribunais, mas já são um pouco Gazeta do Crime e muito Gazetas Policiais.*¹¹¹ A muita importância que os jornais davam aos fatos policiais, à qual Barreto se refere, foi testificada e, mais que isso, experimentada por ele. Inúmeras vezes os diários, diante de um novo crime, deixavam a sua crônica de fora por falta de espaço à espera de um lugar no número seguinte.¹¹²

¹¹¹ BARRETO, Lima. Crônica. *Gazeta da Tarde*. Rio de Janeiro. 18/10/1911. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional.

¹¹² BARRETO, Lima.; SANTOS, Antônio Noronha (org.). *Correspondência: ativa e passiva* (1º tomo). São Paulo: Brasiliense, 1956. p. 162.



Dr. Leopoldo de Lima e Silva que acompanhou o Barão de Werther á Gavea



O jardineiro Abílio Antonio Figueiredo



O cadáver de Antonio dos Santos (vulgo Gasolina) onde foi encontrado

Uma loucura da guerra

ALBERTINA. — Que pena não haver na guerra actual batalhões de amazonas.

DEOLINDA. — Ora essa! Que idéa! Terias coragem de te alistar?

ALBERTINA. — Pudera não! Havia de ser um encanto aprisionarmos um par de bonitos tenentes.

Conselho de uma mãe á sua filha :

— Lembre-se, minha filha, que eu quero que você seja uma menina de bem, que nunca minta sem necessidade.

— OO —

A vontade energica é uma esperança meio realizada. — CAMILLO CASTELLO BRANCO.

O tratamento que os periódicos davam aos casos de criminalidade, no início do século XX, é evidenciado por Sidney Chalhoub ao abordar um episódio ocorrido no Rio de Janeiro, que começou com a discussão entre os estivadores Antônio Paschoal e Zé Galego, concluindo-se com a morte do último e a prisão do primeiro. De acordo com o autor, os principais jornais do Rio de Janeiro relataram, cada um a seu modo, uma versão do acontecido; em especial, o jornal *Correio da Manhã*, com uma versão sensacionalista, mais próxima dos parâmetros da imprensa na época, e o *Jornal do Commercio*, com uma versão mais “sóbria” e “econômica” do fato. Nesse caso específico, a versão do *Correio da Manhã* trazia mais detalhes que os depoimentos do processo criminal movido contra o estivador acusado como responsável pela morte de Zé Galego. Os noticiários, em suas descrições, misto de investigação e imaginação, forjavam imagens de vilão ou herói, honesto ou golpista, trabalhador destemido ou violento inescrupuloso aos envolvidos em fatos desse gênero, provocando a empatia ou antipatia dos leitores em relação aos personagens construídos, que poderiam ter a imagem atribuída transformada à medida que o caso fosse solucionado. Utilizando como referência a obra *Recordações do escrívão Isaías Caminha*, em que Lima Barreto ironiza a exigência que os diretores faziam aos redatores para que inventassem informações e indícios¹¹³, Sidney Chalhoub afirma que:

*Os jornalistas se empenhavam em inventar detalhes extravagantes que enfeitassem a notícia, causando sensação ao público e assegurando a venda de muitos exemplares do jornal. O sensacionalismo começava já na cabeça – isto é, nas considerações que precedem uma notícia – e se caracteriza por um filosofar de caráter moralizador. Dessa forma, não é de admirar que a morte de Zé Galego tenha ocupado duas colunas de página inteira no dito periódico(...)*¹¹⁴

Olavo Bilac, em uma de suas crônicas, confirmava este gosto da imprensa pelos crimes, porém apontava que isto não era próprio do início do século XX, pois, desde meados do século XIX, já havia tal interesse.

Já em 1850, o grave e acaciano Ernest protestava contra essa perniciosa publicidade “que familiariza o povo com os atos de banditismo e crueldade”. E, naquele tempo os jornais tinham tiragens

¹¹³ BARRETO, Lima. *Recordações do escrívão Isaías caminha*. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, s.d. p. 201.

¹¹⁴ CHALHUB, Sidney. *Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores no rio de Janeiro da belle époque*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2001. p. 27-28.

*reduzidas; e ainda o atraso dos processos de gravuras não permitia ilustrar abundantemente a crônica criminal; e as crianças, ocupadas com a peteca e os soldadinhos de chumbo, não era freguesas das folhas diárias. Hoje, há as Marinoni; há a fototipia; e as folhas diárias são assinadas, compradas e lidas pelas crianças, porque todas elas, ou quase todas, ao lado dos artigos ilustrados em que exploram todos os escândalos de homicídio, roubo e devassidão, mantêm cessões atraentes, destinadas a infância: tudo vem no mesmo retângulo de papel, e os pequeninos leitores passam naturalmente da leitura dos contos ingênuos e das historietas jocosas à leitura das epopéias da patifaria... é uma escola... é a escola do horror!*¹¹⁵

Nesse fragmento da crônica, podemos notar que os artigos policiais escandalosos eram anteriores à transformação da imprensa, mas se consolidaram com sua modernização. Além disso, notamos ainda as distinções que Bilac descreve da imprensa do século XIX em relação ao início do XX. O jornalismo moderno, ou em vias de modernização, contava com os avanços tecnológicos, maior tiragem, mais leitores, menor preço e maior destaque na vida social. Nesse sentido, podemos entender também que a noção de variedade, presente nas folhas diárias, é também identificada como uma marca da modernização dos jornais, ligada diretamente às mudanças no campo tecnológico e no espaço urbano. Havia seções de entretenimento, absolutamente diversas, dividindo espaço no mesmo periódico, unidas pelo objetivo em comum de alcançar o maior número de leitores possível. Bilac, ao fazer essa relação entre os jornais de 1850 e os jornais do século XX, acreditava que, mesmo diante de todas as mudanças na cidade e no jornalismo, as pessoas continuavam as mesmas, com os antigos preceitos de outrora.

Olavo Bilac, ao diagnosticar esse aspecto dos jornais, tinha como modelo o jornalismo estrangeiro:

*Não há jornal de Paris, de Londres, de Berlim, de Roma, que faça o que fazem os jornais daqui, nesse particular. Porque diabo de razão há de a gente imitar o que os jornais estrangeiros têm de mau, e não há de aprender o que eles têm de bom? Lá fora, os jornais não dão, senão excepcionalmente, notícias de estupros, e raptos, de dramas passionais, de adultérios; e quando não querem privar o público do seu acepipe predileto, indicam o nome dos comprometidos por meio de simples, sóbrias, discretas e serenas iniciais...*¹¹⁶

¹¹⁵ BILAC, Olavo. Crônica. In. *Correio Paulistano*, São Paulo, 01/12/1907. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional.

¹¹⁶ BILAC, Olavo. Crônica. In. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 28/12/1900. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional.

Para Bilac, os jornais brasileiros deveriam seguir o exemplo dos jornais estrangeiros, que, em sua opinião, revelavam o avanço que os jornais do Brasil deveriam buscar. No entanto, apontava que o jornalismo brasileiro precisava apenas de alguns ajustes, não acreditava se tratar de graves problemas, pois mesmo os jornais-modelo possuíam defeitos.¹¹⁷ Nesse caso, a melhor saída seria dar o devido merecimento às notas policiais, sem exageros e fantasias.

Leitor e colecionador de periódicos, Lima Barreto, mesmo sem nunca ter feito viagem internacional, conhecia os jornais estrangeiros e também se baseava neles para analisar os jornais que circulavam no Rio de Janeiro. O cronista afirmava que os jornais *desprezam tudo o mais que forma a base da grande imprensa estrangeira. Não há as informações internacionais, não há os furos sensacionais na política, nas letras e na administração. A colaboração é uma miséria.*¹¹⁸ Para Barreto, tais questões seriam o que o jornalismo tem de melhor e, por isso, deveriam ser mais exploradas pela imprensa carioca, alterando assim a sua base de sustentação, fugindo dos escândalos policiais e notícias sensacionalistas para se espelhar naquela composta principalmente pelas novidades políticas e literárias.

De fato, o jornalismo, especialmente a grande imprensa, assumia essa característica de variedade. Lima Barreto não admitia que, mesmo repletos de gêneros diversos, os jornais tivessem certa escassez de conteúdo edificante, negligenciando o que ele acreditava ser a real função das folhas diárias. Olavo Bilac lamentava o grande espaço reservado aos conteúdos sensacionalistas em relação ao espaço em que se escreviam conteúdos mais significantes para a humanidade. Semelhanças e diferenças à parte, tanto Bilac como Barreto defendiam que o jornalismo deveria investir mais em literatura, e que, diante da variedade, a literatura deveria assumir maior peso.

Lima Barreto dizia:

*Seria tolice exigir que os jornais fossem revistas literárias, mas isso de jornal sem folhetins, sem crônicas, sem artigos, sem comentários, sem informações, sem curiosidades, não se compreende absolutamente. São tão baldos de informações que, por eles, nenhum de nós tem a mais ligeira notícia da vida dos estados. Coisas da própria vida da cidade não são tratadas convenientemente.*¹¹⁹

¹¹⁷ Idem.

¹¹⁸ BARRETO, Lima. Crônica. In. *Gazeta da Tarde*. Rio de Janeiro, 18/10/1911. Acervo Periódicos Raros - Fundação Biblioteca Nacional

¹¹⁹ Idem.

Não podemos negar que a publicidade, a inovação tecnológica e a própria dinâmica da sociedade reduziu o espaço dedicado à literatura na imprensa. Sonetos, contos, folhetins aos poucos desapareciam dos jornais e revistas, enquanto a crônica tinha espaço cada vez mais reduzido. Todavia, a perda de espaço não representava falta de credibilidade ou mesmo inexpressividade da crônica; pelo contrário, apesar de ter o espaço reduzido, ela era uma das principais atrações dos periódicos. A importância da crônica era crescente. Largamente utilizada pelos intelectuais da época, praticamente todos os jornais e revistas publicavam crônicas em todos os números, ao contrário dos outros gêneros da literatura, que eram publicados esporadicamente.¹²⁰

Observando as crônicas de Olavo Bilac, notamos que aquelas escritas e publicadas no século XIX eram bem maiores do que as do século XX, nos levando a crer que, enquanto a imprensa se modernizava, as crônicas encurtavam e se consolidavam como gênero ideal para a nova realidade.¹²¹ Mesmo com espaço limitado, ela era o gênero que mais visibilidade dava aos homens de letras. Já as crônicas de Lima Barreto tinham uma peculiaridade, aquelas publicadas em grandes jornais-indústrias, como *Fon-Fon*, *Careta*, *Correio da Manhã* eram ainda mais curtas que as de Olavo Bilac. Porém as que foram publicadas nos pequenos jornais como *Voz do Trabalhador*, *Correio da Noite*, *Gazeta da Tarde*, *A.B.C.*, *O Debate*¹²² eram grandes, algumas chegavam a ocupar mais de uma página.¹²³

1.5 NAS VITRINES DA IMPRENSA

As crônicas bilaquianas apareciam como atração nos jornais, em todos os

¹²⁰ CANDIDO, Antonio. Et. Al. *A crônica: gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas – SP: Ed. Unicamp/ Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.

¹²¹ BILAC, Olavo. Crônicas. In. DIMAS, Antonio (org.). *Bilac, o jornalista: crônicas: volume 1*. São Paulo: Ed. Edusp, Unicamp, Imprensa Oficial, 2006.; BILAC, Olavo. Crônicas. DIMAS, Antonio (org.). *Bilac, o jornalista: crônicas: volume 2*. São Paulo: Edusp, Unicamp, Imprensa Oficial. 2006.

¹²² *O Debate*. Rio de Janeiro, 02/09/1917. Periódico político dirigido por Astrojildo Pereira. RESENDE, Beatriz; VALENÇA, Rachel (orgs.). *Lima Barreto: Toda crônica: Volume I*. Rio de Janeiro, Agir, 2004. p.54.

¹²³ BARRETO, lima. Crônicas (1890-1919). In. RESENDE, Beatriz; VALENÇA, Rachel (orgs.). *Lima Barreto: Toda crônica: Volume I*. Rio de Janeiro, Agir, 2004.; BARRETO, lima. Crônicas (1919-1922). In. RESENDE, Beatriz; VALENÇA, Rachel (orgs.). *Lima Barreto: Toda crônica: Volume II*. Rio de Janeiro, Agir, 2004.

periódicos que pesquisamos¹²⁴, elas ocupavam lugar de destaque na primeira página. Em alguns exemplares, dentre artigos, notícias e crônicas, apenas o nome de Olavo Bilac é apresentado no sumário.

HOJE — 6 PAGINAS

SUMMARIO

1° e 2° paginas:

Chronica: *Olavo Bilac.*
Festa do trabalho.
Descoberta de um subterraneo
no Morro do Castello.
Os suburbios.

3° e 4° paginas:

Chronica theatral.
Tribunaes: Moeda falsa—O jury.
Assalto num bond.
5° de abril.
Instituto Commercial.
Prefeitura.
Arte commercial.
Polhetins: *O morto que mata—A
Filha Natural.*

SUPPLEMENTO ILLUSTRADO

Ilustração 17 - *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 30/04/1905. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional. (Sumário)

Suas colaborações eram anunciadas como um triunfo das folhas impressas, que se gabavam de ter tão ilustre nome em suas páginas. No lançamento do *Jornal da Exposição*, a imprensa o anunciava e descrevia seus atrativos e qualidades, dentre elas a figura de Olavo Bilac aparecia não como o diretor do veículo, mas como cronista. A *Gazeta de Notícias* trazia a seguinte nota: *o número de hontem é impresso em finíssimo*

¹²⁴ *Correio Paulistano* (10/09/1907 – 18/06/1908); *Gazeta de Notícias* (07/01/1900 – 25/10/1908); *Jornal da Exposição* (09/1908 – 11/1908); *Kosmos* (03/1904 – 05/1908). Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional.

*papel setim e tem em sua primeira página o retrato do Dr Affondo Penna. Bom trecho, muitas indicações preciosas para os visitantes do grande certamen, uma pequena chronica de Bilac e outras coisas. Contemplem o Jornal da exposição*¹²⁵.

O nome de Bilac estava sempre associado a outros grandes nomes do jornalismo e da literatura, como Medeiros e Albuquerque, José Veríssimo, João do Rio, Arthur Azevedo, Coelho Neto, entre outros. Alguns desses também colaboraram nos mesmos periódicos que Bilac. Até entre os notáveis ele se destacava. No livro *Momento Literário*, João do Rio definiu a notoriedade de Bilac e a fama de suas crônicas, entendendo-as como garantia de boa venda aos jornais:

*Todos o conhecem e todos o respeitam. Os editores vendem anualmente quatro mil exemplares de seu livro de versos, realizando o que até então era o impossível. Onde vá, o louvor acompanha-o. A cidade ama-o. (...) Há homens que guardam em cofres tudo quanto tem escrito de esparso na sua múltipla colaboração jornalística e não há um dia em que pelo menos não receba dos confins da província ou dos bairros aristocráticos meia dúzia de cartas chamando-o de admirável. (...) Quando escreve, os jornais aumentam a tiragem com as suas crônicas, e o seu estilo impecável aureola de simpatia todos os assuntos; quando fala suas palavras admiráveis, talhadas como em mármore e diamante, lembram os jardins de Academos e as prosas sábias do cais de Alexandre.*¹²⁶

Quanto a Lima Barreto, este não tinha a mesma notoriedade e, muito menos, era citado como um dos renomados escritores no início do século. Suas crônicas não ocupavam lugar de destaque nos periódicos em que colaborava. Nos periódicos de maior tiragem, elas tinham espaço limitado pelas outras sessões, quase sempre priorizadas em detrimento das crônicas, que ficavam à espera de um canto de página disponível para serem publicadas. Nos pequenos jornais, os mais distantes das vias de consagração, elas tinham um pouco mais de evidência, mas nada comparado à fama dos mandarins das letras, como ele mesmo costumava denominar os grandes escritores. O nome e as crônicas de Lima Barreto circulavam discretamente, com pouca visibilidade pela imprensa carioca. É importante ressaltar que, em alguns exemplares, suas crônicas foram publicadas na primeira página, todavia, o motivo de tais publicações era mais em razão da importância do tema sobre o qual escreveu, do que propriamente por sua notoriedade.

¹²⁵ *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 05/09/1908. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional.

¹²⁶ RIO, João do. *Momento Literário*. Rio de Janeiro: Editora Criar, 2006.

Em 1907, o cronista enviou uma carta a Mario Pederneiras para justificar sua saída da revista *Fon-Fon*. Mario Pederneiras, cronista, poeta e um dos fundadores da revista, foi quem levou Lima Barreto para lá. Ao justificar seu afastamento a Pederneiras, Barreto demonstrou como era tratado e a sua incompatibilidade com os grandes periódicos. Segundo Barreto, enquanto outros escritores publicavam sem impedimentos, suas crônicas não agradavam e ficavam sempre à espera. Em sua opinião, ele apenas teria ficado três meses colaborando na revista graças à bondade de Pederneiras, que o mantinha lá, já que os proprietários das revistas, como a *Kosmos*, não apreciavam seu talento como escritor. Por isso, ele afirmava aos que não o consideravam um grande escritor: *eu o sou, segundo eu mesmo*.¹²⁷

Lima Barreto já fazia distinção entre pequena e grande imprensa, questionando o poder da grande imprensa em detrimento da outra. Acusava a sociedade de conceder importância apenas às idéias e pensamentos dos grandes jornais, como se a imprensa fosse constituída unicamente por eles. O cronista estendia a crítica aos jornais que só exprimiam os pensamentos dos grandes escritores, dando a impressão de que apenas eles tinham algo a dizer. Barreto indagava: *então só os doutores ou quase-doutores, ou naturalizado doutores têm pensamento e podem exprimi-lo nos jornais? Então só os jornais de grande tiragem são imprensa?*¹²⁸ Sua indagação se justificava, pois quando jornais operários, apontados como anarquistas, eram ameaçados, ou mesmo impedidos de circularem, devido às suas opiniões que contrariavam o governo, os jornais ficavam omissos. Quando acontecia o mesmo com algum periódico de grande circulação, ou mesmo de pequena circulação, mas de propriedade de algum nome ilustre, a imprensa logo protestava contra a disseminação da censura. O cronista sentia essa acepção, pois grande parte de sua vida no jornalismo foi na pequena imprensa e em jornais operários, onde normalmente trabalhavam, de forma regular, nefelibatas e demais intelectuais deslocados das vias de consagração dominantes; figuras como: Heitor Malagutti, Gustavo Santiago, Pausílpo da Fonseca, Alcides Maia,¹²⁹ L. Senior, Gypsi Lapi,¹³⁰ Benedicto de Souza, Gil Vaz, J. Albino Cabral, Catulle Mendes e Marcos Guedes¹³¹.

¹²⁷ BARRETO, Lima. Correspondência. BARBOSA, Francisco de Assis (org.). *Lima Barreto: Obras Completas*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1956. p. 162

¹²⁸ BARRETO, Lima. O caso da A Folha. In. RESENDE, Beatriz; VALENÇA, Rachel (orgs.). *Lima Barreto: Toda crônica*: Volume II. Rio de Janeiro, Agir, 2004. p. 120.

¹²⁹ BARBOSA, Francisco de Assis. *A vida de Lima Barreto*. Belo horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988. p. 130-131.

¹³⁰ *Almanak do Tagarela*. Rio de Janeiro. 07/1903. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional.

¹³¹ *Revista Floreal*. Rio de Janeiro. 1908. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional.

Essa orientação jornalística, de acordo com Sergio Micelli, crescia paralelamente às revistas ilustradas, veículo predileto dos consagrados homens de letras.¹³²

Com ou sem notoriedade, na pequena ou na grande imprensa, a crônica era o gênero jornalístico no qual os cronistas melhor transitavam, pois sabiam do poder de ação que ela tinha e que, mesmo diante das mudanças que sofrera do século XIX até as primeiras décadas do XX, ainda era uma atração capaz de orientar a opinião da pequena população alfabetizada da época. Era o gênero literário que atingia o maior público leitor na então Capital da República, tanto pelo estilo, como pelo suporte de circulação.¹³³ Sendo assim, podemos afirmar que a crônica era um meio importante pelo qual os cronistas opinavam, apoiavam, criticavam, elogiavam, analisavam e participavam dos assuntos da cidade do Rio de Janeiro. As crenças dos intelectuais se destacavam nas páginas dos jornais em forma de crônicas, formando-se um elo entre a agilidade exigida pela imprensa e pela cidade e a linguagem, a temática e o estilo da crônica.

Mesmo diante do poder de alcance da crônica na sociedade, o analfabetismo era uma preocupação; Olavo Bilac, por exemplo, cria que o analfabetismo era o maior mal da humanidade. Ele chegou a escrever várias crônicas em prol de mobilizar o governo para a implementação de medidas contra o analfabetismo no Rio de Janeiro, em uma delas ele diz:

*No Rio de Janeiro, a grande massa dos trabalhadores braçais é composta de homens que não sabem ler: se toda essa gente estivesse iniciada nos mistérios da letra de fôrma, os jornais teriam uma clientela vastíssima. Em dez anos, conseguimos aqui remediar, até certo ponto, o analfabetismo infantil. (...) Mas, contra o analfabetismo dos adultos, o governo é quase impotente. Dos carregadores ou homens do ganho, que se postam em todas as esquinas das nossas ruas à espera de carretos, raros, raríssimos são os que sabem ler... É um problema terrível, que só o tempo há de resolver.*¹³⁴

A erradicação do analfabetismo era uma de suas bandeiras, chegou até a escrever e organizar livros didáticos com esse fim, fazendo deles também mais um instrumento de ação. Outra vez o cronista reclama: *Era natural que decrescesse a lista dos*

¹³² MICELLI, Sergio. *Poder, sexo e letras na República Velha*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1977. p. 75.

¹³³ ELEUTÉRIO, Maria de Lourdes. Imprensa a serviço do progresso. In. LUCA, Tânia Regina de.; MARTINS, Ana Luiza (organizadoras). *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008. p.97.

¹³⁴ BILAC, Olavo. Jornais sem leitores. In. *Correio paulistano*. São Paulo 14/12/1907. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional.

*analfabetos à medida que a população aumentasse em número e civilização. Pois dá-se o contrário. Há hoje mais um milhão de analfabetos que em 1890! E digam depois que não é preciso criar escolas e difundir a instrução.*¹³⁵ Diante disso, surge-nos a seguinte pergunta: se o analfabetismo era tão grande como indica Bilac, de que forma o jornalismo, em especial a crônica, provocava tanto efeito em uma sociedade predominantemente iletrada?

Havia um seletivo grupo de letrados que imprimia direção às questões políticas e sociais da sociedade, eles se dirigiam ao ínfimo público de alfabetizados que correspondia ao universo dos habitantes que efetivamente exerciam poder de decisão na cidade carioca. Como o próprio cronista Olavo Bilac afirmava: *o povo não é povo enquanto não sabe ler.*¹³⁶ Talvez resida nisso a insatisfação de Barreto: a grande imprensa considerava que as coisas de interesse público se restringiam aos alfabetizados da época, que, de acordo com Jeffrey Needell, eram majoritariamente pertencentes à alta sociedade¹³⁷.

1.6 JORNALISMO E LITERATURA: BARRETO E BILAC ENTRE A ARTE E O OFÍCIO

O período do final do século XIX aos anos 1920, protagonizado por uma leva de letrados que atuaram durante a república velha, é caracterizado pelo desaparecimento gradual da famosa geração de 1870, ou seja, os introdutores do realismo, naturalismo, parnasianismo, e pelo florescimento do movimento modernista de 1922.¹³⁸ Esse período, considerado comumente por alguns como intermediário (pós-romantismo ou pré-modernismo), é o mais relevante para se entender a profissionalização do trabalho intelectual. Barreto e Bilac são dois escritores interessantes para perseguir essa discussão, pois ambos atuaram ativamente nesse contexto, Olavo Bilac como uma

¹³⁵ BILAC, Olavo.; RIO, João do (org.). *Momento Literário*. Rio de Janeiro: Editora Criar, 2006. p. 19.

¹³⁶ Idem.

¹³⁷ NEEDELL, Jeffrey d. *Belle Époque Tropical*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. p. 74-75; 280.

¹³⁸ MICELLI, Sergio. *Poder, sexo e letras na República Velha*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1977. p. 12.

figura mais próxima da geração de 1870¹³⁹ e Barreto mais próximo aos modernistas, ou pelo menos mais adjacente da linguagem estética emplacada como dominante pela vitória política do movimento modernista. Ambos tiveram a maior parte de suas produções nesse *intermezzo*, Bilac como um dos detentores da autoridade intelectual e Barreto como um subalterno da literatura, que apenas foi reconhecido postumamente, embora tenha, pelo jornalismo, minimizado sua marginalização social.¹⁴⁰

Lima Barreto e Olavo Bilac exemplificam a complexidade do processo de profissionalização do intelectual de letras a partir dos impressos, no eufórico período de que estamos tratando. O jornalismo foi uma instituição legitimadora do fazer literário, um meio capaz de tornar alguém um representante literário e intelectual da sociedade. No entanto, o jornalismo no início do século XX cumpria a função de dar visibilidade ao escritor, mas ao mesmo tempo o desvalorizava, pois nele o texto era algo encomendado, uma escrita paga e apressada feita na urgência característica da imprensa: uma escrita ágil e efêmera que contrastava com os padrões estéticos da literatura no momento, predominantemente parnasiana e amante da destreza verbal. O que era considerado superior, intelectual e literariamente, opunha-se às simplificações da crônica, especialmente porque a produção de um cronista quase sempre é feita para cumprir uma exigência, uma demanda, é o resultado de uma encomenda feita pelo jornal ou pelas instâncias dominantes ligadas a ele, principalmente, aquelas produzidas para os periódicos de maior destaque e aceitação na sociedade.

Ao observar os periódicos e os intelectuais das letras naquele período, percebemos que havia uma relação de troca entre eles. Na imprensa, os intelectuais tinham a possibilidade de divulgar suas idéias, tornarem-se conhecidos do público, ganhando prestígio social, aumentando também a aceitação de sua produção fora do jornalismo. Em contrapartida, beneficiavam a imprensa com textos atraentes que repercutiam em vendas. Nessa relação, ambos os lados beneficiavam-se.¹⁴¹ O encontro entre literatura e imprensa transformou o escritor em profissional, ou em escritor-jornalista.¹⁴² Não é fácil encontrar algum escritor entre 1890 a 1920 que tenha vivido apenas da literatura, os literatos sempre se dedicavam a outra atividade, seja ela

¹³⁹ DIMAS, Antonio. *Bilac, o jornalista: ensaios*. São Paulo: Edusp / Unicamp / Imprensa Oficial do estado de São Paulo. p. 30.

¹⁴⁰ MACHADO, Maria Cristina Teixeira. *Lima Barreto: um pensador social na segunda república*. Goiânia: Ed. Da UFG; São Paulo: Edusp, 2002. p. 69-70.

¹⁴¹ COSTA, Cristiane. *Pena de aluguel: escritores jornalistas no Brasil 1904-2004*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p. 24-25

¹⁴² Idem.

intelectual ou não; normalmente ligavam-se também à política, à educação ou à administração pública. Viver da pena só foi possível, ou começava a se tornar, na produção literária feita para imprensa e não fora dela. De acordo com Sergio Micelli:

O que fora para alguns escritores românticos (por exemplo, Alencar e Macedo) uma atividade e uma prática “tolerada”, tornando-se depois para certos elementos da geração de 1870 (por exemplo, Machado de Assis) uma atividade regular que lhes propiciava uma renda suplementar cada vez mais indispensável, torna-se a atividade central do grupo dos “anatolianos”¹⁴³

O termo *anatolianos*, utilizado por Micelli, serve para identificar os polígrafos profissionais, aqueles que viviam dos ganhos retirados da sua produção e que se envolviam com as novas atividades abertas aos homens de letras. O termo foi inspirado em Anatole France, um escritor francês em quem os escritores se inspiravam. Ele representava o modelo intelectual ao qual se referiam de modo mais insistente, os cronistas brasileiros desejavam estar sintonizados com a sua perspectiva literária. Anatole France visitou o Rio de Janeiro em 1909 e, na ocasião, foi recepcionado por uma comissão da Academia Brasileira de Letras. A visita do renomado escritor foi comentada, sem muito entusiasmo, por Lima Barreto em uma de suas cartas enviadas a Antônio Noronha Santos, jornalista e seu amigo de infância.¹⁴⁴

Para se ter uma idéia, na primeira década do século XX, Bilac recebia salário mensal pelas crônicas que publicava na *Gazeta de Notícias*. Em outros periódicos, recebia bom preço pelas colaborações. Bilac ganhou dinheiro vendendo seu talento a outras áreas: trabalhou no serviço público, escreveu livros didáticos, versos-reclame, legenda para fitas de cinema, participou de campanhas como a do Serviço Militar Obrigatório, entre outros. Mas foi o jornalismo a principal fonte de renda durante a vida do escritor, era essa a única área de maior estabilidade e possibilidade real para fazer carreira. Foi o jornalismo também que abriu as portas para algumas dessas outras possibilidades de profissionalização aos escritores da época.¹⁴⁵ Neste período, o jornalismo não é apenas uma atividade secundária ou complementar, ela tornou-se, para

¹⁴³ MICELLI, Sergio. *Poder, sexo e letras na República Velha*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1977. p. 72.

¹⁴⁴ BARRETO, Lima. *Um longo sonho do futuro: diários, cartas, entrevistas e confissões dispersas*. Rio de Janeiro: Graphia Editora, 1993. p. 216

¹⁴⁵ Sobre isso ver: DIMAS, Antonio. *Vossa Insolência*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 23-27; SUSSEKIND, Flora. *Cinematógrafo de Letras: literatura, técnica e modernização no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. p. 74.

a maioria dos escritores, atividade principal, especialmente pelo prestígio que esse espaço poderia proporcionar.

Lima Barreto também recebeu pelos trabalhos que realizou para imprensa, embora com um diferencial: buscava mais os benefícios simbólicos que o jornal poderia lhe proporcionar do que benefícios financeiros. No início de sua carreira, não fazia sequer questão de receber, queria apenas ser publicado, pois sabia que esse era o caminho para realizar seu sonho de se tornar um escritor renomado. No entanto, sempre que precisava de dinheiro para completar seu orçamento, recorria aos periódicos, onde alcançou modesta popularidade. Em razão dos seus polêmicos romances, colaborou eventualmente em jornais e revistas conhecidos, como *O País* e *A Notícia*, recebendo boa quantia pelas crônicas e artigos. A partir de 1915, tornou-se redator efetivo da revista *Careta*, com salário mensal fixo. Contudo, sua atuação no jornalismo se deu principal e majoritariamente na pequena imprensa, na qual colaborou do começo ao fim de sua trajetória como escritor, pois em jornais como *O Debate*, *ABC*, *A Voz do Trabalhador*, *Lanterna*, *Floreal*, entre outros, ele poderia, apesar da modesta remuneração, escrever com mais autonomia e liberdade, expressando suas concepções sem maiores transtornos.¹⁴⁶ Para Barreto a prioridade não era ganhar dinheiro com o trabalho literário, mas orientar, doutrinar e defender o interesse público. Seus interesses pessoais não se ligavam necessariamente em alugar a pena, mas sim em obter reconhecimento nacional como escritor.¹⁴⁷ Como afirma Maria Cristina Machado, Lima Barreto fez da literatura o objetivo máximo de sua vida, vendo-a como possibilidade de reconhecimento social.¹⁴⁸ O cronista não perdia oportunidade de reivindicar o título de literato e defender seu interesse com a literatura, *por mais que não queiram, eu também sou literato e o que toca as coisas de letras não me é indiferente*¹⁴⁹. Por isso se via no direito de criticar o literato

(...) que só se preocupou com o estilo, com o vocabulário, com a paisagem, mas que não fez do seu instrumento artístico um veículo de difusão das grandes idéias do tempo, em quem não repercutiram as

¹⁴⁶ SODRÉ, Nelson Werneck. *Historia da imprensa no Brasil*. 4ªed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999. p. 335-336

¹⁴⁷ BARRETO, Lima. Essa minha letra. In. *Gazeta da Tarde*. 28/06/1911. Acervo Periódicos Raros - Fundação Biblioteca Nacional.

¹⁴⁸ MACHADO, Maria Cristina Teixeira. *Lima Barreto: um pensador social na segunda república*. Goiânia: Ed. Da UFG; São Paulo: Edusp, 2002. p. 71.

¹⁴⁹ BARRETO, Lima. Literatura e Política. In. RESENDE, Beatriz; VALENÇA, Rachel (orgs.). *Lima Barreto: Toda crônica*: Volume I. Rio de Janeiro, Agir, 2004. p. 303.

*ânsias de infinita injustiça dos seus dias; em quem não encontrou eco nem revolta o clamor das vítimas da nossa brutalidade burguesa, feita de avidez de ganho, com a mais sinistra amoralidade para também edificar, por sua vez, uma utopia ou ajudar a solapar a construção social que já encontrou balançando. Em anos como os que estão correndo, de uma literatura militante, cheias de preocupações políticas, morais e sociais, a literatura (...) ficou sendo puramente contemplativa, estilizante, sem cogitações outras que não as da arte poética, consagrada no círculo dos grandes burgueses embotados pelo dinheiro.*¹⁵⁰

Não são apenas laços econômicos que ligavam produção literária e jornalismo, havia outros fatores não menos importantes que mediavam o encontro entre os dois campos, como o *status* social, o poder de alcance do jornal, o espaço para exposição de princípios e formação cultural, a ascensão social, etc. Tanto é que várias pessoas de diferentes classes sociais tinham a pretensão de trabalhar no meio jornalístico, principalmente aqueles interessados na carreira política. A autora Cristiane Costa faz menção a quatro comparações para ilustrar como a imprensa era capaz de proporcionar, além do lucro material, o lucro simbólico: jornal berçário, vitrine, pedestal e trampolim.¹⁵¹ Apesar da autora apenas citar essas comparações, gostaríamos de nos demorar um pouco mais nelas demonstrando como se aplicam nas experiências de Lima Barreto e Olavo Bilac.

A primeira é a imprensa como berçário, que representou o início da vida literária para muitos, o espaço em que eles eram acolhidos, davam seus primeiros passos e se preparavam para alçar vôos em outros territórios. Lima Barreto, em 1902, com 21 anos de idade, ainda na escola politécnica, iniciou no jornal *A Lanterna*, instrumento de luta da entidade estudantil, fundado por Julio Pompeu e Castro Albuquerque¹⁵². No ano seguinte, já atuava em periódicos fora do seio estudantil. Olavo Bilac, por sua vez, em 1883, cursando a faculdade de Medicina, iniciou sua carreira publicando textos curtos e poemas na *Gazeta Acadêmica*. Em 1885, a poucos dias de completar 20 anos, foi levado ao jornal *Diário de Notícias* por Artur Azevedo, pouco tempo depois abandonou de vez a carreira acadêmica para se dedicar inteiramente às letras.¹⁵³ Podemos afirmar, através desse ponto de vista, que Bilac iniciou sua carreira em berço de ouro, e Barreto, em uma estrebaria.

¹⁵⁰ Idem.

¹⁵¹ COSTA, Cristiane. *Pena de aluguel: escritores jornalistas no Brasil 1904-2004*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p. 24 - 25

¹⁵² *A Lanterna*. Rio de Janeiro. 21/05/1902. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional.

¹⁵³ DIMAS, Antonio. *Vossa Insolência*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 23.

A condição que elevava as pessoas a ocuparem novas posições não dependia de títulos e diplomas, Olavo Bilac e muitos outros escritores renomados não os tinham. Era necessário, além do talento, conseguir mobilizar um bom capital de relações sociais. Como afirma Micelli, a trajetória profissional de qualquer homem de letras dependia, em grande parte, dos apoios oligárquicos que eles conseguiam mobilizar. Isso ajuda a explicar a dificuldade de Lima Barreto em emplacar na vida literária. Nascido em família pobre, filho de um tipógrafo que enlouqueceu quando Barreto tinha 19 anos, só conseguiu obter estudo de qualidade porque tinha um padrinho ministro¹⁵⁴, que patrocinava seus estudos e lhe oferecia oportunidades; contudo, perdeu a proteção do padrinho antes de conseguir o diploma.¹⁵⁵ Já Bilac, filho de médico, sempre conviveu com os privilégios da alta sociedade.¹⁵⁶

Essa questão não anula, mas minimiza o fato da questão racial como fator que colocou Barreto na posição de excluído da alta roda literária. Em nossa opinião, esse é o mais insignificante dos fatores, pelo fato de outros escritores mulatos terem alcançado *status* de ilustres literários. Lima Barreto tinha aversão a depender de favores e negava se sujeitar às exigências que os novos escritores se sujeitavam diante dos medalhões da literatura. Ele dizia *Ora, convenhamos que é aborrecido isso de estar a pedir empenhos para tudo. É de desesperar. (...) me repugna usar os famosos pistolões.*¹⁵⁷ Ele chegou a defender a idéia de que pessoas como ele, *obscuro de nascimento e baldo de relações de prestígio no jornal*¹⁵⁸, dificilmente conquistariam *status* e editoras interessadas em sua produção.

A segunda comparação é o jornalismo vitrine, o jornalismo que apresentava os escritores à comunidade literária e para a população alfabetizada, ou seja, seus leitores em potencial. É por essa característica de vitrine que os literatos conseguiam publicar e ter público para suas primeiras obras. A melhor forma de se tornar público como literato era publicando sonetos, crônicas, folhetins e contos na imprensa. O poeta Gustavo Santiago confirma essa afirmativa ao dizer que *o jornalismo é um belo fator de engrandecimento social e sobretudo um magnífico meio de reclame... para nossas*

¹⁵⁴ Afonso Celso – visconde de ouro preto, foi também ministro da fazenda.

¹⁵⁵ MICELLI, Sergio. *Poder, sexo e letras na República Velha*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1977. p. 38,39.

¹⁵⁶ DIMAS, Antonio. *Vossa Insolência*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 23.

¹⁵⁷ BARRETO, Lima. Crônica. *Gazeta da Tarde*. Rio de Janeiro, 7/08/1911. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional.

¹⁵⁸ Idem.

obras.¹⁵⁹ Lima Barreto publicou seus primeiros romances na imprensa antes de publicá-los em livro, começou a publicar *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* na revista *Floreal*, publicou *Triste Fim de Policarpo Quaresma* no *Jornal do Comércio*, publicou também em forma de folhetim *Numa e a Ninfa* no jornal *A Noite*.¹⁶⁰ Olavo Bilac, que já havia conquistado *status* através de sua trajetória jornalística e lutas políticas, em paralelo com a atividade no jornal, publicou poesias com repercussão imediata.¹⁶¹ No início do século XX, literatura e jornalismo se misturaram e se confundiram de tal forma que a visibilidade de um literato dependia muito do veículo de comunicação em que o mesmo atuava. Barreto fazia críticas às editoras pelo fato de elas valorizarem mais a representatividade do autor do que o valor da obra.¹⁶²

A terceira é o jornalismo pedestal. Esta comparação tem um duplo sentido: o primeiro é o sentido de ser o suporte dos literatos, que lhes dava as condições de sobrevivência. A publicação de livros não era tarefa fácil, ainda assim o público dos livros literários era escasso, como mostra Bilac: *As edições de livros e folhetos que se publicam não saem das tipografias: o autor manda brochar cem ou duzentos exemplares, que dá aos amigos; e o resto da tiragem é dado em pasto às traças vorazes, quando não é vendido a peso, para embrulhar manteiga*.¹⁶³; em contrapartida, como vimos, os jornais e revistas frente às transformações, aumentaram as tiragens, popularizaram-se devido ao seu barateamento e à rapidez na distribuição. A imprensa era a principal fonte de renda dos homens de letras, Bilac confirma esse fato e Lima Barreto chegou mesmo a publicar um de seus romances, em livro, com recurso próprio, obtido através do jornalismo. Ele registrou em seu Diário:

O Policarpo Quaresma foi escrito em dois meses e pouco, depois publicado em folhetins no Jornal do Comércio da tarde, em 1911. Quem o publicou foi o José Felix Pacheco. Emendei-o como pude e nunca encontrei quem o quisesse editar em livro. Em fins de 1915, devido a circunstâncias e motivos obscuros, cismeí em publicá-lo. Tomei dinheiro daqui e dali, inclusive com Santos, que me emprestou

¹⁵⁹ SANTIAGO, Gustavo.; RIO, João do (org.). *Momento Literário*. Rio de Janeiro: Editora Criar, 2006. p. 200.

¹⁶⁰ RESENDE, Beatriz; VALENÇA, Rachel (orgs.). *Lima Barreto: Toda crônica*: Volume II. Rio de Janeiro, Agir, 2004. p. 590-595.

¹⁶¹ DIMAS, Antonio. Bilac, o jornalista: ensaios. São Paulo: Edusp / Unicamp / Imprensa Oficial do estado de São Paulo. p. 39.

¹⁶² BARRETO, Lima. O Garnier Morreu. In. *Gazeta da tarde*. Rio de Janeiro, 07/08/1911. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional.

¹⁶³ BILAC, Olavo. Crônica. In. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 05/01/1908. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional.

O segundo sentido do jornalismo pedestal refere-se ao espaço que os apoiavam para colocar em evidência suas opiniões. O cotidiano em mutação, a crença e descrença em relação ao progresso, enfim, a cidade era o destaque nas páginas dos jornais, especialmente sob a forma de crônica. O Rio de Janeiro oferecia temas para se fazer crônicas e foi a partir delas que esses escritores registraram no papel impresso seus pensamentos, que ganharam evidência por estarem nos suportes jornal e revista. Olavo Bilac, por exemplo, era um crítico do “atraso” do Rio de Janeiro; almejava ver sua cidade transformada, para isso, além de atuar nas esferas políticas, fez circular esses seus interesses não apenas por conveniência, mas por comungar dos mesmos interesses ideológicos com a administração da cidade. Porque era renomado, sua opinião, expressa nas crônicas, tinha muito peso entre os leitores. Conforme elucida Jeffrey Needell, elas impunham respeito, obediência e adesão.¹⁶⁵ Não podemos nos esquecer que o jornalismo era o principal veículo de difusão coletiva, isso fazia Bilac crer que o trabalho literário fora da imprensa, naquele momento, não tinha tanta relevância, brincando com a idéia de que se não fosse o jornalismo, não compensaria ser escritor. De acordo com Olavo Bilac:

Nem tudo é desgosto e tempo perdido, nesse ofício de escrever todos os dias para o público. Desta mesma coluna da Gazeta (...) tem partido muita idéia modesta e boa, singelamente aventada, acolhida lá fora com generosidade e carinho, e desabotoada, ao calor do meigo coração do povo, em flores e frutos de raro viço. Também se não fossem essas pequeninas compensações, mais valeria quebrar a pena e ir cultivar hortaliças, porque, como bem diz com a sua fina ironia o sutil Anatole France, “il est infiniment plus sage de planter des choux que de faire des livres”¹⁶⁶

Lima Barreto tinha uma visão crítica da sociedade, atacava especialmente grupos específicos da elite política, econômica e literária¹⁶⁷, fez do jornalismo o meio de

¹⁶⁴ BARRETO, Lima. Diário Íntimo (03/1916). In. *Um longo sonho do futuro: diários, cartas, entrevistas e confissões dispersas*. Rio de Janeiro: Graphia Editorial, 1993. p.126, 127.

¹⁶⁵ NEEDELL, Jeffrey D. *Belle Époque Tropical : sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

¹⁶⁶ BILAC, Olavo. Crônica. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 23/06/1901. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional.

¹⁶⁷ BARRETO, Lima. Carta aberta. In. RESENDE, Beatriz; VALENÇA, Rachel (orgs.). *Lima Barreto: Toda crônica: Volume I*. Rio de Janeiro, Agir, 2004. p. 412-418. Essa crônica, escrita ao jornal A.B.C., é um bom exemplo das críticas que Lima Barreto fez via crônica, nela o escritor criticava a violenta ação policial contra uma manifestação operária e as conseqüências posteriores ao fato, responsabilizando por

circulação das suas concepções, buscando adesão e sonhando com efeitos práticos na realidade. Seus romances também cumpriam essa tarefa de emitir opiniões, mas o poder de alcance da imprensa, mesmo nos pequenos periódicos, era incomparavelmente maior. O jornalismo pedestal nos remete para o caráter doutrinário da imprensa, que reservou para a crônica o posto de principal porta-voz das questões cotidianas da cidade. Como diria Medeiros e Albuquerque:

é um prazer superior pregar uma doutrina, sustentar uma opinião e vê-la seguir, difundir-se, infiltrar-se no espírito público, através de mil obstáculos, comovendo as multidões, abalando-as, dando-lhes um ideal e forçando-as a agirem de acordo com ele. (...) usar de palavras escritas para impressionar cérebros humanos, fazer brilhar inteligências e corações.¹⁶⁸

A quarta e última comparação é o jornalismo trampolim. Vários homens de letras buscavam o jornalismo como uma forma de alcançar outras posições, principalmente aqueles que almejavam iniciar uma carreira política. Segundo Sergio Miceli:

Embora a modalidade inicial de inserção nos quadros dirigentes seja a atividade jornalística e/ou um cargo público, a carreira dominante, para a qual convergem as esperanças dos escritores, continua sendo o ingresso nos quadros políticos que assumem a representação da oligarquia na Câmara e no Senado, ou então mais raramente, um mandado de ministro. Tal fato não impede, todavia, que inúmeros escritores, mormente aqueles que não dispõem dos trunfos sociais e políticos exigidos para a carreira política, tendam a transmutar o fracasso político em vocação irresistível para ser letrado, professor ou jornalista. De outro lado, a Câmara e o Senado, nas condições da divisão do trabalho de dominação da época ao invés de interromperem uma trajetória intelectual, constituíam instâncias importantes de produção ideológica no campo intelectual.¹⁶⁹

isso lideranças políticas e econômicas como Rodrigo Alvez, Zé Bezerra, Coronel Cazusa, etc. Barreto afirma: *Não são mais os militares que aspiram a ditadura ou a exercem. São os argentários de todos os matizes, banqueiros, especuladores da bolsa, fabricantes de tecidos, etc., que, pouco a pouco, a vão exercendo, coagindo, por esta ou aquela forma, os poderes públicos, a satisfazer todos os seus interesses, sem consultar o da população e os dos seus operários e empregados.* Continua Barreto criticando a forma como a imprensa noticiou e comentou o acontecido: *A ligeireza proverbial dos nossos grandes jornais, quase todos, por isso ou aquilo, gratos aos grandes burgueses (...) servindo as folhas volantes (...) aos intuitos cavilosos da alta administração policial, que procurava tornar antiquada a causa dos operários aos olhos da população. Não é só isso, as crônicas e artigos que apareceram dias depois, obedeciam todas ao mesmo esquema.*

¹⁶⁸ RIO, João do. *Momento Literário*. Rio de Janeiro: Editora Criar, 2006. p.59

¹⁶⁹ MICELLI, Sergio. *Poder, sexo e letras na República Velha*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1977. p. 66-67.

Enfim, os cronistas, além dos recursos materiais, ligaram-se ao jornalismo, através da crônica, em busca dos benefícios simbólicos que ele lhe ofereceria, pois era uma das principais instâncias de consagração e o campo no qual os literatos poderiam se exercitar. As folhas do periodismo proporcionavam-lhes o que eles não encontrariam no livro.

Podemos nos valer da definição de clientes feita por Pierre Bourdieu, inspirado em Weber, para clarificar tanto a relação da imprensa como o poder político, como dos cronistas com a imprensa e o poder político, proporcionado pela combinação jornalismo e literatura. Clientes são aqueles que estão *ligados ao aparelho de modo duradouro pelos benefícios e os ganhos que eles lhes garante, dedicados ao aparelho na medida em que este os mantenha com a redistribuição de uma parte do espólio material ou simbólico que conquista graças a eles.*¹⁷⁰

Como resultado do encontro entre literatura e jornalismo, acentuou-se a diferenciação da literatura acadêmica com a literatura praticada no jornalismo, pouco compromissada com a cultura literária, suas escolas e tendências. Isso gerou uma crise, ou melhor, um embate na escritura literária entendida, pejorativamente, como pré-modernista. Se, antes do denominado pré-modernismo, as lutas entre escolas literárias eram intensas, durante esse período, as atenções se voltavam para a questão da arte pela arte em confronto com a arte encomendada, feita pelos espólios materiais e simbólicos proporcionados pelo jornalismo. Para Cristiane Costa:

*Se a Belle Époque tropical é considerada um período de estagnação literária, em termos estritamente estéticos, por outro lado ela desenvolveu as condições sociais para a profissionalização do trabalho intelectual. E também para sua massificação. Ao contrario do que sonhavam os escritores, porém, essa profissionalização se daria não por meio da arte, a literatura, mas do jornalismo, a indústria. Mudanças econômicas, sociais, tecnológicas e demográficas permitiram a proliferação de jornais na virada do século, criando centenas de emprego. E formando um publico para literatura nacional.*¹⁷¹

A imprensa havia tirado o escritor e intelectual brasileiro da marginalidade e do não reconhecimento. Em contrapartida, obrigou-o a se adaptar a rígidos padrões de produção intelectual, transformado o escritor-artista em escritor profissional, que nem

¹⁷⁰ BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand/DIFEL, 1989, p.195.

¹⁷¹ COSTA, Cristiane. *Pena de aluguel: escritores jornalistas no Brasil 1904-2004*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p. 24

sempre escreve pela convicção, mas pelo negócio; que nem sempre escreve pela inspiração, mas pela obrigação de atender às exigências do periódico. Os escritores se viram diante da obrigatoriedade de ter que fazer uma crônica todos os dias, ou toda semana, sob a pressão característica dos jornais e revistas. Os cronistas escreviam sobre praticamente todos os assuntos corriqueiros, até mesmo sobre a própria falta de assunto para fazer a crônica. Como fez Bilac:

Senta-se um homem a mesa, disposto a cumprir, com pontualidade e consciência, o seu dever de cronista, põe diante de si as folhas virgens de papel, empunhada a caneta, e começa a recordar-se do que encheu a semana: suicidou-se ontem, bebendo uma larga dose de ácido fênico. Nisto, com estrépido, o vento encarna a janela, trazendo consigo o cheiro suave das rosas do jardim, e dispersa as folhas de papel, e revoluciona tudo. Agora o pássaro começa a cantar alto, na glória da manhã radiante... Por que é que há de haver gente que se mate? Por que é que há de haver guerra em Porto Rico? Por que é que há de haver fome na Bahia? Por que é que um homem há de ser obrigado a pensar nessas cousas feias, quando Maio desenrola lá fora todo seu fulgor?

Dez da manhã... é cedo ainda para suar sobre o papel... Vamos! Um bom livro e um banco de pedra no jardim... e o livro fica abandonado sobre os joelhos, e o pensamento sai por aí além, vagabundo, sem destino, voando sempre todos os assuntos, sem se demorar em nenhum. (...) Meio dia... Vamos lá escrever o diabo desta crônica! Mas o estomago chora: é preciso contentar o coitado... E, ao fim do almoço, acendendo o charuto, olhando enjoado a mesa do trabalho, dando um olhar a rua, vendo a alegria do sol e das árvores, - santo Deus! Como há de a gente recapitular o que encheu a semana? Não! Fique o povo sem crônica!¹⁷²

Falta de assunto, que diríamos ser na verdade excesso de possíveis temas para uma boa crônica, ou mesmo falta de entendimento ou simpatia dos cronistas por determinadas pautas que se impunham como prioridade naquele momento e careciam de comentários. Fazemos tal afirmação porque os cronistas são narradores dos fatos do cotidiano, dinâmico demais para não proporcionar assuntos. Conforme elucida Lima Barreto, os cronistas, em certos casos, obrigados pela natureza da profissão, são eles chamados a avançar julgamentos precipitados, improvisados sobre questões de que não conhecem os mais simples elementos.¹⁷³

A obrigatoriedade de escrever um texto todo dia exige muito esforço intelectual

¹⁷² BILAC, Olavo. Crônica. In. DIMAS, Antonio (org.). *Bilac, o jornalista: crônicas: volume 2*. São Paulo: Edusp, Unicamp, Imprensa Oficial. 2006. p. 272-274.

¹⁷³ BARRETO, Lima. Carta aberta. In. RESENDE, Beatriz; VALENÇA, Rachel (orgs.). *Lima Barreto: Toda crônica: Volume I*. Rio de Janeiro, Agir, 2004. p. 416.

dos especialistas no gênero, que preenchem o despreparo acerca de algum tema ou a falta de inspiração (não de assunto), escrevendo sobre qualquer coisa, sobre tudo e, às vezes, sobre nada. Os cronistas são peritos em tudo e ao mesmo tempo em nada, e se esforçam para não se tornarem previsíveis, escrevendo crônicas idênticas a outras, num esforço quase inútil. Nesse gênero, não há tempo para burilar as palavras, o tempo é curto. Por isso, é necessário que o cronista tenha habilidade, técnica, experiência na arte da escrita, pois somente inspiração não basta; a luta do cronista não é apenas com o excesso de assunto e o tempo curto, é também uma luta contra o espaço pré-determinado pelo jornal. A crônica tem espaço limitado no jornal, o cronista deve escrever seu texto atento a isto, de modo a não exceder o espaço, para não comprometer as outras linguagens que formam o conjunto do periódico.

O ritmo de trabalho dos jornalistas era tão apressado que surgem aqueles que não reconhecem a atividade de escritor como uma profissão, mas como o artista da escrita, fazendo oposição aos escritores jornalistas, pois a escrita apressada não era ainda totalmente incorporada pela literatura, fato que só ocorre com o Modernismo. O poeta Gustavo Santiago é um exemplo dessa forma de pensar, ao ser indagado por João do Rio sobre a influência do jornalismo sobre a arte literária e a relação entre elas, diz:

*Encarando-o sob o aspecto da prática, do exercício, considero-o dos piores. A facilidade com que o público aceita quando se lhe dá; a maleabilidade de espírito necessária no jornalista para o enfrentamento das questões as mais diversas; a pressa com que se é obrigado a trabalhar na redação, a atender à urgência da hora; a banalidade e leveza de comentários, a que se é forçado – são elementos nocivos, que acabam esterilizando, matando o homem de letras. (...) no jornalismo a nota predominante é o bom senso, a chapa, o lugar comum, o cachet prontinho, tudo como sempre e como em toda parte, e isso é a asfixia lenta da originalidade de cada um, o assassinato frio e pausado do poder criador peculiar a cada individualidade. Eu poderia exemplificar, mas as horas adiantam-se...*¹⁷⁴

Ao passo que literatura e jornalismo se confundiam, acentuava-se a dicotomia entre arte e dinheiro, um esforço de distinção entre o literato interessado na arte pela arte e o escritor-jornalista, embate entre o ideal de produzir simplesmente pelo prazer e a possibilidade de produzir pelo dinheiro. Os intelectuais pareciam aderir à lógica de que o escritor que não vende seu talento era o modelo ideal de artista, porém o modelo

¹⁷⁴ SANTIAGO, Gustavo.; RIO, João do (org.). *Momento Literário*. Rio de Janeiro: Editora Criar, 2006. p. 200.

ideal estava muito distante do real. A profissionalização do escritor não se deu por essa purista via literária, como esperavam os sonhadores, mas pelo jornalismo indústria que incluiu a arte em seu bojo. Veja como Medeiros e Albuquerque pensavam a preocupação de alguns intelectuais com o jornalismo:

A prevenção dos literatos contra o jornalismo é a mesma dos pintores de quadros pelos de tabuletas, dos escultores pelos marmoristas... Sempre que uma profissão usa dos recursos de qualquer arte para fins industriais, os cultores da arte se indignam e depreciam sistematicamente os profissionais, que assim se põe na sua vizinhança. Quanto mais o emprego dos meios é o mesmo e há, portanto, perigo de serem as vezes confundidos, mas também os artistas ostentam o seu desprezo e procuram cavar um fosso profundo entre os dois domínios. O marmorista faz às vezes estátuas que muitos escultores lhe invejariam.

Com o jornalismo sucede o mesmo. Como os jornalistas têm de ser prosadores, os artistas da palavra escrita, achando que eles a empregam para fins de imediata utilidade, procuram desdenhá-los. Demais, no afã da vida moderna, que nem a todos dá tempo para as lentas meditações, o jornal se fez um concorrente temível do livro. Daí o ciúme, a inveja.¹⁷⁵

Diante desse quadro que afetava diretamente a prática da escrita, fez-se necessário saber como se configurava essa relação entre literatura e jornalismo, até que ponto elas eram complementares ou excludentes. Em 1904, João do Rio coloca em prática a idéia sugerida por seu companheiro de profissão, Medeiros e Albuquerque, de criar um questionário com os principais intelectuais do período, na tentativa de fazer um balanço da vida literária brasileira naquela ocasião.¹⁷⁶ Esse documento sobre a vida intelectual brasileira, na virada do século XX, demonstrou como as opiniões estavam divididas sobre a questão do encontro do jornalismo com a produção da arte literária.

Quando o livro foi publicado, em 1908, com 36 depoimentos dados a João do Rio pelos escritores mais destacados na perspectiva do jornalista, Olavo Bilac foi o primeiro a expor o que pensava a respeito da literatura. Lima Barreto não foi sequer cogitado a participar do projeto entre os figurões. As opiniões dos dois sobre essa polêmica também revelam como ambos pensavam a função da crônica. Olavo Bilac, diante da pergunta se o jornalismo é um bem ou um mal para literatura, respondeu:

O jornalismo é para todo o escritor brasileiro um grande bem. É

¹⁷⁵ RIO, João do. *Momento Literário*. Rio de Janeiro: Editora Criar, 2006. p.58.

¹⁷⁶ Sobre isso ver: Idem.

mesmo o único meio do escritor se fazer ler. O meio de ação nos falharia absolutamente se não fosse o jornal – porque o livro ainda não é coisa que se compre no Brasil como uma necessidade. O jornal é um problema complexo. Nós adquirimos a possibilidade de poder falar a um certo número de pessoas que nos desconheciam se não fosse a folha diária,¹⁷⁷

A resposta de Bilac não haveria de ser diferente, já que foi um dos intelectuais que viveu mais intensamente a vida jornalística. Em sua opinião, a arte não poderia se isolar como um trabalho à parte das outras coisas da vida humana: o poeta, romancista ou qualquer outro artista não poderia se fechar na própria arte ou em si mesmo, ficando indiferente às questões que se desenrolam fora dela. O que era produzido na imprensa, mesmo sendo pago, era também arte literária, o cronista evitava fazer tal distinção, se limitava a distinguir o que era puramente jornalístico do que era literatura no jornal. Naquele contexto, não haveria melhor conceito de arte do que a feita na imprensa, pois era naquele espaço que ela poderia se misturar às preocupações humanas da existência, interferindo e se sujeitando às interferências do seu meio de atuação. Portanto, para Olavo Bilac, o jornalismo era, para a literatura, um *grande bem*.

No entanto, Bilac considerava seu vínculo com o jornalismo um misto de má consciência e fatalismo, ou seja, algo inevitável. O cronista reconhecia o predomínio da imprensa empresarial que abriu as portas para os homens de letras, para ganharem dinheiro e se sustentarem com as crônicas, como para difundirem sua produção literária, aumentando seu público leitor. Numa de suas crônicas ele retrata, numa espécie de justificativa, a razão pela qual se dedicou tão inteiramente ao jornalismo, para isso utilizou a personificação do diabo, que lhe disse:

*Negar o princípio do bem, seria negar também o princípio do mal, e eu não quero absolutamente que se duvide da minha existência...
Quero dever-te um favor. É que aproveites o teu primeiro folhetim para escrever ao menos meia dúzia de vezes o meu nome.
Porque não tem os homens coragem de dizer e de escrever francamente este nome de diabo, tão adorado em silêncio, tão venerado e com tanta razão venerado e adorado, – uma vez que é o Diabo quem dá aos homens o gozo e o lucro – essas duas fontes de felicidade na terra?
O cronista, timidamente, perguntou que recompensa teria, se cumprisse as ordens de S. Ex..
S. Ex. pensou um pouco, e respondeu, com uma gargalhada:
_ para te recompensar, condeno-te a escrever cousas para as folhas durante toda a tua vida, tenhas ou não tenhas assunto! estejas ou não*

¹⁷⁷ BILAC, Olavo; RIO, João do (org.). *Momento Literário*. Rio de Janeiro: Editora Criar, 2006. p. 19

*estejas doente! Queiras ou não queiras escrever!
E desfez-se no ar. E mais nada. E quem quiser que entenda estas
quatro tiras de papel almaço!*¹⁷⁸

Nessa conversa do cronista com a personificação do diabo, Olavo Bilac expressou como era sua relação com o jornalismo. Ele utilizou a representação do bem e do mal como se falasse sobre a literatura e o jornalismo, de maneira que uma não viveria sem a outra, ou seja, por mais que se quisesse negar o jornalismo, ele era fundamental à literatura. Em contrapartida, ela ajudou a construir o jornalismo e estava bem presente neste, sendo inútil a tentativa de negar que as crônicas, sonetos e folhetins feitos para imprensa eram literários. Na citação acima, a figura do diabo representa a imprensa, vista como a provedora do *gozo* e do *lucro* aos homens de letras, mas que, em troca das recompensas, exige que os homens de letras escrevam para as folhas impressas mesmo contra a própria vontade, ou mesmo quando for necessário contrariar seus próprios princípios e convicções.

Bilac, com certo mal-estar, demonstrava que o ofício de cronista era, ao mesmo tempo, uma recompensa e uma condenação, para se ter uma era preciso aceitar a outra, ele aceitou ambas. A própria crônica declarava que, a partir daquele momento, Bilac continuaria a viver do seu trabalho para as folhas, pois ela era a concretização do acordo firmado com a figura do diabo, já que nela tinha escrito seis vezes o seu nome. Ainda que, com peso na consciência, aceitou a proposta de viver do talento, mesmo sabendo que através dele contentaria vaidades e acataria ordenanças de pessoas e projetos que não aprovava. De certa forma, ele cria que tal sujeição era parte do trabalho daqueles que, como ele, almejavam obter lucros reais com a pena. Silvio Romero reafirma o que Bilac dizia sobre nem sempre escrever aquilo que acredita, pois a crônica não poderia divergir da posição assumida pelo impresso. Sobre isso ele dizia: *quanto à literatura que publicamos nos jornais, lembra os livros impressos no tempo do Santo-Ofício. Não tem o visto da inquisição, mas tem o visto do redator-chefe*¹⁷⁹.

Os escritores que desejavam melhores salários e favores diversos deveriam se identificar com os interesses políticos do jornal para o qual escreviam. Embora tenha se entregado a produzir crônicas irrestritamente para os periódicos e a defender as qualidades da profissionalização intelectual por essa via, o cronista dizia que se algum

¹⁷⁸ BILAC, Olavo. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 18/04/1897. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional.

¹⁷⁹ ROMERO, Silvio; RIO, João do (org.). *Momento Literário*. Rio de Janeiro: Editora Criar, 2006. p. 49.

jovem escritor lhe pedisse um conselho o orientaria da seguinte forma: *ama a tua arte sobre todas as coisas e tem a coragem, que eu não tive, de morrer de fome para não prostituir o teu talento!*¹⁸⁰.

Por sua vez, Lima Barreto, em sua rápida passagem pela *Revista da Época*, demonstrou como seria sua postura em relação a vender a opinião. O cronista foi levado para *Revista da Época* por Carlos Viana, um colega dos tempos da Escola Politécnica, que era o principal responsável pela revista. De acordo com Francisco de Assis Barbosa, o periódico sobrevivia custosamente da publicidade e precisou, em 1904, de empenhos de homens políticos para manter sua periodicidade.¹⁸¹ Lima Barreto era secretário e redator da revista, mas pediu demissão por se recusar a tecer elogios aos mandarins da política, em específico a Vicente Machado da Silva Lima, então governador do Paraná.¹⁸² Interessante observar, como mostra Francisco de Assis Barbosa, que, nessa revista, Lima Barreto tinha liberdade de não assinar os textos; mesmo assim, recusou-se a enaltecer políticos que não aprovava. No mês seguinte, saiu a seguinte nota na *Revista da Época*:

*Lima Barreto o nosso querido companheiro, em razão de acúmulo de trabalho deixa o secretário da revista que com tanta dedicação exerceu, continuando entretanto a redigir as suas apreciadas crônicas que têm sempre constituído um great attraction para os nossos amados leitores. Assume o cargo de secretário o nosso distinto companheiro de redação José Veríssimo Filho*¹⁸³

Lima Barreto, apesar de não se desligar completamente da revista, escrevia apenas aquilo que sua consciência o permitia escrever e recebia por essas colaborações, fundamentais em seu orçamento financeiro. No ano seguinte, colaborou, também por pouco tempo, no *Correio da Manhã*, possivelmente levado por Pausílipo da Fonseca ou Bastos Tigre, também amigos da escola politécnica. Sua breve experiência acabou por aumentar a revolta do cronista, que resultou, anos depois, no romance *Recordações do Escrivão Isaias Caminha*, que atacava, com severidade, o jornal e alguns dos nomes que Lima Barreto havia tomado como inimigos dele e da boa reputação, como Edmundo

¹⁸⁰ BILAC, Olavo; RIO, João do (org.). *Momento Literário*. Rio de Janeiro: Editora Criar, 2006. p. 20

¹⁸¹ BARBOSA, Francisco de Assis. *A vida de Lima Barreto*. Belo horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988. p. 113.

¹⁸² Carta enviada a Carlos Viana, em 28/02/1904, por Lima Barreto. BARBOSA, Francisco de Assis (org.). *Lima Barreto: Correspondência*. São Paulo: editora brasiliense, 1956. p. 51.

¹⁸³ *Revista da Época*. Rio de Janeiro. 03/1904. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional.

Bittencourt, João do Rio, Coelho Neto e outros.¹⁸⁴

Baseado em contribuições de Nelson Werneck Sodré¹⁸⁵, de Tânia Regina de Luca¹⁸⁶ e no próprio romance *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*¹⁸⁷, podemos concluir que a não adaptação de Lima Barreto ao *Correio da Manhã* e sua frustração com o jornal se deu, em grande parte, porque este jornal, dirigido por Edmundo Bittencourt, apoiava, no começo, a pequena burguesia urbana, as camadas populares e, por esse caminho, se transformou em jornal empresa. Foi no *Correio da Manhã* que Lima Barreto mais sentiu e identificou a transformação da imprensa. Numa crônica publicada para o jornal *Gazeta da Tarde*, o cronista comentou sobre os problemas que sua letra ilegível lhe causava; Lima Barreto se referia, na verdade, ao conteúdo de suas crônicas. Seguindo esse raciocínio, o cronista afirmava que sua produção o impedia de se tornar um escritor renomado, era ela a responsável pelos sofrimentos e humilhações que passara em alguns jornais. Dizia ainda ser ela a responsável por suas inimizades. Sua escrita não condizia com a época, mesmo assim se recusava a mudar de letra, ou melhor, mudar o conteúdo de seus textos para assim poder gozar de maior prestígio. Ele dizia:

*Minha letra é um bilhete de loteria. As vezes ela me dá muito, outras vezes tira-me os últimos tostões da minha inteligência. Estou nessa posição absolutamente inqualificável: um homem que pensa uma coisa, quer ser escritor, mas a letra escreve outra coisa e asnática. Que hei de fazer? (...) abandonei todos os caminhos, por esse das letras; e o fiz conscientemente, superiormente, sem nada de mais forte que me desviasse de qualquer outra ambição; e agora vem essa coisa de letra, esse ultimo obstáculo, esse premente pesadelo, e não sei o que hei de fazer! O mais interessante é que a minha letra, além de me ter emprestado uma razoável estupidez, fez-me arranjar inimigos. Não tenho a indiferença que toda a gente tem pelos inimigos; se não tenho medo, não sou neutro diante deles; mas isso de ter inimigos só por causa da letra, é de espantar, é de mortificar.*¹⁸⁸

O cronista não era contra a profissionalização do trabalho intelectual via jornalismo, entendia que o escritor era um profissional como outro qualquer. Apesar de

¹⁸⁴ BARBOSA, Francisco de Assis. *A vida de Lima Barreto 1881-1922*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988. p.147-148.

¹⁸⁵ SODRÉ, Nelson Werneck. *Historia da imprensa no Brasil*. 4ªed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

¹⁸⁶ LUCA, Tânia Regina de; MARTINS, Ana Luiza (organizadoras). *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008.

¹⁸⁷ BARRETO, Lima. *Recordações do escrivão Isaías caminha*. São Paulo, Brasiliense, 1978.

¹⁸⁸ BARRETO, Lima. Crônica. In. *Gazeta da Tarde*. Rio de Janeiro. 28/06/1911. Acervo Periódicos Raros - Fundação Biblioteca Nacional.

ter uma tendência, ou preferência, para que o literato fosse reconhecido e pudesse viver da sua pena sem necessariamente ter que passar pelo jornalismo, ele não via com maus olhos o fato de ter um ordenado pelo labor na imprensa. Nada mais justo para ele do que sobreviver daquilo que sabe e gosta de fazer, se o caminho mais próximo era a imprensa, que fosse nela então o cumprimento desse sonho. Como vimos, ele mesmo buscou trilhar esse caminho e o fez até a sua morte. O que Barreto não concordava era que o amor aos benefícios proporcionados pelo jornalismo fosse maior do que o amor pelas letras, pela literatura. Apoiava a idéia de vender o talento, mas era absolutamente contrário à venda da opinião.

Em 1916, por exemplo, Lima Barreto iniciou sua colaboração no *ABC*, um semanário político. No entanto, três anos depois, inesperadamente, ele abandonou o periódico acusando-o de ter publicado um artigo contrário aos negros, recusando-se, pois, a colaborar em um jornal que fosse contra os seus princípios e a sua própria cor. Pouco tempo após sua saída, o Jornal apresentou desculpas e explicações para o cronista para que ele retomasse suas colaborações.¹⁸⁹

Barreto colaborou assiduamente nos jornais e revistas, sustentou sua família e pagou grande parte de suas despesas graças as mais de quinhentas crônicas que escreveu. Teve oportunidades na grande imprensa, mas foram raros os momentos em que o fator econômico ou a troca de favores preponderaram sobre suas convicções. Tudo indica que o cronista viveu radicalmente aquilo que pregava, sem temer os prejuízos e represálias¹⁹⁰, fazendo clara separação e oposição entre simplesmente viver do ofício de escritor e ter lucros reais com o trabalho. Lima Barreto era contra a corrupção literária. Ele afirmava:

O que todos nós desejamos, o que todos nós queremos, é tirar da nossa vocação aquilo com que viver. Seria contradição nossa pedir a fortuna, a riqueza, a abundância dos Carnegies, dos Reockefellers, ou mesmo, do Senhor Afrânio Peixoto. Todo o nosso desejo é viver de acordo com a nossa consciência, com as nossas inclinações; e, quando se sonha desde menino semelhante ideal, tudo quanto o não sirva, nos constrange, nos aborrece, nos mata e aniquila. No Brasil, quem é, de fato, escritor, literato, ama as letras pelas letras, há de

¹⁸⁹ RESENDE, Beatriz; VALENÇA, Rachel (orgs.). *Lima Barreto: Toda Crônica: Volume I (1890-1919)*. Rio de Janeiro, Agir, 2004. pág. 265.

¹⁹⁰ BARRETO, Lima. *Diário Íntimo*. In. *Um longo sonho do futuro: diários, cartas, entrevistas e confissões dispersas*. Rio de Janeiro: Graphia Editorial, 1993. p.119.

*sofrer impiedosamente e subir o seu Calvário de glória e de amor.*¹⁹¹

Não havia distinção entre a literatura feita na imprensa e a literatura feita fora dela, o cronista acreditava que ambas cumpriam o mesmo propósito, o de ajudar a promover o bem comum. Por isso, Barreto protestava contra a produção de alguns cronistas que, em sua opinião, deturpavam a real noção de literatura, bem como a função do intelectual. Sua postura contrariava a grande imprensa empresarial e os “mandarins da literatura”, justamente por que eles se valiam da crônica para cumprir o papel de defender o interesse de personalidades poderosas, como se fosse o interesse do país, prestando um desserviço à literatura e à sociedade brasileira. Em várias crônicas, Barreto denunciou aqueles que colocavam a pena a serviço da elite carioca, fazendo da literatura puramente um negócio, sem *sinceridade e independência*.¹⁹² Não era contra o fato de se produzir por dinheiro, não colocava isso em oposição ao produzir pela inspiração, desde que o produzir por dinheiro não representasse corromper a integridade e as convicções. Ainda que pelo retorno financeiro ou pelo *status*, a literatura não poderia deixar de ser instrumento de conscientização e de orientação da sociedade.¹⁹³

Para Barreto, não se tratava de saber se o jornalismo era um bem ou um mal para a literatura, mas sim como os indivíduos utilizavam equivocadamente tanto a literatura como os periódicos. Nesse sentido, Barreto reduzia os ilustres homens de letras, que aceitavam qualquer tipo de trabalho desde que bem pago, para enaltecer aqueles que, como ele, preferiam o anonimato e a miséria a prostituir sua opinião. O que afligia o escritor era o fato de os jornais mais lidos acolherem justamente aqueles que se dispunham a alugar sua pena e talento a qualquer objetivo escuso, menosprezando os que não se dispunham a isso. Os grandes literatos para ele eram aqueles que tinham como sina escrever para jornais pouco lidos. O propósito da escrita, Lima Barreto explica sua marginalização:

(...) fazer constar ao público brasileiro que literatura é escrever bonito, fazer brindes de sobremesa, para satisfação dos ricos. A missão da literatura é fazer comunicar umas almas com as outras, é dar-lhes um mais perfeito entendimento entre elas, é ligá-las mais fortemente, reforçando desse modo a solidariedade humana, tornando

¹⁹¹ BARRETO, Lima. Crônica. In. *Correio da Noite*. Rio de Janeiro. 09/03/1915. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional.

¹⁹² BARRETO, Lima. *A.B.C.* Rio de Janeiro, 11/01/1919. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional.

¹⁹³ Idem.

*os homens mais capazes para conquista do planeta e se entenderem melhor, no único intuito de sua felicidade. Os literatos, os grandes, sempre souberam morrer de fome, mas não rebaixaram a sua arte para simples prazer dos ricos. Os que sabiam alguma cousa de letras e tal faziam, eram os histriões; e estes nunca se sentaram nas sociedades sábias...*¹⁹⁴

Lima Barreto se considerava, na qualidade de escritor, como um mosquito que tira o sono da burguesia, dos moços de grandes melenas, com seu zumbido continuo e azucrinador.¹⁹⁵ A comparação é mesmo pertinente, pois o cronista sempre esteve a incomodar os grandes homens da política, do jornalismo e da literatura, todavia sem conseguir grandes feitos, era mesmo uma luta de gigantes contra o mosquito incompreendido, que voava para perto dos acontecimentos, mas pouco tinha a fazer até ser espantado ou ignorado por aqueles que atazanava. Em épocas de higienização, limpeza e saneamento, ser mosquito não devia ser tarefa fácil, pois significava ser mal visto, indesejado e combatido...

Numa crônica escrita para o jornal *Correio da Noite*, o mosquito zumbidor denunciava a falta de independência dos escritores e o destino daqueles que, como ele, recusaram-se a abrir mão de suas opiniões. Talvez fosse esta a maior preocupação do cronista: justificar sua não-consagração, em função da postura que decidira assumir em sua carreira.

A covardia moral e mental do Brasil não permite movimentos de independência; ela só quer acompanhadores de procissão, que só visam lucros ou salários nos pareceres. Não há, entre nós, campo para as grandes batalhas de espírito e inteligência. Tudo aqui é feito com dinheiro e os títulos. A agitação de uma idéia não repercute na massa e quando esta sabe que se trata de contrariar uma pessoa poderosa, trata o agitador de louco. Estou cansado de dizer que os malucos foram os reformadores do mundo. São eles os heróis; são eles os reformadores; são eles os iludidos; são eles que trazem as grandes idéias, para a melhoria das condições da existência da nossa triste humanidade.

O que é preciso, portanto, é que cada qual respeite a opinião de qualquer, para que desse choque surja o esclarecimento do nosso destino, para própria felicidade da espécie humana. Entretanto, no Brasil, não se quer isto. Procura-se abafar as opiniões, para só deixar em campo os desejos dos poderosos e prepotentes.

Dessa forma, quem, como eu, nasceu pobre e não quer ceder uma

¹⁹⁴ BARRETO, Lima. Crônica: Histrião ou Literato In. RESENDE, Beatriz; VALENÇA, Rachel (orgs.). *Lima Barreto: Toda crônica*. Rio de Janeiro, Agir, 2004. p. 319.

¹⁹⁵ BARRETO, Lima. *Tagarela*. Rio de Janeiro. 09/07/1903 - 16/07/1903. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional

*linha da sua independência de espírito e inteligência, só tem que fazer elogios à Morte.
Ao vencedor, as batatas!*¹⁹⁶

Mesmo diante dos empecilhos, foi esta a postura que Lima Barreto assumiu ao longo de sua vida no jornalismo, como profissional das letras. Ele fazia questão de sempre reivindicar e reafirmar sua imagem de escritor incorruptível e o sofrimento que isso lhe causava.

Bilac e Barreto tinham algumas opiniões semelhantes. Seus atos e trajetórias eram, mais fundamentalmente, o que os diferenciava um do outro; sobretudo, em relação à profissionalização do trabalho intelectual via imprensa. A principal diferença entre Olavo Bilac e Lima Barreto é que o primeiro aderiu ao jornalismo incondicionalmente, já o segundo impunha algumas condições e, por vezes, pareceu desinteressado pelo aspecto econômico, primando os lucros simbólicos que a crônica lhe proporcionaria.

As conseqüências do elo entre jornalismo e literatura foram: o alargamento do público leitor dos periódicos mundanos e das obras literárias, prestígio social de autores, maior possibilidade de atuação dos escritores e maior poder de alcance na política republicana. Como vimos, o crescimento da imprensa como empresa se relacionou e foi, concomitantemente à urbanização e à industrialização do país, criando condições para seu envolvimento e proximidade com a organização administrativa da cidade carioca. Com a habilidade de divulgar ideologias, de se envolver com poderes e com a cultura, a imprensa passou a assumir um poder quase inabalável, com uma ubiquidade que só ela seria capaz. Como Bilac já afirmara, ela se transformou no quarto poder, exercendo certa soberania sobre os outros. Segundo o cronista, *nas democracias modernas, o jornal é o quarto poder, um poder tão forte como os outros e mais temível e tirânico do que eles*.¹⁹⁷ Lima Barreto lamentava que todo esse potencial da imprensa fosse uma força de gente poderosa.

Enfim, foi por essa imprensa das duas primeiras décadas do século XX, a partir da crônica, que Lima Barreto e Olavo Bilac pensaram, reconstruíram e construíram imagens da cidade. Defendendo projetos e modelos do que acreditavam ser o melhor para a aclamada cidade carioca. Através das crônicas, os cronistas criaram, em muitos

¹⁹⁶ BARRETO, Lima. *A.B.C.* Rio de Janeiro. 19/10/1918. Acervo Periódicos – Fundação Biblioteca Nacional.

¹⁹⁷ BILAC, Olavo. *Kosmos*. Rio de Janeiro, 05/1906. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional.

cérebros, a impressão de uma sociedade futura, ainda distante e distinta da que estava em formação.

CAPÍTULO II

LIMA BARRETO E OLAVO BILAC NA(S) CIDADE(S) DAS FOLHAS

*Uma velha e feia cidade, de ruas estreitas e mal calçadas, mas não sei porque, mais interessante, mais sincera, do que esse rio binocular que temos agora, com avenidas e palácios de fachadas, só cascas de casa, espécie de portentos cinematográficos.*¹⁹⁸

Lima Barreto

*(...) a cidade já não é a mesma e ainda não é outra; há um crepúsculo de transição, crepúsculo espalhado e longo, entre as duas fases da vida urbana.*¹⁹⁹

Olavo Bilac

“Lima Barreto e Olavo Bilac na(s) cidade(s) das folhas”, cremos que o título deste capítulo seja uma das nossas maiores preocupações, sobre ele pululam inúmeras indagações, mediante as quais desejamos nos ocupar ao longo dessas páginas. Quais são as cidades das folhas? O que as tornaram possíveis? De que forma Lima Barreto e Olavo Bilac se relacionam com as cidades das folhas, que circulavam nas ruas da cidade? Como os cronistas perceberam o Rio de Janeiro e compartilharam suas percepções nos jornais e revistas? Que percepções são essas que fazem emergir imagens fatiadas do Rio de Janeiro? Talvez sejam essas algumas das perguntas que movem toda a discussão ao longo do capítulo.

Posicionamos nossas lentes de observação nas páginas dos periódicos, para investigar as imagens do Rio de Janeiro criadas pelos cronistas cariocas. Nos surpreendemos ao notar que a cidade que privilegiamos, nas folhas, transformou-se em cidades. Lima Barreto e Olavo Bilac apresentaram pontos de vistas diferenciados sobre o Rio de Janeiro, que nos dão a impressão de que a cidade se multiplicou em cidades

¹⁹⁸ Barreto, Lima. Diário Íntimo. In. *Um longo sonho do futuro: diários, cartas, entrevistas e confissões dispersas*. Rio de Janeiro: Graphia Editorial, 1993.

¹⁹⁹ BILAC, Olavo. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 13/08/1905. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional.

que se interagem e se misturam. Do alto do morro, alguém observa a Avenida Central; da Avenida, outra pessoa observa o morro; do morro um sujeito assusta-se ao ver que hábitos da avenida subiam morro acima; da avenida, alguém olha e se espanta ao notar que costumes e tradições do morro passeavam pela aplainada e larga rua. Muitos se surpreenderam ao acompanhar o morro que se tornou em avenida. Desses possíveis olhares se formaram as crônicas, ou melhor, a cidade feita texto que retornou às ruas como cidades possíveis, ou quem sabe, recortes da Capital Federal. Bilac e Barreto nos oferecem suas visões literárias e/ou jornalísticas do espaço urbano do Rio de Janeiro no momento em que as ruas eram foco de atenção não só da imprensa, mas de toda a sociedade carioca.

2.1 PENA NA MÃO, OLHOS NAS RUAS, CIDADE NAS CRÔNICAS

Antes de visitarmos as cidades das folhas, vamos refletir um pouco sobre o aspecto biográfico dos cronistas durante as duas primeiras décadas do século XX, para analisar a relação dos mesmos com os jornais e revistas que acompanharam o processo de transformação urbana do Rio de Janeiro. A trajetória de Olavo Bilac e Lima Barreto no jornalismo ajuda a tornar inteligíveis suas opiniões a cerca da cidade, a posição assumida por eles e o momento da carreira jornalística de cada um em que suas crônicas se voltaram com maior intensidade para o aspecto urbano da cidade carioca. Essa reflexão elucidará porque as crônicas de Olavo Bilac foram um pouco mais focalizadas neste trabalho do que as de Lima Barreto.

O auge da carreira de Olavo Bilac como jornalista foi durante a primeira década do século XX, momento em que ele mais escreveu para os jornais e mais recompensas recebeu, tanto simbólicas como materiais. Sua contribuição mais intensa foi entre os anos de 1903 a 1908, seu apogeu na imprensa coincidiu justamente com o auge da transformação urbana na cidade do Rio de Janeiro, que tantos debates e curiosidades suscitou, que impressionou a tantas pessoas. Quase todas suas crônicas trataram da suposta reformulação (física) urbana da Capital Federal, fosse como tema principal ou secundário, mesmo quando ocupava apenas um parágrafo em toda crônica.

Durante esse período, ele escreveu para os maiores e mais renomados jornais e

revistas da época *Gazeta de Notícias*, *Correio Paulistano*, *Revista Kosmos*, *Jornal da Exposição*, entre outros. Era o momento mais intenso do encontro entre periódicos, um famoso escritor, e a promissora cidade. A cidade oferecia polêmicas e surpresas com interesse para muitas pessoas; polêmicas e surpresas nas quais a imprensa e o cronista poderiam se esbaldar. O cronista emprestava sua pena e o seu talento para ditar o tom das polêmicas e mudanças desejadas, bem como para tornar os periódicos mais atrativos. A imprensa cedia sua capacidade comunicativa e, porque não, coercitiva, para dar uma visibilidade camuflada, ou mesmo declarada, à cidade e ao cronista. Essa combinação ajudou a aumentar a visibilidade da tríade que se relacionavam com contribuições recíprocas.

Mas voltemos à trajetória de Olavo Bilac entre 1903 a 1908. O cronista acompanhou de perto todo o processo de transformação urbana da cidade, que acontecia, concomitantemente ou sucessivamente às mudanças na imprensa. Foi com entusiasmo que ele narrou e apoiou o projeto da construção da Avenida Central e demais reformas no calor da hora, quando ainda eram incertos o desfecho e os resultados do empreendimento. Um dos motivos pelos quais elegemos este período como apogeu da carreira de Bilac é porque ele produziu muitas crônicas, grande parte sobre as reformas encabeçadas por Rodrigues Alves e Pereira Passos.

Após 1908, Olavo Bilac abandona, repentinamente, suas colaborações para a imprensa. Não encontramos nenhum indício de colaboração do cronista feita em 1909 para jornais, revistas ou qualquer outro veículo de comunicação do jornalismo. O motivo exato do seu afastamento nos escapa; no entanto, temos algumas hipóteses sobre o que pode ter interferido nessa decisão. Um motivo provável pode ter sido a morte de sua mãe, Delfina Belmira dos Guimarães Bilac, quando o cronista também amiudava suas viagens à Europa. Outro motivo pode ter sido o cansaço do trabalho como cronista após vinte anos sem pausa no ofício.

O afastamento de Olavo Bilac da imprensa talvez não tenha um motivo único ou mais central. O mais provável é que tenha sido mesmo em função de fatores múltiplos, que o desobrigaram da função de “conquistador da cidade” para abraçar a de “conquistador do país”.²⁰⁰ Isso passa a ter todo o sentido, se pensarmos que seu afastamento da atividade jornalística se deu paralelamente à sua adesão a atividades cívicas. A partir de 1909, Olavo Bilac percorre o país fazendo palestras e conferências

²⁰⁰ Bilac, Olavo. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 25/10/1908. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional

em prol da defesa nacional na campanha pelo serviço militar obrigatório. Trabalha na publicação de livros como a *Pátria Brasileira*, em parceria com Coelho Neto.²⁰¹ A pergunta que nos ocorre diante de tal fato é: porque as atividades cívicas não foram desempenhadas na imprensa? Tendo em vista que Bilac já defendia idéias como serviço militar obrigatório, alfabetização e outros, nas páginas dos periódicos em que colaborava.²⁰²

Lima Barreto, por sua vez, iniciava, ao fim da carreira jornalística de Bilac, seu período de maior produção naquele meio. Após 1909, Barreto publicava, por exemplo, *Recordações do escrivão Isaias Caminha*, mais precisamente em 1911. Foi a partir daí que ele começou a tecer suas críticas e ironias aos projetos de modernização da cidade do Rio de Janeiro e à sua pretensão de se tornarem exemplos a serem admirados e seguidos. Exceto em duas crônicas que escreveu para a revista *O Diabo*, com o pseudônimo Diabo Coxo, ironizando o projeto de criar um Teatro Nacional²⁰³, e na sua rápida passagem no jornal *Correio da Manhã* em 1905, Barreto passou os anos iniciais de sua atividade praticamente sem se manifestar durante todo o período de intensas modificações no cenário urbano. Suas opiniões foram manifestas principalmente após o período de mais efervescência da transformação urbana, quando os resultados da reformulação da Capital federal já se apresentavam com maior nitidez. Aquele já era um momento em que seria possível perceber que o projeto progressista não era tão grandioso quanto se fazia pensar, e que a não inclusão da maior parte da população nesse projeto era notória. Suas palavras de protesto foram lançadas pela imprensa principalmente após o encerramento das obras de reformulação da cidade. Veremos o porquê do silêncio de Lima Barreto de 1905 até 1909. Este silêncio pode ser ainda mais revelador do que as próprias crônicas.

Lima Barreto iniciou suas colaborações para a imprensa em 1902 no jornal *A Lanterna*, em seguida colaborou no jornal humorístico *Tagarela*, no semanário *O Diabo*, na revista *Quinzena Alegre* e na *Revista da Época*, todos jornais de pouca expressão e de curtíssima duração. Suas colaborações nesses periódicos não foram muito expressivas e não têm a cidade do Rio de Janeiro como tema primordial, porém são importantes para registrar a tentativa de Barreto em ingressar no jornalismo

²⁰¹ DIMAS, Antonio (org.). *Vossa insolência*: São Paulo: Cia das letras, 1996. (Coleção “Raízes do Brasil”, vol.6). pág. 26-27

²⁰² *Correio Paulistano*. 27/10/1907, 25/12/1907, 11/06/1908.; *Gazeta de Notícias*. 17/06/1906. Kosmos. 04/1905. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional

²⁰³ BARRETO, Lima. *O Diabo*. Rio de Janeiro, 1903. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional

profissional. Somente em 1905, ele escreveu para um jornal de maior projeção: o *Correio da Manhã*. Sobre sua passagem neste diário, pouco se sabe. Se Barreto foi apenas um colaborador ou um redator efetivo, tudo indica que era apenas um colaborador em fase de experimentação no jornal, em que entrou por indicação de um de seus amigos do Café Papagaio que lá trabalhava, a saber: Pausílipo da Fonseca, redator político, e Bastos Tigre.²⁰⁴ Seja como for, sua passagem pelo *Correio da Manhã* foi breve, embora intensa.

A passagem de Lima Barreto pelo *Correio da Manhã*, em 1905, é marcada pelos vinte e dois textos que escreveu, anonimamente, sobre as escavações dos subterrâneos do Morro do Castelo, obra que derrubou trechos do morro tanto para fazer o aterro do porto como para a abertura da Avenida Central, na altura da praia de Santa Luzia.²⁰⁵ Embora os textos estivessem apócrifos, de acordo com Francisco de Assis Barbosa, não foi difícil identificar o autor da obra publicada, pois *de uma grande parte dela ficaram as laudas escritas à mão naquela letra inconfundível que pertencia a Lima Barreto*.²⁰⁶ Esses são os poucos escritos de Lima Barreto para o jornal que tratavam diretamente sobre a cidade do Rio de Janeiro em seu aspecto urbano. Uma dúvida que nos surge diante disso é saber por que os textos de Lima Barreto foram publicados sem assinatura. Seria por opção do cronista ou por exigência do próprio jornal? Como veremos posteriormente, a série de crônicas “Os subterrâneos do Morro do Castelo” tratavam ironicamente da demolição de parte do Morro do Castelo, bem como as medidas dos reformadores.²⁰⁷ Seria o ataque aos reformadores a preocupação do cronista para não revelar sua autoria?²⁰⁸

Os textos de Lima Barreto foram publicados ora na primeira página ora na segunda entre 28 de abril a 3 de junho; depois disso, não se tem nenhum indício do cronista nas páginas do jornal *Correio da Manhã*. A causa da sua saída é imprecisa, mas Lima Barreto deixou o jornal cheio de ressentimentos, nutrido até a sua morte, principalmente com Edmundo Bittencourt, o diretor responsável pelo periódico. Tanto é

²⁰⁴ BARBOSA, Francisco de Assis. *A vida de Lima Barreto*. Belo horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988. pág. 112.

²⁰⁵ KOK, Glória. *Rio de Janeiro na época da Avenida Central*. São Paulo: Bei Comunicação, 2005. pág. 30-31.

²⁰⁶ BARBOSA, Francisco de Assis. *A vida de Lima Barreto*. Belo horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988. pág. 114

²⁰⁷ BARRETO, Lima. Os subterrâneos do Morro do Castelo. In. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro. 28/04/1905 - 03/06/1905. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional

²⁰⁸ As respostas para essas perguntas demandariam um outro estudo. Não é objetivo desse trabalho se debruçar sobre tal investigação.

que, ao escrever uma lista dos jornais e revistas em que colaborou ao longo de sua carreira, ele não relaciona o jornal *Correio da Manhã*.²⁰⁹ Certamente, o ressentimento tem relação com sua saída repentina do jornal.

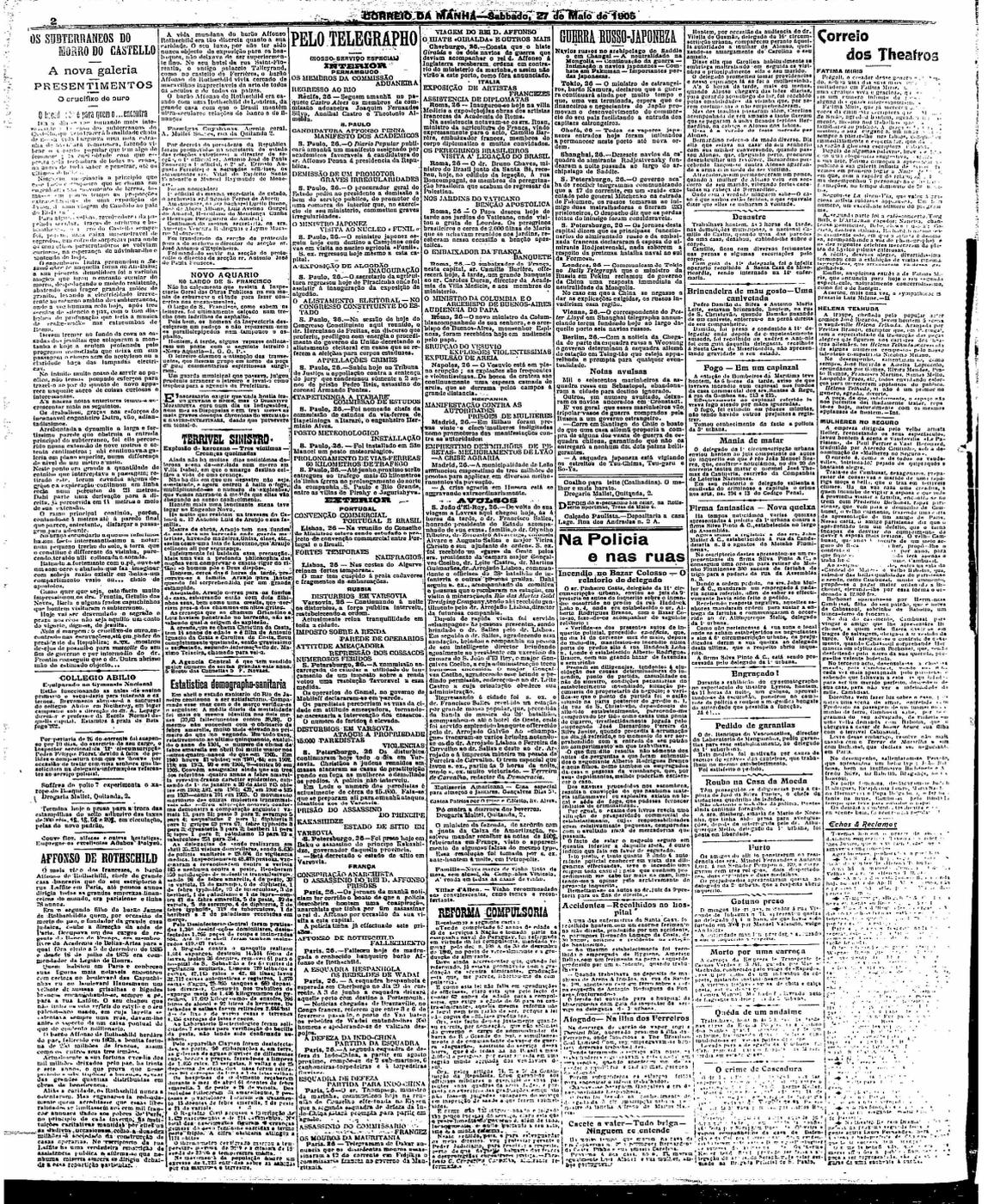


Ilustração 188 - *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 27/05/1905, pág. 2. Texto de Lima Barreto no lado esquerdo superior "O subterrâneos do Morro do Castello".

²⁰⁹ RESENDE, Beatriz; VALENÇA, Rachel (orgs.). *Lima Barreto: Toda Crônica: Volume I (1890-1919)*. Rio de Janeiro, Agir, 2004. pág. 49.

Creemos que a saída de Lima Barreto do jornal dirigido por Edmundo Bittencourt, deu-se em razão da postura militante do cronista, possivelmente cerceada pela direção do jornal, trazendo a ele menos oportunidades do que a outros colaboradores. O jornal se transformara em empresa jornalística, mudando de postura e o cronista não se adaptou a ela. De acordo com Brito Broca, o *Correio da Manhã* foi fundado em 1901 com orientação essencialmente polêmica de combate ao governo, tinha também grande abertura ao terreno das letras, sendo que todas as publicações nesse campo tinham a maior repercussão pela projeção da folha.²¹⁰ No entanto, como comenta Nelson Werneck, o *Correio da Manhã* era um:

*Veículo dos sentimentos e motivos da pequena burguesia urbana, em papel dos mais relevantes. Quebrou a monótona uniformidade política das combinações de cúpula, dos conclaves de gabinete; levantou sempre o protesto das camadas populares, na fase histórica em que a participação da classe trabalhadora era mínima. Através desse caminho, vindo de baixo, portanto, é que se transformou, e depressa, em empresa jornalística.*²¹¹

Talvez Barreto não conseguisse conceber como um jornal que chegou a ser instrumento da causa operária se tornara um instrumento do Estado. Já em 1906, aparece claramente a mudança de postura do jornal em relação aos seus primeiros anos, exemplificado na mensagem do prefeito Pereira Passos, publicada nas páginas do jornal: *É este um documento de grande valor, clara na sua linguagem, preciso nas suas abundantíssimas informações, detalhado na demonstração das medidas necessárias ao bom serviço da municipalidade e perfeitamente animador nas suas conclusões.*²¹² Nesse mesmo exemplar, há uma homenagem do jornal a Pereira Passos em razão do início da construção de casas nas zonas fabris. No jornal do dia seguinte, toda a primeira página era ocupada por uma mensagem de Pereira Passos.²¹³ Segundo Sidney Chalhou, o *Correio da Manhã*, na realidade, apóia abertamente a grande burguesia comercial nesta luta contra a pequena burguesia, olhando com bons olhos o suposto sopro

²¹⁰ BROCA, Brito. A vida literária no Brasil – 1900. 4.ed. Rio de Janeiro: Editora José Olympio: Academia Brasileira de Letras, 2004. pág. 294.

²¹¹ SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. 4ª edição., Rio de Janeiro: Editora Mauad, 1999. pág. 286.

²¹² PASSOS, Pereira. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 04/04/1906. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional

²¹³ *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 05/04/1906. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional

*civilizador trazido pelo sr. Pereira Passos.*²¹⁴

Fora isso, em 1906, o periódico diário trazia como a grande atração das suas folhas ilustradas, Coelho Neto, o “mandarim das letras” mais odiado por Barreto, por escrever uma literatura que considerava elitista. Enfim, Barreto não coadunava com a idéia do jornal que se queria fazer representante da camada popular e dos operários, buscava ser um veículo de livre acesso da prefeitura e que contava com colaborações de escritores que desconheciam e ignoravam, segundo julgava Barreto, a realidade do povo menos favorecido. Isso nos ajuda a entender melhor a saída de Barreto e sua ira contra o Jornal e seus membros.

Após deixar o *Correio da Manhã*, Lima Barreto não esboçou grande preocupação, na imprensa, com as reformas urbanas no Rio de Janeiro. Barreto praticamente abandonou o jornalismo – ou foi abandonado por ele – para se dedicar à produção de romances; seu alvo era ser lido e reconhecido pela sua produção propriamente literária. Todavia, sua revolta ainda era latente. Bem verdade que Lima Barreto fez outras duas tentativas no jornalismo. A primeira foi uma rápida passagem pela redação da revista humorística *Fon-Fon*, dirigida por Mário Pederneiras. Segundo Francisco Barbosa de Assis, Barreto não suportou por muito tempo a atitude de superioridade que os diretores e demais colaboradores assumiram para com ele, sendo assim essa tentativa foi mais uma *inutilidade do seu esforço de procurar o caminho da imprensa burguesa, para a sua iniciação na carreira de escritor. Submeter-se-ia a qualquer sacrifício, menos ao de transgredir com a mediocridade.*²¹⁵

Diante da não adaptação do cronista aos periódicos de maior circulação, voltados essencialmente para o mundanismo, ele cria a revista *Floreal* com o propósito puramente literário como um instrumento de divulgação de escritores, como ele, fora do círculo dos medalhões da época, do qual Olavo Bilac era um dos mais expressivos. A revista se extinguiu no quarto número, sem grande ressonância na imprensa, que sempre respondia às tentativas de Lima Barreto com o silêncio. Na revista *Floreal*, publicou parte da sua obra *Recordações do Escrivão Isaias Caminha*, ataques à imprensa empresa, representada pelo *Correio da Manhã*, e aos nomes vinculados a ela como Coelho Neto, João do Rio, Edmundo Bittencourt, entre outros, que eram elogiados por

²¹⁴ CHALHUB, Sidney. *Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores no rio de Janeiro da belle époque*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2001. pág. 138.

²¹⁵ BARBOSA, Francisco de Assis. *A vida de Lima Barreto*. Belo horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988. pág. 132.

todo país.

Outro livro que escreveu nessa época entre 1905 e 1909 foi *Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá*, também na mesma linha do *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, contudo menos agressivo. Nessas obras, Barreto trata da cidade do Rio de Janeiro no seu aspecto urbano apenas como pano de fundo: rápida descrição de cenários para seu objetivo maior, que foi demonstrar a revolta com as injustiças que sofreu e a antipatia em relação aos intelectuais da “literatura oficial”.²¹⁶ Somente após *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, publicado em 1909 na cidade de Lisboa, que Lima Barreto passou a se dedicar intensamente à imprensa, e a direcionar suas críticas ao cotidiano carioca, especialmente aos aspectos mundanos presentes nas ruas e obras realizadas pelo projeto de modernização do Rio de Janeiro, que contrastavam e conviviam com o subúrbio. Enquanto isso, Olavo Bilac era o orador oficial da inauguração do Teatro Municipal e se lançava na campanha civilista.

O livro de Barreto foi concluído em 1908, publicado no ano seguinte apenas porque o autor cedeu gratuitamente seu manuscrito a uma editora de Portugal pelo simples prazer de vê-lo publicado.²¹⁷ Sua obra foi recebida como uma polêmica pela imprensa, como se ali estivesse exposto os bastidores da vida literária e jornalística que todos viam, comentavam, mas ninguém tinha coragem de denunciar e transformar em palavra escrita. Cremos que foi graças à repercussão do livro *Recordações do escrivão Isaías Caminha*, que Lima Barreto pôde se consagrar no ofício de cronista e ter algumas portas de periódicos abertas.

Essa é, em nossa opinião, a explicação mais coerente que justifica e nos ajuda a entender a adesão de Lima Barreto ao jornalismo com todo vapor, a partir de 1911. Mas quais eram os periódicos em que ele foi bem recebido? Essa indagação é importante para se pensar de que forma Barreto, com uma obra agressiva como *Recordações do escrivão Isaías Caminha*, inseriu-se veementemente na imprensa, já que seus ataques foram dirigidos, claramente, às principais personalidades da época, àqueles que controlavam os meios de publicação das principais folhas do Rio de Janeiro.

Lima Barreto ganha espaço e prestígio em periódicos humorísticos e em pequenos jornais estritamente de cunho político; enfim, periódicos que eram antípodas

²¹⁶ BARRETO, Lima. *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá*. 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 1961.;
BARRETO, Lima. *Recordações do escrivão Isaías Caminha*. 6 ed. São Paulo: Brasiliense, 1976.

²¹⁷ BROCA, Brito. *A vida literária no Brasil – 1900*. 4.ed. Rio de Janeiro: Editora José Olympio: Academia Brasileira de Letras, 2004. pág. 203.

da chamada grande imprensa, que faziam críticas à vida mundana e aos seus protagonistas: os grandes nomes da política e da literatura. Nesse sentido, Lima Barreto é reivindicado ao jornalismo justamente para fazer oposição aos conclave políticos e literários da elite carioca, que se manifestaram inclusive no aspecto urbano da cidade do Rio de Janeiro. Com sua ironia, revolta e talento, Barreto se apresentou como colaborador ideal para esse tipo de imprensa. Mais do que ter liberdade para escrever o que quisesse e liberdade de expressar seu pensamento, era a ousadia em denunciar, ridicularizar e escarnecer que os jornais, revistas e público alvo dos mesmos esperavam dele. Viam nele um cronista que escrevia sem se preocupar com julgamentos. Lima Barreto dizia a uma entrevista feita para o jornal *A Época*:

*Desde o meu Isaías Caminha que só trato de obedecer a regra do meu Taine: a obra de arte tem por fim dizer o que os simples fatos não dizem. É este o meu escopo. Vim para a literatura com todo o desinteresse e com toda a coragem. As letras são o fim da minha vida. Eu não peço delas senão aquilo que elas me podem dar: glória! Eu sou afilhado de N. S. da Glória. Não quero ser deputado, não quero ser senador, não quero ser nada, senão literato.*²¹⁸

“Dizer o que os simples fatos não dizem” essa parecia ser a intenção dos escritos de Lima Barreto, após suas fracassadas tentativas de se tornar conhecido através dos grandes jornais e revistas. Quem sabe, para Olavo Bilac, Lima Barreto era um *incompreendido*? Sobre os incompreendidos, Bilac afirmou em uma crônica: *ainda não conheci um incompreendido que não quebrasse lanças para alcançar celebridade: o ódio do vulgo ignaro, o horror da multidão profana, o desprezo do louvor popular, só vem depois, quando falha sem esperança a última tentativa da conquista (...).*²¹⁹ Incompreendido ou não nos termos de Olavo Bilac, o cronista Lima Barreto colocou sua pena à serviço da população menos favorecida, excluída social, cultural e economicamente. Como cronista, ele foi uma espécie de revolucionário das letras, que se voltou para o aspecto urbano. Nele, no urbano, estava expressa parte significativa dos motivos de protesto de Barreto: as dificuldades e problemas dos suburbanos, aos quais se dispôs a defender.

Nessa perspectiva, as ruas, arquitetura, hábitos, costumes, projetos progressistas

²¹⁸ BARRETO, Lima. apud. BARBOSA, Francisco de Assis. *A vida de Lima Barreto*. Belo horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988. pág. 194.

²¹⁹ Bilac, Olavo. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 25/10/1908. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional

de reformulação da cidade, o ideal de modernidade e o sonho de grandeza do Rio de Janeiro aparecem como tema bastante recorrente nas suas crônicas a partir de 1911, momento em que se vivia sob novo alento: os melhoramentos iniciados no início do século por Pereira Passos, com a abertura da Avenida Central. O cronista transformou sua concepção de cidade em crônicas na *Gazeta da Tarde*, *Correio da Noite*, *Voz do Trabalhador*, no semanário político *A.B.C.*, *O Debate* e na famosa revista humorística *Careta*.

Olavo Bilac e Lima Barreto, de lugares diferentes, em veículos com propostas diferentes, com intenções quase sempre diversas, criaram concepções de cidades que queremos confrontar para entender melhor essa conexão entre cidade, crônicas e cronistas.

2.2 RIO DE JANEIRO ENTRE MORROS E AVENIDAS

Através da leitura que fizemos das crônicas de Lima Barreto e Olavo Bilac, observamos que, possivelmente, o lugar mais privilegiado para investigar os debates referentes às reformas no espaço urbano seja na fronteira entre a concepção de cidade que a reforma urbana desejou anular e a outra que se desejou construir. Esse espaço de fronteira, antes de tudo, é ponto de encontro, deve ser entendido como lugar de contato e não de separação ou isolamento. Nesse sentido, o Morro de Castelo e a Avenida Central apareceram nas crônicas de Lima Barreto e Olavo Bilac como pontos de partida para se discutir a cidade, no que se refere às mudanças que o Rio de Janeiro experimentava em diversos aspectos, inclusive o urbano.

As áreas da cidade do Rio de Janeiro que foram comentadas pelos cronistas praticamente se limitavam ao Morro do Castelo e à Avenida Central, descritas de maneiras distintas e tomadas como exemplo para fins diversos, dependendo das circunstâncias. Esses eram, certamente, os principais espaços em debate no início do século XX; afinal, foram esses os espaços nos quais se edificou a fronteira entre a cidade atrasada e a cidade civilizada e moderna, segundo os padrões do ideal de modernidade e seus defensores. O Morro do Castelo foi hegemonicamente tomado como o símbolo maior do passado colonial e a Avenida Central foi assumida como

ícone do progresso republicano. Estes símbolos refletiam, contudo, toda a cidade do Rio de Janeiro, nas suas contradições. A foto de Joaquim Martins Torres, retratando as demolições na encosta do Morro do Castelo, demonstra o contato entre o Morro e a Avenida percebido pelos cronistas.²²⁰



Ilustração 20 - Morro do Castelo. Rio de Janeiro, 1904. Joaquim Martins Torres.

Olavo Bilac, em uma de suas crônicas escritas para a *Gazeta de Notícias*, mostra-nos com clareza o contato entre o espaço do Morro e o espaço da Avenida, que o discurso dos cronistas, que eram aliados dos reformadores, insistia em separar, de modo a contrapor os ambientes. Podemos notar que o esforço para diferenciação já demonstra, entre outras coisas, o contato, as semelhanças e interferências mútuas entre o Morro do Castelo e a Avenida Central.

Nem vem a pêlo dizer o que me levava ao morro ancião... basta dizer que era dia de Finados ... Quando me vi no alto, defronte da velha igreja de Santo Inácio, quase esquecera o que ia fazer. Aquele cenário melancólico, - o céu feio, os edifícios arruinados, como roídos de lepra – tudo aquilo me empolgou a alma: e fiquei parado, olhando tudo com um largo olhar de despedida, - porque tudo aquilo

²²⁰ Apud. KOK, Glória. *Rio de Janeiro na época da Avenida Central*. São Paulo: Bei Comunicação, 2005.

*vai desaparecer.*²²¹

Como podemos ver, Olavo Bilac, em sua crônica, afirmou ter feito uma visita ao Morro do Castelo. É importante lembrar que ele era, sem dúvida, um exemplo de homem civilizado e moderno a ser seguido, freqüentemente dava conselhos nos jornais em que escrevia sobre atitudes de civilidade, ou mesmo condenava atos não aceitáveis na alta sociedade burguesa.²²² Em sua visita, ele se coloca como alguém fora do seu ambiente natural, como alguém que não pertence ao lugar: era apenas um visitante ali de passagem. No alto do morro, lugar mais distante da cidade moderna e civilizada que se construía em sua encosta, foi o lugar escolhido por Bilac para demonstrar porque se identificava com a demolição. Os adjetivos utilizados pelo escritor para descrever o cenário clarifica a visão do cronista sobre o morro: “feio”, “melancólico”, “roídos de lepra”, “ancião”...

Ao afirmar que a razão de sua visita ao morro se deu por ocasião do dia dos finados, Bilac queria insinuar que ambientes como aquele morreriam com as reformas ou após elas. Todavia, esta concepção de cidade que Bilac gostaria de exterminar permaneceu viva e convivendo com a recém-nascida, ou ainda em gestação: permaneceu às sombras da “cidade moderna”.

Lima Barreto analisava o Morro do Castelo numa outra perspectiva. Ele não desprezava ou desvalorizava as coisas e o ambiente do morro, mas ironizava a intenção daqueles que desejavam destruí-lo:

A hipótese, pois, de existirem no morro do Castelo, sob as fundações do vasto e velho convento dos jesuítas, objetos de alto valor artístico, em ouro e em prata, além de moedas sem conta e uma grande biblioteca, tomou vulto em breve, provocando o furo arqueológico dos revolvedores de ruínas e a auri sacra fames de alguns capitalistas, que chegaram mesmo a se organizar em companhia, com o fim de explorar a empoeirada e úmida colchida dos Jesuítas. Sucessivas escavações foram levadas a efeito, sem êxito apreciável; um velho, residente em Santa Teresa, prestou-se a servir de guia aos bandeirantes da nova espécie, sem que de todo este insano trabalho rendesse afinal alguma coisa a mais que o pranto que derramaram os capitalistas pelo dinheiro despendido e o eco dos risos casquilhos de mofa (...) Estes fatos já estavam quase totalmente esquecidos, quando ontem novamente se voltou a atenção pública para o desgracioso

²²¹ BILAC, Olavo. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 05/11/1905. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional.

²²² *Jornal da Exposição*. Rio de Janeiro, 14/09/1908.; *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 20/05/1906. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional.

morro condenado a ruir em breve aos golpes da picareta demolidora dos construtores da Avenida. Anteontem, ao cair da noite, era grande a azáfama naquele trecho das obras. A turma de trabalhadores, em golpes isócronos brandiam os alviões contra o terreno multissecular, e a cada golpe, um bloco de terra negra se deslocava, indo rolar, desfazendo-se, pelo talude natural do terreno revolvido. Em certo momento, o trabalhador Nelson, ao descarregar com pulso forte a picareta sobre as últimas pedras de um alicerce, notou com surpresa que o terreno cedía, desobstruindo a entrada de uma vasta galeria. O trabalho foi suspenso a fim de que se dessem as providências convenientes em tão estranho caso; uma sentinela foi colocada à porta do subterrâneo que guarda uma grande fortuna ou uma enorme e secular pilhéria; e, como era natural, o Sr. Ministro da Fazenda, que já tem habituada a pituitária aos perfumes do dinheiro, lá compareceu, com o Dr. Frontin e outros engenheiros, a fim, talvez, de informar à curiosa comissão se achava aquilo com cheiro de casa-forte... O comparecimento de S. Exa., bem como a conferência que hoje se deve realizar entre o Dr. Frontin e o Dr. Lauro Muller, levam-nos a supor que nas altas camadas se acredita na existência de tesouros dos jesuítas no subterrâneo do morro do Castelo.²²³

Lima Barreto trabalhou, em suas crônicas *O subterrâneo do Morro do Castelo*, com o lado histórico do morro como o lugar de origem da cidade e também com as lendas criadas em torno dele, que habitavam o imaginário dos cariocas. O cronista misturava tudo isso com sua ficção e ironia para acompanhar os trabalhos de demolição da histórica e lendária colina. De acordo com Glória Kok, o Morro do Castelo foi o primeiro núcleo urbano do Rio de Janeiro. Diante de uma planície limitada por morros e por uma série de mangues, brejos, lagoas e praias, lá foi o lugar escolhido por Mém de Sá para fundar a cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, que se expandiu a partir do final do século XVI em direção à planície. Naquele momento, a colina se apresentava como o lugar ideal por ser o ponto mais salubre e de melhor observação para a vigília e defesa da cidade recém-fundada contra as invasões francesas.²²⁴

Um outro fato histórico que marcou o Morro do Castelo como um monumento do passado colonial, que de acordo com Paulo César de Barros foi um capítulo marcante na história do Morro bem como do Rio de Janeiro, foi a expulsão da Ordem dos Jesuítas durante o governo de Marques de Pombal, no século XVIII. Essa página da história do Castelo foi responsável por suscitar muitas lendas na população. Dentre elas, a mais comentada era sobre os Tesouros que teriam sido enterrados nos seus também lendários

²²³ BARRETO, Lima. O subterrâneo do Morro do Castelo. In. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 29/04/2005. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional

²²⁴ KOK, Glória. *Rio de Janeiro na época da Avenida Central*. São Paulo: Bei Comunicação, 2005. pág. 25.

subterrâneos durante o rápido despejo dessa Ordem. Paulo César de Barros nos chama a atenção de que essa lenda foi absorvida inclusive pelas classes dirigentes, ao ponto de que as possíveis riquezas lá encontradas serviriam como garantia às empresas que estivessem a serviço do desmante.²²⁵ Até mesmo Olavo Bilac escreveu sobre essa lenda em uma de suas crônicas publicadas na *Gazeta de Notícias*. Nela, o cronista descreve as discussões nas rodas informais de intelectuais, dentre eles João do Rio e Arthur Azevedo, que comentavam sobre arte, poesia, negócios, crônicas, intrigas, política e, numa ocasião, sobre a galeria subterrânea do Morro do Castelo, sem dúvida o assunto do momento, comentado tanto por Olavo Bilac na *Gazeta de Notícias*, como por Lima Barreto no *Correio da Manhã*.

Em sua crônica, Olavo Bilac afirmava que *Fantasio*, um de seus pares, havia encontrado a entrada para a galeria do subterrâneo do Morro e foi conferir o tesouro que ali estava. Disse ter visto as estátuas dos apóstolos em ouro maciço *com diademas de esmeraldas faiscantes*. Bilac encerra a crônica com as palavras de seu personagem, Fantasio, dizendo que tudo não passava de um sonho interrompido por um Senhor que lhe chamava para cobrar o aluguel há sete meses atrasado²²⁶, como se quisesse dizer que a preocupação em relação a demolição do morro não deveria ser voltada para as lendas e fantasias, mas para as preocupações reais e necessárias da vida, pois, na realidade, Fantasio era apenas um inquilino devedor que, no sonho, após ter encontrado o tesouro, pensou ser o poder, a riqueza e a força, comparando-se a Deus.

Como vimos, Lima Barreto chama os dirigentes da reforma urbana de *capitalistas* ou *bandeirante de nova espécie*, que fazem escavações, não necessariamente por metais e pedras preciosas, mas em busca de outras formas de riquezas. Analogia interessante de Barreto, que bem sabia que os interesses dos bandeirantes eram mais no apresamento de índios do que na busca de ouro. Os construtores, com suas picaretas demolidoras, são retratados como pessoas sedentas por poder e dinheiro, capazes de passar por cima de tudo e todos que se colocarem à frente do seu caminho. As imagens que Lima Barreto fazia dos construtores da Avenida Central nas suas crônicas são semelhantes às caricaturas de K. Lixto, publicadas na revista *O Malho*, revista carioca semanal que foi oposição às reformas do início do

²²⁵ BARROS, Paulo Cesar. Onde nasceu a cidade do Rio de Janeiro? Um pouco da história do Morro do Castelo. In. *Revista geo-paisagem*. Vol. 1, número 2, Julho/Dezembro de 2002.

²²⁶ BILAC, Olavo. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 30/04/1905. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional

século, ironizando, em especial, o presidente Rodrigues Alves, o prefeito nomeado por ele, Francisco Pereira Passos, e os engenheiros que ocuparam postos estratégicos da administração pública como: Lauro Severiano Muller, ministro da Indústria, Viação e Obras Públicas, Francisco de Paula Bicalho, diretor técnico da Comissão das Obras do Porto do Rio de Janeiro, e André Gustavo Paulo Frontin, presidente da Comissão construtora da Avenida Central.²²⁷



Ilustração 21 - *O Malho*. Rio de Janeiro. 31/03/1903.

²²⁷ NEEDELL, Jeffrey d. *Belle Époque Tropical*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. pág. 55-57.



Ilustração 22 - *O Malho*. Rio de Janeiro, 18/03/1905.

O Morro do Castelo, de monumento da história do Rio de Janeiro, foi transformado em obstáculo a ser destruído para o florescimento da futura cidade moderna. Inúmeros pareceres técnicos vinculados à medicina e à engenharia condenaram a colina, por, supostamente, não permitir a circulação dos ventos na área central da cidade e por ter uma arquitetura rudimentar e perigosa. Com tais pareceres, foram realizados cortes no morro, a partir de 1904, para a abertura da avenida e para a edificação da Biblioteca Nacional, Museu Nacional de Belas Artes e do Supremo Tribunal Federal. Segundo Myriam Bahia Lopes, os laudos médicos atribuíam aos morros e aos modos de vida daquele lugar responsabilidade pela propagação de epidemias que assolavam a cidade, mas principalmente alegavam que o Morro manchava a imagem do Rio de Janeiro no exterior, devido ao medo que os estrangeiros tinham de se contaminar ao visitar a Capital Federal. Ela afirma que *A destruição dos morros no centro da cidade e o alargamento das ruas são justificados pela necessidade de aeração do espaço urbano.*²²⁸

²²⁸ LOPES, Myriam Bahia. *O Rio em movimento: quadros médicos e(m) história 1890-1920*. Rio de Janeiro: Editora FioCruz, 2000. pág. 43.

O Morro do Castelo, assim como o de São Bento, situava-se na área central da cidade, os cronistas demonstraram que esta era uma zona de fronteira, trazendo à baila suas tensões e confrontos. Olavo Bilac dizia:

A garoa aumentava, alguns cães, tiritando, magros, de cauda encolhida, farejavam a grama. Uma preta velha, de carapinha alva, veio recolher à pressa uma roupa estrangalhada que estendera junto ao muro do colégio (...) fui ao meu destino, - enveredando pelo labirinto de ruas em declive, esburacadas, entre ruas cambaleantes e tortas. A cada passo, um rápido olhar, lançado através de uma porta, vinha revelar-me aspectos novos de uma vida de trabalho e miséria. Pátios de estalagens, inundados de água de sabão; quintais cheios de crianças nuas e sujas rolando no chão, entre galinhas arrepiadas; oficinas escuras em que trabalhavam homens calados, cosendo sapatos, soldando caçarolas rebentadas, martelando tábuas, casebres imundos, onde madraços dormiam, sobre esteiras negras, de boca aberta, cozinhando a aguardente; poiais em que se estatelavam, numa modorra vaga, mulheres maltrapilhas, fitando as pedras da rua com um olhar idiota; quitandas repugnantes, botequins tresandando a cachaça e suor, tascas de onde saía um bafo asqueroso de gordura e de azeite queimado... Eram, a cinco minutos da Avenida, uma terra e uma gente de outra raça, de outra época, de outra civilização. E, àquela hora em que os cemitérios da cidade se enchem de visitantes, eu tinha a sensação de estar visitando também um cemitério, - um cemitério de vivos.²²⁹

Toda essa paisagem descrita por Olavo Bilac concorria com a Avenida Central. É interessante ressaltar que a crônica foi publicada a dez dias da inauguração das obras do imenso bulevar, *que cortava as construções colônias da cidade velha*²³⁰; o que aconteceu no dia 15 de novembro, exatamente no aniversário da proclamação da República. Um dos maiores entusiastas da nova cidade identificava os aspectos da cidade velha: a *terra e gente de outra raça, época e civilização* não estava apenas no morro, ela estava também na nova, larga e espaçosa rua inaugurada. A referência do cronista é sempre o miolo reformado, é a partir dele que ele faz suas análises e julgamentos. Nesse sentido, o morro é descrito de uma forma que justifica sua destruição, ligando-se ao discurso dos dirigentes.

Olavo Bilac anda pelas ruas estreitas e tortas com os olhos voltados para os símbolos do progresso. Suas palavras escritas querem fazer crer em um Rio totalmente civilizado e moderno em breve. Para ele, o morro era palco de um cenário caótico e

²²⁹ BILAC, Olavo. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 05/11/1905. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional

²³⁰ NEEDELL, Jeffrey d. *Belle Époque Tropical*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. pág. 58.

atribui essa não inserção do morro ao que é moderno à população e não aos engenheiros sanitaristas. Espaços como Morro do Castelo assumiam novo sentido, novo significado frente à construção da desejada cidade ideal; tanto que Bilac afirma que a vida de trabalho e miséria ganha novos aspectos, se observados pela ótica da Avenida Central. Tudo e todos que não acompanhavam os símbolos do progresso e seu rápido ritmo de mudanças foram designados pelo cronista como inapropriados, antiquados, fora do lugar e do tempo.

A Avenida Central ganha outro sentido nas crônicas de Lima Barreto, bem como o Morro do Castelo, pois suas crônicas não têm como foco a mudança de ambiente, mas os problemas causados por ela. Seus comentários são carregados de ceticismo, não se deixam seduzir pela concepção de cidade moderna, pois Barreto entendia que essa maneira de perceber a reforma urbana camuflaria os danos e prejuízos da população pobre em defesa da qual ele julgava escrever. Lima Barreto escrevia:

Uma hora da tarde; o sol causticante ao alto e uma poeirada quente e sufocante na Avenida em construção; operários cantam e voz dolente, enquanto os músculos fortes puxam cabos, vibram picaretas, revolvem a areia e a cal das argamassas.

O trajeto pela Avenida, sob a canícula medonha, assusta-nos; um amigo penalizado, resolve-se a servir-nos de Cirineu e lá vamos os dois, satirizando os homens e as coisas, pelo caminho que conduz ao tesouro dos jesuítas ou à blage da lenda.

Estacamos para indagar de um grupo de trabalhadores onde podíamos encontrar o Dr. Dutra.

-Patrão, não sabemos; nós trabalhamos no teatro.

Não eram atores, está visto; simples operários, colaboradores anônimos nas glórias futuras da ribalta municipal.

Mais alguns passos e aos nossos surge a mole argilosa do Castelo: um grande talho no ventre arroxeadado da montanha nos faz adivinhar a entrada do famoso subterrâneo.

Limitando uma larga extensão, há, em torno ao local de tantas esperanças, uma cerca de arame, barreira à curiosidade pública que ameaçava atrapalhar a marcha dos trabalhos.²³¹

O cronista percorre a Avenida Central em plena obra, andando pelo espaço alargado da rua, ou em processo de alargamento; procura pelo Morro do Castelo, para lá está voltada sua atenção; faz questão de demonstrar que, por mais incrível que pareça, é percorrendo a sonhada Avenida que se chega até o Morro, como se houvesse um tapete

²³¹ BARRETO, Lima. O subterrâneo do Morro do Castelo. In. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 29/04/2005. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional

estendido que o levasse até o lugar realmente importante. Podemos observar que a descrição que Lima Barreto faz da Avenida é absolutamente diferente daquelas que estavam integradas ao projeto modernista. Começamos pelos aspectos que saltavam aos olhos de todos, e que ele faz questão de não citar, como: as novas edificações não são mencionadas, pelo menos não como observadas por ele, também não menciona o alargamento da rua, a velocidade do trabalho, o encantamento das pessoas, entre outros aspectos comumente comentados. Não há, na crônica de Lima Barreto, demonstração de encantamento ou admiração pelo que estava sendo feito; pelo contrário, há insatisfação, indignação e tristeza.

Enquanto Olavo Bilac parecia fazer coro com os responsáveis pela reformulação urbana do Rio de Janeiro, Lima Barreto se coloca do lado dos penalizados por ela. A visão que Lima Barreto nos apresenta da Avenida é, como ele mesmo afirma, assustadora, um lugar de destruição e mal-estar: *sol causticante, canícula medonha, poeira quente e sufocante*. Ele não atribui importância ao que estava em construção, ou seja, ao resultado final de todo aquele cenário, como se o fim da obra fosse mesmo encerrado em poeira e o calor excessivo. O cronista, ao afirmar que *operários cantam em voz dolente*, quis revelar que nem todos estavam entusiasmados com as transformações urbanas. O canto dolente dos operários nos remete ao canto dos escravos nas lavouras de café e cana de açúcar, parece uma forma de amenizar a dor e exaustão que sentem, pois certamente se sujeitavam às péssimas condições de trabalho. A velocidade da obra é demonstrada aqui pelo cansaço e fadiga do *operário descrente*²³² e não pela acelerada mudança de cenário.

O operário é apresentado por Lima Barreto como o principal responsável pela possibilidade de transformação no traçado urbano e, ao mesmo tempo, como o anônimo que não participará da glória que os construtores dirigentes já recebiam mesmo antes de concluídas as obras. A expressão “*anônimo nas glórias futuras*” pode ainda ter um outro sentido ainda mais perverso do que o primeiro, qual seja: a exclusão do operário na obra que ele construiu, ou ainda ter sua moradia destruída pelas suas próprias mãos em razão do trabalho a que se dedicava. Todavia, o colaborador do jornal *Correio da Manhã* resistia ao anonimato desses operários, ao falar de um operário especificamente ele cita o nome, tentando não apenas atribuir importância e identidade ao mesmo, mas também uma tentativa de demonstrar proximidade e intimidade com a classe operária.

²³² BARRETO, Lima. O subterrâneo do Morro do Castelo. In. *Correio da Manhã*, 03/05/1905. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional

O Morro do Castelo de Lima Barreto não era como o de Olavo Bilac: para o segundo é um lugar de sujeira, precariedade, atraso e incivilidade; para o primeiro, um *local de tantas esperanças*. As esperanças bilaquianas não eram em torno da possibilidade de existência do tesouro dos jesuítas, mas de um lugar ao redor do qual, apesar das dificuldades, havia sonhos e expectativas de modernidade. A concepção de cidade dos cronistas dependia muito do lugar que ocupavam na sociedade, bem como do jornal em que colaboravam. São esses fatores, entre outros, que propiciaram formas tão diferentes de perceber e comentar os “fatos”.

Olavo Bilac, atento às polêmicas de sua época, ironiza o valor atribuído à *sagrada colina* como justificativa para sua permanência:

Ali eu via a célula geradora da cidade, dali nascera, dali partira o Rio de Janeiro a minha urbs querida... o Morro do castelo é o relicário da nossa infância de povo. Agora tudo aquilo vai desaparecer: o morro está condenado. Não lhe hão de valer razões de respeito histórico ou religioso, nem razões de economia. A cidade moderna, cosmópolis soberana precisa daquele largo espaço que ainda é tomada pela cidade colonial. Os ossos de Estácio de Sá descerão dali, para outro sarcófago mais limpo. O marco da cidade descerá também, nada impedi que, depois de arrasado o Castelo, o padrão glorioso venha ocupar na planície, no centro de uma linda praça, a mesma situação que ali em cima ocupa. Todos aqueles paredões esfarelados de fortalezas e igrejas, todos aqueles casebres de vigamentos podres, toda aquela mole formidável de pedra e barro, tudo aquilo virá aterrar o nosso cais; e a tradição permanecerá intangível e eterna; os materiais da metrópole antiga virão servir a glória da metrópole moderna. O morro está condenado. Já se sumiu, da sua encosta, destruído pela expansão da Avenida, o velho Seminário. Dia a dia, as picaretas vão furando as entranhas da colina sagrada. O Progresso já lavrou e assinou a sentença de morte daquele imenso mausoléu em que jaz o nosso passado... a tarde caia (...) eu não podia, com os meus olhos, estabelecer um confronto entre esse transatlântico e as naus de Mem. Mas podia estabelecê-lo entre essa velha cidade que acabava de percorrer e a cidade moderna para a qual me vinha dirigindo, ao passo lento, pela ladeira íngreme.²³³

O confronto entre a *cidade velha* e a *cidade nova* era inevitável. Bilac se colocou com um dos narradores desse confronto. Claramente em defesa da segunda, tendia para a vitória do *progresso*, que queria passar por cima da tradição, tida por ele como atraso. Havia uma disputa pelo espaço: usando os termos de Bilac, a *cidade nova* se viu bloqueada pela *cidade velha* e, esta, ameaçada pela tentativa de avanço da primeira. No

²³³ BILAC, Olavo. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 05/11/1905. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional

entanto, tratava-se de um confronto não apenas de caráter urbano, mas também entre concepções e projetos de cidade, entre possibilidades distintas para o futuro do Rio de Janeiro, entre conservação e mudança, entre o que deve ou não deve ser lembrado. Como vimos, através de Lima Barreto, nem todos viam o subúrbio como sinônimo de desordem, atraso, barbárie, etc.

Segundo Renato Cordeiro Gomes, a demolição material dos prédios e de seus símbolos é fruto da disparidade entre os resquícios da cidade com a vida da metrópole. Nessa perspectiva, a cidade histórica é submetida ao não valor e sujeita à destruição a qualquer custo. A impressão que se tem, através das crônicas de Olavo Bilac, e talvez fosse isso o que se quis passar, é de que havia uma luta entre a cultura do progresso e a (in)cultura do atraso, quando na verdade o que houve foi um embate entre duas culturas, ou formas de pensar, uma cultura que destrói a outra por ser tida como oposta e como um obstáculo a ela.²³⁴

Lima Barreto diz que *a picareta demolidora foi a varinha mágica que tirou o encanto secular do morro, (...) onde a voz humana ecoa hoje, após três séculos de silêncio e paz, com o tom diabólico de profanação (...).*²³⁵ O cronista percebe que os donos do poder tentam provocar o desencanto da população em relação àquilo que querem extirpar e o encanto naquilo que desejam construir. Contudo, para que a picareta demolidora tivesse legitimidade para atuar, foi preciso que o jornalismo, por meio das suas diversas linguagens, ajudasse a escarnecer e a descaracterizar qualquer símbolo positivo do morro que pudesse interferir no trabalho de demolição. A *Gazeta de Notícias* é um exemplo de periódico que participou desse processo.²³⁶ A estratégia para implementação do plano de cidade ideal, sob o lema positivista da ordem e do progresso, passa pela idéia de encerrar um ciclo histórico e abrir outro. Construir a nova cidade sob a outra que foi destruída, por ser identificada como coisa do passado e conseqüentemente do atraso. Sendo assim, a cidade passa a ser avaliada sob os critérios do plano de cidade ideal.²³⁷

²³⁴ GOMES, Renato Cordeiro. *Todas as cidades, a cidade: literatura e experiência urbana*. Rio de Janeiro: Rocco, 2008. pág. 103-107.

²³⁵ BARRETO, Lima. O subterrâneo do morro do castelo. In. *Correio da Manhã*, 27/05/1905. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional

²³⁶ Suplemento Ilustrado. In. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 30/04/1905. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional

²³⁷ GOMES, Renato Cordeiro. *Todas as cidades, a cidade: literatura e experiência urbana*. Rio de Janeiro: Rocco, 2008. pág. 116.

ECHOS DA SEMANA



Ilustração 23 - Ilustração do suplemento ilustrado da *Gazeta de Notícias*, 30/04/1905. (*Elle* – Venho de ver o subterrâneo do Castello. / *Ella* – E que tal / *Elle* – Muito escuro não pude ver coisa alguma.)

Embora Olavo Bilac afirmasse a ruína da cidade velha que, com todo seu valor histórico, serviria, literalmente, de alicerce para a metrópole moderna, o contraste de paisagem na área central do Rio de Janeiro permaneceu por muitos anos, mesmo após a reforma encabeçada por Rodrigues Alves e Francisco Pereira Passos. A demolição total do Morro do Castelo só ocorreu na década de 1920, na administração de Carlos Sampaio, por ocasião da comemoração do primeiro centenário da independência do Brasil. Carlos Sampaio foi comparado com Pereira Passos devido às obras de saneamento e embelezamento que implementou na cidade e também por afundar a

prefeitura do Distrito Federal em dívidas. ²³⁸ Observe-se as duas fotografias abaixo, tiradas por Augusto Malta em 1920²³⁹, que demonstra que o Morro do Castelo continuava evidenciando a precária condição de moradia da população, dentre outras coisas que o cronista Olavo Bilac, em 1905, sinalizava como sendo as características da *metrópole antiga*.



Ilustração 24 - Morro do Castelo, 31/08/1920. Foto de Augusto Malta.

²³⁸ NONATO, José Antonio e SANTOS, Nubia Melhem. *Era uma Vez o Morro do Castelo*. Rio de Janeiro, IPHAN, 2000.

²³⁹ Apud. KOK, Glória. *Rio de Janeiro na época da Avenida Central*. São Paulo: Bei Comunicação, 2005.



Ilustração 25 - Morro do Castelo, 31/08/1920. Foto de Augusto Malta.

Enquanto as obras da avenida eram efetuadas na parte demolida do Morro, Lima Barreto seguia, como ele mesmo assegurou, *satirizando os homens e as coisas*, com sua série de crônicas sobre as polêmicas em torno da *montanha predestinada*.²⁴⁰ Ele dizia: *O homem já não se contenta em querer escalar o céu, quer também descer ao coração da terra e não poderá o morro do Castelo embarçar-lhe a ação. Há de rasgar-se, há de mostrar o labirinto de suas acidentadas galerias e há de espirrar para fora os milhões que vêm pulverizando numa digestão secular*.²⁴¹ O cronista se cerca de grande desconfiança em relação ao que ele concebe como um insaciável desejo de modernização a todo e qualquer custo. Sua concepção de cidade não revelava as supostas maravilhas e benefícios do Rio de Janeiro; Lima Barreto demonstrava as qualidades da cidade por um viés antagônico ao da Reforma. Havia na cidade uma

²⁴⁰ BARRETO, Lima. O subterrâneo do morro do castelo. In. *Correio da Manhã*, 02/05/1905. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional

²⁴¹ BARRETO, Lima. O subterrâneo do morro do castelo. In. *Correio da Manhã*, 03/05/1905. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional

polifonia de vozes: a de Barreto somava-se à de uma parcela da sociedade sofrida pelos efeitos de modernização e do “aburguesamento” da vida.

O desejo dos dirigentes de modernizar o Rio de Janeiro era ainda maior que os obstáculos que apareceram. Lima Barreto considerava que, para eles, não havia limites, nada lhes embaraçava a ação. Não se tratava do Morro do Castelo em si, não era propriamente ele que o cronista se preocupou em defender, mas sim a população que lá habitava, também condenada juntamente com o morro. A geografia da cidade do Rio de Janeiro foi submetida a intervenções irreversíveis; vários morros sofreram com a atuação ordenada pelos construtores do grande símbolo urbano da modernidade. O Morro de São Bento foi parcialmente destruído a dinamite, o Morro do Senado foi todo demolido, entre outros.²⁴² O Morro do Castelo foi um dos mais comentados pela imprensa, porque além de ser o espaço onde nasceu a cidade, era local de residência de muitas famílias pobres. A demolição de uma de suas encostas fez com muitas casas fossem derrubadas. O próprio Olavo Bilac escreveu uma crônica sobre a destruição das residências do Castelo, comparando as habitações a um castelo de baralho em que uma carta segura a outra:

A mão travessa de uma das crianças sacode uma das cartas base, - e toda a construção maravilhosa vem abaixo, de roldão, amontoada em ruínas... A mesma coisa acontece nesta feia aglomeração de casas podres, que era nossa velha cidade. A primeira pedra deslocou todo conjunto. As primeiras casas demolidas deixaram ver o caruncho e o desmazelo das outras. E, como um sopro destruidor, ruas inteiras, bairros compactos aluíram. O vasto corpo da cidade parece o vulto de um cadáver exposto, em pedaços, sobre a mesa de um anfiteatro de anatomia, depois da dissecação: (...) a urbs de Mem de Sá, amputada, retalhada, espostejada, sangra poeira de barro e calça por todos os lados²⁴³.

Lima Barreto não concordava com a idéia de que várias famílias de imigrantes, operários, pobres, e muitos desempregados, tivessem que dar lugar para passar a Avenida.²⁴⁴ Ele enxergava nas transformações urbanas um modelo de modernidade que imprimia uma reforma egoísta e excludente, em que o desejo de poucos era realizado a custa do sacrifício de muitos. O famoso “bota-abaixo” desestruturou a vida de famílias que viviam no centro, pois tiveram suas habitações condenadas pelo ímpeto reformista.

²⁴² NEEDELL, Jeffrey d. *Belle Époque Tropical*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. pág. 60.

²⁴³ BILAC, Olavo. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 13/08/1905. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional

²⁴⁴ BARRETO, Lima. *Clara dos Anjos*. São Paulo: Ática, 1995.

Lima Barreto, nas páginas do *Correio da Manhã*, ironizou os responsáveis pela postura assumida pelos construtores da Avenida.

*Se o ouro ainda não refulgiu ao golpe explorador da picareta, um modesto som metálico já se fez ouvir, eriçando os cabelos dos novos bandeirantes e dando-lhes à espinha o frio solene das grandes ocasiões; som feio e inarmônico de ferro velho, contudo som animador que faz pregoar orquestrações de barras de ouro (...)*²⁴⁵

Misturando lenda, jornalismo, história e ficção, Lima Barreto constrói uma estória em torno da demolição da encosta do Morro do Castelo para demonstrar a ambição insaciável dos *novos bandeirantes*. Nesse sentido, ele afirma que durante as escavações, encontrou-se uma galeria feita pelos jesuítas, onde acharam um crucifixo de ouro e um candeeiro de ferro, apropriados respectivamente por Rodrigues Alves e Frontin assim que foram achados.²⁴⁶

Então o Sr. Rodrigues Alves ou o Dr. Frontin, numa terra em que todos são iguais, podem se apossar de objetos encontrados em terrenos do Estado e encontrados quando se faziam escavações por conta desse mesmo Estado?

*Se assim é, mandemos plantar batatas a tal igualdade, porque nenhum deles é melhor do que qualquer homem do povo, único pagante dos trabalhos feitos no morro do Castelo. Vamos lá, Sr. Rodrigues Alves e Dr. Frontin, entreguem ao Museu Nacional o que lhes não pertence: isto aqui não é, positivamente, a casa da mãe Joana.*²⁴⁷

Entendemos a ironia de Lima Barreto como uma crítica aos principais nomes da administração pública por não prezarem o bem comum, tornando a recém-implantada República um instrumento político a serviço meramente da elite, não concebendo, na prática, um dos lemas republicanos: o de que todos são iguais. Sendo assim, o cronista não acusa os construtores simplesmente de se apossarem dos supostos objetos encontrados, o crucifixo e o candeeiro, mas sim de destruir a moradia de muitas pessoas que ficaram sem ter para onde ir e os prédios históricos do morro, como o antigo Seminário dos Capuchinhos. Para Lima Barreto, eles se apropriaram do que era do povo

²⁴⁵ BARRETO, Lima. O subterrâneo do Morro do Castelo. *Correio da Manhã*, 02/05/1905. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional

²⁴⁶ BARRETO, Lima. O subterrâneo do Morro do Castelo. *Correio da Manhã*, 24/05/1905 - 28/05/1905. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional

²⁴⁷ BARRETO, Lima. O subterrâneo do Morro do Castelo. *Correio da Manhã*, 28/05/1905. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional

em nome do Estado, para satisfazer suas vontades, sem se preocuparem com as reais necessidades dos *penalizados*.

O presidente da comissão construtora da Avenida Central, André Gustavo Paulo Frontin, foi, inclusive, comparado ao reconstrutor de Lisboa, Marques de Pombal: *O Sr. Frontin é o Marquês de Pombal na segunda encarnação! Esta frase, dita num tom firme e catedrático, na meia-luz de uma sala francamente iluminada, deu-nos calafrios à alma, já, de resto, habituada às surpreendentes coisas de que tem sido pródigo este encantado morro do Castelo.*²⁴⁸ A informação da encarnação de Marques de Pombal em Frontin, foi dada por Sr. Coelho, um jornalista que Lima Barreto denominou de oráculo, por saber também de coisas ocultas criticando também a imprensa-empresa, grande parte dela a serviço do Estado. Segundo Fania Fridman, por ordem de Marques de Pombal, em 1759, os Jesuítas foram expulsos e tiveram seus bens confiscados, transformados em patrimônio do Estado e vendidos em leilão.²⁴⁹ Sendo assim, a ironia do cronista revela sua indignação com a construção da Avenida Central e a postura assumida por Frontin em expulsar os moradores do subúrbio.

O desejo pelo espaço e a pressa em tê-lo, que conduziu o processo de destruição do morro, feito em nome da areação e higiene, gerou vários problemas, dentre eles a falta de moradia e a supervalorização dos imóveis na região central, que agravou consideravelmente a crise habitacional. Olavo Bilac, mesmo como o cronista do miolo reformado da cidade, por vezes invadiu o espaço onde Lima Barreto circulava e apontou alguns problemas causados pelo projeto de cidade que defendia. Em uma dessas ocasiões ele enfiou o dedo na ferida e falou sobre a crise de moradia. Claro que antes de comentar sobre isso na crônica, defendeu a derrubada das *casas anciãs* como algo necessário e urgente a ser feito, dizendo ser comum o sofrimento de todos inicialmente em função das lembranças e dos momentos vividos nas residências que resistiam à morte, mas que tudo ocorreria por uma causa nobre e justa.

Não sejamos, sincera e fingidamente, insensíveis. Interrompamos, por um momento, o coro de louvores justíssimo com que estamos saudando e exaltando a transformação da cidade, e reconheçamos que há no aspecto atual das nossas ruas uma tristeza, um ar de

²⁴⁸ BARRETO, Lima. O subterrâneo do Morro do Castelo. *Correio da Manhã*, 07/05/1905. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional

²⁴⁹ FRIDMAN, Fania. *Donos do Rio em Nome do Rei – Uma História Fundiária da Cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1999.

*infelicidade, um tom de mágoa que devem merecer algumas palavras de compadecida simpatia. Ninguém mais do que eu aplaude essa obra de destruição, porque ninguém mais do que eu reconhece a sua necessidade (...)*²⁵⁰

Após a ressalva, Olavo Bilac segue:

Há ainda uma outra causa de melancolia e tristeza, nesta demolição de prédios: é a lembrança dos atropelos, das angústias, das aflições em que se vê a gente pobre, obrigada a mudar-se da noite para o dia. A mudar-se pra onde? Para onde levarão os pobres os seus trastes, modestos mas queridos, os tristes cacarecos que são toda a sua fortuna?

As casas que as picaretas estão demolindo, eram justamente as únicas em que, pela modicidade do aluguel, se podiam aboletar os trabalhadores. Em que ponto da cidade vai essa multidão procurar um teto, à cuja proteção confie os seus penates sagrados?

*Mas parece que ainda há hesitações... e fala-se em arrasar todo o morro do Castelo... Arrase-se o morro, que já há muitos anos devia ter sido arrasado! Mas, antes de arrasá-lo, digam-me, pelo amor de Deus, para onde se há de mudar toda a gente que o habita, - gente que é tão gente como nós, e que, como nós, tem o direito de possuir uma casa, um lar, uma família, e uma vida!*²⁵¹

Essa crônica de Olavo Bilac chamou-nos muito a atenção, principalmente porque o cronista assumiu uma posição, ainda que de forma ligeira, não comumente adotada por ele ao tratar do assunto. Poderíamos enumerar vários fatores para tentar explicar a razão da argumentação feita nesta crônica. Poderia ser pelo fato de um possível tumulto dos desabrigados se recusando a deixar o morro e a região central, tornando o fato impossível de não ser comentado; ou, ainda, em função de preocupações não pelos *penalizados* da reforma, mas em tirar rapidamente o aglomerado de pessoas pobres da região central antes da inauguração. Esse último fator que apontamos poderia ser facilmente justificado pela resposta que o próprio cronista deu às suas indagações como solução possível para o problema indicado, dizendo:

O local? Mas as duas margens do leito da estrada de ferro, pela imensa extensão da zona de subúrbios, podem abrigar uma infinita colméia humana. O dinheiro? – mas emita-se, cunhe-se, invente-se esse dinheiro sem hesitação! Esse dinheiro não será despejado à toa! Esse dinheiro frutificará em vidas, em trabalho, em civilização, em glória da nossa terra, em orgulho da nossa raça, - porque aniquilará

²⁵⁰ BILAC, Olavo. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 13/08/1905. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional

²⁵¹ Idem.

*a tuberculose, a miséria, a fome, os crimes, todas as moléstias físicas e morais, todas as epidemias corporais e sociais que nos afligem e desonram!*²⁵²

No entanto, consideramos que a defesa de Bilac da população pobre do morro, expulsa pelo processo de modernização da cidade, não é uma argumentação irônica, nem mesmo um falso interesse, tendo por traz o desejo maior de tirá-los da avenida. Acreditamos que Olavo Bilac estava mesmo preocupado não apenas em solucionar a crise de moradia que afetava os menos favorecidos, mas também com outras adversidades como desemprego, insalubridade e a desfavorável condição de vida dos desabrigados. Cremos que sua argumentação não passa de uma estratégia para emocionar e convencer seus leitores a agir diante de tais necessidades. Para Bilac, talvez destoando um pouco do projeto dos dirigentes, a modernização da cidade passava não apenas por embelezar e higienizar o Rio de Janeiro, afastando os vizinhos indesejados do Morro do Castelo, mas por minimizar os contrastes sociais oferecendo melhor qualidade de vida aos pobres dando-lhes a possibilidade de se “civilizarem”.

Em 1921, a revista *Careta*, através de ilustração, denunciou a falta de moradia e aumento do preço dos imóveis, lembrando que esse foi o período em que o Morro do Castelo foi completamente demolido, já na administração de Campos Sales. Logo após a ilustração, a revista trazia uma crônica de Lima Barreto tratando do assunto. O próprio título já era uma provocação: “*O prefeito e o povo*”, como se tratassem de coisas absolutamente antagônicas, dois mundos diferenciados e afastados entre si, de maneira que o cronista, ironizando as ações do prefeito na dimensão urbana, não o reconhecia como o governante de sua cidade e representante do povo carioca. Barreto afirmava: *vê-se bem que a principal preocupação do atual governador do Rio de Janeiro é dividi-lo em duas cidades: uma será a européia e a outra, a indígena*²⁵³. Seguindo este raciocínio, Lima Barreto, questiona a grande atenção dada aos lugares “nobres” da cidade e o desleixo com o subúrbio, principalmente no aspecto relativo à moradia, contrastando a construção de prédios com os barracos existentes no local.

Municipalidade supõe-se, segundo a origem, um governo popular que cuide de atender, em primeiro lugar, ao interesse comum dos habitantes da cidade (comuna) e favorecer o mais possível a vida da

²⁵² Idem.

²⁵³ BARRETO, Lima. *Careta*. Rio de Janeiro. 15/01/1905. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional

*gente pobre. Esses hotéis serão para ela? Pode-se, entretanto, admitir, a fim de justificar o amor do prefeito aos hotéis de luxo, que quer construir a custa de nossos magros cobres; pode-se admitir que, com isso Sua Excelência pretendia influir indiretamente no saneamento do morro da favela. Municipalidades de todo o mundo constroem casas populares; a nossa, construindo hotéis chics.*²⁵⁴

²⁵⁴ Idem.



UMA CASA A ALUGAR

— O aluguel é de quinhentos mil réis e para evitar desgostos eu digo logo: — as paredes são húmidas e as caixas dagua estão vazias.
— Isso não importa. Nos dormimos nas caixas e bebemos nas paredes.

Escola de Aviação do Campo dos Affonsos



A visita do aviador argentino Hearne.

Ilustração 26 - Careta. Rio de Janeiro, 15/01/1921. (O aluguel é de quinhentos mil réis e para evitar desgostos eu digo logo: - as paredes são húmidas e as caixas dagua estão vazias. / isso não importa. Nós dormimos nas caixas e bebemos nas paredes.)

O Prefeito e o Povo

O Sr. Dr. Carlos Sampaio é um excellento prefeito, melhor do que elle só o senhor de Frontin. Eu sou habitante da cidade do Rio de Janeiro e, até, nella nasci; mas, apesar disso, não sirto quasi a acção administrativa de S. Ex.^a Para mim, S. Ex.^a é um grande prefeito, não ha duvida alguma; mas de uma cidade da Zambezia ou da Conchichina.

Vê-se bem que a principal preocupação do actual governador do Rio de Janeiro é dividir-o em duas cidades: uma será a européa e a outra, a indigena.

E' isto que se faz ou se fez na India, na China, em Java, etc; e em geral, nos paizes conquistados e habitados por gente mais ou menos amarella ou negra. Senão, vejamos.

Todo o dia, pela manhã, quando vou dar o meu passeio philosophico e hygienico, pelos arredores da minha casa suburbana, tropeço nos caldeirões da rua principal da localidade de minha residencia, rua essa que foi calçada ha bem cincoenta annos, a pedregulhos respeitaveis.

Lembro-me dos silhares dos caminhos romanos e do asphalto com que a Prefeitura Municipal está cobrindo os areas desertos de Copacabana.

Porque será que ella não reserva um pouquinho dos seus cuidados para essa util rua das minhas vizinhanças, que até é caminho de defuntos para o cemiterio de Inhaúma? Justos céos! Tem acontecido com estes cada coisa macabra! Nem vale a pena contar.

Penso que, nessa predilecção dos prefeitos por Copacabana, ha milonga; mas nada digo, porquanto tenho aconselhado aos meus vizinhos proprietarios que a usem tambem.

Outro cuidado que me faz meditar sobre as singulares cogitações

do actual Prefeito, é a sua preocupação constar.te de Hoteis e Hospedarias.

No tempo em que o Sr. Calmon foi Ministro da Industria, quasi se creou uma Directoria Geral, na sua Secretaria, para tratar de Hoteis, Hospedarias, Albergues, Pouzos e Quilombos; actualmente, cogita-se na criação de um Ministerio de Festas, Bailes, Piqueniques, Funçonatas, Charangas e Football; mas essas creações são, ou serão, levadas a effeito pelo Governo Federal, cuja riqueza é illimitada e pode arcar com as despesas respectivas e bem empregadas na defesa da Patria.

A Prefeitura, a Municipalidade, porém, não tem, como elle, o privilegio de fazer dinheiro á vontade, donde se pode concluir que ella não poderá arcar com os pezados gastos de Hoteis luxuosos para hospedar grossos e medios visitantes illustres.

De resto, Municipalidade suppõe-se ser, segundo a origem, um governo popular que de attender, em primeiro lugar, ao interesse commum dos habitantes da cidade (communa) e fornecer o mais possivel a vida da gente pobre. Esses hoteis serão para ella?

Pode-se, entretanto, admitir, afim de justificar o amor do Prefeito aos hoteis de luxo, que quer construir á custa dos nossos magros cobres; pode-se admitir que, com isso, S. Ex.^a pretenda influir indirectamente no saneamento do morro da Favella.

Municipalidades de todo o mundo constroem casas populares; a nossa, construindo hoteis *chics*, espera que, á vista do exemplo, os habitantes da Favella e do Salgueiro modifiquem o estylo das suas barracas. Pode ser...

O Sr. Sampaio tambem tem se preocupado muito como plano de viação geral da cidade.

Quem quizer, pode ir commodamente de automovel da Avenida à Angra dos Reis, passando por Botafogo e Copacabana; mas, ninguem

será capaz de ir á cavallo do jacaré á Irajá.

Todos os seus esforços tendem para educação do povo nas coisas de luxo e gozo. A cidade e os seus habitantes, elle quer catitas. E' bom; mas a policia é que vai ter mais trabalho. Não havendo dinheiro em todas as algibeiras, os furtos, os roubos, as fraudes de toda a natureza hão de se multiplicar; e, só assim, uma grande parte dos cariocas terá «Gimbo» para custear os smartismos sampainos.

A recrudescencia do apparecimento de notas falsas está fornecendo um excellento panno de a-nos-tra.

Contudo, não é conveniente censurar o Dr. Sampaio por isso.

O Theatro Municipal é uma demonstração de como a Municipalidade pode educar o povo, muito a contento.

Construiu, ali, na Avenida, aquelle luxuoso edificio que nos está por mais de vinte mil contos.

Para se ir lá, regulamentarmente, um qualquer sujeito tem que gastar, só em vestuario, dinheiro que dá para elle viver e familia, durante mezes; as representações que lá se dão, são em linguas que só um reduzido numero de pessoas entende; entretanto, o Theatro Municipal, inclusive o seu porão pontmezyado, está concorrendo fortemente para a educação dos escripturarios do Meyer, dos mestres de officina do Engenho de Dentro e dos soldados e lavadeiras da Favella.

Não se pode negar...

LIMA BARRETO

□ OO □

Fixando o seu subsidio em 3 contos por mez, os deputados praticam um acto de abnegação e patriotismo, em attenção ás condições precarias do paiz. Se fossem determinar o que juigam que vale o seu trabalho, marcariam dez contos por mez. — R.



SAIBAM TODOS !!!

Que a *Agua Branca Neval* é o Deus da Belleza, o amigo da pelle, o sonho das senhoras elegantes. É um producto de tal valor que as senhoras edosas se transformam aparentando juventude e belleza. Em *Paris* não ha *velhas* porque se usa a *Agua Branca Neval*. Em pouco tempo a pelle adquire uma brancura de neve fazendo desaparecer as manchas, espinhas e todos os defeitos cutaneos.

Pração, 8\$000 pelo correio, 10\$000

Vende-se em todas as perfumarias, drogarias e pharmacias. — Deposito geral:

CASA GASPAR — Praça Tiradentes, 18-RIO

Note que, na revista *Careta*, os dois mundos denominados por Barreto de Europeu e indígena estavam presentes, dividindo a mesma página. A fotografia de gente elegante divide espaço com uma ilustração sobre a realidade da gente pobre. Em outra página, a crônica de Barreto em apoio às necessidades da *comuna* e crítica ao governo, está acompanhada de um reclame voltado para a gente elegante, construído em sintonia com os signos da modernidade.

Anos antes, Bilac fazia tal denúncia em periódicos não conhecidos pelo tom humorístico. Em 1907, o cronista voltou a falar sobre o mesmo problema da habitação de forma ainda mais enfática e agressiva que na crônica de 1905, revelando que muito da sua euforia e entusiasmo do momento anterior havia se dissipado, levando-nos a crer que houve até mesmo certo desencantamento seu ou desilusão com os resultados de reurbanização da cidade do Rio de Janeiro. Na famosa e luxuosa revista *Kosmos*, comentou:

*Não há quem ignore que, com as demolições e reconstruções que o aformoseamento da cidade exigiu, houve no Rio uma verdadeira “crise de habitação”. O número de casas habitáveis diminuiu em geral, porque a reconstrução é morosa. Além disso, diminuiu especialmente, e de modo notável, o número de casas modestas, destinadas á moradia de gente pobre, porque, substituindo as ruas estreitas e humildes em que havia prédios pequenos e baratos, rasgaram-se ruas largas e suntuosas, em que se edificaram palacetes elegantes e caros. E que fizeram os proprietários dos casebres e dos cochicholos que as picaretas demolidoras pouparam? Viram na agonia da gente pobre uma boa fonte de renda, e aumentando o preço dos seus prédios. É uma crise completa e terrível (...) Deixemos de parte a ironia! A ironia é descabida, quando há sofrimento real dos que se queixam. A crise existe, e os que tudo podem, os que mandam e governam, os que tem dinheiro e força nada querem fazer em favor dos que não acham onde morar. Que há de fazer a gente pobre? Se ao menos essa gente pudesse morar ao ar livre, sob o teto piedoso do céu, sob o pálio misericordioso das estrelas!... transformar-se-iam a Avenida Central, a Avenida Beira Mar, o Campo de São Cristóvão, o Parque República, os terrenos acrescidos no Mangue, o largo do Paço, a Copacabana, a Tijuca, em imensos caravançarás descobertos, em vastos acampamentos (...) Mas a polícia é feroz: a lei manda considerar vagabundo todo indivíduo que não tem domicílio certo (...) conheceis porventura pessoa ou cousa mais atrocemente estúpida do que essa abominável entidade que se chama A Lei? Bem mais feliz que o homem é o caramujo, que já nasce com sua casa nas costas (...) sem pagar um vintém pelo aluguel por essa habitação confortável que a natureza lhe deu!*²⁵⁵

²⁵⁵ BILAC, Olavo. *Kosmos*. Rio de Janeiro, 10/1907. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional.

Podemos dizer que as crônicas em que Olavo Bilac mudou o tom das suas análises são, no mínimo, surpreendentes por partirem de um nome famoso, conhecido por textos favoráveis às elites política e literária da sociedade, quase sempre voltadas aos signos do progresso e modernidade defendidos pelo projeto republicano. Nas crônicas, como esta, em que sai de sua tendência costumeira, Bilac parece aproximar-se muito das opiniões de Lima Barreto.

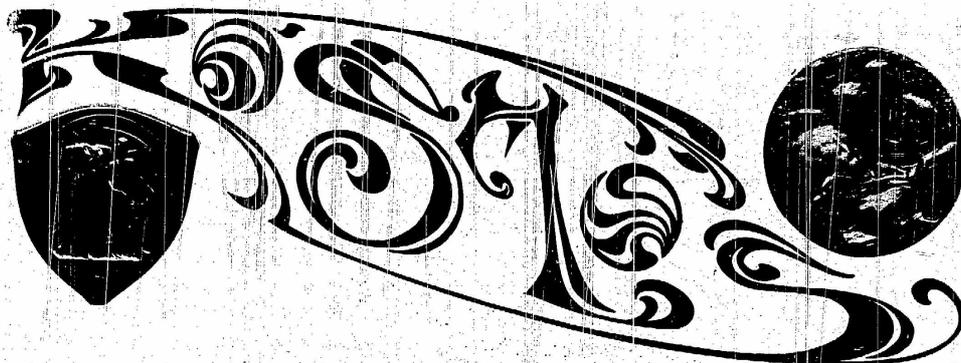
É interessante lembrar que Olavo Bilac escrevia para o jornal *Gazeta de Notícias* e para a revista *Kosmos*, periódicos que apoiavam as medidas governamentais, especialmente a *Kosmos*, revista direcionada à elite carioca que tinha total afinamento com a política de Pereira Passos, principalmente no que se referia à reestruturação da cidade. As críticas se repetiam com mais frequência na *Gazeta de Notícias* do que na revista *Kosmos*, provavelmente pela maior ligação da revista com o Estado²⁵⁶. Mesmo assim, de acordo com Antonio Dimas, era através dessa revista que Bilac “puxava as orelhas” do poder público e da burguesia carioca.²⁵⁷

Observe-se, na ilustração seguinte, que a crônica de Olavo Bilac ocupa a primeira página da revista *Kosmos* e que, logo acima do início da crônica em que ele aponta a falta de moradia como problema da reforma, aparece um informe da revista bem legível: *Não nos responsabilizamos pelas opiniões emitidas pelos nossos colaboradores*, como se a revista estivesse se eximindo de qualquer culpa das farpas lançadas pelo cronista. Acreditamos que, embora o cronista escrevesse quase sempre de acordo com a orientação da revista e dos seus responsáveis, diante do prestígio e reconhecimento que tinha, gozava de certa liberdade para, vez ou outra, contrariar essa tendência sem ter que sofrer retaliações.

²⁵⁶ *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 07/01/1900 – 25/10/1908. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional.

Kosmos. Rio de Janeiro, 03/1904 – 05/1908. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional.

²⁵⁷ DIMAS, Antonio. *Bilac, o jornalista: ensaios*. São Paulo: Edusp / Unicamp / Imprensa Oficial do estado de São Paulo. Pág. 144.



REVISTA ARTISTICA, SCIENTIFICA E LITTERARIA

Director-Proprietario
JORGE SCHMIDT

ASSIGNATURA ANNUAL
INTERIOR. . . . 20\$000 EXTERIOR. . . . 25\$000
NUMERO AVULSO 2\$000 — ATRAZADO 3\$000

Redacção e Officinas
RUA DA ASSEMBLÉA, 62
RIO DE JANEIRO

ANNO IV

OUTUBRO 1907

N. 10

ENDEREÇO TELEGRAPHICO KÓSMOS-RIO — CAIXA DO CORREIO N. 1085

NÃO NOS RESPONSABILISAMOS PELAS OPINIÕES EMITTIDAS POR NOSSOS COLLABORADORES

CRONICA



DESDE que ha homens na face da Terra, — as trez grandes causas de todos os soffrimentos, de todos os conflictos, de todas as guerras, de todos os crimes, têm sido : a casa, a comida e o amor.

Dessas trez cousas, ha uma que não tem a força das outras : a comida; estomago faminto sempre se arranja bem ou mal, com fartura ou penuria, com indigestão ou jejum.

Mas a casa !... Mas o amor !... Essas são as duas molas reaes da existencia humana, as duas necessidades terriveis da nossa vida. E' raro, rarissimo, que a fome seja origem de crimes ; ao passo que por causa da propriedade de terras ou de casas, e por causa do amor, os tribunaes nunca tem mãos a medir, quer estejam occupados em decidir as pendencias e os litigios entre proprietarios ou entre amantes, quer estejam occupados em processar os réus de assassinatos causados pelo delirio da posse material ou

da posse amorosa. O tecto e o beijo ! — eis ahí os dois inimigos da tranquillidade humana !

Já os trogloditas, os homens-chimpanzés, e os primeiros lapões, e os primeiros esquimós, e os primeiros celtas, eram governados exclusivamente por essas duas necessidades. Para o homem primitivo, comer era um problema de solução facil : a caça era abundante, era farta e pesca, — e havia, na face da terra inculta e no seio das aguas bravias, carne demais para aplacar a exigencia do mais valido estomago. Mas o tecto e a mulher ! O que o homem primitivo, como o homem de hoje, defendia e prezava acima de tudo era o seu lar : a casa e a companheira. A casa era uma rude grota natural, ou uma caverna artificial cavada na rocha, ou uma construcção megalithica de penedos sobrepostos, ou uma cabana lacustre levantada á flor da agua sobre espeques de madeira tosca, ou um ninho aereo equilibrado no cimo de alta arvore frondosa : dentro dessa casa, vivia a Mulher, que devia ser nesse tempo uma grande macaca muito feia e muito cabelluda — mas que já era uma das preoccupações maximas, um dos maiores cuidados, uma das paixões supremas do homem.

Quem sabe esta postura de denunciar os males da reforma em defesa dos pobres seja um dos motivos pelos quais Lima Barreto evitava o ataque direto contra Olavo Bilac, contrariando sua tendência de criticar todos os nomes da literatura que se ligavam a ele ou pertenciam ao mesmo grupo como: João do Rio, Patrocínio Filho, Luiz Edmundo, Mario Cataruzza, Afrânio Peixoto, Coelho Neto, entre outros. O principal alvo de Lima Barreto, o escritor Coelho Neto, publicou junto com Olavo Bilac várias vezes ao longo de sua carreira como: *Sagres e a Terra fluminense* (1898), *Crítica e fantasia* (1904), *Poesias infantis* (1904), *Contos pátrios* (1904), *Teatro infantil* (1905), *A pátria brasileira* (1909).²⁵⁸ Se Olavo Bilac e Coelho Neto tinham tal ligação, por que então Bilac não foi também repudiado por Lima Barreto? Certamente porque, ainda que raramente, Olavo Bilac denunciava problemas da cidade, ironizava o modelo de vida da burguesia, criticava os grandes nomes da política, ou seja, exercia aquilo que Barreto concebia como a verdadeira função da literatura. Barreto chegou a pedir empenho a Olavo Bilac, muito influente nas editoras, para publicar seu romance mais polêmico,²⁵⁹ *Recordações do Escrivão Isaias Caminha*, outro indício da identificação entre os escritores ou, ao menos, do acesso que um buscava junto ao outro.

Voltemos ao assunto do Morro do Castelo com Lima Barreto, escritor que se empenhou em mostrar a segregação social e espacial na modernização excludente do Rio de Janeiro. Lima Barreto não enxergava com bons olhos as obras de reestruturação urbana, porque não se tratava de um projeto capaz de abranger toda a cidade. O cronista entendia que reformar o morro não fazia parte do projeto de modernização e progresso, de maneira que, para se criar o “Rio de Janeiro espetáculo”, seria necessário criar o “Rio de Janeiro vítima”; para se criar o “Rio de Janeiro do Progresso”, também teria que se criar o “Rio de Janeiro do atraso”, ou seja, cidades múltiplas e ao mesmo tempo concorrentes. O cronista argumenta, com traços ficcionais, que a Derrubada do Morro do Castelo foi um engano, pois se ganharia muito mais se tivesse investido nele, construindo novas habitações, ruas, calçamentos e restaurando os prédios de valor

²⁵⁸ Dimas, Antonio (org.). *Vossa insolência*: São Paulo: Cia das letras, 1996. (Coleção “Raízes do Brasil”, vol.6). pág. 25-26.

²⁵⁹ BARBOSA, Francisco de Assis (org.). *Lima Barreto*: Correspondência ativa e passiva (1º tomo). São Paulo: editora brasiliense, 1956.

Prova disso é o bilhete que Lima Barreto recebeu de Olavo Bilac em 1911:

Quarta feira, meio dia.

Meu caro L. Barreto.

Falei hoje ao Alves, que me disse: “em princípio, a coisa está feita; mas não pode ser feita já, senão daqui a alguns meses”. Insisti, mas em vão. Desculpe o fracasso da boa vontade do seu muito admirador.

Bilac.

histórico, enfim uma reforma com menos gastos e transtornos.

Depois de muito tempo gasto e de sacrifícios feitos do maior valor, quando esperava o suplicante que as suas idéias e seus sacrifícios seriam recompensados, eis que o governo manda demolir o dito morro, e neste sentido se está procedendo a escavações, já se tendo achado duas galerias, aliás sem muita importância, por serem consideradas de defesa. Mas assim ir-se-á destruindo obras de arte de subido valor, além de ser inutilizado o melhor ponto estratégico da cidade, primitiva fundação de S. Sebastião, hoje do Rio de Janeiro, donde se poderia com pouca despesa reconstruir uma poderosa fortificação, sobre os alicerces da iniciada pelos jesuítas, que vem desde a base desse morro. Se o governo pretende com o arrasamento descobrir o tesouro que se supõe existir, o meio empregado não é decerto o mais próprio, porque levará mais de três anos para esse arrasamento, e só no fim desse prazo e de haver despendido muito dinheiro talvez poderá ser encontrado o esconderijo que servia de depósito aos referidos valores.²⁶⁰

A lenda do tesouro dos jesuítas pode ser entendida como uma analogia feita por Lima Barreto com a suposta cidade moderna almejada pela burguesia, para dizer que, mesmo depois de tanto alarde e tumulto em torno da reforma urbana, a cidade desejada não se consumaria na prática, bem como não se encontrou o tesouro nas galerias do subterrâneo. Dessa maneira, a sensação de progresso e modernidade provocada pelas obras e discursos dos reformadores foi maior e mais vivenciada pelos cariocas do que a própria transformação em si. Conforme elucida Renato Cordeiro Gomes: as crônicas de Lima Barreto *revelam as contradições entre a cidade planejada, que seria sem males, e a cidade real, que se desvia da norma arquitetada em nome da simetria e da ordem. Tais contradições aparecem cenarizadas na rua de que se procura apagar as marcas do passado.*²⁶¹

O confronto entre o que se julgava atrasado e o que se julgava moderno, entre o centro urbano e o subúrbio, entre os signos do progresso e os signos da tradição, o lixo e o luxo, a cidade ideal e a cidade real, a cidade desejada e a cidade condenada, o Rio de Janeiro visível e o Rio de Janeiro invisível, faz pensar que esse período de transformações na cidade carioca, no início do século XX, teve muito de ilusão e

²⁶⁰ BARRETO, Lima. O subterrâneo do Morro do Castelo. *Correio da Manhã*, 01/06/1905. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional

²⁶¹ GOMES, Renato Cordeiro. *Todas as cidades, a cidade: literatura e experiência urbana*. Rio de Janeiro: Rocco, 2008. pág. 161.

fachada.

2.3 CIDADE INVENTADA: O RIO DE JANEIRO DE FACHADA E ILUSÃO

As principais obras realizadas na administração de Francisco Pereira Passos foram: demolição de aproximadamente 600 casas, demolição de morros, abertura da Avenida Central, melhoramentos na região portuária, aterramento do Botafogo, Avenida Beira Mar e Flamengo, alargamento de algumas ruas como a rua da carioca, do Catete, 7 Setembro.²⁶² Sendo assim, podemos afirmar que não houve reformulação em todo o Rio de Janeiro, mas sim, intervenções pontuais feitas pelas autoridades governamentais no sentido de fazer da cidade um cartão de visitas do Brasil.

Grande parte dessas obras foram realizadas numa velocidade muito rápida para a época. A construção da Avenida Central, por exemplo, aconteceu entre 8 de março de 1904 e 15 de novembro de 1905. No dia 07 de setembro, a Avenida foi inaugurada. Ainda como uma comemoração pelo fim das demolições e no dia 15 de novembro de 1905, houve uma segunda inauguração, comemorando a conclusão da Avenida.²⁶³ Nesse curto espaço de tempo, foi construído o grande símbolo da modernidade, progresso e civilização: o centro comercial e financeiro do Rio de Janeiro.²⁶⁴ Sobre os pilares de remodelação, saneamento e embelezamento, legitimados pelos pareceres de médicos e engenheiros, o espaço urbano transformou-se abruptamente, criando o imenso monumento, com 1.800 metros de comprimento e 33 metros de largura, do “Rio de Janeiro espetáculo”. Bilac dizia:

Inaugurou-se a Avenida! Parece um sonho... onde estás tu metido, Carrancismo ignóbil, que por tanto tempo nos oprimiste e desonraste? Em que fuma lóbrega, em que socavão escuro te foste esconder envergonhado? Em vão te procurei, nestes últimos dias e nestas ultimas noites de novembro, pela radiante extensão da Avenida

²⁶² NEEDELL, Jeffrey d. *Belle Époque Tropical*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. pág 58-66. KOK, Glória. *Rio de Janeiro na época da Avenida Central*. São Paulo: Bei Comunicação, 2005.

²⁶³ NEEDELL, Jeffrey d. *Belle Époque Tropical*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. pág 60.

²⁶⁴ KOK, Glória. *Rio de Janeiro na época da Avenida Central*. São Paulo: Bei Comunicação, 2005. pág. 6

formosa: não vi, em parte alguma, o teu olhar sinistro em que a má vontade reduz perpétua, a tua boca franzida num eterno riso de sarcasmo, a tua fronte envergada numa perene contenção de birra e malevolência... Andas, com certeza, homiziado nos becos sujos, em que se mantém ainda a tradição do mau gosto e da imundície: afugentou-se a luz da Avenida, horrorizou-te a alegria do povo, fulminou-te o despeito! Há menos de dois anos, no terceiro numero da Kosmos, esta crônica registrava o começo dos trabalhos grandiosos, agora coroados, num triunfo consolador, do mais completo êxito: Isso era escrito em março de 1904. Há vinte meses apenas! Onde se vai perdida a nossa fama de povo preguiçoso, amolentado pelo clima e pela educação, incapaz de longo esforço e de tenaz trabalho? Em que outro país do mundo se realizou jamais um igual prodígio de decisão e execução, uma igual maravilha de coragem e rapidez?²⁶⁵

A crônica de Bilac revela bem a sensação de modernidade vivida pela população carioca, que parecia estar anestesiada com a movimentação em torno da remodelação urbana. A Avenida e as demais obras eram vistas como vitória definitiva sobre o estereótipo que criaram dos brasileiros: vitória sobre a preguiça, sobre a condição de povo parado no tempo, incapaz de acompanhar o progresso a que o ocidente se submetia. A cidade desejada estava pronta! Uma verdadeira avalanche de mudança tomou conta de uma restrita parte da cidade; cidade esta para quem se voltava toda atenção, de maneira que toda ela se resumiu à *radiante extensão da avenida famosa*.

Os comentários de Olavo Bilac tiveram a intenção de glorificar os feitos da administração governamental, retirando a atenção dos espaços de recusa e direcionando os olhares para o espaço sonhado. Antes mesmo do início das obras, a sensação de modernidade já havia tomado conta do cronista, que imaginava a Avenida acabada antes mesmo de ela começar a ser construída. Isso era uma demonstração do cronista aos seus leitores do aval, da total confiança que deveria ser depositada nos produtores do espaço, sustentando, assim, a legitimidade da ação dos mesmos. Veja-se com que euforia o cronista anuncia a criação da Avenida, como a realização de um sonho:

A Avenida... parece-me que a vejo acabada, ampla e formosa, com as suas árvores, os seus palácios, as suas lâmpadas elétricas, os seus refúgios, e cheia de uma multidão contente e limpa. Ainda não é realidade: mas já não é sonho. Já os mais incrédulos perderam a incredulidade; calaram-se os motejos, esfriaram-se os sarcasmos, apagaram-se os risinhos de mofa; e há por toda cidade um espanto. Como?! Daqui a poucos dias, o primeiro golpe da picareta (...) entoará a primeira nota do hino triunfal. E não teremos de viver

²⁶⁵ BILAC, Olavo. *Kosmos*. Rio de Janeiro, 11/1905. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional.

muito para ver terminada essa obra de salvação nacional; a limpeza, o arejamento, a regeneração da grande cidade operosa e honrada. É verdade, sim! A avenida já não é sonho: e o povo já compreendeu que só amam verdadeiramente aqueles que, em lugar de engabelá-lo com discursos, querem dar-lhe saúde e vida descente, dando-lhe uma capital moderna e esplêndida... para ver como o povo já se sente a extensão dos benefícios que lhes estão preparando o governo e a prefeitura, basta lembrar a alegria com que se celebrou, há poucos dias, a queda da última das cosinholas. Eu vi, com esses olhos que a terra há de comer, a alegria do povo, - alegria sincera e ruidosa, dessas que ninguém pode encomendar e pagar, e que são espontâneas e irresistíveis como os estos do mar e como as irradiações da luz do sol e espero ver, com estes mesmos olhos, dentro de pouco tempo, a alegria mais vasta e mais ardente com que toda a população há de saudar a inauguração da grande Avenida..²⁶⁶.

A impressão que passa é que a Capital Federal não era mais a mesma e ainda não era outra: aparece então um intervalo entre as duas fases da vida urbana, mas de maneira tal que já estava mais que determinado no que ela se tornaria e o que ela não mais seria. Nesse sentido, o momento descrito por Olavo Bilac, é crucial para se entender a sensação da modernidade e a ilusão de que ela estava expressa na cidade como um todo, pois é nessa fase intermediária que os jornais e a sociedade parecem perceber, na cidade física de forma mais afluada, a cidade do desejo, naquele instante ainda invisível.

O Rio de Janeiro aparece, nas crônicas bilaquianas, como a cidade revolucionada ou em via de ser transformada pela ação de homens de coragem. Uma espécie de sucessão de imagens é criada para confirmar a seqüência das mudanças: primeiro a cidade colonial de antes; em seguida, a desestruturação e a desordem das intervenções e, enfim, a nova cidade criada sob a tutela dos governos federal e municipal. Essa sucessão de imagens forma o contexto ideal para sustentar a sensação e a ilusão de que a cidade sonhada foi construída. A avenida é qualificada pelo cronista como a obra de salvação nacional, de maneira que a larga rua correspondia à cidade, e a cidade valia pelo país. Como se pela avenida todo o país tivesse se inserido na modernidade, em harmonia com os paradigmas do progresso. O sonho do Rio como cidade moderna e civilizada equivalia à nação, à identidade desejada.

Esse cenário fez com que houvesse, indiscutivelmente, uma grande comoção pública em torno do empreendimento, o que deu a ele o *status* de projeto miraculoso, ou

²⁶⁶ BILAC, Olavo. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 06/12/1903. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional

seja, milagre da transformação. Mas não era para menos, todo um cenário foi desfeito no coração da cidade para reerguer outro. Mesmo que o projeto não incorporasse as massas, e fosse restrito ao miolo do rio, ele impressionou pelo tamanho e velocidade²⁶⁷. Uma larga faixa de área moderna rasgava a velha cidade de ruas estreitas, tortas e com arquitetura e hábitos considerados próprios do período colonial. Embora as obras fossem maiores no discurso que na reformulação em si, as imagens produzidas sobre a realidade nas páginas da imprensa, ligadas ao projeto, e nas crônicas de Olavo Bilac não eram falsas, eram, muitas vezes, ilusórias.



Ilustração 29 - O início dos trabalhos de abertura da Avenida Central. 1904. Fotografia de João Martins Torres.²⁶⁸

²⁶⁷ Gazeta de Notícias. Rio de Janeiro, 19/11/1905. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional. NEEDELL, Jeffrey d. *Belle Époque Tropical*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. pág. 60.

²⁶⁸ Apud. KOK, Glória. *Rio de Janeiro na época da Avenida Central*. São Paulo: Bei Comunicação, 2005. pág. 68.



Ilustração 30 - Avenida Central em fase de construção, 1905. Fotografia de João Martins Torres.²⁶⁹

As reformas, somadas aos avanços tecnológicos, contribuíram no sentido de mudar a percepção da cidade. Diante dessa combinação, houve também mudanças na percepção do espaço urbano. A imprensa escrita do período acompanhou de perto esse processo, fosse com críticas, elogios, ironias, entusiasmo, desaprovação, ou, mesmo, com um pouco de tudo, misturado em um único periódico. O jornalismo percebeu, acompanhou e participou do debate da cidade sobre si.

Já houve na, Avenida Central, a festa do levantamento de cinco ou seis cumeeiras de novos prédios. Ao longo da imensa artéria, rasgada no coração da cidade, vão pouco a pouco apontando, saindo do solo, crescendo, subindo, pompeando à luz, os palácios famosos. Aquilo que apenas parecia um sonho absurdo de megalomania, pouco a pouco se transforma numa radiante realidade... acabo de reler o que se escreveu, no primeiro número da Kosmos, há pouco mais de um ano. Dizia o cronista que a Kosmos acompanharia, de passo em passo, a transformação da cidade, assinalando todos os seus progressos, seguindo com interesse o seu lento evoluir para a regeneração higiênica. Esse propósito não pode ser de todo cumprido, porque o progresso foi muito mais rápido e muito mais completo do que era lícito esperar. (...) em um ano, a coragem e a

²⁶⁹ Idem.

*inteligência operaram milagres. A Avenida está cheia de prédios (...) palácios modernos capazes de honrar qualquer cidade civilizada. A Kosmos, que nasceu com a nova era da vida urbana, e que, por isso, queria ser um espelho fiel, onde de traço em traço se viesse refletir a história dessa era, já não pode cumprir o seu programa: em cada mês, a cidade progride um ano, e seria preciso, para que aquele programa fosse respeitado, que as páginas da revista fosse da primeira à última dedicadas exclusivamente ao registro desse progresso.*²⁷⁰

Através dos cronistas, podemos notar que a cidade do Rio de Janeiro como metrópole higiênica, limpa, civilizada já existia como representação simbólica, alimentada pelo desejo, mesmo antes dela existir como espaço físico real e acabado. A reforma produziu essa sensação, principalmente naqueles que habitavam e se beneficiaram com o restrito espaço aberto à modernidade, tomado por eles como o todo. O cronista Olavo Bilac, nesta crônica, não oferece uma visão que fosse globalizante do Rio de Janeiro ou que tentasse lê-lo ou fazer-se lê-lo como um todo. Apresenta apenas a fachada desejada, que assumia a configuração da cidade. A revista *Kosmo*, em sintonia com a nova vida urbana do desejo, como o *espelho fiel*, buscou refletir a imagem do Rio apenas pelo ângulo da fachada, grande e alta o suficiente para esconder ou desviar a atenção da cidade indesejada.

Lima Barreto denunciava tal postura, colocando suas crônicas como um espelho para mostrar além da fachada, numa tentativa de acabar com a ilusão vivenciada do Rio de Janeiro espetáculo. Renato Cordeiro Gomes elucida que no Rio de Janeiro se montou um palco, para a encenação de uma vida elegante na Capital Federal. Segundo o autor, Lima Barreto estaria posicionado:

*(...) nos bastidores desse palco arquitetado pelo poder, penetra a visão disfórica, marcada pelo traço crítico direcionado ao progresso, porque lê a cidade real. E vê o terrível ao lado do belo, o cômico somado ao trágico, a loucura em tensão com o lógico. Aqui se inscreve Lima Barreto que, embora queira e esteja no coração pulsante da cidade, denuncia as mazelas que resultam da metamorfose da vida carioca a caminho de cosmopolitismo identificado com o modelo parisiense. Sob o signo da desconfiança, mas rejeitando a nostalgia do campo, percebe a relação necessária entre modernidade e vida urbana. Coloca-se contudo, a margem da euforia ...*²⁷¹

²⁷⁰ BILAC, Olavo. *Kosmos*. Rio de Janeiro, 02/1905. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional

²⁷¹ GOMES, Renato Cordeiro. *Todas as cidades, a cidade: literatura e experiência urbana*. Rio de Janeiro: Rocco, 2008. pág. 115.

Lima Barreto mostra a cidade que se moderniza, mas que ainda convive com uma cidade colonial visível no traçado das ruas e nos costumes dos seus habitantes; que convive com a ausência de saneamento básico, ruas imundas e esburacadas e muita carência.

Não se abre um jornal, uma revista, uma magazine, atualmente, que não topemos logo como propostas de deslumbrantes e custosos melhoramentos e obras. São reformas suntuárias na cidade; coisas fantásticas e babilônicas, jardins de Semíramis, palácios de mil e uma noites e outras coisas semelhantes que eles propõe sejam feitas, no mais breve espaço de tempo possível. Houve um até que aventou a idéia do ministério da agricultura e prefeitura municipal construir um prado de corridas no Leblon, visto gastar-se tanto dinheiro em coisa inútil. É claro que (...) se o artigo fosse assinado, o seu autor merecia ser lapidado pelos miseráveis e pobres que não tem um hospital para se tratar, pelos mendigos e estropiados que não possuem asilo onde se abrigar. A função primordial dos poderes públicos, sobretudo o municipal, para o incubador de semelhante idéia, é fornecer passatempos a quem os já tem de sobra. Nesse caminho, a prefeitura deve desapropriar as “montras” da Rua do Ouvidor e da Avenida, para ampliá-las, embelezá-las, de forma a poder aumentar o número de bonecas de cera, vestidas a capricho. Tudo delira e todos nós estamos atacados de megalomania. De quando em quando, dá-nos essa moléstia e nós nos esquecemos de obras vistas, de utilidade geral e social, para pensar só nesses arremedos parisienses, nessas fachadas e ilusões cenográficas. Não há casas, entretanto queremos arrasar o morro do castelo, tirando habitação de alguns milhares de pessoas. O mundo passa por tão profunda crise, e de tão variados aspectos, que só um cego não vê o que há nesses projetos de loucura, desafiando a miséria geral. (...) É caso de apelar para os ditados. Vão dous: cada louco com sua mania; sua alma, sua palma.²⁷²

Essa era a postura habitual de Lima Barreto, críticas a todos os lados, dessa forma, ele apresentava à população o cotidiano da cidade carioca. O objetivo primordial era dismantelar os projetos do Rio elegante, apreciados pela visão oficial, e mostrar o lado oposto da fachada sem a maquiagem, da ilusão alimentada pelo povo através do desejo. Suas apreciações caminham no sentido contrário da tendência geral das crônicas bilaquianas, a suntuosidade das obras realizadas no miolo da cidade é ridicularizada por ele por não atender às reais necessidades da sociedade. Lima Barreto percebia o Rio de Janeiro não pela ótica do desejo, mas, antes, pela lógica da necessidade.

Lima Barreto questiona ainda os termos comumente utilizados para tratar das

²⁷² BARRETO, Lima. *Careta*. Rio de Janeiro, 28/08/1920. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional.

intervenções no espaço urbano. O cronista tenta demonstrar que remodelação e melhoramento são termos que não correspondem às obras já concluídas e as que se queriam realizar, porque todas foram arquitetadas sob a ditadura do embelezamento, haja vista que o conjunto das obras não passava de *fachadas e ilusões cenográficas*. A imprensa estritamente relacionada às mudanças na cidade também foi alvo do cronista por se colocar a serviço da elite em prejuízo da população menos favorecida. A reforma do centro urbano do Rio de Janeiro aparece nas crônicas de Lima Barreto não pela sua grandiosidade e beleza, mas pelo que tem de descomedido e pelos problemas decorrentes dela.

Lima Barreto escreveu esta crônica em 1920, já distante das obras realizadas durante a administração de Francisco Pereira Passos, mas a tendência reformista sob os paradigmas do progresso não era propriamente de Passos, mas, acima de tudo, constituía um projeto republicano, daí as semelhanças entre a primeira onda de reformas e as obras encabeçadas pelo prefeito Carlos Sampaio. O próprio Lima Barreto não faz diferenciação entre elas e sempre se remeteu a elas como parte de um mesmo projeto, *projetos de loucura* de querer fazer do Rio de Janeiro o cartão postal do país. Tanto é que a Avenida Central continuou como o foco de debates, mesmo após ter passado a se chamar Avenida Rio Branco, em 1912, em homenagem ao falecido diplomata e ministro das Relações Exteriores de Rodrigues Alves, o barão do Rio Branco.²⁷³

Ainda em Lima Barreto:

As chuvaradas de verão, quase todos os anos, causam no nosso Rio de Janeiro, inundações desastrosas. De há muito que a nossa engenharia municipal se devia ter compenetrado do dever de evitar tais acidentes urbanos. Uma arte tão ousada e quase tão perfeita, como é a engenharia, não deve julgar irresolvível tão simples problema. O Rio de Janeiro, da Avenida, dos squares, dos freios elétricos, não pode estar a mercê de chuvaradas, mais ou menos violentas, para viver a sua vida integral. Como está acontecendo atualmente, ele é função da chuva. Uma vergonha! Não sei nada de engenharia, mas, pelo que me dizem os entendidos, o problema não é tão difícil de resolver como parece fazerem constar os engenheiros municipais, procrastinando a solução da questão. O prefeito Passos, que tanto se interessou pelo embelezamento da cidade, descurou completamente de solucionar esse defeito do nosso Rio. Infelizmente (...) nos preocupamos muito com os aspectos externos, com fachadas, e não com o que há essencial nos problemas da nossa vida urbana, econômica, financeira

²⁷³ Careta. Rio de Janeiro, 06/1915. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional. KOK, Glória. *Rio de Janeiro na época da Avenida Central*. São Paulo: Bei Comunicação, 2005. pág. 7.

*e social.*²⁷⁴

Mais uma vez, o cronista denuncia o aspecto de fachada existente nas obras da cidade, usando a estratégia de apresentar os problemas que o Rio de Janeiro enfrentava mesmo após as inúmeras construções realizadas desde Pereira Passos no espaço urbano. O centro urbano é abordado como o centro da crônica, mas não como o lugar por excelência da cidade, é onde se concentra a principal causa das adversidades vividas pela população. A fachada exposta pelo cronista não tem o mesmo encantamento capaz de desviar a atenção das reais condições da vida urbana, ao contrário, ela é demonstrada despida de qualquer roupagem ilusória, que a caracterizasse como símbolo da inserção brasileira na nova era da vida urbana e moderna.

É interessante notar que Lima Barreto vai além das questões urbanas, alegando que, nos outros aspectos da vida carioca, também é priorizada a idéia de fachada. Sua acusação se dá porque ele considera que o Rio de Janeiro é dirigido, em quase todos os aspectos, pela elite burguesa, pouco preocupada com o essencial, centrada no que é supérfluo, direcionando o poder público em proveito próprio e em detrimento do bem comum. Para o cronista, a intenção do restrito grupo dirigente era criar imagens ilusórias e fachadas em todos os âmbitos da sociedade, uma vez que esse parecia ser o principal símbolo de uma boa administração pública.

As colocações de Lima Barreto seguiam a mesma tendência do jornal para o qual a crônica foi escrita. Na primeira página do Jornal *Correio da Noite*, ele escrevia suas impressões sobre as enchentes e, na terceira página, o jornal trazia notícias sobre os estragos causados por elas.

²⁷⁴ BARRETO, Lima. *Correio da Noite*. Rio de Janeiro, 19/01/1915. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional.

*por que ia passar e também o meu amigo morto. O enterro seguiu e nunca vi carro que balançasse mais nas molas do que o meu. Fomos indo. Seguimos e eis-nos na Rua José Bonifácio, em Todos os Santos. Esta rua há vinte anos que foi calçada; e, desde essa longínqua data, seu calçamento não tem recebido o menos reparo. Os buracos nele são abismos e cocheiro de coche fúnebre, ao desviar-se de um bonde, caiu em um deles, o caixão foi ao chão, o cadáver saltou de dentro deste e o meu amigo, ainda mesmo depois de morto, ficou machucado.*²⁷⁵

Ao contrário do que afirma na crônica, o cronista era bom conhecedor dos subúrbios, principalmente do lugar citado, *Todos os Santos*, porque era onde ele residia.²⁷⁶ Nesse jogo de ficção e ironia, os subúrbios do Rio de Janeiro foram levados para as páginas dos periódicos como espaço esquecido pela municipalidade, como lugares que realmente careciam de melhoramentos. Note-se que Lima Barreto opta por uma experiência corriqueira e triste da vida urbana para mostrar que o dia-a-dia nos subúrbios era difícil: realidade nua e crua, sem ilusões, repleta de sofrimentos mesmo após a morte. Barreto indica que nas ruas dos subúrbios não havia condições suficientes para a vivência harmoniosa dos elementos da modernidade, talvez por isso não houvesse tanta adesão dos suburbanos aos novos conceitos de urbanidade característicos do centro. Faltava-lhes os requisitos básicos como, por exemplo, ruas bem calçadas para o melhor trânsito dos novos veículos. Dois símbolos modernos, o bonde e o automóvel, circulando num espaço fora dos padrões republicanos de modernidade, anunciavam um Rio de Janeiro longe de se tornar completamente integrado à modernidade e ao progresso.

Lima Barreto desejava conduzir seus leitores à percepção de que os resultados efetivamente obtidos com as reformas estavam muito aquém das imagens ou construções imaginárias criadas em torno delas. Nesse sentido, o cronista questiona o fato do cotidiano da cidade ser pautado e conduzido pelos conceitos da construção imaginária de civilidade e modernidade, restritos e aplicáveis apenas a pontos isolados da cidade, como a Avenida Central; uma vez que o espaço predominante no Rio de Janeiro não se enquadrava nos moldes do que os reformadores criam ser civilizado e moderno. Assim, o cronista lutava para contradizer as ilusões produzidas e reproduzidas

²⁷⁵ BARRETO, Lima. *Careta*. Rio de Janeiro, 07/1915. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional.

²⁷⁶ BARRETO, Lima. *Um longo sonho do futuro*: diários, cartas, entrevistas e confissões dispersas. Rio de Janeiro: Graphia Editorial, 1993. pág. 267.

pela imprensa e poderes governamentais que tinham caráter de verdade. Ele rebateu um artigo escrito por Múcio da Paixão, no qual se dizia ser o Rio de Janeiro a menos brasileira das cidades:

Pouca informação tenho do esforçado escritor campista, mas imagino que ele conhece muito mal o Rio de Janeiro, quando vem por aqui, adivinho, anda pela Rua do Ouvidor, Avenida, Praia de Botafogo, por todos esses lugares que as grandes cidades possuem para gáudio dos seus visitantes; mas o que constitui a alma, a substância da cidade, o Senhor Múcio não conhece e dá provas disso em sua afirmação.²⁷⁷

Ao contrário de Olavo Bilac, Lima Barreto não aceitava a idéia do Rio de Janeiro ser compreendido unicamente pelo miolo da cidade, submetido aos melhoramentos do governo. Ele se opôs veementemente contra aqueles que consideravam, ou queriam considerar, que o Brasil fosse o Rio de Janeiro e que o Rio de Janeiro fosse as ruas embelezadas. Para Lima Barreto, a fachada e a ilusão criada em torno dela não representava o que era efetivamente a referida cidade. As modificações concretas do espaço urbano propiciaram a sensação de se viver numa metrópole moderna, legitimada pela crença e não pela autenticidade da configuração urbana da cidade. Para ele, esta sensação compunha uma modernidade forçada, alimentada por sonhos, fantasias e ilusões, e não pela realidade em si. Nessa perspectiva, o cronista escarnece a sociedade, produtora de fachadas e ilusões, que considerava a ilusão mais importante que o pão, ou seja, do que os elementos básicos para sobrevivência:

A cartomancia entrou decididamente na vida nacional. Os anúncios dos jornais todos os dias proclamam aos quatro ventos as virtudes miríficas das pitonisas. Não tenho absolutamente nenhuma ojeriza pelas adivinhas; acho até que são bastantes úteis, pois mantêm e sustentam no nosso espírito essa coisa que é mais necessária à nossa vida que o próprio pão: a ilusão. O melhor, para o interesse dessa nossa pobre humanidade, sempre necessitada de ilusões, venham de onde vier, é que as nossas cartomantes vivam em paz e se entendam para nos ditar bons horóscopos.²⁷⁸

O cronista parecia debochar daqueles que insistiam em viver de acordo com o que pensavam ver e ser e não de acordo com o que de fato eram. O homem passou a se

²⁷⁷ BARRETO, Lima. *Lanterna*. Rio de Janeiro, 22/01/1918. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional.

²⁷⁸ BARRETO, Lima. *Correio da Noite*. Rio de Janeiro, 26/12/1914. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional.

conceber diferente daquilo que era. Isso nos chama a atenção para pensar a ilusão também no que se refere ao comportamento. Olavo Bilac, não parecia concordar com os comentários de Lima Barreto sobre os assuntos da reforma ou, pelo menos, evitava ao máximo tratar o Rio de Janeiro para além da sua fachada moderna. Mas eles pareciam se aproximar em outro aspecto: ambos consideravam os hábitos da alta sociedade uma invenção propagada principalmente pelos jornais, não muito salutar e imprópria à população pobre. Olavo Bilac identifica essa idéia ilusória, não no plano material, mas na incapacidade humana de acompanhar o rápido progresso nesse âmbito. Nesse sentido, ele recriminou inclusive o restrito grupo da sociedade *chic*, que transformou o termo civilizado em sinônimo de luxo.

Para o cronista:

O Rio, incontestavelmente, progrediu demais, sob o ponto de vista material, em tempo muito escasso: temos avenidas, automóveis e elegância; mas não temos ainda muita gente que possa gozar dessas sublimidades da civilização. Os jornais inventaram uma vida elegante artificial, que só existe nas suas seções de mundanismo e moda. A gente rica e elegante de hoje é a mesma que existia há sete anos; e essa, para gozar as boas cousas da vida, não esperou que os jornais comesçassem a legislar sobre toaletes e divertimentos, mostrando o que é chic e o que é shocking, e dizendo o que é de bom tom e o que não é dernier-bateau. Sobre essa gente, naturalmente, não tem influência a nossa moderna mania de supercivilização. Há porém, a gente pobre, que se deixa alucinar por essas miragens de gozo, e vai ficando cada vez mais desgraçada, adquirindo desejos, ambições e caprichos que não podem ter satisfação, e alimentando idéias que se não podem realizar.²⁷⁹

Em tom irônico, Olavo Bilac critica a *mania de supercivilização* e compreende que o conceito de civilizado disseminado não abrange a maior parte da sociedade carioca. O desejo pelo luxo despertado nas pessoas pela imprensa era prejudicial, pois restringia ainda mais a mudança de costumes exigidos no centro urbano, tornando ainda mais difícil a tarefa de disciplinar os hábitos da população. Esta foi uma das suas principais preocupações: quando já relativamente contente com as obras, Bilac gostaria que a população fizesse uma evolução da “barbárie” para a “civilização”, para acompanhar as transformações e tornar ainda mais real a imagem de cidade moderna, incompatível com a miséria, com os hábitos do subúrbio e, também, por mais que possa

²⁷⁹ BILAC, Olavo. *Correio Paulistano*. São Paulo, 30/05/1908. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional.

parecer contraditório, com os excessos da alta sociedade.

Olavo Bilac reclamava de alguns costumes da alta burguesia carioca residente na área central. Em sua opinião, a sociedade carecia de uma reforma nos costumes. As críticas do cronista se direcionavam à elite pelo simples fato dela ocupar as residências e imóveis comerciais das áreas reformadas. Os pobres, uma vez expulsos de lá, não foram alvo do cronista, a não ser quando eles ocupavam suas ruas e entretenimentos. Uma dos pedidos de Bilac, em comum acordo com as proibições da prefeitura, era para que não houvesse exposição de roupas nas portas e janelas das habitações com face na via pública. O argumento utilizado pelo cronista era sempre qualificar tal prática como um hábito próprio do subúrbio; argumento bastante eficaz para uma parcela da sociedade que gostaria cada vez mais de se diferenciar dos hábitos e costumes populares. Ele dizia, *não falo das miseráveis vestes que, nas estalagens dos subúrbios, aparecem aos olhos de quem passa, (...) lembrando os farrapos de jó (...) muita coisa deve ser permitida aos pobres, para quem a pobreza é uma lei pesada demais... o que não se compreende é que essa exibição de roupas (...) seja feita em palacetes nobres, de bairros elegantes.*²⁸⁰ Outra reivindicação de Olavo Bilac nessa mesma crônica era que se evitasse andar pelos bairros centrais em *mangas de camisa*.

Muitos vícios e hábitos foram extirpados pelos reformadores, mas ainda muitos permaneceram, portanto, era necessária, de acordo com Bilac, *a intervenção da autoridade, com o argumento sempre poderoso e decisivo da multa.... Mas, voluntária ou obrigada, espontânea ou forçada, o essencial é que a reforma dos costumes se opere.*²⁸¹ O poeta e cronista estava legitimando a ação da prefeitura, que periodicamente publicava editais de proibição na imprensa, regulamentando os hábitos, sob pena de multa para os infratores. Parecia estar a cargo dos cronistas o papel de convencer a população a acatar as mudanças de forma espontânea e voluntária. Como vimos, Olavo Bilac apoiava as medidas impostas pela prefeitura e contra-atacava aqueles que viam, nas medidas, uma forma de violência contra os pobres da cidade.

Na crônica que escreveu para o jornal *Correio Paulistano* em defesa do projeto da proibição do trânsito de pessoas descalças nas ruas da cidade, Bilac argumenta:

É a terceira vez que se abre, no Conselho Municipal daqui, discussão

²⁸⁰ BILAC, Olavo. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro. 20/05/1906. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional.

²⁸¹ Idem.

*sobre o projeto do Sr. Tertuliano Coelho, proibindo o transito, nas ruas do Rio de Janeiro, de pessoas descalças; e, pela terceira vez, o projeto vai ser arquivado, por força da celeuma indignada que uma parte da imprensa levanta em torno dele. Como se andar descalço pelas ruas de uma cidade civilizada pudesse ser “um direito”, e como se o mais pobre dos habitantes do Rio não pudesse usar uma alpercatas de dez tostões! Pelo tom com que alguns jornais agridem o projeto, parece que o Sr. Tertuliano Coelho quer impor aos carregadores, aos carroceiros e aos carvoeiros de Sebastianópolis o uso obrigatório de botinas, borzeguins, ou escarpins de verniz ou pelica, de trinta ou quarenta mil réis!*²⁸²

Ainda em Olavo Bilac, nesta mesma crônica, podemos perceber algumas das diversas leis implantadas pela prefeitura municipal a fim de regulamentar os hábitos da cidade e que eram vistas com bons olhos pelo cronista:

*Valha-nos Nossa Senhora do Bom Senso! Também quando o Prefeito Passos proibiu, pelas ruas centrais da cidade, o transito das vacas leiteiras, acompanhadas de vaqueiros sórdidos, e a venda ambulante de carnes e miúdos, em caixas descobertas, sob a nuvem de moscas, houve uma grita infrene: parecia que o prefeito acabava de violar as cláusulas mais sagradas do pacto constitucional! Também, quando a companhia Jardim Botânico declarou que não aceitaria nos seus carros de primeira classe indivíduos sem gravata, quase houve uma revolução na cidade! E, ainda, quando se estabeleceu a proibição de cuspir ou escarrar no assoalho dos bondes, sob pena de multa, havia todos os dias lutas ferozes entre passageiros e recebedores! E, hoje, já ninguém acha violenta essas medidas, - e se aparecesse, ou se surgisse um lambuzão vendedor de fígados e bofes, ou se um individuo sem gravata quisesse a força tomar passagem num bonde de primeira classe, ou se um bácoro humano começasse acintosamente a emporcalhar o chão de um tramway, os mesmos indignados cidadãos, que outrora protestavam contra esses “atentados à liberdade individual”, seriam os primeiros a exigir o rigoroso cumprimento das posturas e a implacável cobrança das multas impostas aos seus violadores.*²⁸³

As leis citadas por Olavo Bilac eram praticamente todas voltadas contra os pobres, que insistiam em fazer parte do cenário moderno construído, fosse por necessidade, por diversão ou, ainda, como forma de resistência. Muitas polêmicas afloraram em torno dessas leis, que foram percebidas e discutidas pela imprensa, demonstrando que a intenção de fazer também uma reforma nos costumes não se realizou pacificamente. Ela ocorreu em meio a um processo tenso e conflituoso, em

²⁸² BILAC, Olavo. *Correio Paulistano*. Rio de Janeiro. 20/10/1907. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional.

²⁸³ Idem.

meio a uma verdadeira batalha de forças. A cada lei se criava uma restrição a mais para dificultar a presença dos suburbanos no *funil elegante*. A aplicação de multa ou a prisão eram as alternativas para se conquistar adesão às exigências, mas, mesmo assim, não se obteve a eficácia esperada.

A estratégia de Olavo Bilac para convencer os leitores da necessidade de aprovação do projeto que proibia os pés descalços nas ruas foi apresentar outros projetos outrora criticados, mas que, após algum tempo, transformaram-se em leis aplicadas no dia-a-dia carioca. Sua argumentação visava convencer seus leitores que toda mudança de hábito é difícil até que se acostume a ela; só então, é que se pode perceber o quanto foi útil à vida em sociedade. Nesse sentido, segue o cronista:

*O mesmo se dará, algum tempo depois de ser aceito o projeto sobre o trânsito dos indivíduos descalços. Porque, mais dia, menos dia, esse projeto há de ser convertido em lei. Não se compreende em uma cidade como o Rio de Janeiro de hoje, essa usança remanescente dos tempos de antanho, das épocas bárbaras (...) na idade moderna, até nas estrebarias e nos presídios se exigem asseio, higiene e decência!*²⁸⁴

Olavo Bilac, intelectual integrado à reforma como porta voz do desejo de mudanças, deixou, nas suas produções para a imprensa, os indícios de que a reforma urbana sufocava cada vez mais os costumes e tradições populares, mas que, ainda assim, para desconforto do cronista, estes permaneciam e circulavam no entorno das fachadas da metrópole moderna. Escreve Bilac:

Devo confessar que nunca a Festa da Penha me pareceu tão bárbara como esse ano. (...) todo esse espetáculo de desvairada e bruta desordem ainda podia compreender no velho Rio de Janeiro de ruas tortas, de betesgas escuras, de becos sórdidos. Mas no Rio de Janeiro de hoje, o espetáculo choca e revolta como um disparate. Num dos últimos domingos, vi passar pela Avenida Central um carroção atulhado de romeiros da Penha: e naquele amplo boulevard esplêndido, sobre o asfalto polido, entre as fachadas ricas dos prédios altos, entre as carruagens e os automóveis que desfilavam, o encontro do velho veículo, em que os devotos bêbados urravam, me deu a impressão de um monstruoso anacronismo: era a ressurreição da barbárie, - era a idade selvagem que voltava, como uma alma do outro mundo, vindo perturbar e envergonhar a vida da idade civilizada... ainda se a orgia desbragada se confinasse no arraial da Penha! Mas, não! Acabada a festa, a multidão desvairada transborda, como uma enxurrada vitoriosa para o centro da urbs (...) talvez daqui

²⁸⁴ Idem.

*a alguns anos a orgia da penha desapareça, como desapareceu o entrudo, e como desapareceram tantas outras festas bárbaras que se escudavam na implacável e insuportável tradição.*²⁸⁵

A Avenida Central, novo núcleo histórico, político, social e econômico do Rio de Janeiro, refletia toda expressão de recusa a qualquer forma de identificação com o “passado colonial” ou mesmo com o restante da cidade que fosse identificado com a época “colonial”. Na Avenida e demais espaços reformados, as formas de proceder e os costumes eram observados e vigiados, principalmente quando havia festas e comemorações populares em que se reunia um aglomerado de pessoas de todas as partes da cidade, como na festa de carnaval. Na época do carnaval as pessoas do subúrbio ocupavam as ruas da região central para realizar suas tradicionais brincadeiras carnavalescas, próprias do período colonial brasileiro, chamadas genericamente de *entrudo*.²⁸⁶ Por essa razão o carnaval foi, em muitas ocasiões, ridicularizado pelo cronista Olavo Bilac, como uma festa de desordem e promiscuidade que deveria estar sob os cuidados de famílias cariocas, para pôr fim ao entrudo e regular os divertimentos.²⁸⁷

Como apontou Bilac, as pessoas do subúrbio de opróbrios saíam das ruas tortas, estreitas, e sujas e invadiam as largas ruas das regiões centrais; na bagagem, levavam objetos, costumes e procederes abominados pelos reformadores. Esse encontro cheio de preconceitos narrado por Bilac é bastante revelador. A imagem criada por ele ao afirmar que os indesejáveis desciam para urbs como uma *enxurrada vitoriosa* nos leva a pensar que o encontro com os hábitos suburbanos era algo inevitável, impossível de se controlar, por mais que se criassem barreiras para impedir. Podemos afirmar, a partir de tais considerações, que o processo de reformulação urbana realizado, a partir de Pereira Passos, não alcançou a cidade em sua totalidade, há a permanência de um Rio de Janeiro tradicional e conservador em intenso contato e conflito com o Rio de Janeiro desejado.

Sabendo desse contato e conflito com o vizinho indesejado, o foco de Olavo Bilac não era, necessariamente, as pessoas, mas a imagem que o Rio de Janeiro teria, ou

²⁸⁵ BILAC, Olavo. *Kosmos*. Rio de Janeiro. 10/1906. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional

²⁸⁶ Para saber mais sobre o carnaval no Rio de Janeiro ver: FERREIRA, Felipe. *O livro de ouro do carnaval brasileiro*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005.

²⁸⁷ BILAC, Olavo. *Correio Paulistano*. Rio de Janeiro. 13/03/1908. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional.

BILAC, Olavo. *Kosmos*. Rio de Janeiro. 03/1904. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional.

seja, a forma como a cidade seria lida pelos brasileiros e pelo mundo. O cronista tinha noção de que o Rio de Janeiro seria visto como um todo, e não de forma fragmentada, então, ele lutava para que o restrito espaço moderno e a pequena parcela da população civilizada se sobressaíssem em relação às predominantes características da cidade indesejada, visto que a representação de mundo é legitimada pela crença e não pela comprovação. Sendo assim, ele via na reforma urbana e dos hábitos a possibilidade de fazer a cidade ser vista e anunciada como “encasacada” e não como “de pés descalços”, ainda que ela não fosse civilizada e moderna em sua totalidade.

Que quer dizer a chegada dessa primeira leva de excursionistas? Quer dizer que essa gente já ouviu falar com entusiasmo da nossa terra, e teve a curiosidade despertada, e quis confiar no testemunho dos seus próprios olhos. Cada um desses visitantes, será, por sua vez, um porta voz; um anunciador gratuito da beleza e da civilização do Rio de Janeiro e do Brasil. Há aí honra e proveito. Ainda muita coisa feia terão visto por aí os viajantes do Byron: muitas ruas mal calçadas, muita gente descalça e suja pelas ruas, muitas casinhas novas atarracadas e desgraciosas, e muitas lojas servidas por caixeiros em mangas de camisa... Mas terão dito a si mesmos, ou terão achado que lhes dissesse, que o Rio de Janeiro não podia, mais feliz do que Roma, fazer-se em um só dia. O que é certo é que a cidade já nos não envergonha, como nos envergonhava.²⁸⁸ Kosmos 07/1907

Nessa perspectiva, Bilac parecia reconhecer que as reformas foram fundamentais para não mais envergonhar a Capital Federal e para que ela fizesse jus a tal *status*, mas lamentava o fato dos avanços sociais e morais não terem acompanhado o ritmo do progresso material. A civilização total da cidade passou a ser vista, pelo cronista, como um sonho inatingível, demonstrando, de certa forma, uma visão já desconfiada do progresso, diante da conclusão de que a civilização no Rio de Janeiro, a mais civilizada das cidades brasileiras, era apenas aparente. Numa de suas crônicas, ele afirma que se alguém do *tempo antigo*, por um milagre, ressuscitasse e presenciasse a sociedade de 1907, ele:

sabendo da invenção do telégrafo, e do telefone, e do radium, (...) deixaria talvez, a principio, por alguns momentos, de ser um cético, e acreditaria no progresso da humanidade. Mas, se, depois de contemplar tudo isto, começasse a contemplar a situação moral dos homens, o sorriso da duvida reapareceria nos seus lábios; e ele,

²⁸⁸ BILAC, Olavo. *Kosmos*. Rio de Janeiro, 11/08/1907. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional

*continuando a dizer que tudo é ilusão, reentraria com prazer no domínio da morte. (...) a civilização é uma ilusão! Tudo é sonho! Creio que só não é sonho este endiabrado reumatismo que me está triturando os tornozelos... tudo mais é ilusão!*²⁸⁹

O desejo por mudanças de hábitos e costumes não agradava nem um pouco Lima Barreto, que era totalmente contra as imposições do programa republicano de ordem e progresso, pois via neste a opressão dos pobres pelos donos da República. O conceito de civilizado para o cronista passava não pelas vestimentas, padronização das formas de proceder e demais restrições impostas pela municipalidade, mas sim pela educação. Para ele, a educação era a única maneira de livrar o povo da opressão da elite burguesa.²⁹⁰ Ao passo que Olavo Bilac identificava as práticas carnavalescas como atos incivilizados, Lima Barreto afirmava ser outra sua preocupação:

*O isolamento faz-me mal à alma e ao pensamento. Mergulho no barulho dos outros, deixo de pensar em mim e nas fantasmagorias que eu mesmo criei para o meu padecer. A embriaguez que a multidão traz, é a melhor e a mais inofensiva de todas que se tem até agora inventado. Nem o ópio, nem o álcool, nem o hachisch produzem a embriaguez que com a dela se assemelhe. Temos visões extraordinárias, sem estragar a saúde. Não participo da opinião da polícia, (...) o que me aborrece mais no atual carnaval, é a conclusão a que fatalmente chego ao ouvir as suas cantigas, sambas, fados, etc., ao ouvir toda essa poética popular e espontânea, de não possuir o nosso povo, a nossa massa anônima, nenhuma inteligência e de faltarlhe por completo o senso comum. Mete horror semelhante pensamento. O ponto de vista da imoralidade e chulice pouco me preocupa; o que me preocupa é o intelectual e artístico.*²⁹¹

Ainda em Lima Barreto, sobre o carnaval:

O carnaval é a expressão da nossa alegria. O ruído, o barulho, o tantã espancam a tristeza que há nas nossas almas, atordoam-nos e nos enchem de prazer. Todos nós vivemos para o carnaval. Criadas, doutores, soldados, todos pensamos o ano inteiro na folia carnavalesca. Durante o ano todo, Morcego é um grave oficial da Diretoria dos correios, mas, ao aproximar o carnaval, morcego sai de sua gravidade burocrática, atira a máscara fora e sai para a rua. E então ele esquece tudo: a pátria, a família, a humanidade. Delicioso

²⁸⁹ BILAC, Olavo. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro. 11/08/1907. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional.

²⁹⁰ BARRETO, Lima. *Correio da Noite*. 11/03/1915. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional. BARRETO, Lima. *Correio da Noite*. 13/03/1915. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional.

²⁹¹ BARRETO, Lima. In. RESENDE, Beatriz; VALENÇA, Rachel (orgs.). *Lima Barreto: Toda Crônica*: Volume II (1919-1922). Rio de Janeiro, Agir, 2004. pág. 137.

*esquecimento! Ele então não era mais a disciplina, a correção, a lei, o regulamento; era o coribante inebriado pela alegria de viver.*²⁹²

Lima Barreto parecia apreciar os costumes e tradições populares e via, no carnaval, um momento em que as tristezas e obrigações eram esquecidas temporariamente, momento em que os mais civilizados entre os “civilizados” colocavam a máscara ou a retiravam do seu dia-a-dia para se entregarem à embriaguez do carnaval, encontrarem-se e se divertirem com os próprios preconceitos. Mas não podemos nos seduzir pelas palavras do cronista, pois, no conjunto de suas crônicas, ele nutre certa antipatia pela festa, por considerá-la vazia e sem sentido²⁹³. Cremos que sua defesa em alguns momentos se dá em virtude de dois fatores: o primeiro por não concordar com o fato de o governo cercear a liberdade individual; o segundo pela sua tendência de fazer oposição aos grandes periódicos que sempre ridicularizavam o carnaval e o entrudo, focando principalmente os pobres como os responsáveis pelos pontos negativos dos mesmos. De qualquer forma, o cronista, amante ou não do carnaval, sempre se colocou a favor da população do subúrbio.

Consideramos até que sua defesa, em alguns momentos, é tão exagerada que o cronista acaba colocando a população suburbana como marionetes que se sujeitaram pacificamente aos interesses dos endinheirados e administradores da cidade, como incapazes de reagir contra as mazelas que os afligiam. Mas, como podemos perceber, tanto a partir das crônicas de Barreto e Bilac, quanto dos jornais, a população suburbana ofereceu forte resistência às imposições governamentais, inclusive obtendo algumas vitórias em relação aos reformadores do Rio de Janeiro. A Revolta da Vacina é um exemplo clássico de resistência popular e de ressignificação do espaço e dos símbolos da civilização, como bem elucidada Myria Bahia Lopes:

A apropriação das ruas, a quebra de lampiões, a virada de bondes e a construção de barricadas formam uma experiência singular de alguns habitantes no espaço urbano. Há uma recodificação da grafia urbana, em que os símbolos da civilização são reapropriados e se transformam em táticas de luta da população. Ação física que atinge alvos precisos e expressa uma trajetória do desejo da população amotinada. A idéia de que a partir da remodelação do espaço são criados novos hábitos na população, é invertida. A nova forma de

²⁹² BARRETO, Lima. *Correio da Noite*. Rio de Janeiro, 02/01/1915. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional.

²⁹³ BARRETO, Lima. *Careta*. Rio de Janeiro. 14/01/1922. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional.

*apropriação do espaço, criada pela multidão, se traduz como negação das normas de gestão da cidade moderna. O roteiro do teatro urbano e a idéia linear e positiva do progresso são questionadas pela ação popular.*²⁹⁴

As novas posturas municipais, criadas a partir de Pereira Passos com o objetivo de disciplinar os hábitos da população, não agradava nem um pouco o cronista, pois Barreto via nelas uma ameaça aos mais necessitados do Rio de Janeiro, ou seja, aos indesejados da Avenida e fortes candidatos ao “título” de barbárie. Nesse sentido, Lima Barreto ironizou muitas leis criadas pela municipalidade. Sobre a proibição da circulação de cachorros nas ruas da *urbs*, Barreto deu os parabéns às mulheres que salvavam os cachorros dos guardas municipais antes de serem presos e exterminados.²⁹⁵ Sobre a proibição de mendicantes nas ruas, o cronista comenta o anúncio de jornal que afirmava que a polícia prendeu um mendigo que trazia alto valor em dinheiro. Neste caso, Barreto chama a atenção para a batalha que se travou nas ruas do Rio de Janeiro entre os costumes e a lei, representados respectivamente pelo pedinte que agiu de acordo com os costumes e a polícia, que exerceu seu poder de acordo com a lei. Nesta batalha, o cronista apoiava deliberadamente os costumes, mesmo quando isto significava ir contra a opinião geral. Para ele, não se devia proibir a prática da mendicância, já que essa era a única alternativa de vida para muitas pessoas, o que demonstrava a desigualdade social e a inutilidade de determinadas leis. Barreto estava sempre a favor dos infratores, nunca da lei.²⁹⁶

As leis eram percebidas por Lima Barreto não pela ótica de quem as aplicava, ou dos desejosos de completar a “limpeza” das ruas, mas pela ótica dos atingidos e prejudicados por elas. Escreveu uma crônica para a revista *Careta* que condenava a proibição dos muambeiros nas largas ruas da zona central.

Quando saio de casa e vou à esquina da Estrada Real de Santa Cruz, esperar o bonde, vejo bem a miséria que vai por este Rio de Janeiro. Ultimamente, na esquina, veio ao meu encontro um homem com quem conversei alguns minutos. Ele me contou a sua desdita com todo o vagar de popular. Era operário não sei de que ofício; ficara sem emprego, mas, como tinha um pequeno sítio lá para as bandas do

²⁹⁴ LOPES, Myriam Bahia. *O Rio em movimento: quadros médicos e(m) história 1890-1920*. Rio de Janeiro: Editora FioCruz, 2000. pág. 16-17.

²⁹⁵ BARRETO, Lima. *Careta*. Rio de Janeiro. 20/09/1919. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional.

²⁹⁶ BARRETO, Gazeta. *Gazeta da Tarde*. Rio de Janeiro. 26/05/1911. Acervo Periódicos Raros - Fundação Biblioteca Nacional.

Timbó e algumas economias, não se atrapalhou em começo. As economias foram-se, mas ficou-lhe o sítio, com as suas laranjeiras, com as suas tangerineiras, as suas bananeiras, árvore de futuro com a qual o Senhor Cincinato Braga, depois de salvar o café, vai salvar o Brasil. Este ano foi particularmente abundante em laranjas e o nosso homem teve a feliz idéia de vendê-las. Vendo, porém, que os compradores na porta não lhe davam o preço devido, tratou de valorizar o produto (...) comprou um cesto, encheu-o de laranjas e saiu a gritar: (...) foi feliz e pelo caminho apurou uns dois mil-réis. Quando, porém, chegou a Todos os Santos, saiu-lhe ao encontro a lei, na pessoa de um guarda municipal:

- Quedê licença!

- Que licença?

- Já sei, intimou o guarda. Você é muambeiro. Vamos para a agência. Tomaram-lhe o cesto, as laranjas, o dinheiro e, a muito custo, deixaram-no com a roupa do corpo.²⁹⁷

Nessa época, não eram permitidos vendedores ambulantes trabalhando sem licença pelas ruas da cidade. Para entrar na legalidade, era necessário pagar impostos à prefeitura e também padronizar os equipamentos utilizados conforme a lei.²⁹⁸ Como podemos ver, os incivilizados do projeto reformista, ou seja, aqueles que não eram aptos a estarem nas áreas centrais da cidade, foram narrados por um outro prisma nas crônicas de Lima Barreto. Não foram tidos como incivilizados, mas como trabalhadores em busca da sobrevivência, que eram apresentados de forma a questionar a tentativa de reforma não só do espaço urbano, mas também dos hábitos e costumes daqueles que por lá circulavam. Já os administradores públicos eram tidos como aproveitadores, criando leis para engodarem a receita do Distrito Federal.²⁹⁹

As formas de proceder e os hábitos condenados pelo discurso republicano de ordem e progresso foram qualificados positivamente por Lima Barreto. O que para

²⁹⁷ BARRETO, Lima. *Careta*. Rio de Janeiro. 07/08/1915. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional

²⁹⁸ Leis publicadas no jornal *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 13/11/1904. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional

Art. 86. *Aos mercadores ambulantes sem licença para seus negócios, será imposta a multa de 20s, com exceção dos de:*

1. Não é considerado negócio ambulante a venda de productos de pequena lavoura, pelos próprios lavradores.

²⁹⁹ Leis publicadas no jornal *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 13/11/1904. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional

Imposto de Licenças

Art. 16. *Ninguém poderá ter negócio de qualquer natureza, por atacado ou varejo, estabelecido ou ambulante, fabrica ou afficina, deposito de qualquer espécie, escriptorio, consultório, tendas e barracas, exhibições, diversões e espectáculos públicos, vehiculos terrestres e marítimos, particulares ou a frete, kiosques, taboletas, toldos, placas, lettreiros, lampeões em postes, bandeiras annuncios, sem licença municipal, pagando o respectivo imposto de alvarás de licença, salvo os exceptuados nesta lei, e nas de character permanente não derogadas ou revogadas.*

Art. 17. *Os impostos de licença serão arrecadados de accordo com as tabellas seguintes: (...)*

Bilac tratava-se de *monstruoso anacronismo e insuportável traição*, para Lima Barreto era a sobrevivência do que a sociedade tinha de melhor, mas que estava sob a ameaça da astúcia modernizadora. Ele encarava a civilidade defendida por Bilac como algo forjado pela hipocrisia.

*Este Rio (...) pode ter muitos defeitos, mas ainda não perdeu de todo a simplicidade e ainda tem muitos aspectos de generosidade. É uma grande aldeia, dizem os snobs; admito. É porém, preferível uma grande aldeia com generosidade, caridade e simplicidade de gostos e modos do que uma aldeola com pretensões a altas elegâncias européias (...), com seus verdadeiros e falsos ricos, cavadores nacionais, (...) falsificadores.*³⁰⁰

Outra questão apontada nessa mesma perspectiva, é como os prédios construídos na Avenida Central, atual Avenida Rio Branco, eram feitos não para o povo, mas para os poderosos se deleitarem, contribuindo para o afastamento natural dos pobres de lugares como o Teatro Municipal, a Biblioteca Nacional, a Escola Nacional de Belas Artes, entre outros. Numa crônica de Lima Barreto escrita para a revista *Careta*, ele questiona a intenção do poder municipal e nacional em civilizar a população, já que os prédios voltados à educação e à arte, foram vedados aos pobres. Ele exemplifica sua afirmação e enfatiza sua crítica ao narrar a história de *Xubregas*, um músico do morro que, diante da impossibilidade de viver da música, tornou-se construtor de fossas. Ao saber que uma famosa orquestra vienense se apresentaria no Teatro Municipal, quis assistir, mas, segundo o personagem da crônica: *quando lá cheguei, tudo era caro, (...) qualquer lugar era tão caro que, se eu alugasse um, ficava sem comer uma semana. Sempre li que a prefeitura tinha erguido aquele teatro para a educação do povo. O cronista o retrucou: Que engano! Ele deve estar por quinze mil contos, extorquidos ao povo; mas foi feito para educação dos ricos. Então Xubregas dá um grito de despedida ao cronista: Viva a República.*³⁰¹

Xubregas, também chamado pelo cronista de *um do povo*, é apresentado para demonstrar como as práticas do governo Republicano, especialmente os expressos na Capital Federal, eram contrárias ao discurso defendido. Na mesma direção, ele quer colocar em cheque a visão oficial de civilidade, por considerá-la excludente, que impõe

³⁰⁰ BARRETO, Lima. *Careta*. Rio de Janeiro, 31/12/1921. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional

³⁰¹ BARRETO, Lima. *Careta*. Rio de Janeiro, 19/08/1922. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional.

ao imaginário coletivo a noção de que para ser civilizado deve-se vestir bem, obedecer regras de etiqueta, frequentar espaços *chics* e outros requisitos que não foram feitos pensando nos *Xubregas* da cidade carioca. Para Lima Barreto, haveria de se repensar a noção de povo, para que assim fosse também repensado o espaço que para ele (não) vinha sendo construído. O cronista, numa crônica escrita em 1911 para revista *Estação Teatral*, denunciou o programa de reformas por este pensar nos edifícios pelos seus alicerces e não pela função que deveriam ter:

*O Teatro Municipal! É inviável. A razão é simples: é muito grande e luxuoso. Supondo que uma peça do mais acatado dos nossos autores provoque uma enchente, repercuta sobre a opinião, haverá no Rio de Janeiro e arredores (...) gente suficiente encasacada para enchê-lo dez, vinte ou trinta vezes? Decerto, não. Hão de concordar que isso de representar para duas dúzias de cadeiras simplesmente ocupadas e três camarotes abarrotados, não constitui coisa alguma e não merece sacrifício nenhum dos poderes públicos. Armaram um teatro cheio de mármore, de complicações luxuosas, um teatro que exige casaca, altas toilettes, decotes, penteados, diademas, adereços, e querem com ele levantar a arte dramática, apelando para o povo do Rio de Janeiro. Não se trata bem de povo, que sempre entra nisso tudo como Pilatos no credo. Eternamente ele vive longe desses tentamens e não é mesmo nele que os governantes pensam quando cogitam dessas cousas; mas vá lá; não foi bem para o povo; foi para o chefe de seção, o médico da higiene, o engenheiro da prefeitura.*³⁰²

Seguindo essa mesma forma de pensar, Lima Barreto também comenta sobre a magnificência da Biblioteca Nacional:

Pouco freqüento a Biblioteca Nacional, sobretudo depois que se mudou para a Avenida e ocupou um palácio americano. A minha alma é um bandido tímido, quando vejo desses monumentos, olho-os, talvez, um pouco, como um burro; mas, por cima de tudo, como uma pessoa que se estarrece de admiração diante de suntuosidades desnecessárias. O Estado tem curiosas concepções, e esta, de abrigar uma casa de instrução, destinada aos pobres-diabos, em um palácio intimidador, é das mais curiosas. Como é que o Estado quer que os malvestidos, os tristes, os que não tem livros caros, os maltrapilhos (...) avancem por escadarias sustuosas, para consultar uma obra rara, com cujo manuseio, num dizer aí das ruas, têm a sensação de estar pregando à mulher do seu amor? A velha biblioteca era melhor, mais acessível, mais acolhedora, e não tinha a empáfia da atual.

³⁰² RESENDE, Beatriz; VALENÇA, Rachel (orgs.). *Lima Barreto: Toda Crônica: Volume I (1890-1919)*. Rio de Janeiro, Agir, 2004. pág. 71.

Enquanto Barreto fazia tais indagações, de acordo com Antonio Dimas, Olavo Bilac, cronista a quem se deve boa parte das Transformações do Rio de Janeiro na primeira década do século XX, estava a serviço da causa pública. O auge desse processo foi a inauguração do Teatro Municipal do Rio de Janeiro, em 1909. Olavo Bilac foi o orador oficial da cerimônia, a convite do prefeito Souza Aguiar. De acordo com o autor, o prédio, recinto de pessoas graúdas da sociedade, cercado por outros edifícios construídos com a mesma inspiração, era o arremate de um momento que criara o slogan *o Rio civiliza-se*.³⁰³

Lima Barreto e Olavo Bilac perceberam as mudanças na cidade, embora com perspectivas diferenciadas. O primeiro achava que as obras eram cheias de luxo e suntuosidades desnecessárias, incapazes de atender às reais necessidades da população carioca, que, em sua maioria, não se habituaria a tudo aquilo, por formarem um ambiente em si inibidor e excludente. Já o segundo, cria que aquele era exatamente o cenário material desejado, mas que as pessoas não se civilizavam o suficiente para o seu devido desfrute. Para um, o problema estava nas obras, para outro o problema estava nas pessoas. Para um, a ilusão era o próprio conceito padrão de civilidade desejado pelo Estado, para o outro a ilusão era crer que todo o Rio de Janeiro evoluiu com a reforma da “barbárie” para a “civilidade”. Para um, a reforma dos costumes era preconceituosa e excludente; para outro, era importante e necessária; um cria que a noção de civilização estava ligada aos hábitos e tradições populares do subúrbio, outro acreditava que a verdadeira civilização era a que se desejou construir no centro urbano. Um defendia os infratores, o outro as leis. O Rio de Janeiro foi construído nas crônicas no encontro entre o centro urbano e subúrbios, apresentando seus tipos humanos, costumes, valores, hábitos, etc. Embora houvesse a pretensa separação dessas duas cidades, embora sejamos tentados a dividir esses mundos fragmentados, é necessário dizer que um sempre é tomado em relação ao outro, reafirmando ainda mais a idéia de contato. A noção de civilização que Barreto critica e Bilac exalta também faz parte da constituição da fachada moderna.

³⁰³ Dimas, Antonio. *Bilac, o jornalista: ensaios*. São Paulo: Edusp / Unicamp / Imprensa Oficial do estado de São Paulo. pág. 149.

2.4 EM BUSCA DE SINTONIA

Quando pensamos no embelezamento do Rio de Janeiro, temos sempre a tendência a pensar que a cidade foi influenciada pela França, mais precisamente, por Paris. Somos levados a cair numa linha de reflexão que elege o mimetismo como a melhor explicação para o momento histórico. Confessamos que é um desafio para nós encararmos a reurbanização do Rio de Janeiro por outro viés. Na leitura das crônicas, especialmente nas de Olavo Bilac, pela quantidade de vezes que a França aparece, quase sempre citada como o lugar-exemplo, onde a cultura e a arte estão em sua mais perfeita expressão, somos tentados a perseguir a idéia de que o Rio de Janeiro copiou a reforma urbana parisiense, desejando ser tal qual ela era.

Não desconsideramos, contudo, que a França tenha sido um país importante no processo de reurbanização do Rio de Janeiro, certamente foi um dos lugares mais observados pelos reformadores. Muitos deles, como o próprio Francisco Pereira Passos, tiveram formação francesa e acompanharam de perto a reforma urbana européia, principalmente a dirigida por Haussmann, entre 1853 e 1870. No entanto, afirmar que o Rio de Janeiro foi influenciado pela reforma francesa, como o modelo único e ideal a ser seguido, é uma conclusão aprisionada a uma teoria explicativa que apenas contribui para minimizar o debate sobre o fato histórico. Portanto, pretendemos não cometer o equívoco de nos seduzir por esse engodo, porque cremos que a noção de influência implica uma passividade e impotência do Rio de Janeiro em relação à França, que retrata o Brasil como um país sem originalidade que se desenvolveu lentamente, seguindo os passos das inovações dos países Europeus.

Sendo assim, optamos por perseguir a idéia de sintonia, ou seja, a busca de sintonia dos reformadores com os projetos ocidentais de civilização. A busca por se equiparar a noção de progresso em discussão foi importante para conceder ao Rio de Janeiro os elementos necessários para inseri-lo no rol das grandes metrópoles. O estudo feito por Myriam Bahia Lopes, no livro *Rio em Movimento*, sobre a Campanha pela Vacinação e a Revolta da Vacina, chama-nos a atenção para a noção de sintonia do Brasil com outros países. Esses fatos estavam diretamente ligados à intenção de mudar a imagem do Brasil para o mundo e também vinculados à reforma urbana implantada no Rio de Janeiro, já que um de seus pilares de sustentação era a higienização da cidade. A autora nos mostra que, no caso da campanha pela vacinação, não se tratava de uma

imitação brasileira, ou de um fato isolado no país, mas era uma discussão em diversas nações, demonstrando que também foi uma tendência, ou seja, uma sintonia com outros países. Myriam Bahia Lopes ressalta:

Assinalamos, nesta transcrição, o caráter internacional do debate sobre a vacina e os movimentos de resistência a esta medida. Por outro lado, os defensores da vacina buscam exemplos na Alemanha, França, Japão e Sérvia a favor da implementação legal desta medida profilática. Por outro, os positivistas da IAPB divulgam os movimentos antivacínistas no continente europeu e no norte-americano. O Brasil é retratado pela historiografia como um país em desenvolvimento, que segue, no seu lento compasso, as inovações científicas adotadas nos países europeus. Observamos, no entanto, a simultaneidade cronológica no processo de implementação da vacina em diferentes países.³⁰⁴

Nessa mesma direção, a autora Maria Tereza Chaves de Mello nos dá uma contribuição importante ao sugerir que o Brasil buscava através das *idéias novas* se adequar à civilização, colocando o país no *nível do século*.³⁰⁵ Os reformadores e intelectuais, no final do século XIX e início do século XX – para inserirem a cidade do Rio de Janeiro e o país na modernidade urbana – tinham outras cidades em vista; todavia, não para se sujeitarem ao mimetismo puro e simples, mas para discutirem e fazer analogias de umas com outras, visto que, através dessas comparações, a cidade começava a se perceber e a se ver, entre outras representações possíveis, como um lugar de atraso.

O Rio de Janeiro sempre foi visto como uma cidade muito importante na história brasileira, pois era o espaço para onde as novidades convergiam. Ela foi sede da monarquia portuguesa e, naquele momento, era a Capital do Brasil, centro político e financeiro; esses fatores, entre outros, renderam-lhe a condição de centro cosmopolita do país. Daí a importância de se ter em vista a alteridade para despertar na sociedade a identificação com o atraso, mesmo diante da grandeza e riqueza do Rio de Janeiro.

Nesse contexto, a idéia que ganha força após a consolidação da República e do aceleração do ritmo de vida da sociedade carioca é que, apesar de tudo, o Rio de Janeiro ainda matinha feições de uma cidade colonial, com ruas estreitas, traçado

³⁰⁴ LOPES, Myriam Bahia. *O Rio em movimento: quadros médicos e(m) história 1890-1920*. Rio de Janeiro: Editora FioCruz, 2000. pág. 76.

³⁰⁵ MELLO, Maria Tereza Chaves de. *A república consentida: cultura democrática e científica do final do império*. Rio de Janeiro: Editora FGV: Editora Edur, 2007. pág. 121.

irregular, prédios velhos, enfim, uma estrutura urbana supostamente incompatível com o que ela representava. Diante dessa sensação de atraso, tornou-se então necessária a remodelação da cidade, com os aparatos da modernidade que a inserissem no mundo civilizado, criando, assim, uma imagem de credibilidade ao país diante dos olhos do mundo.³⁰⁶ A implementação do projeto modernizador surgiu para fazer o Rio de Janeiro acompanhar o progresso, ajustando-se aos seus paradigmas.

No ano de 1903, no governo de Floriano Peixoto, Olavo Bilac foi exilado para Ouro Preto, onde permaneceu até o ano de 1904. Após o período de exílio e das amargas experiências com o governo florianista, o cronista minimizou suas crônicas de críticas à política, provavelmente temendo maiores retaliações, para se dedicar a outros assuntos, como literatura, política internacional e suas impressões do sítio onde se construiria a cidade de Belo Horizonte, que se tornaria a capital de Minas Gerais.³⁰⁷ A militância política de Olavo Bilac cedeu espaço para o combate em favor da remodelação urbana do Rio de Janeiro e a cidade de Belo Horizonte foi umas das primeiras cidades a ser citadas pelo cronista como exemplo a ser observado para o Rio de Janeiro “acertar o passo” em suas transformações.

Como por milagre, uma cidade moderna, de largas avenidas e palácios soberbos, rompeu do lugar em que havia a pequena povoação de Belo Horizonte: o Curral d'El Rei nunca poderia esperar tamanha honra... a Gazeta não é folha mineira, e quem escreve esta crônica não gosta de preocupar-se com a vida alheia; mas como deixar em silêncio este acontecimento? O fato de, em dous anos, surgir da terra, acabada e bela, uma cidade, não é fato que todos os dias se dê: e é preciso que isto tenha o comentário da crônica. Se o caso se houvesse passado na América do Norte, nessas fabulosas terras onde as crianças já nascem diplomadas e onde as cidades se fazem a quatro horas incompletas, nada se poderia escrever sobre ele. Mas, não! O milagre (porque foi um verdadeiro milagre) fez-se na parte mais pacata, mais prudente, mais desconfiada, mais econômica deste mundo e dos outros: o Estado de Minas Gerais não é useiro e vezeiro nessas cavalarias altas. Daí, o espanto de todos; daí o estranho caso. Não queiramos desgostar quem está contente! Pode ser que ainda os mineiros se arrependam de ter gasto tanto dinheiro em mármore e madeiras, quando o podiam gastar em sementes e arados; mas o mais provável é que a providência abençoe os esforços daquele povo... em todo o caso, demos parabéns ao Estado de Minas, que acaba de inaugurar o seu

³⁰⁶ Idem.

³⁰⁷ BILAC, Olavo. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 17, 28 e 30/01/1894. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional.

Belo Horizonte é tomado pelo cronista como um exemplo de ousadia, ele apresenta as novidades da nova capital mineira aos cariocas com admiração, exaltando o feito. Não se tratava de uma cidade da América do Norte ou da Europa, era uma Cidade brasileira, talvez mais limitada do que a Capital Federal, mas que já tinha saído na frente na corrida rumo ao progresso. Belo Horizonte se consolidou como o exemplo mais próximo que demonstrou a possibilidade de fazer do Rio de Janeiro uma capital moderna para os moldes da época.

A rapidez com que se desenvolveram as obras foi um dos pontos destacados pelo cronista ao comentar sobre a cidade mineira, a velocidade com que tudo foi feito dava a autenticidade de milagre à realização. Milagre este que os dirigentes do Rio de Janeiro buscavam para a cidade. Olavo Bilac parece utilizar a crônica não apenas para informar, mas para convencer da capacidade de transformar o Rio de Janeiro em um curto espaço de tempo. Além da velocidade, o que constitui o milagre descrito na crônica é o surgimento da cidade moderna. Diante disso, podemos nos perguntar, quais são os sinais, os paradigmas que tornam determinado espaço numa cidade moderna? De acordo com Olavo Bilac, o que caracteriza a cidade moderna são as *largas avenidas* e os *palácios soberbos*.

Ainda que Paris fosse pioneira na transformação urbana, não se tratava de copiar a França, mas sim de implementar na cidade do Rio de Janeiro aquilo que é considerado como moderno e sinal de progresso, desenvolvimento e civilização. Naquele momento, o que arrancaria a cidade da identificação com o período colonial e com o atraso, ajustando-a ao presente, era a abertura de largas avenidas ladeadas de edifícios, com as modernas técnicas da engenharia. Era essa a condição para criar um *nobre salão de visitas*.

Outra cidade importante como exemplo para a reformulação urbana do Rio de Janeiro foi Buenos Aires, capital da Argentina que, desde aquela época, já rivalizava com o Brasil pela posição de maior potência da América Latina. Numa visita que fez a Buenos Aires, como integrante da comitiva do presidente Campos Sales, Olavo Bilac escreveu uma crônica falando sobre a cidade:

³⁰⁸ BILAC, Olavo. *Gazeta de notícias*. Rio de Janeiro, 19/12/1897. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional.

Quando leres isto, Sebastianópolis, não cubras com indignação a face, não dê punhadas de ira na cabeça, não te rojes no chão acoimando de ingrato este pobre filho sincero! Ama-te ele assim mesmo, desleixada e feia; nem todas as avenidas e todos os boulevards da Europa e da América poderão jamais ter para ele o encanto daquela triste esburacada rua da Vala que ouviu os seus primeiros vagidos. Mas justamente porque tanto te ama, é que teu filho deve ter o direito de te dizer, entre dous beijos, que a vizinhança de Buenos Aires é uma vergonha para ti, adorada Sebastianópolis... Quem te disse que és a primeira Capital da América do Sul zombou da tua ingenuidade e injuriou duramente os teus cabelos brancos; mais te ama e muito mais digno é a tua gratidão quem francamente te diz que és uma cidade de pardieiros, habitada por analfabetos. Ah! Quando um dia, do seu fecundo, surgir o homem fadado para reformar-te, o Torenato de Alvear designado pelo destino para o mister glorioso de te curar a lazeira e de te infundir novo sangue, e então tu serás a primeira capital, já não da América do Sul, mas de todo o mundo; e os teus filhos de então, vendo, nos álbuns de arte retrospectiva, as tuas ruas e as tuas casas de hoje, perguntarão assombrados como pode um povo viver por tanto tempo atolado em tão torpe inércia! (...) Quando Alvear quis realizar o seu sonho radiante, não houve casmurrice apatacada que ousasse opor-se ao soberano poder da sua vontade. Foi um prodígio, foi uma loucura, uma dessas abençoadas loucuras que são cem mil vezes mais úteis do que todo o bom senso (...). para construir o Porto Madero, aquele assombroso porto (...) consumiram-se trinta e seis milhões de pesos ouro. (...) todas as velhas casas coloniais caíram, e não houve juiz que desse mandado de manutenção aos proprietários de pocilgas; as ruas alargaram-se, os palácios surgiram como por encanto do solo, a vontade do homem venceu a apatia da terra.³⁰⁹

A linguagem forte e agressiva utilizada pelo cronista era uma forma de demonstrar a urgente necessidade de mudança na Capital do Brasil. Sem rodeios, ele teceu louvores à nova capital platina, que também havia adentrado em sintonia com as demais metrópoles modernas, com suas largas avenidas, belos palácios e praças. A descrição é feita com o intuito de reforçar a identificação da cidade carioca com o atraso. Através da comparação da capital platina com o Rio de Janeiro, o cronista, com tom de vergonha, sentimento que queria deixar em seus leitores, diagnosticou a condição estática de “Sebastianópolis”, como se ela houvesse parado no tempo. Para Olavo Bilac, a causa da vergonha é *que nós, filhos da mesma raça e do mesmo momento histórico com muito mais vida, com muito mais riqueza (...) ainda temos por capital da República, em 1900, a mesma capital de D. João VI em 1808 – isso é que dói como uma*

³⁰⁹ BILAC, Olavo. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 18/11/1900. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional.

*afrota, isso é o que revolta como uma injustiça.*³¹⁰ Ele achava compreensível o fato de o Rio de Janeiro não acompanhar a elegância das cidades européias, não se conformando com o fato de o Rio de Janeiro ainda não ter os traços de uma cidade moderna, enquanto cidades de outros países da América do Sul já os tinham.

Mais uma cidade foi observada e mencionada pelo cronista como um exemplo de capital que se inseriu na sintonia com o mundo moderno; tratava-se de Lisboa, a capital portuguesa:

*Quando vi Lisboa pela primeira vez, - já lá vão alguns anos, - os trabalhos do porto estavam apenas iniciados, e a Avenida da Liberdade apenas traçada. Lisboa era, então, uma cidade triste; quem chegava do Rio de Janeiro tinha uma surpresa desagradável, porque não encontrava na capital portuguesa a vida, a animação (...) Ora, Lisboa é hoje antítese do que era: de dia e de noite, uma vida intensa e febril tumultua no seu seio; e a cidade, saneada, varrida de ar e de luz, graças às grandes avenidas que completaram a da Liberdade, e graças a importância comercial que lhe deu a construção do porto, é uma borboleta saída de uma crisálida, se é que essa comparação de tão estafado e ridículo lirismo pode ser aplicada a uma vasta metrópole em plena pujança de expansão e progresso.*³¹¹

Mais uma vez foi mencionado por Olavo Bilac aquilo que ele cria ser os paradigmas do progresso, os símbolos da modernidade que transformariam a capital brasileira em uma metrópole moderna: as grandes avenidas, a construção do porto, a idéia de cidade limpa e saneada, com boa circulação de ar e luz, fatores apresentados pelo cronista como os responsáveis pela transformação da cidade, os requisitos indispensáveis para a preparação urbanística e conseqüente inclusão na era moderna. Estes requisitos representavam também a mudança nos habitantes da cidade, pela difusão generalizada de novas experiências, que levaria o povo a se educar e se disciplinar. São esses os argumentos utilizados pelo cronista para convencer seus leitores da necessidade do Rio de Janeiro se modernizar o mais rápido possível.

Olavo Bilac, militante da reformulação urbana, menciona todas essas capitais para demonstrar que as cidades estavam se modernizando e que o Rio de Janeiro estava ficando para trás, ainda muito aquém da tendência internacional. Bilac não queria ser uma cópia de Paris; ele apenas mostrou que a reforma urbana, pautada no saneamento e embelezamento, não era exclusividade de cidades européias, mas de qualquer outra que

³¹⁰ Idem.

³¹¹ BILAC, Olavo. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 08/06/1904. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional.

se empenhasse em tal projeto. A remodelação do Rio de Janeiro não haveria de ser muito diferente da que foi realizada nos outros países, pois o objetivo era impressionar, causar a sensação de mudança e modernidade. A melhor fórmula para despertar esses sentimentos era pautar as reformas nos modelos que circulavam na imprensa carioca, familiarizando a população com os símbolos e sinais do progresso modernizador.

Outra cidade também comparada, por Bilac, ao Rio de Janeiro foi a cidade de São Paulo:

Há três anos, mandava eu de S. Paulo, à Gazeta, uma crônica, em que confessava o meu espanto e a minha admiração pelo progresso que fora encontrar na capital paulista. E, naturalmente, cotejando o que lá via com o que aqui deixara, escrevi palavras que não podiam ser de leite e ambrosia para o paladar do Rio de Janeiro... a verdade é que a minha revolta era grande: eu não podia perceber como a pequena cidade de S. Paulo, muito menos rica e muito menos importante do que a do Rio de Janeiro, ganhava sobre esta uma tão incontestável supremacia de formosura e de higiene. Esse contraste entre o S. Paulo e o Rio afligia-me ainda mais do que o contraste entre o Rio e Buenos Aires. Não se tratava já de duas cidades de origem diferente e de diferente fortuna: tratava-se de duas irmãs, filhas dos mesmos pais, falando a mesma língua, alimentadas pelo mesmo sangue, e tão dessemelhantes na sorte: uma pompeando em louçanias e galas, indo a bailes e folguedos, arreada de alfaias e jóias – enquanto a outra, mísera Gata Borracheira, ficava, maltrapilha e descalça, na trapeira sórdida, à espera de um príncipe encantado que não aparecia.

Quem vê o Rio, há três anos, maltratado e sujo, (...) com as suas tristes vielas povoadas de cachorros vagabundos, e quem agora o vê, com as novas avenidas em via de edificação, (...) com as ruas alargadas e enchendo-se de edificações elegantes, com a variedade dos novos tipos de calçamento adotados, - reconhece sem dificuldade que, neste curto espaço de tempo, muito mais se fez aqui, do que em S. Paulo num espaço de tempo três vezes maior. Daqui a pouco tempo, dentro de dous anos, quando a Avenida Central e a Avenida Beira-Mar estiverem concluídas; quando o Rio de Janeiro se encher de carruagens e de automóveis; quando começarmos a possuir a vida civilizada e elegante que Buenos Aires já há tantos anos possui, - também nessa época já nos não lembraremos do era a nossa vida tediosa e vazia.³¹²

Note que Olavo Bilac escreve no momento em que as obras de remodelação do Rio de Janeiro já estavam em andamento; o sonho se realizava, ele já apresentava as mudanças da velha para a nova cidade. Antes do início das obras de reformulação urbana, o Rio de Janeiro era sempre visto como a cidade retrógrada; quando os símbolos

³¹² BILAC, Olavo. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 15/01/1905. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional.

do progresso começavam a aparecer, ela passa a ser descrita já como uma das metrópoles modernas, com promessas de superá-las. Olavo Bilac expôs, em 1902, São Paulo como uma cidade reformada e o Rio de Janeiro com uma cidade que carecia de reformas:

*Como não sei o que houve no Rio de Janeiro, o melhor é espalhar por esta coluna alguns aspectos de S. Paulo, algumas notas sobre a vida da linda capital do café. Não vale a pena, está claro, falar do progresso material, em verdade espantoso, que se admira por aqui. S. Paulo não fica no fim do mundo: e não há carioca que não conheça as maravilhosas criações da administração Antonio Prado. Alargaram-se as ruas, arborizaram-se as praças; os velhos paralelepípedos tortos do calçamento são substituídos por outros, novos e bem feitos, de arestas vigorosamente retas; as calçadas são de elegante ladrilho (...).*³¹³

A reforma era apresentada não como desejo de luxo ou capricho da alta sociedade, mas como uma prioridade irrevogável, indispensável para a sobrevivência da cidade como capital. Olavo Bilac não estava dividido entre projetos de intervenção urbana na cidade, sequer mencionava a possibilidade de outros projetos, sua defesa ao projeto reformista de Pereira Passos, em sintonia com as reformas urbanas de outras cidades, aparecia como a única alternativa para os problemas enfrentados. Ela era a exclusiva solução que ajustaria o Rio de Janeiro ao novo século. No entanto, isto não significa que não havia outras propostas que rivalizavam com os parâmetros do projeto vencedor, certamente havia outras possibilidades de intervenção na cidade carioca, quem sabe não muito adequadas à tendência da época e às conveniências do estado. Para investigar os projetos vencidos, seria necessário outro estudo.

O escritor Lima Barreto não comungava dos mesmos ideais defendidos por Olavo Bilac porque não se via como atrasado, nem como bárbaro e nem condenava os mesmos símbolos combatidos pelo discurso reformador. Ao que parece, não defendia nenhum outro tipo de projeto para a cidade do Rio de Janeiro, apesar de deixar algumas sugestões e opiniões em suas crônicas sobre como os reformadores deveriam agir. Por exemplo, ao invés de criar o Teatro Municipal, fazer pequenos teatros em todas as regiões da cidade, especialmente nos subúrbios.³¹⁴ Era mais um crítico do modelo

³¹³ BILAC, Olavo. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 23/02/1902. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional.

³¹⁴ RESENDE, Beatriz; VALENÇA, Rachel (orgs.). *Lima Barreto: Toda Crônica*: Volume I (1890-1919). Rio de Janeiro, Agir, 2004. pág. 72.

vencedor que propriamente defensor de um outro projeto qualquer. Através de sua colaboração para o jornalismo carioca, também podemos observar como a idéia de sintonia moveu as intervenções urbanas no Rio de Janeiro.

Sobre a rivalidade entre a Capital do Brasil e a Capital Argentina e a tentativa desta primeira em superar a segunda, Lima Barreto diz:

Porque o Senhor Rio Branco, o primeiro brasileiro, como aí dizem, cismou que havia de fazer do Brasil grande potência, que devia torná-lo conhecido na Europa, que lhe devia dar um grande exército, uma grande esquadra, de elefantes paralíticos, de dotar sua capital de avenidas, de boulevards, elegâncias bem idiotamente binoculares e toca a gastar dinheiro, toca a fazer empréstimos; e a pobre gente que mourejava lá fora, entre a febre palustre e a seca implacável, pensou que aqui fosse o Eldorado e lá deixou as suas choupanas, o seu sapé, o seu aipim, o seu porco, correndo ao Rio de Janeiro a apanhar algumas moedas da cornucópia inesgotável.

A obsessão de Buenos Aires sempre nos perturbou o julgamento das coisas. A grande cidade do Prata tem um milhão de habitantes; a capital da Argentina tem longas ruas retas; a capital Argentina não tem pretos; portanto, meus senhores, o Rio de Janeiro, cortado de montanhas, deve ter largas ruas retas; o Rio de Janeiro, num país de três ou quatro grandes cidades, precisa ter um milhão; o Rio de Janeiro, capital de um país que recebeu durante quase três séculos milhões de pretos, não deve ter pretos.

E com semelhantes raciocínios foram perturbar a vida da pobre gente que vivia a sua medíocre vida aí por fora, para satisfazer obsoletas concepções sociais, tolas competições patrióticas, transformando-lhe os horizontes e dando-lhe inexequíveis esperanças.³¹⁵

Como podemos observar, Lima Barreto também oferece indícios para que possamos pensar na questão da busca pela sintonia com os paradigmas do progresso e modernidade. Embora sendo sua perspectiva oposta a de Olavo Bilac, ele aponta a obsessão dos governantes em criar uma imagem do Rio de Janeiro de metrópole moderna, mostrar ao mundo que a Capital Federal do Brasil não deixava nada a desejar aos países mais desenvolvidos. Nessa crônica, sua reclamação é específica em relação à tentativa de acompanhar as mudanças de Buenos Aires. O que clarifica a Argentina como um dos países observados pelos Reformadores republicanos, na busca pela sintonia.

O cronista afirmava, como vimos na crônica, que tudo não passava de uma rivalidade patriótica com Buenos Aires, mas não se tratava apenas disso, o que estava em jogo era sim acertar o passo com outros países que apresentaram ao mundo ocidental

³¹⁵ BARRETO, Lima. *Correio da Noite*. 26/01/1915. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional.

metrópoles modernas, através da adesão dos símbolos expressos no espaço urbano. A tendência de Lima Barreto, como bem sabemos, era de negativizar as pretensões do governo, não seria diferente em relação ao desejo que os dirigentes tinham de colocar o Rio de Janeiro no rol das cidades modernas. Interessante notar que nessa crônica há uma crítica indireta a Olavo Bilac, pois Lima Barreto ironiza a intenção de se criar avenidas, elegância e um grande exército para fazer do país uma potência. A crônica foi escrita em 1915 e foi justamente nesse ano que Olavo Bilac iniciou a campanha pela defesa nacional com a criação de um grande exército e do serviço militar obrigatório.³¹⁶

Essa intenção, denunciada por Lima Barreto, de tornar o Brasil conhecido, é bastante reveladora para se pensar a modernização urbana do Rio de Janeiro, especialmente a Reforma do Porto que, em nossa opinião, ao lado da Avenida Central, foi a mais importante obra realizada. No século XIX, o grande volume de exportação e importação de mercadoria fez do Porto do Rio um dos mais importantes do Brasil. Nesse período, o sistema portuário já apresentava dificuldade em atender o movimento comercial que cada vez mais se intensificava. O porto era também o principal lugar de embarque e desembarque de estrangeiros dos mais diversos lugares que visitavam a cidade carioca, fosse a negócio ou a passeio. Em 1906, Olavo Bilac comentava o medo que os estrangeiros sentiam ao chegarem ao porto do Rio, medo da sujeira da cidade e de se contaminarem com a febre amarela.³¹⁷

As obras do porto foram dirigidas por Francisco Bicalho, que realizou o empreendimento com apoio financeiro inglês; as obras do cais, aterro portuário e novos armazéns também foram realizados sob a responsabilidade de uma companhia Inglesa. A inauguração oficial do porto ocorreu em 1910 e muitas outras construções decorreram a partir de sua reforma, como a construção da Avenida do Cais, também chamada de Avenida Rodrigues Alves e a ampliação das linhas de estrada de ferro para facilitar o acesso ao porto.³¹⁸ A Avenida Central, por exemplo, conectava o centro urbano da cidade ao porto.

Podemos perceber que a reforma foi realizada com o fim de mostrar a fachada moderna para os visitantes da cidade, que chegavam ao porto remodelado e já se

³¹⁶ Dimas, Antonio. (org.). *Vossa insolência*: São Paulo: Cia das letras, 1996. (Coleção “Raízes do Brasil”, vol.6). pág. 26.

³¹⁷ BILAC, Olavo. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 29/02/1896. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional.

³¹⁸ KOK, Glória. *Rio de Janeiro na época da Avenida Central*. São Paulo: Bei Comunicação, 2005. pág. 41-42.

deparavam com as largas avenidas ladeadas de prédios suntuosos. Os estrangeiros que chegavam ao Rio de Janeiro logo se deparavam com os símbolos plantados no miolo da cidade, como prova de que a urbe havia superado a condição de outrora e adentrado no rol de cidades modernizadas. Nesse sentido, a reforma do porto foi crucial, pois era a porta de entrada para o *Eldorado*.³¹⁹

A nova estrutura urbana do miolo do Rio de Janeiro ao Porto demonstrava os anseios dos reformadores de apresentar uma nova imagem da cidade ao mundo. Em 1912, uma poetisa francesa, Jeanne Catulle Mendes, visitou o Rio de Janeiro e, após a visita, qualificou a cidade como maravilhosa. Posteriormente *cidade maravilhosa* tornar-se-ia um slogan, uma noção alimentada pela visão oficial que correspondia ao desejo do projeto reformador em fazer do Rio de Janeiro o cartão postal do Brasil. A imagem de *cidade maravilhosa* foi a legitimação do projeto oficial da República e de seus reformadores, que colocou o Rio de Janeiro em sintonia com a noção de espaço moderno, ainda que a cidade indesejada não tenha sido destruída totalmente em sua materialidade. A atribuição da poetisa francesa era prova de que a imagem de progresso estava associada à cidade, principalmente pelo fato de ter partido de uma estrangeira vinda de um país considerado moderno.³²⁰

Lima Barreto, como era contra a idéia de se equiparar às outras cidades, condenou as reformas desde Pereira Passos a Carlos Sampaio, pois acreditava que elas descaracterizavam o Rio de Janeiro, visto que a paisagem, o clima, as pessoas, a natureza e a experiência histórica eram diferentes. Para ele, a cidade tinha sua própria fisionomia que estava sendo destruída pouco a pouco pelas reformas implantadas, tornando o Rio de Janeiro parecido com outras cidades. O cronista não aceitava que os mesmos símbolos de progresso e modernidade fossem plantados em lugares absolutamente diferentes. Nesse sentido, ele escarnecia as construções feitas com estilo dos Estados Unidos:

O nosso gosto, que sempre teve um estalão equivalente à nossa própria pessoa, está querendo passar, sem um módulo conveniente, para o do gigante Golias ou outro qualquer de sua raça. A brutalidade dos Estados Unidos, a sua grosseria mercantil, a sua desonestidade administrativa e o seu amor ao apressado estão nos

³¹⁹ BARRETO, Lima. *Correio da Noite*. 26/01/1915. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional.

³²⁰ GOMES, Renato Cordeiro. *Todas as cidades, a cidade: literatura e experiência urbana*. Rio de Janeiro: Rocco, 2008. pág. 112.

*fascinando e tirando de nós aquele pouco que nos era próprio e nos fazia bons. É por imitação, por má e sórdida imitação dos Estados Unidos, naquilo que têm de mais estúpido – a brutalidade. Entra também um pouco de ganância, mas esta é a acoraçada pela filosofia oficial corrente que nos ensina a imitar aquele poderoso país. O rio de janeiro não tem necessidade de semelhantes cabeças de porco, dessas torres babilônicas que irão enfeá-lo, e perturbar os seus lindos horizontes. Imploremos aos senhores capitalistas para que abandonem essas imensas construções, que irão, multiplicadas, impedir de vermos os nossos purpurinos crepúsculos do verão e os nossos profundos céus negros do inverno. As modas dos americanos que lá fiquem com eles; fiquemos nós com as nossas que matam menos e não ofendem muito à beleza e à natureza. Sei bem que essas considerações são inatuais. Vou contra a corrente geral, mas creiam que isso não me amedronta.*³²¹

O cronista criticava duramente a construção de prédios imensos para a época, chamando de imitação o que nós estamos denominando sintonia. Chamou de imitação justamente porque sua intenção era depreciar os prédios criados conforme um modelo supostamente norte-americano. Comparava os edifícios com um dos mais famosos cortiços do Rio de Janeiro, chamado *Cabeça de Porco*, ele era dividido por tapumes de madeira e habitado por centenas de pessoas.³²² A comparação foi feita para depreciar os prédios, segundo o cronista, desnecessários a uma cidade como Rio. Todavia, podemos notar que no final da crônica, Lima Barreto considera que os edifícios, ao gosto norte americano, eram, naquele momento, símbolos de grandeza e poder. Era a tendência do período, a cidade corria para acertar o passo com o progresso, no entanto, Lima Barreto optava por remar contra a maré.

A cidade carioca se enchia de prédios com vários andares, que contrastavam com os sobrados de dois andares do tempo do império. Isso significava para Lima Barreto a morte das belezas naturais que davam originalidade ao Rio de Janeiro.³²³ O cronista, em uma de suas crônicas, fez uma analogia dos edifícios que se construíam nas ruas da cidade com a Torre de Babel³²⁴ para demonstrar sua contrariedade com a busca de sintonia com Nova York. Podemos extrair da analogia o desejo que Barreto tinha de que os *arranha-céus* não fossem tomados como ponto de referência, que a cidade valorizasse suas especificidades, de modo a rejeitar este grande símbolo de poder e

³²¹ BARRETO, Lima. *Revista da Época*. Rio de Janeiro, 20/07/1917. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional.

³²² AZEVEDO, Alufio. *O Cortiço*. 6ª ed. São Paulo: Ática, 1978.

³²³ RESENDE, Beatriz; VALENÇA, Rachel (orgs.). *Lima Barreto: Toda Crônica*: Volume I (1890-1919). Rio de Janeiro, Agir, 2004. pág. 480-481.

³²⁴ BARRETO, Lima. *Hoje*. Rio de Janeiro, 10/07/1919. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional.

modernidade norte-americano, criando assim sua própria fisionomia urbana, de maneira autêntica e baseada no respeito às riquezas naturais da cidade. Dosando a analogia feita com a ironia do cronista, talvez ele gostaria mesmo que o castigo de Deus fosse despejado sobre os atrevidos construtores da Torre de Babel, que, diante dos problemas habitacionais vivenciados pelos suburbanos, construía grandes hotéis de luxo para visitantes estrangeiros.³²⁵

Em contrapartida, jornais como a *Gazeta de Notícias* exaltavam a iniciativa de construção de grandes prédios para funcionarem como luxuosos hotéis:

³²⁵ BARRETO, Lima. *Careta*. Rio de Janeiro, 15/01/1921. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional.

UM GRANDE HOTEL NA AVENIDA

Faz-se afinal um Palace-Hotel na Avenida—Predio do Mosteiro de S. Bento—2.200 contos—Estará prompto em abril

Um hotel na Avenida! Um grande hotel! Agora que se multiplicam as visitas de estrangeiros illustres ao Rio, agora que as visitas dos povos civilizados attentam para o nosso rapido progresso, a falta de um hotel era importantissima.

Em hoteis e restaurants nós estavamos muito mal servidos, com preços fabulosos e falta, já não dizemos de luxo, mas de conforto. Todos os esforços pareciam inuteis. Um hotel! Quando se poderia fazer um grande Palace-Hotel, em plena Avenida Central, com o conforto de identicas casas da Europa e da America do Norte!

Hão de lembrar-se os leitores que até o deputado José Carlos de Carvalho apresentou um projecto creando cinco grandes hoteis aqui e em quatro cidades principaes do Brasil, interpretado assim, na Camara, a vontade geral.

Mas esse projecto não tranquillizou bem o nosso publico, acostumado no quadriennio pasado a só saber dos projectos quando elles vertiginosamente já estavam em meio realizados. De modo que deante de um palacio da Avenida vasio, era fatal a pergunta:

—Será para o grande hotel?

Mas não era, ainda não era...

Ora, é provavel que tenhamos este hotel desejado.

Consta-nos que o Mosteiro de S. Bento está de accordo em acabar o seu grande predio da Avenida Central para um Palace-Hotel com todas as aperfeiçoamentos modernos.

Esse predio, uma das mais bellas construcções da nossa Avenida, depois de concluido, representará um dispendio de dois mil e duzentos contos de réis.

O architecto Eckmann, cuja competencia é reconhecida, está encarregado da organisação dos projectos e sabemos que o futuro hotel vae ser acabado de modo primoroso, sendo certo que ficará encarregada das decorações internas e do mobiliario a casa Mapple, de Londres.

Se o Governo e a Municipalidade concederem alguns favores á empresa que vae ser organisaada para explorar o hotel, empresa que terá um capital de mil contos de réis, o empreendimento, de que tanto necessitamos será uma realidade dentro em pouco e o novo estabelecimento, que disporá de cento e trinta commodos, inclusive seis aposentos de luxo e seis bellas lojas para alugar, será inaugurado em abril do anno proximo futuro.

A nova empresa pagará ao Mosteiro, sob a fórma de aluguel, apenas o juro do capital empregado no edificio.

Sendo o plano da nova empresa do Dr. Manuel Buarque de Macedo, os vapores do Lloyd, que partirão de New-York e Buenos Aires com passageiros, que vêm assistir a exposiçao nacional e os festejos ao rei D. Carlos, encontrarão um estabelecimento de primeira ordem para alojarem-se.

A realisacão deste empreendimento, porém, está dependendo de alguns favores dos poderes publicos, embora pequenos, pois, sem elles talvez não seja possivel obter-se os capitales necessarios para a installaçao de um hotel de 1º ordem, com todo conforto e luxo, como os que são encontrados em todos os paizes da Europa e da America.

Ilustração 32 - *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 29/09/1907

Numa crônica escrita para a *Gazeta da Tarde*, em 1911, Lima Barreto comenta a demolição do Convento de Nossa Senhora da Conceição, mais conhecido como Convento da Ajuda, inaugurado em 1750. Após anos, o convento se tornou impróprio diante das exigências urbanísticas do Rio de Janeiro e foi demolido em 1911 para dar lugar a um Hotel de luxo, que nunca foi construído. Diante da ameaça da demolição, o cronista se manifestou:

Eu sorri de tão santa crença, porque, se o convento da Ajuda não é tão bonito como o Teatro Municipal, tanto um como outro não são belos. A beleza não se realizou em nenhum dos tais edifícios daquele funil elegante: e se deixo o Teatro Municipal, e olho o Club Militar, a monstruosa Biblioteca, a Escola de Belas-Artes, penso de mim para mim que eles são bonitos de fato, mas um bonito de nosso tempo, como o convento o foi dos meados do nosso século XVIII. Naquele tempo (...) quando ele ficou mais ou menos pronto, se já houvesse jornais, certamente eles falariam no lindo e importante edifício com que ficou dotada a leal e heróica cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro. Falariam com o mesmo entusiasmo com que nós falamos ao se inaugurar o teatro do doutor Passinhos. Decorreram cento e cinqüenta anos e nós ficamos aborrecidos com o tal lindo edifício. O bonito envelhece, e bem depressa; e eu creio que, daqui a cem anos, os estetas urbanos reclamarão a demolição do Teatro Municipal com o mesmo afã com que os meus contemporâneos reclamaram a do convento.

(...) Estavam convencidos de sua fealdade, da necessidade do seu desaparecimento, para que o Rio se aproximasse mais de Buenos Aires. A capital da Argentina não nos deixa dormir. Há conventos de fachada lisa e monótona nas suas avenidas? Não. Então o casarão deve ir abaixo. Se ao menos, fossemos levantar ali um Louvre, um palácio de Doges, alguma coisa de belo e grandioso arquitetonicamente, era de justificar todo esse encantamento que vai pelas almas dos estetas; mas, para substituí-lo por um hediondo edifício americano, enorme, pretensioso e píffio, o embelezamento da cidade não será grande e a satisfação dos nossos olhos não há de ser de natureza altamente artística.³²⁶

Mais uma vez, o cronista deixou clara a sua oposição ao desejo de sintonia tanto com Buenos Aires quanto com Nova York. O Convento da Ajuda era, até 1911, o único prédio do período colonial que resistira às demolições feitas na Avenida Central. No *funil elegante*, via-se o prédio do Convento da Ajuda em completa desarmonia com as outras edificações. Ao que parece, o motivo da sua permanência foi o elevado preço exigido para sua desapropriação, o que fez Pereira Passos e Frontin recuarem.³²⁷ Observe-se a foto de João Martins Torres, feita em 1905: o convento aparece intacto, em meio aos entulhos dos outros imóveis que ruíram sob os golpes das picaretas.

³²⁶ BARRETO, Lima. *Gazeta da Tarde*. Rio de Janeiro, 21/07/1911. Acervo Periódicos Raros - Fundação Biblioteca Nacional.

³²⁷ Idem.

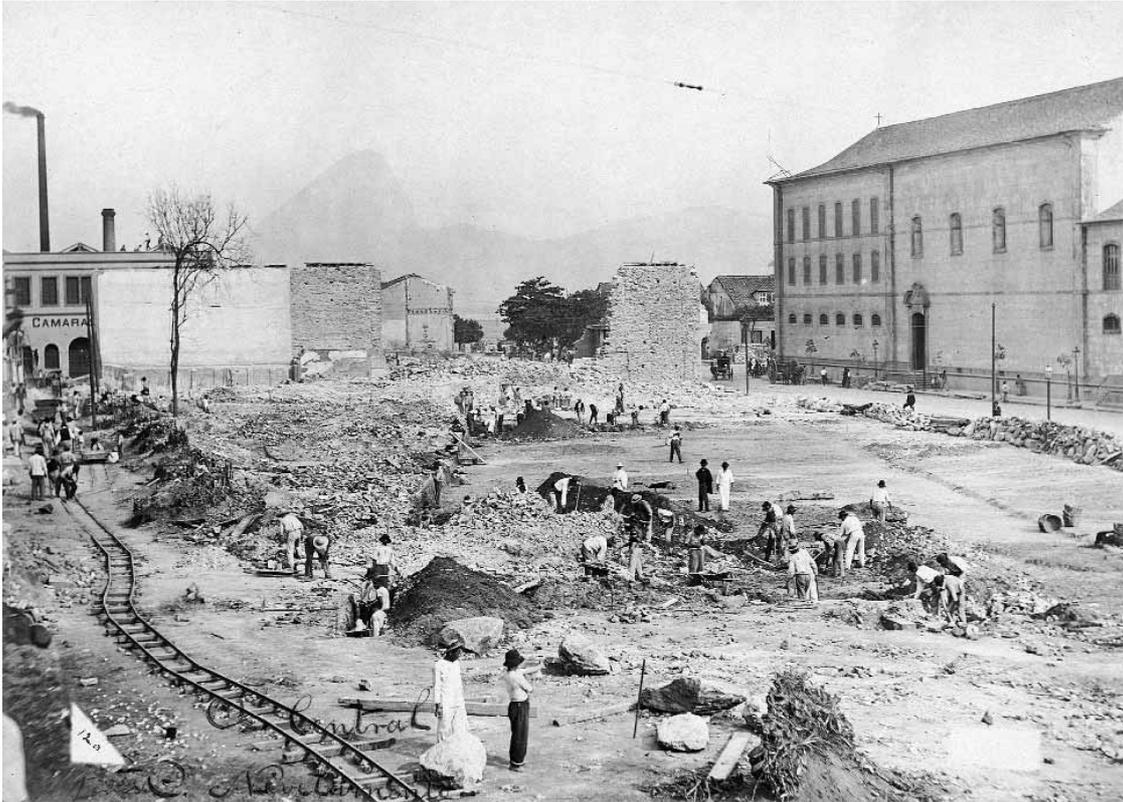


Ilustração 33 - Convento da Ajuda, 1905. Fotografia de João Martins Torres.

Lima Barreto explicou o motivo da sua desconfiança em relação ao desejo de acompanhar a esteira do progresso e da modernidade. Para ele, por mais que se corresse, jamais se alcançaria a plena satisfação ao alvo desejado, pois o que era belo e sofisticado, logo deixaria de ser. Para Lima Barreto, o moderno se renova constantemente na esteira do progresso, tudo é provisório. O progresso é a tentativa de inscrever o futuro no presente, é a busca obsessiva em se atualizar com o amanhã, ainda que o amanhã não fosse o que se está vivendo hoje. É como se o Rio de Janeiro estivesse em uma corrida sem ponto de chegada. A demolição do Convento Ajuda representava a insaciável ambição em se atualizar com os paradigmas do progresso. O convento, que havia sido aclamado no século XVIII, foi condenado aproximadamente 150 anos depois; Lima Barreto, como uma espécie de profeta, anunciou que após algumas décadas as edificações louvadas pelas reformas perderiam o encanto e seriam demolidas, assim como aconteceu com o Convento da Ajuda.

Segundo Renato Cordeiro Gomes, a reformulação urbana é mais que demolição e construção de edifícios, é também desconstrução e construção de símbolos e significados.

*As transformações não devem ser vistas apenas enquanto empreendimento, mas pelo viés da comunicação simbólica. Indicam como o Brasil pode demonstrar ao mundo o inaugurar da modernidade nesta cidade dos trópicos. Tenta-se apagar a tradição da cidade colonial, para erguer uma cosmópolis que, ao fim, não passa de uma subcosmópolis (...). Transforma-se a cidade numa floresta de símbolos, para que possa ser lida como moderna. Na linha evolutiva do progresso, a cidade será submetida a uma demolição permanente, que apaga o que vai se tornando velho na busca do sempre novo. Os novos significados estão sempre brotando e caindo das árvores construídas.*³²⁸

Nesse sentido, Lima Barreto se aproxima das considerações de Renato Cordeiro Gomes, quando afirma que *o bonito envelhece, e bem depressa*. Até mesmo Olavo Bilac parecia ter certa desconfiança em relação ao progresso. Ele escreveu uma crônica falando da transformação da cidade: quando era a *cidade velha* ao receber visitas ela se enfeitava para minimizar a vergonha diante dos visitantes, mas que após as reformas ela se tornou uma mulher moça e formosa que não necessitava de ornamentação, com essas observações o cronista não afirma, mas sugere o possível envelhecimento dessa moça. Na seqüência dessa mesma crônica ele analisa o progresso na perspectiva da evolução dos meios de transporte da *cadeirinha* carregada pelos escravos até os veículos aéreos.

O progresso, porém, é como o apetite, que “vient en mangeant”. Já não nos contentamos com os automóveis, que por mais depressa que andem, precisam fazer várias voltas, dobrar esquinas, ladear jardins, - e evitar os peões... quando não preferem passar por cima deles, reduzindo-os a papas. Já não nos contentamos com os automóveis, - e queremos balões que nos transportem pelos ares, num vôo vertiginoso, devorando milhas celestes. Jesus! Isso será talvez progresso demais! Não vamos nós progredir tanto, em matéria de viação, que venhamos a ter saudade do tempo das cadeirinhas e das gôndolas. Antigamente com as gôndolas e as cadeirinhas o viajante andava devagar, mas sempre tinha a certeza de chegar ao seu destino; e é o que, felizmente, ainda acontece, algumas vezes, a quem viaja em automóvel. Mas, se formos progressivamente aumentando a velocidade dos veículos, chegaremos talvez a resultados inesperados e fantásticos; a dificuldade já não consistirá no partir, nem no correr, mas no parar (...). será uma perturbação de todas as leis materiais, imateriais, naturais, sobrenaturais, humanas e divinas, - e não sei o que será de nós, com essa pavorosa inversão das regras físicas e morais!

Não! O progresso é uma grande cousa, mas é preciso que não transforme em loucura. O progresso que hoje temos já é admirável e

³²⁸ GOMES, Renato Cordeiro. *Todas as cidades, a cidade: literatura e experiência urbana*. Rio de Janeiro: Rocco, 2008. pág. 114.

*consolador. Nada de precipitações!*³²⁹

O progresso é entendido como um “buraco sem fundo”, como uma ambição insaciável; ainda assim ele não renunciava à adesão da sociedade à evolução progressista, mas chamava a atenção para que se buscasse o progresso sem exageros, sem excessos, não ultrapassando os limites da ordem e não provocando a própria destruição. Sobre o progresso enlouquecidamente buscado, Bilac comenta, em outra crônica, sobre os Estados Unidos com seus hotéis gigantescos, belos, porém propícios a acidentes catastróficos. O cronista sugere um meio termo razoável, entre os *yankees* megalômanos e os *bugres ingênuos*.³³⁰ A defesa que fazia em suas crônicas era por um progresso ordenado, baseado no lema republicano de ordem e progresso. No entanto, podemos notar no conjunto de suas crônicas que sua defesa por um avanço comedido rumo à noção liberal de progresso é menos acentuada do que sua intenção de demonstrar a capacidade humana de progredir, a rápida velocidade do progresso do Rio de Janeiro, e o quanto o Brasil progrediu e ainda poderia progredir material, moral e tecnologicamente.

A idéia de sintonia está expressa também numa outra perspectiva para além da reformulação urbana: a criação de um herói responsável pelo desenvolvimento e progresso da sociedade. Cria-se a imagem de um homem destemido que, com sua coragem e ousadia, transforma o sonho da humanidade em realidade. É assim que Francisco Pereira Passos aparece nas crônicas bilaquianas. Numa crônica publicada na *Gazeta de notícias*, o cronista compara os reformadores ao D. Quixote da epopéia de Cervantes:

Sancho Pança é apenas o Bom Senso. E se o Bom Senso sempre houvesse governado o mundo, a humanidade ainda estaria hoje tão adiantada como no tempo dos merovíngios. O bom senso é a prudência, a cautela, a paciência; mas é também a casmurrice, o amor do preconceito, o ódio do progresso. D. Quixote é o Ideal. Se ele não tivesse, de quando em quando, metido a reformador, não haveria a estrada de ferro, a lâmpada elétrica, o telégrafo, a máquina a vapor; não haveria a Divina Comédia, os dramas de Shakespeare, a Legenda dos séculos. O ideal pode ser, às vezes, a precipitação, a imprudência, a loucura: mas é sempre o progresso, a invenção, a

³²⁹ BILAC, Olavo. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 29/07/1906. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional.

³³⁰ BILAC, Olavo. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 26/04/1908. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional.

*beleza, a iniciativa, o desejo de perfeição. D. Quixote foi o Barão de Haussman que reformou Paris; D. Quixote foi o Marquês de Pombal que das cinzas de uma Lisboa medonha arrancou uma Lisboa airosa; D. Quixote foi o grande Alvear que criou Buenos Aires! D. Quixote foi o espírito Yanke que em menos de um século encheu de cidades maravilhosas todo o território dos Estados Unidos. Mais vale ser D. Quixote, e morrer apedrejado, empalado, queimado vivo, enforcado e estraçalhado por ter amado a limpeza e a beleza, do que ser Sancho Pança, e morrer de velhice por ter respeitado o preconceito e por ter amado o atraso.*³³¹

Como podemos notar, o prefeito Pereira Passos aparece como um mito. Como o desbravador determinado que, mesmo diante das críticas e oposições, luta para alcançar sua meta de modernizar a cidade. O prefeito nomeado por Rodrigues Alves é colocado no mesmo patamar que outros reformadores, todos representando soluções para os seus respectivos países. As qualidades, dificuldades, atitudes de Pereira Passos são tomadas por Olavo Bilac sempre em relação a Torquato Alvear, Rosa de Araújo, Haussmann, Antonio Prado; como se isso fosse capaz de legitimar todas as suas ações ou justificar a descrença que muitos tinham no início e durante a reforma.³³² Tal relação era como dizer que todos os grandes enfrentaram os mesmo obstáculos e venceram, assim como Pereira Passos venceria. O cronista não faz alusão a nenhuma espécie de hierarquia entre eles, pelo contrário, apresenta-os numa condição de igualdade e semelhanças, cada um agindo a sua maneira em seu contexto, mas todos em sintonia, querendo colocar seu país em sintonia com os paradigmas do progresso.

Enfim, Lima Barreto e Olavo Bilac não viveram o Rio de Janeiro da mesma maneira; suas concepções ora se combinavam, mas quase sempre divergiam; como homens de letras, e ao mesmo tempo homens sanduíches, criaram e venderam imagens diferenciadas sobre a cidade carioca. Lima Barreto com uma visão mais apocalíptica, e Olavo Bilac com uma perspectiva mais integrada, porém ambos buscavam a adesão apelando para a emoção, pela emotividade, no intuito de atrair leitores à suas formas de pensar e viver o espaço urbano.

³³¹ BILAC, Olavo. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 04/01/1903. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional.

³³² BILAC, Olavo. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 13/12/1903 – 08/06/1904. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Ao vencedor, as batatas!*³³³

Lima Barreto

Mais uma vez, sentamo-nos à frente do computador, dos livros e jornais, para escrever o que deveria ser as considerações finais deste trabalho. Assim como os cronistas, precisamos escrever, tendo ou não tendo assunto, precisamos tirar de algum lugar esse último suspiro. Assim como eles, também temos um prazo estabelecido para entregar nosso texto, custe o que custar, tenha ou não tenha “inspiração”. Não estamos em busca de recompensa financeira, não diretamente, não estamos em busca de recompensa simbólica, não diretamente, estamos em busca de conhecimento. Como não é possível banir da dissertação as considerações finais. Cá estamos nós, escrevendo-as mesmo sem tê-las, na verdade temos uma apenas, a certeza de que este trabalho concluiu-se, se é que é possível concluí-lo, com uma infinidade de interrogações, talvez sejam elas as nossas considerações finais, que mais parecem considerações iniciais.

Se fosse possível, transformaríamos esse espaço final na introdução do trabalho. Se tivéssemos o talento de Olavo Bilac ou a ousadia e intrepidez de Lima Barreto, transforma-lo-íamos em uma crônica. Mas como não somos capazes de fazer nem uma coisa nem outra, fazemos o que está a nosso alcance.

O período de perseguição aos cronistas foi árduo e revelador, instigante. Foram meses de diálogo com os mortos, que ainda vivem nos jornais, revistas e livros, através de suas crônicas. Colocá-los frente a frente, um século depois, foi um desafio, que proporcionou vantajosas recompensas como pensar as diversas possibilidades do gênero crônica, do ofício de cronista e da cidade do Rio de Janeiro. E nas mais numerosas combinações e relações entre eles. Tentamos seguir a recomendação de Lima Barreto: *o que é preciso, portanto, é que cada qual respeite a opinião de qualquer, para que desse choque surja o esclarecimento do nosso destino, para própria felicidade da espécie humana.*³³⁴ Obviamente que o confronto de opiniões que sugerimos não esclareceu o

³³³ BARRETO, Lima. *A.B.C.*. Rio de Janeiro, 19/10/1918. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional.

³³⁴ *Idem.*

destino para a felicidade da espécie humana, mas trouxe à tona as transformações no campo literário e suas ligações com o jornalismo, relacionadas às intensas mudanças no país, que no Rio de Janeiro se materializaram em debates, reformas no espaço urbano, nos hábitos e costumes. Este trabalho clarificou o papel da crônica no âmago dessas questões como um instrumento que percebeu os debates e acompanhou de perto a tentativa de colocar o Rio de Janeiro em sintonia com os paradigmas de progresso no início do século XX.

A crônica apareceu como um gênero aparentemente livre de normas e padrões, como literatura cotidiana da atualidade em que foi produzida, como comentário do dia-a-dia. Os cronistas reinventaram a cidade carioca via crônica; ao mesmo tempo em que participaram de sua história, eles também narraram o cotidiano, a principal fonte para seus textos, a rua alimentou seus temas. Conforme elucidada o cronista Moacir Scliar, a criação literária é também criação social³³⁵. Lima Barreto e Olavo Bilac criaram seus textos a partir das coisas que viveram. Ocuparam-se desse gênero complexo, procurando retirar do cotidiano, ou do próprio discurso produzido nos jornais, elementos necessários ao exercício do ofício. Na elaboração de uma crônica, os cronistas fizeram uma série de escolhas, selecionando aspectos e eventos em detrimento de outros à medida de sua subjetividade, de maneira que a cidade imaginada, pensada e proposta por eles é diferente.

Tanto Olavo Bilac como Lima Barreto escreveram crônicas com qualidade, capazes de atrair, inquietar, convencer, com o intuito de expor em palavras os anseios, expectativas e necessidades dos seus leitores. Ambos tinham uma evidente paixão pelo jornalismo e viveram a profissão das letras com uma dedicação sacrificial diária para superar as limitações impostas pelo ofício. A rapidez, proposta que Ítalo Calvino recomendou para este milênio, já era de algum modo praticado por Olavo Bilac e Lima Barreto no início do século XX, a rapidez de estilo e de pensamento, a densidade de conteúdo, agilidade, mobilidade e desenvoltura são visíveis na maioria dos textos dos escritores. Tratava-se de uma exigência, um pré-requisito para qualquer intelectual que pretendesse se dedicar ao jornalismo, como meio de ganhar a vida. A rapidez que pressupõe o texto que flui com a concatenação perfeita das idéias e histórias, encadeadas de forma concisa e precisa, é um trabalho árduo, no entanto mais fácil de ser feito no texto curto como a crônica. Utilizando a metáfora do cavalo, apropriada por

³³⁵ SCLIAR, Moacir. *O texto ou a vida*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

Calvino para expor a narrativa nos parâmetros da rapidez, podemos dizer que os cronistas do início do século XX, em especial Bilac e Barreto, esforçavam-se na produção das crônicas para que a leitura delas fosse como viajar num cavalo bom de galope.³³⁶ Nessa viagem que fizemos, foi difícil não se seduzir pelos comentários e pontos de vista dos cronistas, foi necessário esforço contínuo para superar o olhar superficial de turista, para que predominasse o de investigador.

Enfim, a crônica em seus diferentes suportes, seja no efêmero jornal ou no livro como guardião da memória, nas suas temporalidades possíveis, no seu uso como fonte e/ou objeto de estudo na produção do conhecimento histórico e na sua identificação como gênero híbrido, misto de jornalismo e literatura, trata-se de um texto tão complexo e importante quanto outros gêneros literários; a especificidade do gênero contribui com uma dicção diferenciada em relação às outras seções do jornal, orientando nosso percurso a tornar inteligível fragmentos da cidade carioca, que surgiu do encontro entre as opiniões de dois escritores apaixonados por ela, com imaginários antagônicos sobre o Rio de Janeiro.

Cruzar as opiniões de Olavo Bilac e Lima Barreto foi como observar a cidade do Rio de Janeiro pela fresta da fechadura, embora a visão seja limitada, ela permite ter uma noção interessante e curiosa dos fatos: sobre os avanços tecnológicos, a imagem sedutora de cidade moderna, a fachada urbana que tentou introjetar um novo ritmo de vida urbana, a modernização da imprensa e o debate da crônica sobre si e sobre a cidade.

Esta pesquisa nos fez concordar ainda mais com Paul Veyne na sua definição de História, que ao mesmo tempo nos conforta e desafia. Com as palavras dele encerramos esse texto:

*A história é um palácio do qual não descobriremos toda a extensão (não sabemos quanto nos resta de não factual a historicizar) e do qual não podemos ver todas as alas ao mesmo tempo; assim não nos aborrecemos nunca nesse palácio em que estamos encerrados. Um espírito absoluto, que conhecesse seu geometral e que não tivesse nada mais para descobrir ou para descrever, se aborreceria nesse lugar. Esse palácio é, para nós, um verdadeiro labirinto; a ciência dá-nos fórmulas bem construídas que nos permitem encontrar saídas, mas que não nos fornecem a planta do prédio.*³³⁷

³³⁶ CALVINO, Ítalo. *Seis propostas para o próximo milênio*. São Paulo: Cia das Letras, 1990.

³³⁷ VEYNE, Paul. *Como se escreve a história*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1995. pág. 210.

BIBLIOGRAFIA

ANSART, Pierre. Mal estar ou fim dos amores políticos?. In: *História e Perspectiva*, n.25/26, Jul.2001/Jun.2002, pp.55-80.

ARÓSTEGUI, Julio. O objeto teórico da historiografia. In: *A Pesquisa Histórica: teoria e método*. Bauru: EDUSC, 2006, p. 308.

BAEZ, Fernando. *História universal da destruição dos livros*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

BAHIA, Juarez. *Jornal, história e técnica*. São Paulo: IBRASA, 1972.

BALZAC, Honoré de. *Ilusões perdidas*. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

BARBOSA, Francisco de Assis. *A vida de Lima Barreto*. Belo horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988.

_____. (org.). *Lima Barreto: Correspondência ativa e passiva (1º tomo)*. São Paulo: editora brasiliense, 1956.

_____. (org.). *Lima Barreto: Obras Completas*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1956.

BARRETO, Lima. *Bagatelas*. Rio de Janeiro: Empresa de Romances Populares, 1923.

_____. *Feiras e Mafuás*. Rio de Janeiro: Editora Mérito, 1953.

_____. *Marginalia*. Rio de Janeiro: Editora Mérito, 1953.

_____. *Recordações do escrívão Isaías caminha*. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, s.d. p. 201.

_____. *Um longo sonho do futuro: diários, cartas, entrevistas e confissões dispersas*. Rio de Janeiro: Graphia Editorial, 1993.

BARROS, Paulo Cezar. Onde nasceu a cidade do Rio de Janeiro? Um pouco da história do Morro do Castelo. In: *Revista geo-paisagem*. Vol. 1, número 2, Julho/Dezembro de 2002. ISSN N°1677-650X

BAUMAN, Zygmund. *Em busca da política*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

BENDER, F.; LAURITO, I. *A crônica: história, teoria e prática*. São Paulo: Scipione, 1993.

BENJAMIM, Walter. O narrador. In: *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1993.

- BILAC, Olavo. *Crítica e fantasia*. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1904.
- _____. *Crônicas e novelas*. Rio de Janeiro: Cunha e Irmão, 1894.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand/DIFEL, 1989.
- BRESCIANI, Maria Stella. O poder de sedução dos textos: o assédio pelas imagens e representações. In: SEIXAS, Jacy & BRESCIANE, Maria Stella (org.). *Assédio moral: desafios, considerações sociais, incertezas jurídicas*. Uberlândia: EDUFU, 2006. pp. 157-184.
- BROCA, Brito. *A vida literária no Brasil – 1900*. 4.ed. Rio de Janeiro: Editora José Olympio: Academia Brasileira de Letras, 2004.
- CALVINO, Ítalo. *As cidades invisíveis*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- _____. *Seis propostas para o próximo milênio*. São Paulo: Cia das Letras, 1990.
- CANDIDO, Antonio. A vida ao Rés-do-chão. In: *Para gostar de ler*. São Paulo: Ática, 1980.
- _____. al. *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas, SP, Ed. Unicamp/Rio de Janeiro, Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.
- CAPELATO, Maria Helena R. *Imprensa e história do Brasil*. São Paulo: Contexto/Edusp, 1988.
- CARONE, Edgar. *A república velha: Instituições e classes sociais*. São Paulo: Difel, 1970.
- CHALHUB, Sidney. *Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores no rio de Janeiro da belle époque*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2001.
- CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand; Lisboa: Difel, 1990.
- CONY, Carlos Heitor. A crônica como gênero e como antijornalismo. In. *Folha de S. Paulo*. 16/10/1998, p.07.
- COSTA, Cristiane. *Pena de aluguel: escritores jornalistas no Brasil 1904-2004*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- COSTA, Emília Viotti da. *Da Monarquia à República: momentos decisivos*. São Paulo: Ed. Ciências Humanas, 1979.
- CRUZ, Heloisa de Faria. *São Paulo em papel e tinta: periodismo e vida urbana 1890-1915*. São Paulo: Edusp/Fapesp, 2000.

DIMAS, Antonio. *Tempos eufóricos: análise da revista Kosmos 1904-1909*. São Paulo: Ática, 1983.

_____. Bilac, o jornalista: ensaios. São Paulo: Edusp / Unicamp / Imprensa Oficial do estado de São Paulo.

FRIDMAN, Fania. *Donos do Rio em Nome do Rei – Uma História Fundiária da Cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1999.

GOMES, Angela de Castro. *Essa gente do Rio... Modernismo e Nacionalismo*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1999.

GOMES, Renato Cordeiro. *Todas as cidades, a cidade: literatura e experiência urbana*. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.

KOK, Glória. *Rio de Janeiro na época da Avenida Central*. São Paulo: Bei Comunicação, 2005.

KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006.

LE GOFF, Jacques. Memória. In: *História e Memória*. Campinas: Ed. Unicamp, 1994.

LOPES, Myriam Bahia. *O Rio em movimento: quadros médicos e(m) história 1890-1920*. Rio de Janeiro: Editora FioCruz, 2000.

LUCA, Tânia Regina. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi. *Fontes históricas*. São Paulo: Editora Contexto, 2006.

_____; MARTINS, Ana Luiza (organizadoras). *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008.

MACHADO, Maria Cristina Teixeira. *Lima Barreto: um pensador social na segunda república*. Goiânia: Ed. Da UFG; São Paulo: Edusp, 2002.

MAGALHÃES Jr, Raimundo. *Olavo Bilac e sua época*. Rio de Janeiro: ed. Americana, 1974.

MAGALHÃES, José Sueli de.; RIBEIRO, Ivan Marcos.; CUNHA, Jakeline Fernandes. *Literatura e intersecções culturais*. Uberlândia : EDUFU, 2008. (Coletânea de trabalhos apresentados no XI Simpósio Nacional de Letras e Linguística e I Simpósio Internacional de Letras e Linguística, realizado em Uberlândia de 22 a 24 de novembro de 2006. CD-ROM ISBN 978-85-7078-199-4)

MALERBA, Jurandir. Teoria e história da historiografia. In: *A história escrita: teoria e história da historiografia*. São Paulo: Contexto, 2006.

MANGUEL, Alberto. Leituras proibidas. In: *Uma História da Leitura*. São Paulo: Cia das Letras, 1997.

- MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tânia Regina de. *Imprensa e cidade*. São Paulo: Unesp, 2006.
- MARTINS, Ana Luiza. *Revistas em revista: imprensa e práticas culturais em tempos de República, São Paulo (1890-1922)*. São Paulo: Fapesp: Imprensa Oficial do Estado, 2001.
- MARTINS, Sylvia Jorge de A. *A cônica brasileira*. São José do Rio Preto: Ibilce/Unesp, 1980.
- MELLO, Maria Tereza Chaves de. *A república consentida: cultura democrática e científica do final do império*. Rio de Janeiro: Editora FGV: Editora Edur, 2007.
- MENESES, Raimundo de. *Bastos Tigre e La Belle Époque*. São Paulo: Edart, 1966.
- MICELLI, Sergio. *Poder, sexo e letras na República Velha*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1977.
- MOISÉS, Massaud. *A criação literária*. 10. ed. São Paulo: Cultrix, 1982.
- MORADIELLOS, Enrique. *El oficio de historiador*. Madrid: Siglo XXI, 2005.
- MOTA, Maria Aparecida Rezende. *Sílvio Romero: Dilemas e combates no Brasil da virada do século XX*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000.
- NEEDELL, Jeffrey d. *Belle Époque Tropical*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- NONATO, José Antonio e SANTOS, Nubia Melhem. *Era uma Vez o Morro do Castelo*. Rio de Janeiro, IPHAN, 2000.
- NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. In: *Projeto História*. PUC-SP. São Paulo: n.10, p. 7-28, dezembro de 1993.
- NEVES, M. S. “História da crônica. Crônica da História”. In: RESENDE, B. (Org.). *Cronistas do Rio*. Rio de Janeiro: José Olympio: CCBB, 1995.
- PEREIRA, Wellington. *Crônica: arte do útil ou do fútil? Ensaio sobre a crônica no jornalismo impresso*. João Pessoa: Idéia, 1994.
- RAMA, Angel. *A cidade das Letras*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- RAMOS, Ricardo. *Do reclame a comunicação*. São Paulo: Atual, 1985.
- REIS, José Carlos. *A História: entre a filosofia e a ciência*. São Paulo: Ática, 1996.
- RESENDE, Beatriz. *Lima Barreto e o Rio de Janeiro em Fragmentos*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ/ Campinas: Ed. Unicamp, 1993.
- RIO, João do. *A alma encantadora das ruas: crônicas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

RIO, João do (org.). *Momento Literário*. Rio de Janeiro: Editora Criar, 2006.

SÁ, Jorge. *A crônica*. São Paulo: Ática, 1985.

SANTOS, Regma Maria dos. *Memórias de um plumitivo: impressões cotidianas e história nas crônicas de Lycido Paes*. Uberlândia: Aspectus, 2005.

SENNETT, Richard. *O declínio do homem público: as tiranias da intimidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

SCLIAR, Moacir. *O texto ou a vida*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

SOARES, Angélica. *Gêneros literários*. Rio de Janeiro: Atica, 1993.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. 4ª edição,. Rio de Janeiro: Editora Mauad, 1999.

SUSSEKIND, Flora. *Cinematógrafo de Letras: literatura, técnica e modernização no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

VOVELLE, Michel. *Ideologia e mentalidades*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

FONTES

LIVROS DE CRÔNICAS

RESENDE, Beatriz; VALENÇA, Rachel (orgs.). *Lima Barreto: Toda Crônica: Volume I (1890-1919)*. Rio de Janeiro, Agir, 2004.;

_____; VALENÇA, Rachel (orgs.). *Lima Barreto: Toda crônica: Volume II (1919-1922)*. Rio de Janeiro, Agir, 2004.

DIMAS, Antonio (org.). *Bilac, o jornalista: crônicas: volume 1*. São Paulo: Ed. Edusp, Unicamp, Imprensa Oficial, 2006.

_____. (org.). *Bilac, o jornalista: crônicas: volume 2*. São Paulo: Edusp, Unicamp, Imprensa Oficial. 2006, p. 227.

_____. (org.). *Vossa insolência*: São Paulo: Cia das letras, 1996. (Coleção “Raízes do Brasil”, vol.6).

JORNAIS E REVISTAS

A.B.C.. Rio de Janeiro, 1916. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional

A Lanterna. Rio de Janeiro, 11/1902. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional

Almanak do Tagarela. Rio de Janeiro, 07/1903. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional

Careta. Rio de Janeiro. 1915 – 1922, Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional

Correio da Manhã. Rio de Janeiro, 04/1905 – 06/1906. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional

Correio da Noite. Rio de Janeiro, 14/12/1914 – 13/03/1915. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional

Correio Paulistano. São Paulo, 10/09/1907 – 18/06/1908. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional

Diabo. Rio de Janeiro, 1903. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional

Fon – Fon. Rio de Janeiro, 04/1907 -12/1907. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional

Gazeta de Notícias. Rio de Janeiro, 07/01/1900 – 25/10/1908. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional

Gazeta da Tarde. Rio de Janeiro, 1911. Acervo Periódicos Raros - Fundação Biblioteca Nacional

Jornal da Exposição. Rio de Janeiro, 09/1908 – 11/1908. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional

Kosmos. Rio de Janeiro, 03/1904 – 05/1908. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional

Quinzena Alegre. Rio de Janeiro, 1903. Acervo Periódicos Raros - Fundação Biblioteca Nacional

Revista da Época. Rio de Janeiro, 10/1903 – 1904. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional

Revista Floreal. Rio de Janeiro, 1907 – 05/1908. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional

Revista Contemporânea. Rio de Janeiro, 1918. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional

ACERVO PESQUISADO

Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro.

Acervo Periódicos Raros - Fundação Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)